

Encontrar o seu príncipe
é apenas o começo...



COMPLICAÇÕES REAIS

AUTORAS BEST-SELLERS DO USA TODAY

**GWYN MCNAMEE
CHRISTY ANDERSON**

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

GWYN MCNAMEE
CHRISTY ANDERSON

COMPLICAÇÕES
REAIS

Tradução: Elaine Lima

1ª Edição



GRUPO EDITORIAL

Five

2024
Porto Alegre

Complicações reais

Copyright © 2022 Gwyn McNamee & Christy Anderson

Copyright da Tradução © 2024 Editora Five

Todos os direitos reservados.

Produção Editorial: Grupo Editorial Five

Arte de Capa: Bia Santana Design

Tradução: Elaine Lima

Preparação: Thátia Gonçalves

Revisão: EN Serviços Editoriais

Diagramação: Carol Dias

Imagens de diagramação: Freepik

Nenhuma parte do conteúdo desse livro poderá ser reproduzida em qualquer meio ou forma — impresso, digital, áudio ou visual — sem a expressa autorização sob penas criminais e ações civis.

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas ou acontecimentos reais é mera coincidência.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M478; A545

McNamee, Gwyn; Anderson, Christy.

Complicações Reais [livro eletrônico] / Gwyn

McNamee, Christy Anderson ; tradução Elaine Lima. -

- 1. ed. -- Porto Alegre, RS : Grupo Editorial

Five, 2024. --(Série Corações Reais ; 1)

Epub

Título original: Royally Complicated

ISBN 978-65-5214-001-2

1. Ficção norte-americana I. Título. II. Série.

CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Sumário

[Início](#)

[Agradecimentos](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Epílogo](#)

[Sobre as autoras](#)

Sobre a Five

*Para aqueles que seguiram seus corações e se permitiram uma noite
selvagem de total entrega.*



AGRADECIMENTOS

Complicações Reais não teria acontecido sem a nossa equipe incrível. Um enorme obrigada às nossas leitoras beta: Renee, Carla e Stephanie, e à nossa incrível equipe de revisão.



CAPÍTULO 1

FYNIX

A loira oxigenada, com o sorriso branco perfeito, pula do assento e fica de pé em seu salto agulha no momento em que entramos na sala, expondo ainda mais os seios no decote do vestido que é de alguma forma recatado, mas ainda sensual, de uma maneira que tenho certeza de que ela acha atraente.

Muitos homens na minha posição fantasiariam em dobrá-la sobre a enorme mesa à nossa frente e derrubar a bela comida enquanto a fodem até que ela não seja capaz de andar no dia seguinte, mas sua empolgação e vontade óbvia de usar o corpo nessa situação não funcionam comigo.

Nunca funciona.

Quando as mulheres se jogam em você todos os dias, isso acaba perdendo o apelo. Se não fosse forçado a estar aqui, me viraria agora mesmo e deixaria que meus pais cuidassem do almoço com a família real visitante.

Rei Reginald Dahl se levanta ao lado dela, suas bochechas pesadas caindo apesar do sorriso caloroso que carrega. O homem sempre foi jovial e agradável e, em outras circunstâncias, poderia ter gostado desse encontro. Mas não hoje, não sabendo quais eram os propósitos da visita.

Meus pais caminhando logo à minha frente, se aproximam dele com sorrisos iguais.

— Vossas Majestades, Vossa Alteza Real. — Ele estende a mão em direção ao meu pai, que a aceita e aperta com vigor excessivo.

— Sempre maravilhoso vê-lo, Vossa Majestade.

Rei Reginald volta sua atenção para minha mãe e se inclina para lhe dar um beijo em cada bochecha.

— É maravilhoso ver os dois também.

Luto contra o desejo de revirar os olhos. Pois sei que, como são bons amigos, abandonam toda a cerimônia e pretensão assim que ficam a sós em um lugar privado.

Ainda assim, é preciso fazer o que é esperado, então dou meu melhor sorriso e faço contato visual com rei Reginald.

— Vossa Majestade. Como é bom revê-lo.

Ele pega minha mão em sua muito maior e a aperta.

— Estou tão feliz por termos conseguido organizar este almoço com Abigail enquanto estávamos no país. — Soltando minha mão, gesticula a dele em direção à filha. — Vocês dois ainda não se conheceram, certo? Príncipe Fynix, esta é minha filha, Abigail.

— Vossa Alteza Real, é um prazer enfim conhecê-la pessoalmente. — O sorriso falso faz minhas bochechas doerem. — Ouvi tantas coisas boas da senhorita.

Ela pisca várias vezes para mim com seus longos cílios escuros, provavelmente falsos, e suas bochechas corando.

— Vossa Alteza, o prazer é todo meu. Parece que faz uma eternidade que estou esperando por este momento depois de todas as histórias que meu pai me contou.

Aposto que sim.

É mais do que provável que a garota estivesse contando os dias até que pudesse se atirar sobre mim.

— A última vez que o vi... — Rei Reginald coloca a mão em meu ombro e o aperta. — Você era uma criança correndo ao redor de sua mãe.

Pego um lampejo de movimento à minha esquerda, onde Lev está parado bem do outro lado da porta pela qual entramos momentos atrás. Ele levanta uma sobancelha escura para mim, e balanço a cabeça para indicar que estou bem.

Tocar um membro da família real com tanta familiaridade pode fazer com que você seja morto em muitos lugares... ou, no mínimo,

jogado na prisão. Mas não rei Reginald, ainda mais depois de tantos anos de amizade com meus pais, e definitivamente não enquanto ambos tentam me arranjar mais um “par perfeito”.

Abigail inclina a cabeça e agita os cílios para mim, o sorriso ficando ainda maior. Posso praticamente ver a coroa que tanto deseja brilhando por trás de seu olhar. Com dois irmãos mais velhos, Abigail nunca terá a chance de chegar ao trono de Grandania em sua vida. A única maneira de ser uma rainha é se ela se casar com alguém no trono ou na linha de sucessão para herdá-lo.

Seus olhos carregados de maquiagem estão fixos em mim.

Mantenho meu sorriso forçado em seu pai e inclino a cabeça.

— Isso já faz muito tempo.

Ele solta uma risada baixa e profunda e coloca a mão na barriga.

— É verdade, é verdade.

Minha mãe se vira para a longa mesa já preparada para uma refeição “informal” com os dignitários visitantes. Com frutas frescas, doces e uma dúzia de outros pratos, muito mais do que nós cinco poderíamos comer.

— Vamos?

— Sim, sim. — Meu pai concorda com a cabeça. — Vamos nos sentar e desfrutar da nossa refeição. — Ele se acomoda em sua cadeira na cabeceira da mesa enorme e indica que todos os outros devem fazer o mesmo. — Reginald, estou tão feliz que tenha conseguido fazer esta viagem para que pudéssemos discutir nossas preocupações mútuas pessoalmente.

Disfarço uma risada, mas considerando o olhar severo que minha mãe me lança do outro lado da mesa, pelo visto, não escondi bem o suficiente. Este encontro não tem nada a ver com a crescente agitação em Lovolia ou o apoio que os manifestantes estão recebendo dos compatriotas de Reginald, e sim com meus pais esperando que eu realmente *goste* desta aqui.

Nem fodendo.

Elas são todas iguais, com seu cabelo perfeito, sorrisos perfeitos, falas ensaiadas, zero personalidade e um único objetivo: garantir um casamento com alguém que ajudará as posições políticas de seu pai. Em geral, esse alguém sou eu.

A última coisa que me importa agora é conhecer essa mulher.

Arranjar um casamento para mim não é importante. O que é crucial no momento foi apenas brevemente mencionado por meu pai: o crescente movimento pró-democracia em Lovolia que espelha o que Reginald enfrentou não muito tempo atrás em Grandania.

Reginald estende a mão e toma um gole do café da xícara à sua frente.

— Sim, sim. É uma boa ideia conversarmos pessoalmente.

Minha mãe pigarreia e ergue uma sobrancelha para meu pai.

— Embora talvez a mesa do almoço não seja o lugar para conduzir essa discussão.

— Ah sim, claro. — Meu pai assente e sorri. — Agora, Abigail, por que não nos conta um pouco sobre você, já que não tivemos o prazer de nos encontrar antes?

Sem dúvida, tanto meus pais quanto os dela teriam tentado criar um vínculo entre nós quando éramos muito mais jovens, mas comigo em vários internatos em outros países e Abigail fazendo o que quer que ela fizesse, nossos caminhos nunca pareciam se cruzar. Até hoje.

A jovem princesa sorri com o convite, então direciona sua atenção para mim para responder.

— Bem, sempre compartilhei o interesse de meu pai pela política e escolhi a Ciências Políticas como minha especialização na universidade. Me formo no próximo mês.

Dou uma mordida em minha quiche e mastigo, ouvindo apenas o mínimo necessário da conversa para parecer interessado e envolvido. Este país está à beira do precipício de algo enorme... e potencialmente ruim, e em vez de se concentrar nisso, meus pais estão optando por ignorar a situação em favor de me exibir por aí como um cavalo premiado para conseguir me casar.

— Isso é adorável, querida. — Minha mãe oferece seu sorriso gentil e dá uma mordida no morango, mastigando devagar antes de engolir.

Abigail concorda com a cabeça, endireitando os ombros de uma maneira que, com certeza, deveria salientar algum ponto que, pelo visto, não consigo perceber de imediato.

— Queria estar preparada para uma vida de serviço ao trono.

Quase engasgo com a comida, mas consigo engoli-la enquanto seus olhos azuis aguçados avaliam minha reação.

Caramba, ela poderia ser mais óbvia?

A mulher poderia muito bem estar de joelhos debaixo da mesa me fazendo um boquete.

— O serviço público é a iniciativa mais altruísta, de fato. Não concorda, Fynix? — Meu pai sorri, pelo visto alheio por completo à insinuação que Abigail acabou de lançar para mim e de maneira bem direta.

— Sim, é. — Tomo um gole da minha água gelada para tentar me impedir de tossir outra vez.

Minha mãe olha para mim e tenta me chutar por debaixo da mesa, mas seu sapato mal roça minha canela devido à distância entre nós. “*Seja gentil*” ela gesticula com os lábios para mim.

Posso ter 30 anos, mas quando a Rainha exige algo, é obrigatório cumprir.

Seja gentil. Seja cordial. Finja que se importa.

Todas as instruções que recebi durante minha vida nesses tipos de reuniões, desde antes mesmo de ter idade suficiente para que eles me arransassem alguém para cortejar que nos ajudasse politicamente. Não posso dizer que os culpo.

Como uma das últimas monarquias absolutas remanescentes no mundo, estamos em grande desvantagem. Muitos outros países nos veem como antiquados e fora de sintonia com a sociedade moderna, e é por isso que tantas pessoas têm pressionado por reformas na monarquia constitucional. Os cidadãos querem ter poder de decisão quanto ao destino de seus impostos, as leis que os regem e querem eleger líderes para representar os seus interesses. Eles veem o processo político democrático em outros lugares como pastagens mais verdes e nunca contemplam os aspectos negativos que o acompanham.

Meus pais não têm intenção de se envolver, apoiar ou abraçar uma mudança tão grande, mas Reginald conseguiu encontrar uma forma de liderar seu país enquanto o parlamento e o resto do governo lidam com as decisões políticas sem grandes interrupções em seu reinado. Foi uma grande mudança para ele e para Grandania como um todo, mas as coisas funcionaram a seu favor. Sua disposição de ajustar os velhos hábitos o beneficiou muito em relação ao bem-estar geral de seu país.

Seu povo o ama, e Abigail cresceu aos olhos do público da

mesma forma que eu. Então, planejaram esse meu encontro com ela, na esperança de que nosso povo veja isso como um movimento progressivo para que me case com uma realza de um país de monarquia constitucional, já que não darão nenhum passo em direção a isso aqui. Um paliativo para reprimir algumas das tensões crescentes. Não é nada mais do que isso, mas é importante para eles.

Muito mais do que minha felicidade, pelo visto.

Qualquer outro dia, poderia cooperar e me comportar da maneira que esperam de mim, mas este é o terceiro esquema que armam para mim em três meses, e isso está se tornando tedioso e irritante. Para piorar a situação, meus pais estão mais interessados em me forçar a fazer o que *acham* que é certo para Lovolia, independente de querer me casar com alguém de quem realmente gosto.

Tendo minha mãe redirecionado a conversa com sucesso, Reginald e meu pai continuam conversando sobre cavalos e comércio internacional, enquanto tento evitar que meus olhos encontrem os da garota do outro lado da mesa louca para se atirar sobre mim.

— Abigail, você espera ter filhos algum dia? — Mais uma vez, minha mãe interrompe meus pensamentos.

A princesa desesperada sorri para minha mãe e luto contra a ânsia de vômito. O único ponto positivo em relação a ter filhos é quando precisamos transar para fazê-los. Se não fosse meu dever fornecer um herdeiro para garantir que a família mantivesse a monarquia, nem consideraria isso. Minha mãe sabe disso. É como se ela estivesse me provocando, me implorando para reagir.

Bem, ela não deveria ter me cutucado se não quisesse uma resposta.

Antes que Abigail possa responder à pergunta, sorrio e me viro para a mulher que me deu a vida.

— Admiro tanto como vários casais modernos estão adotando a postura de não querer ter filhos, ao mesmo tempo que não deixam que a sociedade os faça se sentir mal com sua escolha. Considerando a superpopulação em tantos países e o consumo excessivo de recursos naturais, parece que *não* ter filhos pode ser uma escolha responsável.

Abigail fica boquiaberta e seu pai para com a xícara de café no meio do caminho até a boca e me encara, as sobrancelhas grossas franzidas. O olhar duro de minha mãe poderia cortar diamantes, e

sinaliza minha deixa para sair.

— Com sua licença... — Afasto-me da mesa e me levanto.

Reginald e sua filha se levantam, expressões preocupadas, mas faço um gesto para que se sentem.

Em vez de dar uma explicação para minha partida abrupta, me viro e vou até a porta que me levará até a sala de visitas.

Lev dá um passo e se junta a mim, então olha por cima do ombro para garantir que estamos sozinhos.

— Que merda foi essa? Você estava procurando brigar com sua mãe na frente de alguém como Reginald Dahl?

— Não estava tentando começar uma briga. — Solto uma pesada lufada de ar e olho para o meu melhor amigo e guarda-costas pessoal. — Isso foi apenas o resultado natural de eles arranjando um novo encontro para mim, mais uma vez.

Ele me segue até o banheiro privativo nos fundos do andar principal do palácio, onde paro do lado de fora da porta e me viro para ele. Lev balança a cabeça.

— Sabe que simpatizo com sua situação, mas em algum momento, terá que se casar. Terá que gerar um herdeiro. Não pode adiar isso para sempre.

— Com certeza vou tentar me divertir fazendo isso. — Sorrio para ele e mexo as sobrancelhas.

Ele solta um suspiro pesado e olha para o banheiro.

— Sabe que seu tempo é limitado até que seu pai mande Manuel procurar por você.

Lev sabe muito bem o que estou fazendo, e esse é um simples lembrete de que a liberdade tem um preço e nunca dura.

— Sei bem disso. — Abro a porta.

Então, deixando que a porta se feche atrás de mim, paro por um segundo para respirar fundo e depois abro a janela, a que está com o alarme desconectado porque eu mesmo o desarmeí há meses, e a atravesso. Meu traje formal restringe meus movimentos, mas ainda não posso me trocar. Se algum dos guardas me vir saindo daqui, tem que parecer que é totalmente aceitável que eu esteja em um passeio pela propriedade, para que ninguém perceba quando deslizar sobre a cerca e enfim conseguir fugir.

Meus pais ficarão chateados por fazer isso de novo, mas não

consigo suportar outro café da manhã. Não consigo lidar com outro encontro arranjado. Não consigo ficar no palácio hoje.

Talvez precise fazer algo assim para que enfim percebam que não posso e não serei quem eles querem que eu seja... não importa quanto tentem me forçar a encaixar no molde deles.



BRIDGET

O sol brilhante do mediterrâneo bate em minha pele exposta, aquecendo meu corpo, mas não fazendo nada pela minha alma. As ondas suaves do oceano se voltam para a areia perto de onde estou deitada na espreguiçadeira ao lado de fora do hotel, um som tranquilo e relaxante que deveria, somados aos raios já mencionados, estar me ajudando a esquecer todos os meus problemas e aproveitar a vida.

Deveria... mas com toda certeza não estão.

Esperava de verdade que vir para cá ajudasse. Que esse lugar me tiraria dessa deprê em que estou há seis meses. Que mudaria meu humor e minha perspectiva. Que poderia fechar o livro e superar esse capítulo da minha vida. Talvez até deixar de lado o que ele fez comigo e seguir em frente, mas parece que o oposto aconteceu.

Tomar outro gole de minha bebida não ajuda a afastar a tristeza. Ver todos esses casais felizes em suas luas de mel e férias, abraçando e beijando, deitados juntos na praia, rindo e tão apaixonados faz a margarita no meu estômago revirar perigosamente.

Pare de olhar, Bridg.

Isso só vai fazer doer mais, apenas me fará afundar até o pescoço em arrependimento e exagerar nas margaritas.

E embora sejam saborosas, sei o que a tequila faz comigo. Tantas decisões ruins tomadas na faculdade passam pela minha cabeça e lembro de maneira vívida do motivo de ter parado de tomar a tentação satânica líquida todos esses anos atrás.

— E que tal ele? — Daphne me cutuca com o cotovelo de onde está ao meu lado e acena com a cabeça para a praia.

Arrasto meus óculos escuros até a ponta do nariz e sigo sua linha de visão. Um bufo nada educado escapa dos meus lábios e balanço a cabeça, empurrando meus óculos escuros de volta no lugar antes de voltar a me deitar na espreguiçadeira.

— Nem pensar.

— Por que não? — ela zomba, incrédula, pelo visto muito ofendida com a facilidade com que ignorei sua sugestão.

— Ele não faz nem um pouco o meu tipo. Você devia saber disso depois de viver quatro anos comigo durante a faculdade e continuar sendo minha melhor amiga nos oito anos desde então.

Nem deveria precisar dizer isso. Surfistas gostosos e garotas como eu se misturam tão bem quanto óleo e vinagre. Ou eu e tequila.

— Ah, é... verdade. Homens gostosos, sarados e sexy pra caramba não são o seu tipo... foi mal! — Ela ri e se recosta na cadeira.

— Por que falou desse jeito? — Viro a cabeça para o lado para olhar para ela.

— Porque você é a única mulher nessa droga de planeta que não parece sentir atração por homens como *ele*. — Aponta para o cara que tinha acabado de secar, não se importando nem um pouco de parecer óbvio que estamos falando dele.

Dou risada e o examino outra vez: esguio e com músculos definidos, pele bronzeada, cabelo escuro e macio se agitando com a brisa enquanto ele está à beira da água, encostado em sua prancha de surfe.

— Ah, sim, sinto atração por eles. Só não é o tipo de cara com quem gostaria de sair.

— Por que não?

— Porque homens *assim*... — Aponto para ele, nem me importando se ele me vê e se pergunta o motivo. — Não querem nada sério com garotas como eu. — Aponto para mim.

Ela faz um gesto de indiferença, deixando seus ombros esbeltos e bronzeados subirem e descerem de maneira casual.

— Quem disse qualquer coisa sobre algo sério? Estou falando de uma boa transa de férias. É exatamente o que você precisa para esquecer Barry de vez.

— Uma *boa transa de férias*. Sério, Daphne? — Ergo uma sobrancelha para ela, embora meus olhos estejam escondidos pelos

meus óculos escuros.

— Sim, sério. — Ela levanta os óculos e estreita os olhos para mim. — Por que está me olhando assim?

— Como você pode saber a maneira que estou olhando para você se estou de óculos escuros?

— Porque conheço você e seu rosto.

— Bem, estou olhando para você *assim* porque você *sabe* que eu não faço isso — suspiro.

— Isso o quê? Sexo?

— Bem, sim, já faz um tempo, mas não, não sou de fazer sexo casual. — Solto mais um bufo.

— Talvez você devesse. — Dá de ombros outra vez. — Não dizem por aí que a melhor maneira de superar um cara é ficando debaixo de outro?

Por mais que sempre tenha apreciado os bons conselhos de vida de Daphne, os quais, para dizer bem a verdade, não costumam ser tão ruins... desta vez, ela entendeu tudo errado. A última coisa que preciso é de uma transa casual com um cara gostoso demais para mim que desaparecerá depois que ele terminar. Nunca entendi como as pessoas fazem isso e não ficam se sentindo estranhas depois. Mesmo durante minha juventude rebelde, nunca fiquei com pessoas aleatórias.

— Obrigada pelo conselho, Daph. — Engulo o resto da minha margarita e faço uma careta para ela. — Mas se está tão interessada, por que não tenta transar com ele?

— Talvez faça isso. — Sorri e balança as sobrancelhas loiras para mim. — Estou solteira e pronta para me apaixonar por alguns homens gostosos de Lovolia.

— Estamos em uma praia turística. As chances são de que ele não seja lovoliano e esteja apenas visitando como a gente.

— Quem se importa? — Levanta as mãos e se aproxima um pouco mais de mim para que ninguém ao nosso redor possa ouvi-la. — Já tem quase dois meses que não faço sexo. Estou começando a sentir que minha vagina criou teias de aranha.

— Dois meses? — solto um gemido. — Só isso? Porque já faz mais de seis para mim. A minha já deve estar seca, enrugada e cheia de malditas tarântulas.

Daphne joga a cabeça para trás e gargalha de uma forma que

tira meu sorriso do esconderijo.

— Vou lá falar com ele. Como estão meus seios?

— Bem empinados. — Abaixo o olhar para o decote à mostra em seu maiô.

— Fabuloso! — Ela começa a se levantar da cadeira quando uma loira pequena usando um biquíni quase inexistente caminha até o homem em questão e o abraça de maneira possessiva antes de pressionar os lábios nos dele.

— Viu só? — Aponto para eles. — Já tem dona... e ela parece ser um gênio da Nasa.

Ah, droga, isso soou cruel.

— Uau, isso foi *rude*. — Daphne abaixa os óculos para olhar para mim.

— Merda. Foi mesmo. Não quis dizer isso. Tenho certeza de que ela é uma garota adorável e muito inteligente. Ela só me lembra a garota que Barry... você sabe. Só estou de mau humor. — Solto um suspiro e me deito, tentando tirar a imagem da cabeça. — Esta viagem não está sendo como esperava.

— Como assim? — Daphne coloca a mão no meu braço.

— Não sei. — Dou de ombros. — Achei que isso aqui me ajudaria a superar Barry e o que aconteceu. Tipo, poderia usar a viagem como uma maneira de comemorar por estar livre de suas besteiras. Mas, em vez disso... na verdade, só consigo pensar no que aconteceu.

— Garota, você apenas precisa seguir em frente e esquecer. — Daph aperta meu braço em um gesto solidário. — Ele não vale tudo isso, nunca valeu. Tenho certeza de que te disse isso anos atrás.

— Você era tendenciosa em relação a ele e nunca deu uma chance.

— Isso não é verdade. — Balança a cabeça e toma um gole de sua bebida. — Dei sim uma chance e ele falhou. A primeira noite que o conheci, ele foi tão chato. Tipo, nunca conheci um homem que pudesse falar sobre coisas tão entediadas por tanto tempo e com tanto entusiasmo.

Dou risada para mim mesma, apesar de querer ficar brava por ela dizer aquilo, mas era verdade.

— Mas ele era legal e fofo. Ele me tratou bem. E tinha um ótimo emprego. E queríamos as mesmas coisas e...

— E esse é o problema — aponta para mim.

— Como assim?

— Você está namorando os homens errados. Há um bom tempo.

— Como assim? — Tomo um longo gole da minha margarita.

— Sabe, homens que você acha que são “seguros”. — Ela apoia a cabeça na mão. — Não se lembra de como você era na faculdade? De todos os caras divertidos com quem namorou?

— Sim, claro que lembro, e veja até onde isso me levou. — Estendo as mãos. — No que deveria ser minha lua de mel... com você... porque o idiota me traiu.

— Mas você se *divertia*. Saía e fazia coisas. Você era *feliz*.

— Eu era feliz com Barry.

— Não, você não era. — Ela balança a cabeça, de novo. — Você se *convenceu* de que era.

Levanto-me para uma posição sentada, tiro meus óculos e a encaro.

— O que é isso? Dia de atacar a Bridget? — Olho para sua bebida meio vazia. — Ou talvez você tenha bebido demais.

Fico na defensiva do nada e não consigo me conter. Foi isso que Barry e sua traição fizeram comigo. Transformaram-me nessa pessoa que ataca a melhor amiga com quem sempre converso dessas coisas. Mas hoje, *neste* lugar, não consigo me controlar.

— Talvez você não tenha bebido o suficiente para ver que não estou te *atacando*. — Seus ombros sobem e descem. — Estou tentando fazer com que ouça a voz da razão, para não cometer o mesmo erro de novo. Não quero que você se machuque assim nunca mais. Eu te amo demais para ver você sofrer.

E como Sofri.

Primeiro, descobri o que Barry fez. Então precisei cancelar o casamento e explicar a todos os convidados o motivo. Se meus pais estivessem vivos para ver... não consigo nem imaginar quão horrível teria sido contar a eles. Teriam ficado tão desapontados, mas me apoiariam. No entanto, meu pai poderia ter tentado matar Barry, e minha mãe o ajudaria: parceiros no crime por toda a vida.

Agora estou aqui sendo forçada a testemunhar todas as coisas que pensei ter, desfilando de mãos dadas na minha frente, todas adoráveis, mas que não passavam de um sonho impossível para mim.

Talvez precise beber mais.

Nosso garçom passa direto por nós, mas me levanto e me aproximo.

— Ei, moço!

O atendente se vira.

— Sim, senhora. Precisa de outra bebida?

Meus olhos se concentram na garrafa cheia de tequila e na pilha de copos em sua bandeja que ele provavelmente está trazendo para o pequeno grupo sentado ao lado da fogueira mais abaixo na praia.

— De acordo com ela... — aponto para Daphne — preciso de várias. — Estendo a mão e pego a garrafa da bandeja. — Por favor, coloque a cobrança no meu quarto e peça desculpas a quem a garrafa era destinada pela espera até a substituição.

Ele me observa caminhar de volta pela areia, boquiaberto.

— Espere, aonde você vai? — Daphne se levanta da cadeira.

Me viro para ela e levanto a garrafa.

— Para onde eu quiser. Já é ruim o suficiente ter que estar aqui agora, não preciso que você fique me lembrando de todos os erros que cometi na minha vida. — Balanço a garrafa de um lado para o outro. — Então, vou seguir seu conselho e beber um pouco. Talvez encontre a boa e velha Bridget no fundo desta garrafa.

Antes que ela responda ou tente se desculpar, fujo pela areia em direção a um bosque alto de palmeiras ao longo da beira da praia diante do nosso hotel.

Deve haver algum lugar mais isolado. Um em que posso me afastar de todos os casais felizes, dos beijos e do romance e apenas... pensar em algo que não seja Barry ou o que Daphne acabou de dizer. Suas palavras ressoam em meus ouvidos, ficando cada vez mais altas a cada passo que dou até as árvores.

Estou mesmo namorando os homens errados?

Todo o meu histórico de namoro passa pela minha cabeça, desde os namorados do ensino médio até os da faculdade, depois os poucos relacionamentos muito sérios que tive antes de conhecer Barry. Os homens com certeza mudaram com o tempo, Daph não está errada sobre isso. Fiquei mais velha e quis coisas diferentes.

Mas será que me acomodei?

Odeio que as palavras dela tenham atingido o alvo. Não ignoro o

fato de que Barry não era perfeito, mas ele me amava e eu o amava. Pelo menos, acreditei que estávamos apaixonados. Amava a pessoa que imaginava que ele era.

Isso tem que contar para alguma coisa, certo? Se o que Daphne diz é verdade, quando deixei de ser divertida?

Dois momentos vêm à mente no mesmo instante: os que mudaram minha vida para sempre. Quando perdi os meus pais de repente, um após o outro, isso me mudou. Não tenho como negar. A única família que já tive tinha morrido e queria de maneira desesperada uma nova... com Barry.

Mesmo que ele, pelo visto, estivesse transando com outra pessoa.

O que eu não daria para ter minha mãe comigo nessa viagem... Ela saberia exatamente o que dizer.

Atravesso a praia, sem ter ideia de para onde estou indo. As árvores aparecem à frente, palmeiras e outras que não consigo identificar. Sombras se acumulam entre elas, cobrindo a areia e o solo cheio de folhas.

Caminhar sozinha por um lugar desconhecido enquanto se está de férias em um país estrangeiro não é a *melhor* ideia, mas Daphne tinha acabado de dizer que eu precisava relaxar. Explorar será bom para mim.

Daphne está errada. Ainda sou divertida.

Arranco o plástico transparente no topo da garrafa de tequila, puxo a rolha e tomo um gole do líquido ardente. A bebida queima minha garganta e desato a tossir, um ruído que ecoa pelas árvores que agora me cercam, mas nem me importo mais a essa altura.

Por que ligaria?

Importar-se com qualquer coisa só vai causar dor no final.



CAPÍTULO 2

BRIDGET

Os últimos raios do sol poente irradiam ao longo da água em direção à costa... laranja, vermelho e amarelo se estendendo pelas ondas como dedos esticados em minha direção. Enterro os dedos dos pés mais fundo na areia macia e quente, resistindo ao desejo de entrar no oceano convidativo.

Deus, nunca mais quero deixar essa praia.

É a coisa mais magnífica que já vi. A areia branca, a água azul perfeitamente clara, as palmeiras altas balançando na brisa leve e proporcionando o isolamento de que tanto preciso agora. Afastar-me daquela armadilha turística lotada e de Daphne foi a escolha certa. Parte da tensão já se dissipou apenas por estar neste lugar.

A beleza desta enseada intocada e escondida só é superada pela vista gloriosa que tenho do surfista pegando as últimas ondas do dia. Ele está lá cortando as ondas com perfeição por horas, desde que consegui sair daquela mata que não parecia ter fim e pisei nessa areia branquinha. E ele é bom pra caramba.

Pelo menos, acho que ele é. Afinal, o que diabos sei sobre surfe?

Vindo de um estado sem litoral como o Colorado, não tive muita oportunidade de aprender nada sobre surfar, mas já vi pessoas praticando snowboard o suficiente nas encostas para entender como é difícil se equilibrar em uma prancha. Então imagine fazer isso em cima da água agitada e sem os pés estando presos.

Não, não é para mim.

Mal consigo andar em linha reta sem perder o equilíbrio, mesmo sem toda a tequila em meu sistema, então os esportes estão fora de questão para mim, exceto como espectadora. No entanto, quase parece errado ficar sentada aqui, observando-o assim, cobiçando sua forma masculina se curvando, arqueando e girando com facilidade, como se tivesse nascido para fazer isso, sendo um com as ondas e a prancha escorregadia sob seus pés descalços. Mudo de posição para tentar me livrar da sensação de que estou me intrometendo em algum momento pessoal e íntimo que ninguém deveria testemunhar. Mas não consigo tirar meu olhar dele ou da maneira como quase faz amor com as ondas, despejando toda sua paixão em cada movimento.

Levante-se e vá embora, Bridget. Deixe o pobre homem em paz.

Parece errado assistir, mas não consigo fazer meu corpo se mover. Mas pensando bem, já faz tanto tempo que tudo parece errado em minha vida que não sei mais o que é certo.

Será que algum dia soube?

Há uma grande possibilidade de que tenha feito toda essa coisa de “viver” errada o tempo todo. No entanto, ainda não estou pronta para admitir isso. Nem para mim, nem para Daphne.

Talvez se beber mais um pouco...

Meus dedos se enrolam com força ao redor da garrafa de tequila barata ao meu lado e a levo aos lábios, então engulo o líquido brutal. A queimação na garganta é bem-vinda. Isso ajuda a me manter ancorada no presente e não pensando no passado. A focar nesta bela praia e no belo surfista... que parece estar tirando proveito da onda.

Merda.

Olho ao meu redor para a pequena praia cercada por palmeiras imponentes. Não tem para onde ir. Não há onde esconder o fato de que estive olhando para ele nas últimas duas horas enquanto me embebedava.

Que merda. Mas o que importa se ele me pegar?

Outro gole demorado da bebida ajuda a injetar mais coragem em minhas veias, então pouso a garrafa ao meu lado e coloco minha mão atrás de mim na areia para me inclinar para trás e vê-lo sair das ondas.

Meu Deus.

O calor se acumula na parte inferior da minha barriga quando o Adônis sai da água. Filetes de água escorrem pelo seu peitoral perfeito e através de seu abdômen de tanquinho e aquelas coisinhas tipo um V que fazem as mulheres ficarem louquinhas... incluindo eu, mesmo que odeie admitir quão superficial é ficar obcecada com uma maldita parte do corpo. Ele levanta um braço esculpido, o músculo bíceps grosso flexionando com o movimento, depois passa a mão no cabelo loiro e molhado e sacode o excesso de água.

Porra.

Dane-se a praia. Este *homem* é a coisa mais bonita que já vi. Seus olhos, mais azuis do que as águas do Mediterrâneo de onde acabou de sair, estão fixos em mim. Um canto de sua boca apetitosa se contorce, quase como se estivesse contendo um sorriso, antes de se virar e se inclinar para pegar sua prancha de surfe da areia molhada, me dando a visão perfeita de suas costas.

Droga, como aquela bunda fica bem nesses shorts.

Mordo o lábio para não dizer isso em voz alta ou soltar algum gemido constrangedor.

Mas é que já faz muito tempo...

Mesmo quando *estava* fazendo aquilo, não era com frequência. Além disso, o homem não chegava nem perto de ser *assim*. O deus surfista praticamente transpira sexo de uma forma que enfim me faz entender o motivo de algumas mulheres se renderem tão fácil para um estranho.

Algumas mulheres. Mas eu com toda certeza não. Não a cautelosa e conservadora Bridget.

Bridget namora advogados e atuários que não fazem nada que destrua sua calcinha.

Nem me lembro da última vez que fiz sexo ao estilo cachorrinho.

Sexo medíocre na melhor das hipóteses e vida diária chata... é nisso que se resume a Bridget adulta e responsável.

É por isso que tomo outro gole enquanto o observo e espero por algum tipo de reação dele ao me descobrir boquiaberta para ele.

O surfista caminha devagar até uma toalha e uma mochila que nem tinha notado encostada em uma árvore na beira da praia aberta e inclina a prancha contra o tronco, pelo visto, despreocupado com minha presença ou com o que estou fazendo aqui.

Talvez ele vá embora e possamos apenas fingir que não o estava espiando.

Isso seria muito mais fácil para o meu ego suportar do que ele vir aqui me confrontar e chamar a minha atenção pelo meu comportamento desagradável.

Se chegar a esse ponto, culpe a tequila. SEMPRE culpe a tequila.

Esse é o meu novo lema.

Adoraria poder usá-la também como desculpa para a bagunça que minha vida se tornou nos últimos seis meses, mas é tudo culpa minha.

Cem por cento.

No entanto, aqui estou eu, me metendo em outra situação que poderia dar errado muito rápido. A última coisa que quero é ter um confronto com um estranho em um país estrangeiro. Os norte-americanos já têm uma má reputação, não preciso piorá-la. Nem meu emocional poderia lidar com qualquer tipo de conflito com um local e eu acabaria em uma prisão de Lovolia. Não fui feita para a vida atrás das grades. Tive que me lembrar disso várias vezes nos últimos tempos, quando minha raiva contra *aquela que não será nomeado* ameaçou romper a parede de impassibilidade que tento tanto manter.

Meu sexy companheiro de praia pega um celular de dentro de sua mochila e faz uma careta, seus dedos voando sobre a tela antes que o afaste e solte um suspiro pesado que posso ouvir mesmo a três metros de distância dele. Se vira para mim e se aproxima de maneira casual com as últimas gotas restantes de água do mar brilhando e dançando em sua pele bronzeada pelo sol.

O objeto da minha cobiça para alguns metros à minha frente, o sol poente do verão o iluminando de perfil: metade de seu rosto na sombra, metade brilhante. Uma dicotomia que sinto no fundo da minha alma esses dias.

Seu olhar vai de mim para a garrafa de tequila meio vazia antes de seus olhos estreitarem.

— Esta é uma praia privada. Você precisa ficar bêbada e *passar* em outro lugar.

Ah, merda.

Engulo em seco, tentando fazer com que minha boca forme uma resposta, mas nada quer vir.

Tô enrascada.



FYNIX

Tento o meu melhor para manter o humor longe da minha voz, mas estou perto de falhar. A bela de cabelo castanho esparramada na areia me encara com uma combinação de medo e interesse girando em seus vibrantes olhos verdes.

Uma dupla vitória para mim.

Presumi que o pequeno ponto que podia ver na praia era outro morador da região invadindo o lugar, mas não tem como ela ser daqui. Se fosse, a reconheceria. Com sorte, no sentido bíblico. Esses olhos impressionantes que me avaliam com tanta intensidade e esse corpo maravilhoso que o biquíni quase não consegue conter são, com certeza, detalhes que nunca esqueceria se a tivesse visto antes.

Sem dúvida, ela é uma turista, e dada sua testa franzindo em confusão, não me reconhece. Se o fizesse, não estaria com a bunda ainda na areia. Ela abre e fecha a boca, mas não se move para se levantar.

— Eu... merda. Desculpa. — Seu olhar salta ao redor da pequena praia. — Não sabia. Não há placas. — Seus olhos disparam em direção à minha mochila. — Você não chamou a polícia, né? — Esfrega as mãos no rosto e solta um gemido profundo. — Merda. Merda. Merda.

Luto contra o sorriso malicioso que puxa meus lábios e ignoro sua pergunta. De jeito *nenhum* vou falar sobre o que estava fazendo no meu telefone há pouco. Isso só levaria a perguntas que complicariam as coisas. E estou tão de *saco cheio* de complicações. A única razão pela qual estou aqui esta noite é para escapar deles.

— Não há placas porque todo mundo sabe. Esta é a praia da minha família.

— Ah, meu Deus, me desculpa. — A bela intrusa balança a cabeça, erguendo as sobrancelhas. — Não era a minha intenção invadir. Só estou aqui com uma amiga e...

Ela respira fundo e fecha os olhos, levantando a garrafa de tequila barata e encolhendo os ombros se desculpando. Dessa vez, minha risada escapa antes que possa pará-la.

— Se você vai sentir pena de si e ficar bêbada, deveria estar fazendo isso com uma bebida de boa qualidade. Não isso aí.

— Eu sei. Essa coisa é uma porcaria. — Um sorriso brota em seus lábios rosados e cheios, um pouco de sua reserva e medo desaparecendo.

Ela tem razão, é mesmo uma porcaria. Mas vai servir.

Abaixo-me ao lado dela na areia ainda quente que logo começará a esfriar.

— O que está fazendo? — Ela me observa com olhos arregalados e incertos.

— O que parece que estou fazendo? — Inclino-me sobre os cotovelos e olho para a água começando a escurecer.

Deveria ser óbvio.

Só para o caso de não estar clara a minha intenção, estendo a mão e espero. Ela olha para minha mão por um segundo, depois encolhe os ombros e me passa a garrafa. Tomo um gole, estremecendo.

Essa merda pode muito bem ser gasolina.

— É muito melhor com limão. — Devolvo a garrafa para ela com uma careta.

Ela ri, um tilintar leve e despreocupado que flutua pela noite desolada, então toma um gole da bebida também.

— Acha que não sei disso?

— Então, o que a traz à minha praia esta noite, bebendo sozinha?

Embora Lovolia seja de longe um dos países mais seguros do Mediterrâneo no que diz respeito ao turismo, uma mulher como esta, vagando sozinha em uma praia isolada, provavelmente não é uma boa ideia... ainda mais quando tem bebida envolvida.

— Você acha que vou contar a história da minha vida a um estranho qualquer? — Aqueles olhos expressivos olham para mim com ceticismo e uma sobrancelha arqueia.

Dou de ombros e estendo minha mão direita para ela.

— Fyn.

Ela olha para a mão por um momento, quase como se não

tivesse certeza do que deveria fazer com ela, então, por fim, a pega com sua mão pequena e dá um leve aperto.

— Bridget.

Uma espécie de choque flui de onde nossas palmas se encontram, erguendo os pelos do meu braço e enviando arrepios pela minha pele ainda úmida. Seguro mais forte, ainda não querendo soltá-la, aproveitando o calor que sua mão pressionada na minha proporciona. Suas pupilas se dilatam de leve e sua língua desliza pelos lábios.

Porra. Por que isso é tão excitante?

Solto a mão dela antes que possa deixar minha mente vagar por todas as razões daquilo ser excitante e sorrio.

— Agora não somos mais estranhos e você pode me contar.

Ela solta um som meio ronco, meio risada que vai direto para o meu pau.

Droga, isso não deveria ser tão fofo.

Com um suspiro, ela me passa a garrafa de novo e passa as mãos através do cabelo bagunçado pelo vento.

— Essa era para ser minha lua de mel.

Faço uma pausa com a garrafa a meio caminho dos meus lábios, erguendo as sobrancelhas.

— Bem, que droga. O que aconteceu?

— Seis meses atrás, meu noivo decidiu que preferia transar com a secretária do que comigo. — Ela se apoia nos cotovelos na areia, olhando para o oceano.

— Ai.

Isso merece um grande gole. Até mesmo várias garrafas.

Tomo um bom gole do líquido amargo em sua homenagem e tento não pensar no completo desastre que é o casamento. A experiência de Bridget é apenas a ponta do iceberg em termos do drama que parece girar em torno do amor, compromisso e expectativas.

Ah, se ela soubesse...

— Pois é. Graças a Deus uso métodos contraceptivos e nunca tive um filho com aquele pedaço de merda. Você não tem ideia de como é embaraçoso ter que ir ao seu médico e fazer o teste para ISTs porque seu noivo andou enfiando o pau em outros buracos.

Isso merece outro longo gole em seu nome. Esta pobre mulher

passou por muita coisa. Quase faz com que os arranjos de casamento que meus pais armam para mim pareçam moleza.

— Esta lua de mel... — ela estende o braço em direção à água — para a bela e minúscula nação insular de Lovolia, não era reembolsável. Então, trouxe minha melhor amiga comigo para uma viagem de garotas.

Não é uma má ideia. Não tem por que desperdiçar umas férias incríveis só porque um cara qualquer foi um completo babaca.

Mas não há nenhum sinal da melhor amiga dela. Faço uma varredura na praia mais uma vez para garantir que não estou deixando passar nada.

— Então, por que você está bebendo sozinha?

Seu olhar crítico encontra o meu e ela estende a mão para a garrafa em vez de responder de imediato. Passo para ela, e a bela toma um longo gole da tequila, sibila entre os dentes e tosse. Em seguida, pigarreja forte e balança a cabeça, quase como se não quisesse dizer as próximas palavras.

— Porque ela me disse algo do qual estava absolutamente certa, e eu não queria ouvir.

— Sei como é. — Solto uma risada sarcástica.

E como sei.

Parece cada vez mais que meus pais, e até mesmo Lev, assumiram o dever diário de me lembrar de todas as coisas que não quero ouvir.

Belo melhor amigo que ele é...

A vida seria muito mais fácil se as pessoas não sentissem a necessidade de jogar a dura realidade na minha cara... pelo visto, para Bridget também. Mas não tem como ela estar lidando com o mesmo tipo de merda que me atormenta.

— O que ela disse?

Bridget suspira e se deita para olhar para o céu escurecendo.

— Que a razão pela qual não deu certo com meu noivo, a razão pela qual nenhum dos meus relacionamentos deu certo nos últimos anos, é porque sempre escolho o cara errado.

— Quem seria o cara errado?

Seus ombros sobem e descem em um movimento sutil.

— Os que são pé no chão. Seguros. Meu noivo era um atuário.

— Parece chato pra caralho. — Faço uma careta e pego a garrafa

para tomar um gole da tequila.

Ela ri e abaixa a cabeça para o lado para olhar para mim.

— Ele *era*. Mas era o que eu achava que queria.

— Não é mais o que você quer?

— Sendo sincera, não sei dizer. — Ela vira a cabeça para longe de mim outra vez. — Sempre fui uma pessoa aventureira. Alguém que adora viajar e correr riscos. Pelo menos, era assim na faculdade e por alguns anos depois. Mas me forcei a acreditar que esse não era o caminho para encontrar o cara certo. Alguém confiável. Alguém que ficaria comigo para sempre. Então, desisti disso e aceitei que os adultos não vivem assim. Que *eu* não podia viver dessa maneira.

Algo se agita dentro do meu peito com as palavras dela. Algo desconhecido, emocionante e aterrorizante.

Merda.



CAPÍTULO 3

BRIDGET

Devo ser louca por contar tudo isso a um completo estranho que conheci na praia... uma praia em que aparentemente nem deveria *estar*. Embora não ache que Fyn seja um *completo* estranho, já que sei seu nome. E ele, com certeza, não passa a *sensação* de ser um estranho.

Cinco minutos deitada na areia conversando com ele e Fyn me escuta melhor do que aquele idiota do Barry.

Não acredito que estava prestes a casar com um cara chamado Barry.

Ele usava meias brancas com sandálias.

Que diabos eu estava pensando?

Isso por si só deveria ter sido um sinal. Mas ignorei aquilo, assim como fiz tantas coisas que deveriam ter me alertado que estava com o homem errado e caminhando rumo à desilusão. Deixei as pequenas coisas que me irritavam e desagradavam passar porque queria ter uma vida perfeita. Queria o marido amoroso, as crianças, a cerca branca, os jantares noturnos ao redor da mesa da família e a cabana de veraneio nas montanhas. Desejava *tanto* tudo aquilo que me permiti me *contentar* com um homem que nem me interessava muito... só porque *pensei* que ele também queria tudo aquilo comigo.

Mas, pelo visto, me enganei pra caralho.

O que ele queria era transar com a assistente no escritório e

depois voltar para casa e ficar “cansado demais” para fazer outra coisa senão se sentar ao sofá e assistir o noticiário.

Se não tivesse ido levar o almoço para ele naquele dia, será que teria notado que as coisas haviam mudado entre nós, ou teria continuado na mesma, deixando coisas não ditas só porque não queria abalar o que achava ser um relacionamento estável?

Em vez de precisar admitir a resposta para mim mesma, tomo outro gole da horrível tequila. A queimação elimina pelo menos *parte* do constrangimento de confessar minha história para o não-tão-estranho ao meu lado na areia que, de repente, ficou quieto. Arrisco um olhar em sua direção. Diante dos últimos raios de sol, seus olhos azuis me perfuram.

A maneira como está me encarando faz com que o calor se espalhe pelos meus membros, apesar do ar começar a esfriar um pouco ao nosso redor.

— O que foi? Por que está me olhando assim?

Um canto de sua boca se curva de leve. Poderia desviar o olhar, acabar com a intensidade do que quer que isso seja, mas não consigo. Ele se aproxima um pouco mais de mim e prende um fio de cabelo solto atrás da minha orelha. O toque gentil e familiar, que é chocante se considerar que vem de alguém que acabei de conhecer, envia uma sensação intensa direto para o local entre minhas pernas, algo que não sinto há muito tempo.

— Estava pensando que o que você quer, parece muito bom. — Aquele sorriso sexy brinca em seus lábios.

— Mas não disse o que queria.

— Sim, disse. — Ele faz que sim com a cabeça devagar e passa o polegar pelos meus lábios em uma carícia. — Você quer alguém que queira ir em aventuras com você. Alguém com o mesmo amor pelo desconhecido, por explorar e encontrar alegria na vida onde quer que seja e com qualquer coisa.

Putá merda.

Meu coração acelera e luto para respirar fundo.

Como um estranho pode entender todas essas coisas que quero quando eu mesma não entendia até pouco tempo? Como o toque desse homem pode despertar algo que pensei ter morrido dentro de mim com a traição de Barry?

De repente, minha garganta fica seca e engulo com força.

— Para alguém que acabei de conhecer, você parece saber muito sobre mim.

Isso é enervante e revigorante de uma maneira que nem consigo compreender. O tipo de conexão e atração que sempre li em romances e nunca acreditei que poderia acontecer na vida real.

Se bem que, talvez seja só efeito da tequila. É bem provável que seja. Mas talvez, apenas talvez, não esteja imaginando isso.

Talvez todo o drama com Barry tenha sido o destino me trazendo aqui para esta pequena ilha, para um belo surfista que ouve meus problemas e não me julga.

— Sua alma é como a minha. — Ele suspira e se vira de lado para me encarar, apoiando a cabeça na mão. — Já estive no seu lugar. Inferno, ainda estou. — Seus olhos assumem um olhar distante, como se Fyn estivesse em outro lugar por um momento. — Minha família possui expectativas quanto a mim. Requisitos e tradições. Coisas com as quais não concordo e contra as quais sempre me rebelei. — Seu olhar encontra o meu outra vez. — Você se coloca em uma caixa ao limitar seus sonhos. Fui enfiado em uma para sufocar os meus.

O anseio por ter sua própria vida e o desprezo por aquela que sua família deseja para ele são tão palpáveis em suas palavras que é quase uma coisa viva.

— Então, o que você faz? Como lida com isso?

Porque nesse momento, parece que estou me afogando.

Mesmo depois de seis meses, não consigo entender onde deveria estar, o que deveria *fazer*. Viver a rotina no trabalho, cuidar das relações públicas de outras pessoas para que elas e seus negócios passem a imagem de bem-sucedidos enquanto minha vida está uma bagunça parece tão... falso.

— Escapando para cá. — Ele sorri e estende a mão em direção à água. — Deixando tudo de lado enquanto estou nas ondas e esquecendo tudo com o que deveria me preocupar por algumas horas.

— Mas e quando você precisar voltar para a “vida real”? Como você lida com ser empurrado para dentro dessa caixa?

— Não muito bem, pelo visto. — Um longo suspiro escorrega de seus lábios e ele afasta o cabelo ondulado da testa.

— Eu também. — Abro um sorriso para ele. — Trabalho com

relações públicas e parece que estou sempre limpando a bagunça de outra pessoa enquanto sou um completo desastre. Às vezes, é muito mais fácil lidar com os problemas dos outros do que com os seus, certo?

— Você acertou em cheio. — Fyn concorda com a cabeça. — Executo minhas tarefas, faço o que é exigido de mim, pelo menos, o mínimo, mas se perguntar aos meus pais, vão te dizer que estou fora de controle e que sou um constrangimento para eles. — Fyn levanta um ombro e o deixa cair quase de maneira despreocupada, mesmo que o tema da conversa esteja longe de ser casual ou qualquer coisa que possa ser varrida para debaixo do tapete. — A única coisa pior do que se sentir um fracasso é ter outra pessoa que também acredita que você é um.

Droga. Ele entende.

É por isso que as coisas que Daphne me disse esta noite doeu tanto e porque tenho me afogado em tequila. Ela não me *chamou* exatamente de fracassada... e nunca usaria essas palavras. Mas foi assim que me senti ao ouvi-la apontar meus erros em relação aos meus relacionamentos... e, por sua vez, meus erros de vida. Quase me deixa feliz que meus pais não estejam por perto para ver isso. Embora deseje muito o apoio deles e fosse capaz de sacrificar qualquer coisa para ter mais um dia com os dois, se ficassem desapontados comigo, um pouco que fosse, pelo que fiz da minha vida, acho que não conseguiria lidar com isso.

Fyn me entende com tanta facilidade porque está na mesma posição. Ele sofreu da mesma forma que eu, embora seja muito provável que não tenha visto o noivo dele transando com a secretária. Mesmo assim, a dor disso, o que ele e eu suportamos... me atinge de jeito e estendo a mão para ele, então pressiono minha palma contra sua pele quente, sobre seu coração.

Não deveria tocar ele assim, não deveria estar me concentrando com tanta intensidade nas batidas constantes de seu coração sob minha mão. Definitivamente *não deveria* querer beijar esse homem que, vamos encarar, é um estranho que acabei de conhecer na maldita praia de um país estrangeiro.

Ele levanta a mão para segurar minha bochecha e um intenso arrepio passa por mim. Inclino-me no calor da palma de sua mão, reconfortante e estimulante. A faísca de energia que senti quando

apertei sua mão mais cedo está zumbindo entre nós agora, me puxando em direção a ele de forma tão forte e inevitável quanto a maré forçando a água em direção à costa.

É estúpido e imprudente. É algo que *absolutamente* não deveria fazer. É algo que a *antiga* eu, a “eu” muito mais jovem, despreocupada e aventureira, teria feito, em uma época muito antes de Barry. Mas não fiz nada além de tomar decisões de merda por tanto tempo, talvez o que acho que é certo nunca tenha sido. Talvez devesse aproveitar ao máximo este momento, esta praia, este homem, e deixar as coisas acontecerem. É o que Daphne sugeriu: uma transa de férias, gostosa e divertida.

Bem, qual é a pior coisa que pode acontecer?

Se as intenções dele fossem ruins, ele teve todas as oportunidades de me expulsar da praia ou fazer algo muito pior. Mas nunca me senti tão segura antes. Ou tive um momento que parecesse tão *certo*.

Diminuo a distância entre nós e paro minha boca a apenas um milímetro da dele. Fogo queima no azul de seus olhos e ele passa o polegar sobre meus lábios de novo. Devagar. Quase com reverência.

Algo passa entre nós. Algo profundo, poderoso e inquestionável.

Sua boca esmaga a minha, tirando meu fôlego e roubando minha alma junto. Meu peito dói com um desejo que nunca senti antes, um que nem sabia que existia, e Fyn me puxa contra ele com um pequeno gemido satisfeito. Sua língua implora por entrada e não há como negar que o quero em todos os lugares. Sobre mim, dentro de mim... me consumindo e me dominando. Mostrando-me o que estive perdendo na vida todo esse tempo. E me dando o que preciso de verdade.

Nos olhos dele, vejo alguém que *me enxerga*. Que vê quem sou e o que quero. Que entende a razão de eu precisar disso, embora outros possam dizer que não passa de uma decisão impulsiva e um grande erro.

Foda-se o que essas pessoas pensam. São apenas idiotas que queriam que me casasse com Barry.



FYNIX

Seus lábios se separam sem resistência sob os meus, e suas pernas se abrem, permitindo que me acomode entre elas, meu pau fica duro no mesmo instante e pressiona contra seu núcleo.

Caralho, que delícia.

Nem estou dentro dela ainda e minha cabeça já está girando e meu corpo à beira do limite. Essa mulher, que eu pretendia expulsar da minha praia da maneira mais autoritária possível quando saí das ondas pela primeira vez e a vi me observando, me pegou de jeito. Ela alcançou algo no fundo da minha alma, algo que achava que ninguém mais entenderia e o segurou em suas mãos de forma protetora. Porque ela *entende*. Compreende o que significa pensar que você precisa ser uma coisa, deixar de lado seus próprios desejos para fazer o que se espera de você. E ela sabe quão infeliz uma vida assim pode ser.

Ninguém mais foi capaz de entender isso de verdade. Mesmo Lev, que sempre esteve ao meu lado, protegendo a mim e meus interesses, insiste que eu deveria ser mais receptivo ao que meus pais pedem de mim. Ele tenta me encorajar a escolher minhas batalhas de uma maneira que não provoque muitos conflitos e não me coloque em constante atrito com os dois. Lev costuma ser a voz da razão, mesmo que nem sempre queira aceitar o que ele tem a dizer.

Mas não há uma voz da razão agora. Ninguém sussurrando ao meu ouvido, me oferecendo conselhos que provavelmente ignorarei.

Muito pelo contrário. Bridget é a *antítese* da razão.

Ela é uma lufada de ar fresco quando estou sufocando dentro da minha própria pele. O alívio que tanto preciso do estresse e do conflito que me cercam. Uma maneira de me livrar do peso da minha posição, fingir que ela não governa minha vida, mesmo que apenas por uma única noite.

E porra... como preciso disso.

Um pequeno gemido escorrega de sua boca para a minha, e seus dedos se enrolam em meu cabelo. O gosto forte da tequila, o sabor doce

de seus lábios e o emaranhado de sua língua com a minha fazem meu pau pulsar e se esticar contra minha bermuda. Sempre me orgulhei do meu controle. É a única coisa que me impede de perder a droga da cabeça todos os dias quando me encham de demandas, mas esta noite, esse controle tinha ido parar longe, tanto que poderia muito bem ter se perdido nas ondas que batem na costa a apenas alguns metros de nós.

Muitos me acusaram de ser imprudente, de não levar em consideração minha posição ou como minhas ações afetam todos ao meu redor. E podem estar certos. Durante anos, minhas indiscrições com as mulheres foram fonte constante de matéria para os tabloides e uma mancha no reinado da família Yates. Festejei muito. Fodi muito. Abusei do acelerador e bebi demais, dormindo para passar a ressaca em vez de participar de reuniões e eventos nos quais deveria fazer aparições em nome da Coroa. Amadureci um pouco desde então e tentei assumir meu papel de herdeiro, não importando quão difícil pudesse ser. Mas alguns sempre me verão assim, e isso seria apenas mais uma evidência, mais uma prova de seu caso contra mim no tribunal que eles controlam.

Sexo na praia com uma turista... o último tapa na cara deles.

Foda-se eles.

Mas este instante não é sobre isso. Não se trata de provar um ponto. É sobre encontrar alguém que me faça sentir *livre* por um momento. Sobre *fazê-la* se sentir bem e desejada, para *ajudá-la* esquecer o motivo pelo qual veio para Lovolia e bebeu meia garrafa de tequila. E pretendo sentir tudo isso com ela, sem quaisquer reservas ou barreiras.

Esse momento não é algo que pode ser interrompido. Quando nossas mãos se encontraram, foi como ser atingido por um raio, diferente de qualquer coisa que senti com qualquer outra mulher em todos os meus anos neste planeta. Sua vulnerabilidade comigo e vontade de me contar suas verdades mais profundas e sombrias. Seu desejo pelas mesmas coisas que quero na vida e neste momento. É... inebriante.

Embora talvez seja a tequila barata falando.

Se é pura luxúria ou a bebida diminuindo nossas inibições é irrelevante. Não há como negar o que nós dois queremos. Mesmo que seja apenas por esta noite, uma em que posso ser outra pessoa e deixar

de lado tudo o que se espera de mim, mesmo assim, esta será uma noite gravada em minha memória pelo resto da vida infeliz que terei que levar, fingindo que tudo o que eles querem para mim espelha a minha vontade. Isso aqui pode ser tudo o que receberei: algumas horas de felicidade nos braços de uma bela mulher que é tão pé no chão e gentil que me faz querer protegê-la e profaná-la ao mesmo tempo.

Seus quadris ondulam embaixo de mim, esfregando-se contra meu comprimento, buscando a mesma fricção que meu próprio corpo exige. Deslizo a mão entre nós e alcanço as tiras da parte de baixo do seu biquíni. Meus dedos puxam as minúsculas cordas de cada lado até que elas caiam, e retiro o tecido minúsculo dela.

Uma brisa fresca da água escura flutua sobre nós, um contraste nítido e bem-vindo com nossa pele quente, que só fica mais escaldante quanto mais nos beijamos e exploramos um ao outro. Deslizo a ponta do meu dedo através de sua umidade e em torno de seu clitóris. Ela arfa e se empurra contra mim, as mãos apertando meu pescoço.

Porra. Ela é tão responsiva. Tão cheia de tesão. Tão desesperada quanto eu. E isso é sexy pra caramba.

Uma mulher que me quer tanto quanto a quero... e não pelas razões erradas. Não porque quer algo de mim. Porque *espera* algo de mim. Porque tem sonhos de como seria um futuro comigo.

O que estamos fazendo é por pura *necessidade*.

Suas unhas cravam na parte de trás do meu pescoço enquanto nossas línguas se entrelaçam. O pequeno gemido de satisfação no fundo de sua garganta faz meu pau tremer. Empurro dois dedos dentro dela com facilidade e ela os aperta quase de imediato.

— Porra, Bridget... sua boceta está tão molhada pra mim.

— Mais — seu gemido de resposta quase me faz explodir como um virgem desajeitado.

Definitivamente mais. Tudo.

É isso que quero.

Uma vida que é só minha. Uma mulher que me quer por *mim*. Alguém que anseia pelas mesmas coisas na vida. Quero uma mulher como Bridget. *Quero Bridget*. E embora transar com ela aqui nesta praia não seja a coisa mais cavalheiresca a se fazer, farei isso de qualquer maneira. Porque o calor que irradia entre nós vai entrar em combustão se não cedermos aos nossos desejos.

Ainda assim, me obrigo a afastar minha boca da sua. Ela abre os olhos e seu olhar encharcado de luxúria segue minhas mãos enquanto seguro o cordão do meu calção de banho.

— Tem certeza de que quer fazer isso, Bridget? Quer transar comigo aqui mesmo nesta praia?

Sua língua sai e ela lambe os lábios. À luz fraca da lua cheia subindo no céu, ela abre as pernas e puta merda se essa não é a coisa mais sexy que já vi diante de mim.

— Sim, Fyn. Por favor...

Inferno.

Para a maioria das pessoas, este não seria o momento ou lugar certo para fazer isso. Mas é o certo para *nós*.

Tiro meu short, me repositiono entre as pernas dela e me alinho. A cabeça do meu pau roçando sua excitação me faz cerrar os dentes e meus lábios encontram os dela em outro beijo abrasador. A penetro devagar, seu corpo me recebendo calorosamente. Bridget geme e se mexe, pressionando um pé contra a parte inferior das minhas costas para tentar me forçar a ir mais fundo.

Não há outro lugar onde preferiria estar.

Entro nela em um impulso longo e lento. Um suspiro escapa de seus lábios e ela se agarra aos meus ombros enquanto me enterro ao máximo. Seu calor avassalador e úmido envolve minha carne e ela se contrai ao meu redor, arqueando para me levar mais longe do que jamais imaginei ser possível.

Cerro os dentes de novo e respiro fundo para tentar encontrar meu controle.

— Porra, Bridget...

— Se mexa — ela geme ao meu ouvido e aperta meu pau.

Essas palavras saindo de sua boca é como jogar gasolina no inferno já furioso dentro de mim. Arrasto-me para fora e mergulho de volta nela, empurrando-a de volta na areia macia enquanto enterro minha mão na areia para tentar obter algum apoio.

— Minha nossa! — seu grito no ar noturno é engolido pela água corrente da maré que chega. É o som mais bonito que já ouvi.

E quando ela move os quadris acompanhando meu ritmo, rolando e batendo como ondas quebrando na costa, enfim encontro o Paraíso aqui na Terra.



CAPÍTULO 4

BRIDGET

Fyn está dentro de mim, sobre mim e ao meu redor. A cada respiração que tomo, o ar salgado do mar se mistura a um gosto que é todo dele... e o sabor forte de tequila ainda persiste em sua língua. A cabeça de seu pau se arrasta ao longo do meu ponto G e gemo, então arqueio o corpo para mais perto do dele, arranhando suas costas com minhas unhas.

Agarro sua bunda durinha e envolvo meus tornozelos em torno de sua parte inferior das costas, incitando-o a avançar com mais força e mais rápido. Tudo é demais e não o suficiente. É aquilo do qual estava fugindo e exatamente o que eu precisava: a liberdade total para viver minha vida como quisesse.

Começando bem aqui, com este sentimento. Com esta experiência. Este homem.

Ambos perseguindo uma libertação da tensão em nossas vidas que nos uniu em primeiro lugar. Todas as razões para não fazer isso estão esquecidas há muito tempo. Apenas o prazer permanece.

O calor se espalha pelos meus membros, centrando-se no local onde nossos corpos estão conectados. Ele me penetra, implacável, tomando ao mesmo tempo que retribui, exigente e apaixonado de uma maneira que nunca soube que poderia ser.

Fyn beija a lateral do meu pescoço até que sua respiração

quente toca minha orelha.

— Você é linda pra caralho, Bridget, e sua boceta em volta do meu pau é pura felicidade. Quero que você goze para mim para que possa sentir isso através do meu pau.

Minha nossa, como isso é excitante.

Arrepios percorrem um caminho ao longo da minha pele ardente e ele puxa o lóbulo para dentro da boca, sugando-o de leve antes de morder com força. O lampejo de dor age como um raio direto para o meu clitóris.

— Puta merda! — as palavras estranguladas caem da minha boca quando uma explosão cataclísmica irrompe dentro de mim. Onda após onda de prazer atinge meu corpo, imitando as que quebravam ao longo da areia tão perto de nós.

Ele captura meu grito entre os lábios e geme meu nome enquanto empurra para dentro de mim uma, duas, três vezes antes de estocar com força e profundidade uma última vez e ainda assim, nossos corpos se fundem como se estivessem destinados a ser assim.

Fyn cai em cima de mim e enterra o rosto na dobra do meu pescoço. Sua respiração quente vibra contra minha bochecha. Nossos peitos arfantes se movem como um, nossos corações batendo no mesmo compasso, minhas mãos descansando em suas omoplatas largas e musculosas.

Uma brisa fresca agita as palmeiras ao redor da praia e ajuda a esfriar minha pele aquecida, e acalmar minha respiração. A névoa de luxúria que me envolveu começa a se dissipar e as estrelas a aparecer no céu escuro acima de nós... ou talvez elas já estivessem lá há algum tempo e estava *distraída* demais para notá-las até agora.

Cintilando com intensidade contra o pano de fundo de ônix, é tão difícil compreender quão longe elas realmente estão, como quão longe me sinto neste momento de tudo o que deixei para trás em casa. Jamais poderia ver estrelas assim em Denver. A poluição luminosa da cidade abafa muito dessa beleza, mas aqui em Lovolia, a pequena população se esforçou para manter o local livre disso, para preservar a natureza intocada da ilha e lugares como esta praia e o céu acima de nós. É uma das razões pelas quais se tornou um destino turístico tão popular, e porque o escolhi para nossa lua de mel quando Barry teria preferido um lugar mais perto de casa... e provavelmente *muito* mais

chato.

Isto aqui é a perfeição absoluta, como descobrir o Éden.

Poderia olhar para o céu imaculado por horas, roçando de leve meus dedos para cima e para baixo pela coluna de Fyn enquanto seu coração desacelera e o meu faz o mesmo. Ficamos deitados na areia fria por vários minutos, um silêncio confortável se instalando sobre nós.

Não deveria ser tão fácil, ou tão *perfeito*. Não com alguém que não conheço. Não quando nunca aconteceu com o homem com quem passaria o resto da minha vida.

Acho que é verdade o que todos dizem: em retrospecto tudo fica mais claro. Havia tantas coisas que deveria ter visto, *sentido*, que deveriam ter me alertado que estava cometendo um erro. Mas estava cega demais para vê-los ou com cegueira intencional para os sinais porque pensei que era a *antiga* eu apenas procurando razões para não se acomodar.

Mas depois disso aqui... Agora que *senti* isso, mesmo que apenas uma vez, não sei como vivi assim por tanto tempo.

Fyn enfim se mexe, se apoia no cotovelo e olha para mim, seus olhos brilhando como a lua refletindo na água. Ele tira uma mecha umedecida de suor da minha testa e me beija de maneira lenta e relaxada.

Tão diferente. Sem pressa. Como se enfim tivéssemos alcançado o que quer que perseguíamos antes e pudéssemos apenas respirar e relaxar por um momento.

Não quero que esse momento termine. Não quero que *nada* disso acabe. Esta noite, a viagem, este sentimento...

Talvez se mantiver meus olhos fechados e apenas deixá-lo me beijar, isso possa durar para sempre...

É um sonho maravilhoso no qual me deixo envolver enquanto nossos lábios se movem juntos, nossos corpos ainda conectados, até que ele se afasta devagar e abro meus olhos, ficando-os nos dele.

— Bem, isso foi... — Um sorriso relaxado e confiante se espalha por seu rosto.

Então luzes brilhantes atravessam a praia de algum lugar atrás de nós. Fyn recua e olha para o caminho estreito através das árvores que devem levar à estrada mais próxima. O rugido de vários motores preenche o ar noturno antes silencioso.

— Merda. — Ele passa a mão pelo cabelo.

— O que foi?

— Estamos prestes a ter companhia.

Companhia?

Ele retira seu pau semiduro de dentro de mim com um olhar dolorido, em seguida se afasta e se levanta, então corre para vestir o short que jogamos sem cerimônia para o lado. Espio atrás de nós em direção ao barulho e às luzes bem a tempo de ver cerca de uma dúzia de homens no que parecem uniformes militares correndo para a praia através das árvores, liderados por um homem de cabelo prateado mais velho com roupas pretas e os lábios repuxados em uma carranca dura.

— Fyn? — Volto minha atenção para ele, que está apenas um passo de mim, iluminado pelos faróis que se infiltram entre as árvores. — Você chamou a polícia para mim?

Ele *mandou* uma mensagem para alguém do celular dele antes de vir falar comigo mais cedo, mas nem mesmo o maior idiota do mundo transaria com alguém enquanto esperava pela polícia.

Certo?

A inquietação se agita na minha barriga, substituindo a sensação plena de conforto e contentamento que me aquecia por dentro enquanto observava as estrelas.

O olhar de Fyn se lança para nossos visitantes enquanto ele amarra o short no lugar, a boca se contorcendo em uma carranca irritada. Com a bermuda presa, ele solta um suspiro pesado, os ombros musculosos caindo de resignação, e coloca as mãos nos quadris.

— Não exatamente.

— Como assim, *não exatamente*? — Busco a parte de baixo do meu biquíni na areia ao meu lado e a coloco no lugar mais rápido que posso, enquanto a resposta de Fyn ecoa na minha cabeça.

Como você pode não chamar a polícia exatamente?

O homem de uniforme preto se aproxima de nós, seus olhos duros avaliando a situação com um julgamento claro enquanto o observo por cima do ombro.

— É hora de voltar para casa.

Voltar para casa?

Prendo as tiras do biquíni e me viro para o homem que estava dentro de mim há alguns instantes.

— Fyn, o que diabos está acontecendo?

— Porra. — Ele esfrega a mão no rosto e olhos azuis-gelo que não têm mais a faísca de momentos atrás encontram os meus. — Desculpa, Bridget.



FYNIX

Merda. Não queria que isso acontecesse assim.

Pedir desculpas para Bridget parece insuficiente diante da situação, como se estivesse pegando uma saída fácil para o que está prestes a acontecer, mas não há mais nada que possa dizer. Espero que ela entenda quando souber a verdade. Com certeza lhe dará uma visão melhor de algumas das coisas que contei esta noite sobre minha vida: as expectativas, o peso da pressão sobre mim para cumprir o que todos querem de mim.

Olho para Manuel, suplicando com os olhos para não ter que parecer que estou implorando quando falo:

— Me dê um minuto.

Ele faz uma careta para mim, as rugas de sua pele castigada pelo sol se aprofundando enquanto considera meu pedido.

— O senhor teve tempo mais do que suficiente para sua pequena aventura hoje, Vossa Alteza Real.

— Vossa *Alteza Real*? — A boca de Bridget se abre e ela olha boquiaberta de Manuel para mim, provavelmente nervosa demais para se mover, ainda mais se ela pensa que a Guarda Real é a polícia.

Estremeço e lanço um olhar feio para Manuel. Ele fez isso de propósito... usou meu título formal.

Obrigado por isso, babaca.

Com uma mão erguida em um gesto de desculpas, na esperança de impedi-la de atacar antes que possa explicar, me aproximo de onde Bridget continua sentada na areia.

— Sinto muito, Bridget. Quando saí da água, vi todas as chamadas perdidas e mensagens frenéticas da minha mãe e disse a ela

onde estava porque não queria que ela mandasse toda a maldita guarda atrás de mim. — Olho para trás, para Manuel, e aceno com a mão na direção deles. — Mas parece que ela os enviou mesmo assim.

— Sua mãe? — Seus grandes olhos verdes correm ao redor, a confusão franzindo sua sobrancelha. — Me fala o que diabos está acontecendo?

— Ela não sabe quem você é? — As sobrancelhas escuras de Manuel se erguem.

Estremeço de novo e balanço a cabeça. Qualquer lovoliano teria me reconhecido no mesmo instante, mas como a maioria dos turistas sabe pouco sobre o país ou a família real, o fato de ela não saber quem sou não é uma surpresa.

Ainda assim, não queria que ela descobrisse dessa forma. Não tinha pensado o suficiente para planejar como teria contado, mas não seria com uma interrupção da Guarda Real e a verdade jogada em sua cara depois de um sexo incrível.

— *Quem é você?* — Bridget fica boquiaberta.

A mágoa na pergunta e seu olhar fazem com que sinta um aperto ao redor da minha caixa torácica. Este curto período passado na praia com Bridget foi o mais livre que senti em anos. A esperança de que algo mais está lá fora, uma fuga do que meus pais e minha posição exigem de mim, brilhou por um instante. Agora, foi esmagado sob as botas de Manuel e da Guarda Real.

Suspiro e fecho os olhos com força, abrindo-os antes de responder à pergunta muito razoável de Bridget.

— Príncipe herdeiro Fynix Michael Elander Yates de Lovolia, ao seu serviço.

— Ah, meu Deus. — Sua mão voa para a boca e seus olhos se arregalam, examinando-me como se já não tivesse explorado meu corpo muito intimamente. — Você é o... — ela nem consegue formar as palavras.

Tenho certeza de que tudo o que disse a ela esta noite está se encaixando para formar um quebra-cabeça muito diferente do que ela imaginava. Não sou apenas um surfista preguiçoso tentando fugir do trabalho das nove da manhã às cinco da tarde. Na verdade, o que enfrento é muito pior.

Caio de joelhos na areia e ergo minhas mãos em sua direção,

mas ela desvia, afastando-se de mim, a boca aberta.

— Que merda foi essa? — Ela acena entre nós, quase frenética.
— É algum tipo de piada?

— Não. — Agarro suas mãos, forçando-a a ficar parada e não escapar, esperando que a conexão que acabamos de compartilhar ainda esteja lá, que a tocar a lembre disso. — De forma alguma. Eu apenas precisava fugir. De mais um encontro arranjado. Outra mulher que meus pais queriam que conhecesse. Despistei a guarda e vim para o único lugar onde sempre posso limpar a mente.

— A praia. — Concorda com a cabeça, devagar.

— Você não tem ideia de como é viver em uma gaiola dourada.
— Dou a ela um sorriso triste.

— Você tem razão. — Ela sai do meu alcance e se move para ainda mais longe. — Não sei mesmo. — Seus lábios inchados pelo beijo pressionam em uma linha fina, então ela faz um gesto para Manuel e os outros guardas que estão bem atrás de nós. — Mas parece que você tem pessoas *importantes* esperando por você.

Merda.

— Por favor, Bridget, não bem é assim.

— Não é, o quê? — Ela arqueia as sobrancelhas, incrédula. — Não é como se você fosse um príncipe e eu uma turista com quem transou na praia uma noite, bêbado de tequila barata?

Bem... sim, isso é verdade. Mas...

— Apenas vá embora. — Ela balança a cabeça, apertando os olhos.

Qualquer outra mulher ficaria empolgada ao descobrir que ficou com um membro da realeza. Seria uma grande conquista, uma maneira potencial de garantir um relacionamento com um príncipe ou, para uma pessoa sem escrúpulos, um meio de chantagear a família real sobre ir a público quanto ao mau comportamento do próximo na linha de sucessão ao trono.

Mas não Bridget. Não depois do que acabamos de conversar, da conexão que acabamos de ter.

É uma traição para ela que não tenha sido sincero, e ela pensa o pior de mim, acredita que este é algum tipo de jogo que adoro fazer com turistas desavisadas para adicionar outra mulher à coleção.

Nada poderia estar mais longe da verdade.

Do que aconteceu entre a gente. De mim.

Quero me explicar, quero implorar para ela ouvir, mas não posso fazer isso aqui na praia com a nossa companhia atual. Precisamos ficar sozinhos, em algum lugar onde possa dedicar tempo e esforço para discutir isso de modo adequado. Estendo a mão para ela outra vez, mas ela aponta para as caminhonetes, sua inferência silenciosa óbvia.

Suspiro e me levanto, meu coração caindo para se juntar à areia em um milhão de pedaços quebrados.

— Bridget, por favor, me deixe explicar.

A mulher com quem acabei de compartilhar a conexão mais incrível da minha vida nem olha para mim.

— Senhor — o tom irritado de Manuel faz minha mandíbula apertar.

Ele não hesitará em me arrastar para casa chutando e gritando se for preciso. É o trabalho dele... um em que se destaca. O fato de ter conseguido escapar dos guardas e chegar até aqui com certeza o irritou. Ele não permitirá que continue aqui por mais tempo do que o necessário.

Dou a volta em Bridget e vou em direção ao grupo de homens armados esperando para me levar de volta ao palácio. Mas não posso apenas ir embora. Preciso tentar mais *uma* vez.

Parando na beira da areia, olho para trás, para a única mulher que conseguiu tocar meu coração.

— Bridget...

Por fim, ela se vira para me encarar, a dor brilhando em seus olhos com lágrimas não derramadas.

— Venha comigo. Venha para o palácio.

A gente vai dar um jeito lá.

Ela fecha os olhos com força e respira fundo. Seu lábio inferior estremece e quando ela abre os olhos para encontrar os meus outra vez, é óbvio qual será sua resposta.

— Não. Não posso. Nossos mundos são muito diferentes. E só ficarei aqui por mais alguns dias. Tenho uma vida para voltar nos Estados Unidos e você tem uma muito importante aqui. Não vamos fingir que isso foi algo além do que de fato foi: eu, escolhendo o homem errado, *de novo*.

Sua dispensa é como uma facada no estômago.

Talvez tenha julgado errado a situação. Talvez tenha julgado *ela* mal. Talvez tudo o que ela *quisesse* fosse um caso de uma noite só na praia. Sem envolvimento emocional. Algo que pode contar às amigas quando for para casa. Algo para lembrar depois que conhecer outro homem seguro e chato que a prenderá e a transformará em uma dona de casa. Talvez esta *fosse* apenas uma noite em que ela pudesse liberar seu lado selvagem interior.

Apenas queria poder dizer o mesmo e fingir que não me importo enquanto viro as costas para seguir meus guardas para fora da praia, deixando meu coração para trás na areia para ser levado pela maré.



CAPÍTULO 5

Outono...

Inverno...

Primavera...



CAPÍTULO 6

BRIDGET

Um ano depois...

O sol poente brilha na água da mesma forma que há um ano, mas desta vez não há um surfista misterioso e sexy nas ondas. Cada onda traz com ela mais lembranças daquela única noite, as mesmas que me assombram há tanto tempo.

Elas batendo na costa também carregam arrependimento... por tantas malditas coisas.

Arrependimento pelo jeito que tudo aconteceu naquela noite. Por ter me permitido remoer isso por tanto tempo. Por todas as coisas que fiz no ano passado que não podem ser desfeitas.

Que por doze meses, tentei esquecer meu tempo na areia aqui com o príncipe Fynix, mas não consegui, a ponto de Daphne enfim me forçar a voltar a esta praia para dizer adeus, para obter algum tipo de *encerramento* e assim poder seguir em frente com o que aquela noite fez comigo.

Como se fosse fácil assim.

Aperto os punhos ao lado do corpo, as unhas cravadas nas palmas das mãos. A pontada de dor me mantém centrada, me impede de chorar como fiz tantas vezes.

Foi estúpido voltar aqui.

Este lugar me afeta muito.

Percebi isso no dia em que Fyn me deixou na praia enquanto se afastava com seus guardas. Fiquei enraizada na areia pelo que pareceram horas, deixando a brisa fresca da água secar as lágrimas que escorriam pelo meu rosto enquanto bebia mais da tequila de merda. Mas isso não ajudou a aliviar a dor que senti ao descobrir a verdade.

Cada palavra que dissemos um ao outro se repetiu em minha cabeça.

Quanto daquilo era mentira? Tudo?

Era impossível não acreditar que aquilo foi mais do que apenas um jogo para ele: brincar com a americana desavisada. Dizer a ela o que queria ouvir para fazê-la se entregar.

Quando enfim consegui me arrastar e tropeçar de volta para o hotel, com os olhos inchados, azia e coração partido, me convenci de que foi só coisa da minha cabeça. Que foi tudo mentira. Que *ele* foi uma mentira.

Prometi nunca mais voltar, nunca mais pensar neste lugar ou naquela noite. No entanto, este lugar me atraiu de volta como uma correnteza. Não era apenas o incentivo de Daphne para que viesse e terminasse as coisas em minha mente. De qualquer maneira, não conseguiria ter ficado longe por muito mais tempo. E só pareceu apropriado vir no dia exato em que nos conhecemos aqui. Como se dizer adeus exatamente um ano depois fosse ter mais impacto do que se tivesse feito isso em qualquer outro momento.

Só que, em vez de dizer adeus para que Fyn possa permanecer firme no passado, estou aqui me perguntando o que teria acontecido se tivesse dito *sim*. Se tivesse pegado sua mão e aceitado sua oferta de ir ao palácio com ele...

Talvez, tudo poderia ter sido diferente.

Não, Bridget.

Não posso me permitir ficar me perguntando isso. Um homem como Fyn teria tentado salvar sua reputação para que eu não deixasse Lovolia com uma história repugnante sobre o príncipe ter tirado proveito de mim. Ele teria feito o que fosse preciso para me convencer de que nossa conexão era real, depois me mandaria no meu voo de volta para os Estados Unidos antes de retornar depressa para qualquer mulher que tivesse seu coração de verdade.

Isso é o que *teria* acontecido, mas uma pequena parte de mim

esperava, se perguntava...

Se pensou em mim. Se ficou obcecado com aquele breve tempo que passamos juntos do mesmo jeito que eu. Se também não foi capaz de esquecer.

Mas não é por isso que estou aqui... para ficar presa em fantasias infantis. Respiro fundo o ar salgado do mar e o solto aos poucos. Príncipe Fynix de Lovolia pode ter quem quiser. Ele não passou o último ano obcecado por um caso de uma noite na areia com uma americana. Ele seguiu em frente.

Mas por que não consigo?

Tem sido impossível ignorar a atração que ele exerce sobre mim, reprimir essa necessidade de verificar como ele está. Impossível não pesquisar na web por qualquer menção dele ou foto.

E cara... como havia fotos.

Dele com todas as mulheres da realeza do mundo, ao que parece. E aí tinha aquela princesa loira. Mas faz sentido. É disso que Fyn precisa. Alguém que é do seu mundo, que pode estar ao lado dele e liderar este país com graça e dignidade e que não vai transar com um estranho em uma praia.

Meu estômago se contrai com o ciúme familiar que se forma ali. O desejo de que, por uma fração de segundo, pudesse ser outra pessoa, outra coisa. Mas já chega. Essa é a mesma sensação que eu tinha toda vez que via uma foto dele no ano passado, mas não conseguia parar de olhar.

Era como autoflagelação. Uma punição excruciante por cometer esse erro, por deixar de ser quem era por aquele instante no tempo e apenas viver. Foi errado e sofri por causa disso.

Fynix quase não saiu da minha mente no último ano, então não sei o que imaginei conseguir ao voltar nesta praia. Para dizer adeus ao que nunca foi e ao que nunca pode ser. E talvez uma última fração de esperança de que ele estaria aqui. Embora nunca quisesse admitir isso para mim, muito menos para Daphne. Ela teria me puxado pelo cabelo se achasse que estava fazendo algo além de deixar as coisas *para trás*.

Isso é o que precisa acontecer.

— Adeus, Fyn — minhas palavras flutuam na brisa leve, levando meu coração com elas.

Dou uma última olhada na bela vista que nunca mais verei e

volto para o caminho estreito que tomei para chegar à praia, o mesmo lugar onde os guardas de Fyn haviam estacionado naquela noite.

Uma forma familiar sai de entre as árvores e caminha devagar para a luz do sol que se desvanece.

— Fyn? — Minha respiração fica presa na garganta. — O-o que está fazendo aqui?

— É minha praia, lembra? — Ele me lança aquele sorriso de lado que não consegui esquecer e dá mais dois passos em minha direção.

Ah, merda.

Propriedade privada da Coroa. E aqui estou de novo, sem ser convidada, indesejada.

— Desculpa. Estou invadindo de novo. Eu...

— Caramba, Bridget. — Ele fecha os olhos e balança a cabeça, respirando fundo. — Você não tem ideia de quanto tempo esperei para voltar a vê-la.

O quê?

Seus olhos azuis profundos encontram os meus mais uma vez. Uma tempestade se alastra dentro deles, algo sombrio, torturado e quase frenético.

— Pensei em você todos os dias desde que partiu. Eu... — Ele hesita por um segundo, esfregando a nuca. — Usei meus recursos para rastreá-la, para descobrir seu nome completo e onde você morava. Inferno, até te persegui na maldita internet como a droga de um adolescente.

Idem, Fyn. Acho que não me sinto tão mal com essa parte agora.

— E vim aqui... — Aponta para a areia. — Para esta praia. Para este lugar. Todos os dias no último ano.

— O quê? — Meu coração para de bater, o único som é o das ondas atrás de mim. — Por quê?

Minha pergunta paira no ar entre nós, pesada com tantas outras que tenho medo de expressar porque as respostas podem me devastar. Esperança e medo guerreiam dentro do meu coração, enquanto penso que poderia estar certa e que poderia estar errada.

A cada passo que Fyn se aproxima, mais meu peito aperta. Ele para na minha frente, parecendo tão diabolicamente lindo quanto naquela noite, vestido com calça de linho cinza e uma camisa branca de

botões com alguns abertos, revelando um pouco de seu peitoral bronzeado pelo sol. Devagar e com cautela, estende a mão e segura meu bíceps com ternura.

— Porque queria que você estivesse *aqui*. Tinha uma esperança estúpida em algum lugar lá no fundo de que você voltaria. E agora você *está* aqui.

A esperança em sua voz despedaça o meu coração que havia acabado de começar a bater de novo. Porque isso só pode levar a um lugar: um beco sem saída enorme.

— E agora estou aqui. Mas isso não muda nada.



FYNIX

— Não muda nada?

Leva um momento para que suas palavras se registrem em meu cérebro, que já estou lutando para processar o choque de vê-la parada aqui na própria areia que agora associo a ela, seu vestido balançando na brisa.

Do que diabos ela estava falando?

— Não entendo Bridget. Você *está* aqui. Isso aqui muda *tudo*.

Ela se liberta do meu aperto e dá um passo para trás, a dor em seus olhos combinando com o que vi há um ano.

— Foi estúpido da minha parte voltar. Eu deveria ter ficado longe e fingido que o que houve entre nós nunca aconteceu.

Uma agonia aguda atravessa meu coração com suas palavras e esfrega a dor, observando-a se afastar de mim, tanto física quanto emocionalmente. O que quer que esteja acontecendo em sua cabeça, *está* fazendo com que ela diga coisas que não fazem sentido.

— Como você pode dizer isso? Como você acha que pode fingir que nada aconteceu quando eu nunca seria capaz de esquecer o que fizemos?

Ela me considera por um momento, a luz do sol se pondo iluminando sua silhueta da maneira mais linda, criando uma auréola ao

seu redor, como se ela mesma fosse a portadora da luz. O que ela pode ser, porque pela primeira vez em muito tempo, sinto esperança por algo mais do que o que é exigido de mim.

Uma lágrima escorre por sua bochecha. Ela a afasta com a mão em um gesto agressivo, como se estivesse com raiva de mostrar a emoção.

— Porque vi você. Em todos aqueles eventos com aquela mulher linda... aquela princesa. E eu sou apenas... — Encolhe os ombros devagar e joga as mãos para o alto. — Uma ninguém. — Mais lágrimas caem quando ela olha para mim e balança a cabeça, fazendo seu cabelo flutuar ao seu redor. — Sempre fui.

Suas palavras me machucaram muito mais do que qualquer coisa física. Como socos direto no meu estômago, arrancando o ar dos meus pulmões e o vislumbre de esperança que eu tinha no coração.

Como ela pode pensar que não é ninguém?

Apesar de toda sua inteligência, Bridget não parece ser capaz de ver a verdade bem na frente dela. A culpa é minha.

Deveria ter confessado minha identidade no mesmo momento em que expliquei que esta era uma praia particular. Deveria ter mandado ela e sua garrafa de tequila de volta para qualquer hotel em que estivesse hospedada e garantido que ela chegasse lá com segurança. Então deveria ter ido para casa e me desculpado com meus pais pelo meu comportamento no almoço com o rei Reginald e jurado ser mais atencioso em minhas ações. Isso é o que eu *deveria* ter feito.

Em vez disso, deixei a praia, a tequila e a bela mulher com quem tinha tanto em comum me afetarem de jeito e eliminarem minha capacidade de usar meu melhor julgamento. Mas é uma decisão que eu tomaria de novo e de novo.

Me aproximo e a puxo para mim, esmagando meus lábios contra os dela antes que possa dizer qualquer outra coisa absurda. O mesmo sabor doce com que sonhei e fiquei repassando em meus pensamentos no último ano atinge minha língua e gemo em sua boca, saboreando tê-la em meus braços outra vez.

Adoraria beijá-la para sempre, mas algo precisa ser esclarecido primeiro. Então me afasto dela e encontro aqueles olhos verdes que me assombraram a cada momento em que estivemos separados.

— Você é, sim, alguém. Nunca mais diga o contrário. Você é tudo

para mim. Fui forçado pelos meus pais a acompanhar a mulher com quem você me viu nessas fotos. E nada aconteceu com ela ou *qualquer* outra pessoa. Não sentia nada com ninguém. *Nada*. O que compartilhamos naquela noite, o que senti...

Para a minha frustração, a coerência me abandona. Não consigo reunir as palavras para descrever o que experimentei naquela noite e a agonia que sofri desde então. Ela realmente não tem ideia.

Pode ter começado como uma maneira de relaxar após abandonar meus deveres naquele dia, mas se tornou muito mais do que isso. A conexão quase instantânea que senti com ela era algo para o qual costumava revirar os olhos quando os outros falavam sobre isso. Acreditava que era luxúria... nada mais. Mas é fácil dizer antes de segurar esse sentimento em minhas mãos e ver por mim mesmo.

Mas mesmo depois de um ano e da distância física que nos separa, não parei de pensar nela ou imaginar como seria ter uma segunda chance, convencê-la a confiar em mim, explorar o que quer que seja isso entre nós.

— Bridget, a única coisa que me manteve são foi a possibilidade de vê-la de novo. Fui um idiota. Deveria ter impedido você de deixar Lovolia ou te seguido para os Estados Unidos. Quase entrei em um avião mais de uma dúzia de vezes, mas pensei que você seria mais feliz retornando à sua vida segura. — Desvio o olhar dela por um momento, constrangido com o que fiz, sem conseguir encará-la. — Até mandei um detetive particular checar você, e parecia que você tinha voltado a sua rotina e até a namorar. Suspeitei que isso seria demais, que você preferiria não se envolver, ter que lidar com todas as complicações associada a mim, meu nome e a coroa. Nunca considereei que você queria correr esse risco.

Incluindo o escrutínio ao qual seria submetida, ainda mais com tudo o que vem acontecendo no país nos últimos tempos. A agitação política intensificou o foco em nós e levantou mais questões quanto a família real.

Ela ergue o rosto e me encara, as lágrimas se acumulando em seus olhos, então olha para baixo e para longe, como se não pudesse suportar olhar para mim.

— Não sei se quero.

— Você sabe ou não estaria aqui. — Seguro o rosto dela,

inclinando-o para cima e a obrigando a sustentar meu olhar.

Ninguém viaja para o outro lado do mundo por algo que não quer. *Ninguém.*

— Vim dizer adeus para você, para o que quer que fosse isso. Vim porque não podia continuar me torturando e precisava virar essa página para sempre.

— Não. — Balanço a cabeça e passo o polegar por sua bochecha. — Você não precisava enterrar os dedos dos pés nesta areia para dizer adeus ou me esquecer. Tudo o que você precisava fazer era querer. E o fato de você *não* ter feito isso, de ter sentido a necessidade de vir aqui, significa que seja lá o que tenha acontecido naquela noite, não foi algo que nenhum de nós imaginou. Foi real... mesmo que a gente não saiba o que foi aquilo.

E depois de todo esse tempo, não vou deixá-la negar.

Beijo-a de novo, apertando-a contra mim e derramando cada grama de emoção que acumulei no último ano na simples ação. Todo anseio. Toda a mágoa. Todas as perguntas. Todo questionamento. Tudo isso desaparece na pressão dos nossos lábios.

Não importa o que meus pais digam. *Eu* sou o herdeiro do trono de Lovolia e me recuso a deixar que uma ideia antiquada de quem é considerada uma esposa adequada para mim, impeça que eu tenha a mulher que quero.

Seus lábios se movem com os meus, reacendendo a esperança de que está disposta a dar uma chance a isso, apesar de suas reservas. Seus dedos agarram o tecido da minha camisa enquanto ela me puxa para mais perto. Enrolo meus braços em volta de sua cintura e a pressiono, precisando sentir cada centímetro dela para me convencer de que isso está acontecendo de verdade, que ela pode escolher correr esse risco.

Por fim, ela se afasta com um suspiro pesado e pressiona as palmas das mãos contra meu peito. Os cantos de seus lábios se transformam em um meio sorriso desconfortável.

— Se seguirmos por esse caminho, se tentarmos descobrir o que é *isso*... será uma complicação real.

Solto uma risada de seu engenhoso jogo de palavras e sorrio. Meu coração incha com a fé de que *faremos* isso funcionar, mesmo que haja dezenas de obstáculos em nosso caminho.

— Você não tem ideia. Mas também será uma aventura e sabemos que você adora isso.



CAPÍTULO 7

BRIDGET

Que merda estou fazendo?

Todo o propósito de voltar aqui era dizer adeus a Fyn e deixar tudo para trás. Em vez disso, estou sentada nesta SUV de vidros escuros, com a mão dele na minha em um aperto possessivo, meu coração na maldita garganta.

É outra decisão precipitada. Outra enquanto estávamos envoltos em emoção, assim como a que nos colocou nesta posição há um ano.

O que há nesse homem que me deixa completamente irracional?

De pé naquela praia, ouvindo a voz de Fyn, dizendo aquelas palavras, tudo me transportou de volta àquele sentimento... aquele que tentei me convencer de que nunca foi real. O sentimento estava de volta e não podia apenas fingir que não existia. Não podia ignorar aquilo enquanto ele estava ao meu lado na areia. Mas não tenho a menor ideia do que estou fazendo.

Tenho um emprego, uma vida e amigos em outro país do outro lado do Atlântico.

Então por que diabos aceitei entrar em uma SUV com um maldito príncipe?

Nem vou pensar na resposta, porque se fizer isso, posso dizer ao motorista estoico e calado para parar e me deixar sair para que possa voltar ao meu hotel, juntar minhas coisas, se os seguranças de Fyn já

não tiverem feito isso, e pegar o voo mais rápido para os Estados Unidos para que possa voltar a me lamentar sobre o quanto estraguei minha vida.

Que bagunça.

Aperto os olhos e respiro fundo.

Fyn passa o polegar pela minha palma, fazendo pequenos arrepios dançarem pelo meu corpo e estremeço de leve. Ele pressiona a coxa contra a minha.

— Você está bem, amor?

Estou?

Ele acabou de me chamar de “amor”, embora saiba que não devo buscar um significado mais profundo nisso. É um termo comum de carinho por aqui. E não posso deixar a palavra subir para a cabeça, que já está girando.

— Na verdade, não sei.

Não sei de nada agora. Nem mesmo para onde estamos indo.

As ruas estreitas de paralelepípedos nesta parte de Lovolia são tão diferentes das da área mais turística perto do meu hotel.

— Ah, merda. — Olho para Fyn, o pânico esvaziando meus pulmões com pressa. — E minhas coisas? Elas estão no hotel.

— Não se preocupe. Enviei alguém para pegá-las — o homem de cabelo escuro no banco do passageiro da frente diz, se virando para nós.

— E o pessoal do hotel vai entregar meus pertences pessoais para quem você enviou sem minha permissão? — Arqueio uma sobrancelha para ele.

Ele sorri para mim e balança a cabeça, o movimento expondo um lampejo de uma tatuagem que não consigo distinguir em seu pescoço.

— Acho que você esqueceu quem é a pessoa que está sentada ao seu lado.

Droga. Ele tem razão.

Fyn... *Fynix Michael Elander Yates* é o príncipe herdeiro, o próximo na linha de sucessão ao trono de uma das últimas verdadeiras monarquias remanescentes no mundo. Óbvio que ele poderia pegar qualquer coisa que quisesse de qualquer um que quisesse sem nenhum problema.

— Traremos tudo para o palácio. — Ele se inclina e roça os lábios na minha orelha.

— É para lá que estamos indo?

Seu corpo fica um pouco tenso e ele se afasta.

— Sim. Chegaremos lá em um instante. Lovolia não é muito grande.

— Eu sei. Fiz uma pequena pesquisa enquanto estava em casa.

— Fez? O que descobriu? — Ele levanta uma sobrancelha para mim.

Mais do que gostaria.

Porém, não vou citar de novo a mulher com quem o vi na foto. Parece ser um assunto delicado e estou tentando com todas as forças acreditar que ela não significava nada e que ele foi forçado pelos pais a fazer aparições públicas com ela, como alegou. Que ela está no passado enquanto ele quer que eu seja o futuro.

Respiro fundo e olho pela janela para a arquitetura antiga influenciada por tantas culturas diferentes ao longo dos anos.

— Que a família de seu pai está no controle do país há duzentos e cinquenta anos. Que ele conheceu sua mãe em Oxford e ela é duquesa, prima em segundo grau da rainha Elizabeth.

— Você fez *mesmo* sua lição de casa — ele sorri.

— Queria saber mais sobre você, para me ajudar... não sei... a tentar processar o que aconteceu. — Dou de ombros e tento parecer o mais indiferente possível.

— E ajudou?

— Não exatamente — respondo, dando risada. — Meio que me fez querer saber mais.

— Então, pergunte. — Ele olha para frente pelo para-brisa. — Estaremos no castelo em quatro minutos e teremos que enfrentar meus pais e algumas perguntas desconfortáveis. Então, esta é sua oportunidade, pelo menos por agora.

Mil perguntas disparam pela minha cabeça, todas as dúvidas que tive por tanto tempo, mas nunca pensei que teria a chance de perguntar. Mas, em vez de algo profundo e significativo, uma coisa estúpida em que estive pensando se lança para o primeiro plano da minha mente.

— Por que você não tem muito sotaque? Encontrei alguns

vídeos de seu pai discursando e ele definitivamente tem um que soa um pouco britânico. O seu não é tão pronunciado. É bem sutil.

O homem no banco do passageiro da frente solta uma risada e lança um olhar para Fyn.

— Qual é a graça? — Observo os dois.

— É um ponto de discórdia. — Fyn suspira e encolhe os ombros. — Minha mãe é da Inglaterra. O meu pai, é daqui. Fui educado em vários lugares ao redor do mundo, incluindo Reino Unido, Estados Unidos e Itália, o que me expôs a muitos idiomas e sotaques diferentes. Meio que desenvolvi o meu próprio.

— Então, seus pais não estão felizes com isso.

Ele solta uma risada.

— Meu pai, às vezes, diz que pareço um norte-americano devido a todos os programas de TV de lá que eu costumava assistir.

— Não somos tão ruins assim.

— Pois é... — Ele dá um pequeno sorriso. — Eu sei. Mas os turistas têm uma certa reputação por aqui.

— Aposto que sim.

Como aqueles que se embebedam, acabam parando na praia privada real e transam com o príncipe sem ter a menor ideia de quem ele é...

A SUV desacelera do lado de fora de um imponente par de pesados portões de ferro que bloqueiam nosso caminho, e me inclino para frente para olhar, mas não consigo ver muito além da estrada inicial.

Fyn aperta minha mão com mais força e acaricia minha palma. Aquela mesma pequena faísca que senti há tanto tempo quando nos tocamos reacende um fogo tão quente que ameaça queimar tudo ao nosso redor, deixando nada além de cinzas. Se não estivéssemos prestes a entrar no palácio e enfrentar a maior obstáculo de qualquer futuro em potencial, provavelmente estaríamos transando no banco de trás nem ligando para os dois homens na frente.

Os portões se abrem com um rangido e avançamos devagar. Então Fyn estende a mão e segura minha bochecha, virando meu rosto para ele.

— Quero que saiba que não importa o que aconteça quando entrarmos lá, não importa o que minha mãe, meu pai ou qualquer outra

pessoa possa fazer ou dizer, você está onde deveria estar. Aqui, comigo. Vamos resolver tudo isso, amor. Prometo.

Ele pressiona a testa contra a minha e me inclino um pouco, depois ofereço um pequeno aceno de cabeça. Suas palavras trazem uma sensação de que aquilo é algo *certo*. Não importa quão desconfortável possa ser, teremos um ao outro.

— Está bem.

Ele diz as palavras com convicção, ou, pelo menos, acredita nelas, mas o aviso só traz um lembrete das diferenças muito reais entre nós e das complicações muito reais que vamos enfrentar. Assim que peguei sua mão e entrei nesta SUV, estava entrando em um mundo muito diferente... um que talvez nunca entendesse.

Não sei o que estou fazendo aqui com esse homem, mas no momento, parece certo.

Só espero que continue assim...



FYNIX

No momento em que paramos na entrada privada do palácio, um peso de chumbo se instala em meu estômago e meus ombros ficam tensos. Aperto a mão de Bridget na minha outra vez, tanto como um sinal de apoio e solidariedade quanto para me manter firme. O aviso que dei a ela não é suficiente para o que enfrentaremos quando entrarmos por aquela porta, mas se eu contasse a verdade, ela não teria deixado aquela praia comigo.

Ir embora sem ela, outra vez, nunca foi uma opção.

Todo esse tempo, estive agindo conforme as expectativas dos meus pais, seguindo suas ordens à risca, embora incapaz me livrar da sensação de que tudo estava errado. No instante em que vi Bridget na areia, tudo pareceu *certo*.

Mas logo não será mais.

Lev sai da SUV e abre a porta para mim, oferecendo-me um meio sorriso em reconhecimento do que está prestes a acontecer. Se

houvesse outra maneira de fazer isso, ou uma opção de fugir do país e me esconder em algum lugar até que a situação se resolvesse, faria isso em um piscar de olhos. Mas só pioraria as coisas.

Estendo minha mão para Bridget e ela a pega. O calor de sua palma contra a minha me centra de certa forma, ajudando a me preparar para o que enfrentaremos. A ajudo a sair do carro e espero um momento antes de entrarmos.

— Preparada?

Seu sorriso não alcança seus olhos, mas ela acena com a cabeça, decidida.

Lev pressiona a mão na orelha enquanto um dos outros guardas transmite algo através do microfone, depois me lança um olhar conhecedor.

— Seus pais estão esperando por você na Sala de Leitura.

Inspiro fundo e faço um movimento para que ele fique para trás. Ele testemunhou o suficiente das minhas discussões com meus pais. Não precisa ver outra.

— Tem certeza?

Sei o que ele está perguntando... se o quero lá para apoio moral, mas o que preciso, é que eles entendam e deem a Bridget e a mim a chance de descobrir o que é essa coisa entre nós em nosso próprio tempo.

A probabilidade de isso acontecer é quase nula.

Lev abre a porta para nós e os olhos de Bridget se arregalam enquanto atravessamos o chão de mármore até o saguão de nossa residência particular. Vamos em direção à Sala de Leitura.

— Farei um passeio completo assim que vermos meus pais.

— Está bem. — Ela acena a cabeça de forma rápida, a expressão admirada enquanto absorve tudo ao nosso redor. — Caramba, Fyn... — Ela acena com a mão para a opulência.

Engulo o nó em minha garganta.

O lugar está longe da realidade dela.

Pelo que pude descobrir sobre ela depois que partiu, isso está tão distante de sua criação quanto poderia ser. Vindo de uma família de classe média no Colorado, filha de um cervejeiro e de uma dona de casa, é improvável que já tenha visto algo como o palácio... exceto talvez na televisão.

O que pode ser o suficiente para fazê-la correr.

Ela não terá ideia de como cumprimentar meus pais. Isso é uma coisa que posso fazer para facilitar esse encontro.

— Bridget, a forma correta de se dirigir aos meus pais na primeira vez que for apresentada é “Vossa Majestade”. Depois disso, é “senhora” ou “senhor”. — Sustento seu olhar até que ela concorde com a cabeça.

Coloco minha mão na parte inferior das suas costas em um gesto de conforto e apoio, respiro fundo e abro a porta da Sala de Leitura. Minha mãe ergue os olhos do jornal no colo. Meu pai se levanta do assento ao lado dela e pousa o livro que estava lendo na pequena mesa. Ambos os olhares disparam no mesmo instante para Bridget, que se mexe nervosa ao meu lado.

Porra.

Ela não tem ideia do que fazer na presença deles e não a preparei. Este não é o mundo dela e a arrastei para ele sem um curso intensivo. Não tinha considerado isso, apenas foquei em quais seriam as reações dos meus pais e como lidar com elas.

Fecho a porta atrás de mim e insisto para Bridget adentrar mais na sala. Estamos aqui agora, então não há como escapar do inevitável.

— Mãe, pai... — sorrio. — Esta é Bridget Cavanaugh. Ela é... — olho para ela, pressionando minha mão em suas costas com mais força — ... uma velha amiga com quem me reencontrei recentemente.

Meu pai estreita os olhos para Bridget, enquanto minha mãe a examina com um olhar perspicaz. Bridget dá um passo à frente para fazer uma meia reverência que me leva a reprimir um sorriso.

— É uma honra conhecê-los, Vossas Majestades...?

Nervosa, ela me olha por cima do ombro, e sufoco meu riso com as costas da mão enquanto minha mãe faz o mesmo. Com o rosto sério, meu pai observa a falha constrangedora de Bridget.

— Então, essa é a garota? — Ela se recosta na cadeira.

— Que garota? — Meu pai desvia o olhar para ela.

— Aquela pela qual ele está tão apegado. — Juntando os lábios, minha mãe se recosta um pouco mais na cadeira. — A razão pela qual ele tem agido estranhamente há quase um ano.

Ela ergue uma sobrancelha para Bridget, que se encolhe. Então passo meu braço em volta dela e a aperto de leve.

— Não culpe Bridget pelo meu comportamento. Vocês dois já não estavam felizes com isso muito antes de ela entrar em cena.

A rainha faz uma careta para mim, enquanto os lábios do meu pai se achatam em uma linha implacável. O aperto firme de sua mandíbula dando todos os sinais de alerta.

Isso aqui vai piorar... rápido.

— Fynix, por favor, mostre a saída à sua amiga para que possamos conversar em particular.

Estremeço. Como se a mandíbula cerrada não fosse ruim o suficiente, se ele quer Bridget fora da sala, é porque está prestes a ficar furioso. Mas também não posso dizer não a ele. Não agora. Não quando preciso que aceitem isso, *nós dois*.

Viro Bridget em direção à porta e ela olha por cima do ombro para eles. O sorriso que ela oferece a ambos é genuíno, mesmo que tenham sido menos do que acolhedores.

— Senhora, senhor, foi um prazer conhecê-los.

Ela faz uma reverência completa desta vez e a acompanho até o corredor. Qualquer humor em torno da situação desapareceu assim que vi aquele olhar no rosto do meu pai.

Lev está a algumas portas de distância, conversando com Manuel, e faço um gesto para ele.

— Por favor, leve Bridget para a cozinha e providencie alguns refrescos para ela enquanto termino de conversar com meus pais.

— Tão ruim assim? — Seu olhar se lança em direção à porta fechada.

Dou a ele um aceno breve e ele faz um gesto indicando o corredor.

— Srta. Cavanaugh, se puder me seguir.

Ela hesita, olhando para mim de cabeça baixa, como se tivesse medo de me encarar. O medo já está dominando a alegria fugaz que vi em seu olhar há apenas uma hora, quando nos reencontramos naquela praia. Agarro a mão dela e a aperto.

— Prometo que não vou demorar. Há algumas coisas que preciso resolver com meus pais que não têm nada a ver com você.

— Isso com certeza parecia ter muito a ver comigo.

— Não. Há anos de questões não resolvidas por trás da hostilidade deles. Conversaremos assim que terminar, prometo. — Dou

um beijo em sua têmpora e volto para entrar na sala, pronto para a batalha.

Meus pais permanecem impassíveis, aguardando meu retorno. Meu pai faz uma careta e balança a cabeça.

— Sério, Fynix? Você a trouxe aqui? Um de seus brinquedinhos?

— Não é assim com ela, e o senhor sabe que não faço isso há anos. — Olho para ele e cruzo os braços.

— Então, quem é ela? — O nariz da minha mãe enruga como se houvesse um cheiro ruim na sala. — Além de um pedaço de lixo americano de um parque de trailers.

— Não fale assim dela! Eu me importo com ela. — Dou um passo em direção a eles, flexionando os punhos ao lado do corpo.

— Você se *importa* com ela? — As sobrancelhas do meu pai sobem. — O que *isso* quer dizer? Seja qual for o flerte, não pode continuar. Você se divertiu com essa garota há um ano, o que deixou sua mãe e eu em uma posição desconfortável com rei Reginald e a filha dele. Um deslize que tentamos remediar, apesar de seus melhores esforços para nos frustrar.

— Fiz tudo o que o senhor pediu. Participei de eventos com ela. Sorri para as câmeras. O que mais quer de mim?

— Que tal você agir como se gostasse da garota com quem vai se casar, Fynix?

— Esse é o problema, mãe. Não quero apenas gostar da pessoa com quem vou me casar.

Eu nem gosto *dela*.

— Então sugiro que coloque o lixo para fora e comece a abrir seu coração para Abigail. Porque o casamento está chegando, quer você goste ou não. E ponto final.



CAPÍTULO 8

FYNIX

Aproximando-me da cozinha em nossa residência particular, me obrigo a fazer uma pausa e respirar fundo. Bridget me ver abalado só vai piorar as coisas.

Graças a Deus, ela não estava presente nessa conversa.

Sabia que isso não seria fácil, mas nunca imaginei que meus pais seriam tão voláteis. Não é nenhum grande segredo que não quero seguir o caminho traçado por eles. A rebelião está no meu sangue desde o nascimento, fosse me recusando a fazer a lição de casa atribuída por um tutor quando não estava em um internato ou me comportando de maneira inapropriada em eventos públicos para causar uma cena internacional. Eles provavelmente presumiram que superaria isso e, de muitas maneiras, superei.

Assumi minhas responsabilidades e me comportei como esperado em público, mas quando se trata da minha vida pessoal e com quem escolho estar... o rei e a rainha precisam aceitar que isso não se enquadra nos poderes da monarquia.

Embora haja algumas coisas que não posso mudar. Mas eu, com certeza, posso tentar.

Sussurros flutuam para fora da cozinha e entro, então encontro Lev encostado no balcão onde Bridget se senta com uma xícara, do que parece ser chá, apertada com força entre as mãos tensas. Seus olhos

verdes suaves encontram os meus e ela sabre um sorriso cauteloso.

Lev se vira para mim e levanta uma sobrancelha.

— Está tudo bem?

Longe disso.

Lanço um olhar para ele para dizer que não é algo que vou discutir na frente de Bridget. Pelo menos, não por enquanto. Não podemos ignorar a realidade da nossa situação por muito tempo, mas esta noite deve ser feliz... para nós dois.

Enfim estamos aqui, no mesmo lugar. Temos uma segunda chance de explorar o que quer que seja isso entre nós. Podemos desfazer o que estraguei ano passado.

Assim espero... Quando ela disse que as coisas seriam uma complicação real, não fazia ideia do quanto estava certa.

— Venha. Quero te mostrar o palácio. — Estendo a mão para ela.

Lev assente com a cabeça. Ele vai me dar o espaço que preciso para conversar com ela enquanto ainda faz o trabalho dele. A segurança é tão rígida ao redor do palácio que os jardins são um dos únicos lugares que posso ir para ficar longe de todos sem Manuel se preocupar com a minha segurança. O homem é vigilante pra caramba, e sempre que Lev me dá algum espaço para respirar, termina em uma briga. Mas ele está de folga esta noite, então, por enquanto, devemos evitar qualquer drama desnecessário... pelo menos no que diz respeito à minha guarda.

Bridget se levanta e desliza a mão na minha, agarrando-a como uma tábua de salvação que ela estava esperando. De certa forma, talvez, eu seja. Não deve ser fácil estar aqui, encarando meus pais, sendo monitorada.

Aperto sua mão e a conduzo por vários corredores até os fundos do palácio. Passamos pelo banheiro que usei para dar o perdido em Lev naquele dia fatídico. O lugar que nunca mais poderei usar porque Manuel consertou o alarme da janela pouco depois, então saímos pela porta dos fundos até o jardim.

Bridget inspira fundo e olha para mim.

— Está tudo bem com seus pais?

Se alguma vez já existiu uma pergunta difícil, é essa.

As coisas não estão *bem* com meus pais há muito tempo. Esta é apenas mais um detalhe em uma longa linha de desgraças que acham

que infligi a eles porque quis.

Poderia mentir para Bridget, garantir que todos estão bem e que somos uma família feliz, mas algo me diz que ela veria através de mim. E não *quero* mentir para ela. Sobre nada. Há coisas que não posso contar a ela, coisas que não posso ou escolho não dizer, porque isso vai machucá-la demais. Mas me *recuso* a mentir para ela.

Suspirando no ar noturno cada vez mais frio, respondo da forma mais sincera possível.

— Na verdade, não.

Ela puxa o lábio inferior entre os dentes. Quase posso ouvir seu debate interno. De repente, para no meio do caminho.

— Talvez tenha sido uma má ideia. Eu vir aqui com você.

Ah, inferno.

Não é que não tenha previsto isso, mas esperava que tivéssemos mais tempo antes que seus receios emergissem. Tempo para descobrir o que somos e que tipo de futuro podemos ter. Tempo para eu descobrir se há uma *maneira* de ter o que quero.

Com carinho, deslizo um dedo sob seu queixo e inclino seu rosto até que os olhos encontrem os meus.

— Não foi uma má ideia. Você está exatamente onde deveria estar. Aqui. Comigo.

— Mesmo? Porque tudo isso é... demais.

Demais... Esse é o eufemismo da década.

Mas nunca tive tanta certeza de algo na minha vida.

— Sim, sério. Bridget, estar aqui com você é o mais... livre que já senti em um ano, apesar de meus pais estarem... nada empolgados. Esse é o seu lugar. Vou provar para você, se me deixar.

Seus lábios perfeitamente rosados se curvam devagar.

— Está bem.

— Ótimo.

Se ela tivesse dito não, não tenho certeza se conseguiria vê-la partir. Vamos mais fundo nos jardins em direção ao centro. Um silêncio toma conta enquanto a última luz do dia se desvanece ao nosso redor.

— Do que você e Lev estavam falando?

— De você. — Ela dá um sorriso tímido.

— Sério? Espero que só coisas boas.

Sua risada leve em resposta eleva meu ânimo mais do que

pensava ser possível, dada a audiência que acabei de ter com meus pais.

— Tenho que me lembrar de não a deixar sozinha com ele no futuro. — Inclino-me para roçar meus lábios em sua orelha. — Ele sabe onde todos os corpos estão enterrados.

Ela me dá um tapa brincalhão e ri.

— Vocês dois têm uma amizade muito próxima, hein?

— Sim. A avó dele, Mira, era minha babá, e ele nasceu cerca de seis meses depois de mim. Quando estava aqui no palácio, éramos mais como irmãos do que amigos.

— E seus pais não tinham problemas com isso? Você ser amigo do neto da babá?

Tendo em mente as atitudes rudes dos meus pais em relação a ela, entendo a pergunta de Bridget.

— Não foi assim com Lev. Meus pais sabiam que podiam confiar na família dele de forma total e absoluta porque estão conosco há muito tempo. Presumiram que Lev acabaria como membro da Guarda Real ou em algum outro papel no palácio, então quanto mais tempo passávamos juntos, mais preparado ele estaria.

Ela assente devagar, embora não consiga conceber como seria crescer aqui. Lev era a única outra criança com quem eu interagía com frequência quando estava em casa. Sendo que quando estava na escola, os guardas que me acompanhavam para garantir minha segurança mantinham todos à distância.

É algo que você não pode compreender se não tiver vivenciado, mas a ânsia dela de tentar, aquece minha alma.

— É por isso que Lev tem tatuagens quando os outros guardas não têm? Pois há regras especiais para ele?

Dou risada e concordo com a cabeça.

— Ninguém seria capaz de impedir que Lev fizesse tatuagem nem se tentassem. Ele tem seu próprio conjunto de regras. Contanto que sua tatuagem não fique visível, ele pode tê-la, mas quando se trata dos outros guardas, eles não são permitidos, mesmo em áreas privadas.

— Isso não parece justo.

Olho para ela.

— Não é, mas fazem exceções e muitas vezes quebram as regras por Lev e Mira.

Ela não responde à informação que acabei de dar, apenas

continua a absorver todos os detalhes das flores, árvores e arbustos ao nosso redor.

— O jardim é lindo.

— Se estou preso aqui e não posso ir à praia, este é o meu lugar favorito para relaxar.

— Posso ver o motivo. — Ela sorri para mim.

— Você ainda não viu nada. — A puxo por um caminho à esquerda e paro. — Isso é o que queria te mostrar.

Bridget encara o que está diante dela e estreita um pouco o olhar.

— Isso é... um labirinto?

— Sim.

— Nem sabia que essas coisas eram reais. Só vi um na TV.

Fico atrás dela e envolvo meus braços em volta de sua cintura, apoiando meu queixo em seu ombro.

— Não sei sobre os da TV, mas este é real. Meu avô mandou construir para minha avó há quase cem anos porque ela adorava quebra-cabeças, mas...

— Mas?

— Mas ela resolveu em menos de uma hora — respondo, virando-a de frente para mim.

— Presumo que era para demorar mais? — Os olhos de Bridget se arregalam.

Rindo, faço que sim com a cabeça.

— O profissional que projetou disse ao vovô que esperava que levasse pelo menos meio-dia. Comecei a vir sempre aqui com Lev para me esconder dos guardas. — Sorrio. — Eles não eram espertos o suficiente para resolver.

— Eles não entravam em pânico quando não conseguiam te encontrar? — Ela ri.

— Ah, sim. Manuel nos repreendia pra caramba todas as vezes, mas isso não nos impediu. — Aposto que não.

— Então, vamos. — Faço um movimento em direção à entrada. — Você lidera.

— Eu? — Suas sobrancelhas se erguem ao olhar para o labirinto. — E se me perder?

Uma risada brota na minha garganta.

— Não seria muito divertido se te levasse pelo caminho certo, não é, amor? Além disso, se não reaparecermos dentro de uma quantidade razoável de tempo, Lev virá nos buscar.

Ela se desvencilha do meu aperto e caminha para dentro das sebes grossas que se elevam cerca de sessenta centímetros acima de sua cabeça, depois olha para a esquerda e para a direita.

— Direita?

Dou de ombros com indiferença, tentando não revelar se essa é a direção certa.

— Você decide.

Depois de uma fração de segundo de hesitação, ela pega o caminho da direita, sorrindo para mim por cima do ombro.

A sigo enquanto explora o labirinto, chegando a becos sem saída e dobrando de volta até que enfim pega o caminho que leva ao lugar que pretendia o tempo todo. Viramos a esquina em torno das sebes altas e chegamos ao centro do labirinto.

As glicínias se erguem sobre o mirante branco, flores roxas vibrantes descendo em cascata pelos galhos pendurados, envoltas em pequenas luzes cintilantes lançando um brilho suave que atravessa a noite escura.

— Uau. — Bridget fica boquiaberta com o gazebo, abrindo e fechando a boca, como se procurasse as palavras certas. — É lindo.

Enrolo meus braços em volta dela por trás e a encosto contra mim, tentando ver a vista de sua perspectiva, em vez daquela da qual já a vi tantas vezes antes.

— Você é linda.

— Não foi isso o que quis dizer. — Ela se vira em meus braços para me encarar. — Eu... eu amei. É realmente impressionante. Mas acabei de me fazer de boba na frente dos seus pais. Não faço ideia do que deveria fazer ou dizer. Acho que não devo ficar aqui.

Minhas mãos começam a tremer, a possibilidade muito real de que ela possa ir embora deixando todo o meu corpo tenso.

— Essas formalidades que você acha tão importantes na verdade não significam nada na residência particular. Aquelas duas pessoas são, no final das contas, apenas minha mãe e meu pai em sua casa.

— Mas eles *não são* apenas sua mãe e seu pai. Eles são o rei e a

rainha. Como sequer devo chamá-los? Altezas ou Majestades? — Os olhos dela se arregalam. — Ai, caramba. Devo chamar você de Vossa Alteza?

Bridget deixa cair o rosto na minha camisa e geme. Um rosnado baixo vibra no meu peito e levanto sua cabeça até que ela esteja olhando para mim.

— O que foi?

Arrasto meu polegar por seus lábios e pressiono meu corpo contra o dela para que possa sentir minha ereção crescendo.

— Estou te imaginando dizendo isso enquanto meu pau está enterrado em você.

Um suspiro escorrega entre seus lábios, mas a beijo antes que possa responder, movendo minhas mãos para segurar sua bunda. Sua boca se abre e minha língua desliza para se emaranhar com a dela. Ela prende os braços em volta do meu pescoço, entrelaçando os dedos no meu cabelo e se levantando nos dedos dos pés.

Vamos em direção ao mirante, devorando sua boca com uma fome feroz que nunca senti antes. Seus tornozelos batem nos degraus e ela tropeça, mas a seguro firme, meus braços em volta de sua cintura.

— Peguei você, Bridget. Não vou te deixar cair.



BRIDGET

Não vou te deixar cair.

É tarde demais para isso.

Fiquei caidinha por ele e bem rápido naquela praia há um ano. Apesar de todos os meus melhores esforços para me reerguer, para agarrar e cravar minhas unhas em qualquer coisa que pudesse para tentar encontrar uma maneira de superar isso, não consegui. Seguir em frente sempre esteve fora de alcance, e agora que estou em seus braços de novo, não sei se algum dia conseguiria.

Ou se sequer é possível.

Suas mãos deslizam até meus quadris e me levantam com

facilidade, e envolvo minhas pernas em volta de sua cintura, pressionando seu comprimento duro exatamente no lugar certo. Ele emite um gemido profundo e masculino que reverbera através de seu peito contra o meu e em seguida sobe os dois degraus de uma só vez até o grande gazebo de madeira tomado pelos galhos roxos das glicínias.

Lábios quentes e ansiosos se movem com confiança sobre os meus enquanto seus dedos cravam nos meus quadris, me segurando com força contra ele. Fyn se inclina e me abaixa em um banco acolchoado, acomodando minha cabeça contra uma almofada.

Seus beijos são lentos e ele puxa a cabeça para trás até encontrar meu olhar. Minha respiração fica ofegante e suspiros pesados sopram dos nossos lábios. Parece que nos encaramos para sempre, o zumbido suave de todas as criaturas que saem à noite em um jardim nos cerca e fornece a trilha sonora.

Fyn passa as pontas dos dedos pela parte interna da minha coxa exposta, fazendo um arrepio me atravessar, por instinto, fecho as pernas, prendendo a mão dele ali.

Ele sorri e abaixa a cabeça para dar um beijo reverente nos meus lábios que logo se torna ardente outra vez. Solto meu aperto em sua mão e ele a move ainda mais alto. Então arranco minha boca da dele.

— E se alguém vier aqui?

Um brilho travesso que nunca vi antes surge em seus olhos e o sorriso dele se alarga.

— Ninguém vem aqui. Confia em mim. Esse lugar é mais isolado do que qualquer outro do palácio. E embora mal possa esperar para ter você na minha cama, para te levar a todos os cantos do mundo, preciso de você *agora*, amor. Preciso sentir seu coração batendo rápido. Preciso te ouvir, implorando por mais. Preciso que suas unhas arranhem minhas costas enquanto meto em você. Sua boceta apertando e ondulando ao longo do meu pau enquanto você goza.

Putá merda.

Meu clitóris lateja com força com suas palavras e pressiono minhas coxas juntas, prendendo sua mão outra vez. Ele sorri contra meus lábios e se inclina para trás.

— Você está corando, Bridget. Gosta quando falo assim?

— Aham...

—Bom. — Fyn ri e insiste para que minhas coxas se abram para que ele possa mover a mão mais alto. — Porque mal posso esperar para te contar todas as coisas que sonhei em fazer com você no último maldito ano.

O leve toque das pontas dos dedos sobre a fina faixa de tecido que cobre o local onde mais quero que ele esteja, faz meus quadris se curvarem contra seu corpo firme quase violentamente. Faz tanto tempo.

Muito tempo.

Apenas lembrando e sonhando com seu toque. Desejando...

Precisando disso.

— Caramba, Bridget. — Ele desliza os dedos por baixo da calcinha e a empurra para o lado. — Você está molhada pra caralho. Tão pronta pra mim.

E a evidência de que ele também está pressiona contra a minha perna.

Seus dedos deslizam pela minha excitação e um rosnado baixo e possessivo desliza de sua boca para a minha antes de ele voltar a me beijar, roubando o ar dos meus pulmões e minha capacidade de pensar. Ele puxa meu lábio inferior entre os dentes e mordisca de leve.

— Quero ouvir você dizendo o que quer, Bridget. — Sem pressa, seu dedo desliza e faz círculos sobre meu clitóris, não com firmeza suficiente para me fazer gozar, apenas o suficiente para me deixar estimulada e desesperada. — Me diz, amor.

Adoraria que essa fosse uma resposta fácil. Mas tantas outras diferentes rodopiam na minha cabeça enevoada pela luxúria. Então, apenas uma sai dos meus lábios.

— *Você.*

Ele desliza o dedo para dentro de mim com facilidade, e me fecho em torno dele em um impulso, precisando do atrito, da tensão, de uma liberação de tudo o que se acumulou ao longo do último ano. E Fyn parece entender que preciso de ainda mais. Ele desliza um segundo dedo para dentro de mim, e minha cabeça cai para trás.

— Puta merda. Sim!

Seus dedos experientes se enrolam no meu ponto G e começam a bombear, seu polegar se movendo no mesmo ritmo contra o meu clitóris. Meus quadris rebolam contra sua mão e ele esfrega seu pau

duro contra minha coxa, provocando-me por estar tão perto.

— Não é... não é... não é suficiente. — Jogo a cabeça de um lado para o outro.

Ele afasta a mão, puxando os dedos para fora de mim, então gemo e abro os olhos para encontrar fogo queimando nos dele.

— O que mais você quer, Bridget?

— Eu te disse... *você*.

Arrasto minha mão até a protuberância na frente de sua calça e seguro seu pau duro. Ele geme baixo e cerra os dentes, deslizando para longe de mim e fora do meu alcance. Ergo-me para protestar contra sua partida abrupta, mas ele se acomoda no banco, abrindo os braços na parte de trás e ergue uma sobancelha, o pênis esticando contra o zíper.

— Então venha me pegar.

Foi a única coisa em que pensei hoje. Com a qual sonhei. A qual quis por tanto tempo. Ter isso bem na minha frente nem parece real, é mais como se estivesse em um sonho cercada pelas flores roxas e pelas luzes cintilantes, com o homem que quero esperando por mim.

Minhas pernas tremem com violência quando subo no banco e vou até ele, então monto em sua cintura. Suas mãos se movem para meus quadris e apertam de leve, mas há uma fome em seus olhos que me diz que ele não quer gentileza. De jeito nenhum.

Eu também não.

Já tive segurança e gentileza. Tive ambos e isso me quebrou, uma e outra vez. A única vez que *eu* me libertei disso como adulta foi há um ano com este homem naquela praia, e isso me assombra desde então.

Estendo a mão entre nós e desabotoo sua calça. Meus dedos tremem com a antecipação enquanto arrasto o zíper, então enfio a mão para libertar seu pau. No momento em que minha mão se fecha em torno da carne dura e quente, ele solta um gemido cheio de tesão e pressiona os lábios nos meus, exigente, brutal, mas é exatamente o que quero. O que sempre quis desde o momento em que o conheci naquela praia. O jeito imprudente, do tipo “pegue o que quer”, de viver minha vida, só me permiti fazer isso aquela única vez.

Suas mãos deixam meus quadris por um momento e ele ergue o corpo do banco com facilidade para abaixar a calça, liberando-se por completo para mim. Agarro com força e acaricio seu comprimento,

passando o dedo pela gota de excitação já escorrendo da cabeça.

— Caralho, Bridget... — suas palavras saem rosnadas, seus lábios mal roçando os meus. — Porra, isso é incrível, amor.

Me diga o que quer...

É a questão que tem passado pela minha cabeça desde o momento em que o vi pela primeira vez na praia hoje. No momento em que percebi pela primeira vez que era uma possibilidade quando pensei que não havia esperança.

Você...

É a resposta que acabei de dar a ele, mas traz uma enxurrada de outras perguntas. Aquelas que tento afastar.

Até que ponto ele acha que isso vai chegar? Que futuro possível podemos ter quando ele é quem é e eu sou quem sou?

— E quanto a você, Fyn? O que você quer?

Ele se afasta e captura meu rosto nas palmas das mãos, segurando meu olhar firme no dele e responde sem hesitar.

— Apenas você.

Antes que suas palavras processem por completo, ele me beija de um jeito doce, quase com reverência, como se tudo o que quisesse fazer fosse adorar minha boca pelo resto de sua vida.

E quero deixar que o faça.

Levanto meus quadris e alinho seu pau, então me afundo nele bem devagar, minha boca se abrindo quando arfo. Ele me enche, me esticando.

Tão grande e tão apertado assim. Porra...

Ele mal está dentro de mim e minha cabeça já gira. Dedos duros apertam meus quadris e ele empurra os dele para cima, me empalando e se enterrando fundo dentro de mim, tanto que é como se estivesse alcançando minha alma.

— Doce inferno, Bridget, sua boceta é fantástica.

Suas palavras murmuradas contra meus lábios me tiram do meu atordoamento momentâneo, e a necessidade de me mover me leva a levantar e afundar outra vez, iniciando um ritmo lento e balançando minha pélvis contra a dele a cada impulso para baixo.

Ele beija minha bochecha até a orelha e mordisca enquanto outro gemido desliza de seus lábios.

— Porra, Bridget... — Os quadris dele impulsionam para cima

para encontrar os meus enquanto desço. — Assim mesmo. Pegue tudo o que quiser de mim. Terei prazer em lhe dar tudo o que tenho.

É exatamente o que queria ouvir por tanto tempo. As palavras que nunca pensei que escutaria. Mas uma parte de mim hesita por um milissegundo.

Talvez tudo isso seja algum tipo de sonho, ou talvez um pesadelo projetado para me acalmar em uma falsa sensação de segurança apenas para arrancá-lo de mim outra vez.

— Bridget... — Ele puxa meu rosto para o dele novamente. — Para onde sua mente acabou de ir, amor?

— Para lugar nenhum. Estou aqui.

Seu aperto no meu rosto intensifica e ele desliza uma mão para a parte de trás da minha cabeça, então envolve meu cabelo em volta do pulso, puxando para inclinar minha cabeça para trás.

— Que bom.

Ele empurra para dentro de mim de novo e puxa ainda mais minha cabeça para trás, expondo meu pescoço. Depois o beija enquanto continuo a montá-lo, subindo e descendo com a mão dele no meu quadril, me incitando a continuar com cada vez mais força e mais rápido.

Me movo para frente a cada estocada, esfregando meu clitóris contra sua pele quente e a base de seu pau. Não demora muito para que a sensação lenta e quente de um orgasmo que se aproxima corra pela minha pele.

— Minha nossa... eu vou... eu vou...

— Sim, Bridget. Goze para mim. Faz muito tempo desde que vi seu lindo rosto enquanto meu pau se enfiava em você e desde que a vi gozar nele.

Ele me penetra em impulsos implacáveis, contraindo os quadris e segurando meu cabelo, me segurando no lugar enquanto me dá outro beijo ardente. Sua língua se entrelaça com a minha e a troca frenética me empurra para o limite. Meu orgasmo corre ao meu redor e através de mim. Como um tsunami batendo na costa, ele me empurra de volta, quebrando meu ritmo enquanto cavalgo, mas Fyn continua, me punindo como se não pudesse chegar perto ou profundo o suficiente.

Minha boceta se aperta ao redor dele, agarrando e procurando, e ele mergulha fundo e geme uma última vez.

Desabo com os braços em volta do seu pescoço, meu orgasmo enfim se acalmando quando tudo ao meu redor começa a entrar em foco. Sua respiração quente atinge meu pescoço e ele dá um beijo suave na pele úmida de suor.

Afasto a cabeça de modo bem lento e encontro seu olhar caloroso.

— Bem-vinda ao palácio, Bridget. — Fyn sorri para mim. — Você não tem ideia de como estou feliz por você estar aqui.

— Ah, acho que tenho ideia, sim. — Sorrio para ele e enrolo meus dedos em seu cabelo loiro cor de areia desgrenhado.

Por favor, que o que ele disse antes seja verdade.

Se não for, não sei o que diabos vou fazer.



CAPÍTULO 9

FYNIX

Inferno.

Se o bom Deus me atingisse com um raio agora, morreria um homem feliz. Recém-fodido, com a mulher dos meus sonhos nos braços e ainda no meu pau. O ar fresco da noite gelando o suor que encharca nossa pele. Os ramos de glicínias roxas balançando ao nosso redor com a brisa.

Putá que pariu, estou no Paraíso.

Ela é linda assim: relaxada e sorridente. Recém-fodida é um visual que combinam com essa mulher e pretendo mantê-la dessa forma com a maior frequência possível. Só de saber que ela cheira como eu, que meu gozo ainda está dentro dela, me faz querer transar com ela e marcá-la como uma besta neandertal.

Outra vez.

Seguro seu rosto e ela se inclina para o meu toque, fazendo meu coração bater de modo brutal contra minhas costelas.

— Sou um idiota por não ir atrás de você, amor.

Ela ri, virando a cabeça para dar um beijo na minha palma.

— Ainda bem que foi você que disse, Vossa Alteza. Se fosse eu, um de seus guardas provavelmente viria me prender e me jogaria em uma masmorra em algum lugar, certo?

Seu sorriso me faz rir e não consigo resistir mais. Pressiono

minha boca na dela, precisando do sabor doce que é Bridget em minha língua. Parece que uma vez só não é suficiente para saciar esse desejo desesperado que senti por ela no último ano. Estou afoito para beber da química que pulsa entre nós, para alimentar o fogo. É como se nem sequer um dia não tivesse passado a esse respeito.

Preciso dela mais uma vez. Agora.

Meu pau começa a se mexer, ainda enterrado nela, enrijecendo com as exigências que meu corpo está fazendo, e Bridget me aperta, sua risada suave roçando meus lábios, pelo visto, mais do que preparada para ir de novo também.

Escuto o som de cascalho amassado sob botas ao longo do caminho do jardim e enquanto passos firmes se aproximam me faz congelar e afastar minha cabeça da sua.

Que inferno.

A levanto do meu colo, então enfio meu pau duro e dolorido em minha calça, fechando o zíper e a abotoando enquanto fico na frente dela para bloqueá-la de olhares indiscretos. Ela não está acostumada com nada disso e não quero assustá-la, jogando-a no fundo dessa piscina infestada de tubarões que é minha vida.

De jeito nenhum.

Bridget é a única coisa boa que tenho agora, e uma ótima maneira de manter meus pais longe de mim e acabar com essas ridículas ideias de casamento arranjado deles.

— Fyn? — Bridget questiona, mas antes que possa responder, Lev dá a última volta no labirinto e entra na área do gazebo.

— Vossa Alteza. — Ele se curva e reviro os olhos para sua formalidade... isto é, até ver um membro da guarda se aproximar dele.

Alguma coisa está errada.

Lev nunca traz a Guarda Real junto. A última vez foi quando eles vieram me pegar na praia há um maldito ano. Em geral, Manuel dá a Lev uma certa liberdade quando se trata de mim, permite que ele me proteja da maneira que ele sabe que vou tolerar.

O que quer tenha acontecido, não é bom.

Nem um pouco.

Os pelos na minha nuca se arrepiam.

— Lev? — Ergo uma sobrancelha, esperando que ele me conte o motivo de ter interrompido o que ele sabe que é um momento pessoal

importante. — Qual é o problema?

Bridget se mexe atrás de mim, lembrando-me de nossa posição comprometedora. Não vou envergonhá-la fazendo-a ficar sentada lá, recém-fodida, enquanto discuto com Lev sobre negócios dos quais ela nem sequer deveria ouvir.

Estendo a mão para encontrar a dela e entrelaço nossos dedos para tranquilizá-la de que está tudo bem, mesmo que não esteja. Não permitirei que nada assuste essa mulher de novo. Já passei por isso e não gostei nem um pouco.

— Sinto muito, mas Vossas Majestades precisam falar com o senhor no escritório do Rei... — O olhar de Lev se desloca para Bridget antes de voltar para mim. — E receio que seja um assunto urgente.

O que inferno poderia ser?

Lev tem o bom senso de parecer arrependido por sua intrusão, mas isso não vai impedi-lo de me levar onde quer minha presença seja necessária. Independentemente do que possa acontecer na minha vida pessoal, tenho deveres para com o país e seu povo que têm precedência... mesmo que surjam no pior momento possível.

— Preciso escoltar Bridget até minha suíte. Você pode informar aos meus pais que me juntarei a eles assim que minha convidada estiver confortável. — Trago Bridget para o meu lado e começo a ir em direção ao labirinto para sair.

Lev agarra meu braço para nos deter. Olho para a mão dele. Embora ele possa ser meu amigo mais próximo, ambos sabemos que tocar o príncipe herdeiro de uma maneira tão familiar é proibido. Uma coisa é quando somos só nós dois, mas ele não deveria estar fazendo isso na frente de um membro da guarda.

— O quê? — O imobilizo com meu olhar.

Ele examina a área antes de remover a mão, depois sussurra ao meu ouvido:

— Fyn, é sério. Eduardo acompanhará Bridget até sua suíte. É por isso que o trouxe comigo. Sua presença é necessária com urgência. Receio que a manifestação pró-democracia no centro da cidade esteja ficando fora de controle.

Lev recua para aguardar meu próximo movimento.

Merda. É o que todos temíamos.

A manifestação do Movimento de Libertação de Lovolia está

fora de controle. Esperava que nenhuma agitação emergisse disso, dado que a maioria de nossos cidadãos parece contente e não interessada nos discursos políticos do líder do MLL. Mas, pelo visto, as coisas deram errado. Um contratempo no que de outra forma teria sido a noite perfeita.

Minha discussão anterior com meus pais sobre a possibilidade de enviar um contingente da Guarda Real para o comício como apoio adicional à polícia para ajudá-los a proteger as empresas locais vem à mente. Os adverti que isso poderia ser visto como opressivo, reforçando o argumento daqueles que se opõem ao nosso modo de vida. Impedi que a Guarda Real estivesse lá para ajudar.

Então, devo lidar com as consequências.

Viro-me para Bridget, pegando as mãos dela nas minhas. Seus incríveis olhos verdes encaram os meus com intensidade. Estar ciente de que tenho que deixá-la logo após o nosso reencontro torna isso mil vezes mais difícil. Queria me perder nela, *em nós*, por um tempo e esquecer o mundo exterior. Em vez disso, o mundo está determinado a interferir.

— Está tudo bem, Fyn, vá.

Pressiono meus lábios nos dela em um beijo casto quando tudo o que quero fazer é devorá-la e nunca parar.

Deus, ela é tão compreensiva.

Meu pau pulsa em antecipação, sabendo que ela estará esperando por mim quando eu terminar de cumprir meus deveres.

— Irei assim que puder. Se você precisar de alguma coisa, esse guarda... — aponto para o jovem e ele assume posição de sentido — ... estará em posição do lado de fora da sua porta até eu voltar. Ele está ao seu comando. — Lanço um olhar sério para o guarda a quem acabei de atribuir minha tarefa mais importante. — Você *não* sairá da porta. Caso não tenha alternativa, outro guarda deve assumir seu lugar. A porta da minha suíte *não* será deixada sem vigilância. Entendeu?

— Sim, Vossa Alteza — o guarda responde, se curvando.

Volto a me concentrar em Bridget.

— Sinto muito por te deixar. — Beijo o topo de sua cabeça.

— Está tudo bem, Fyn. Você tem uma nação inteira para cuidar. Eu entendo. Vá. — Bridget aperta minha mão e começa a se afastar.

Agarro seus dedos pelo máximo que posso, ainda não pronto

para vê-la partir. Ela sorri para mim, depois solta a mão e segue o guarda para a esquerda.

As sebes os engolem, então Lev e eu partimos na direção oposta, o caminho mais curto para fora do labirinto, e que nos leva direto ao escritório do meu pai. Ando o mais rápido possível e Lev se apressa para me alcançar até ficar ao meu lado.

— Quão ruim está a situação?

— Terrível pra caralho. — Lev balança a cabeça. — Estão destruindo o distrito comercial. Duas pequenas empresas estão em chamas enquanto falamos. Houve alguns saques.

— Merda. — Deslizo a mão pelo rosto.

Temíamos que esse protesto saísse de controle. Uma coisa é lutar pelo que você quer e pelo que é certo. Um debate político pacífico é bom para o país, para os cidadãos. Posso simpatizar com isso, mas é vergonhoso destruir os meios de subsistência de seus vizinhos e os recursos de sua comunidade para chamar a atenção.

Esse é o tipo errado de atenção.

Apesar de ser solidário com a causa deles e seu direito de se reunir, não suporto ver o país e as pessoas que amo saírem machucadas na briga.

E este é o *meu* país. Esse é o *meu* povo.

Posso não me sentar no trono ainda, mas o sangue de Lovolia corre em minhas veias e em meu coração. Não vou deixar meu país se destruir.

Corremos pelo labirinto, ambos sabendo o caminho de cor a essa altura, e voltamos para o palácio. Minutos depois, chegamos ao escritório do meu pai. Há quase o triplo do número normal de guardas do lado de fora.

Minha nossa! A situação deve estar muito ruim para ele ter aumentado os números ativos dos Guardas Reais.

Os guardas dão um passo para o lado quando Lev e eu nos aproximamos. Um deles abre a porta de madeira maciça e o tom frenético na voz da minha mãe faz com que minha respiração falhe. Corremos para a sala de conferências adjacente.

— Precisamos fazer alguma coisa! — minha mãe grita acima do barulho.

Porra.

Nunca ouvi tanto senso de urgência vindo dela. Os principais conselheiros do meu pai correm como se suas bundas estivessem pegando fogo. O lugar inteiro está um caos total. Nunca vi nada parecido. Meu pai é um comandante rigoroso e espera que seu povo permaneça digno e profissional em todos os momentos. Mas isso aqui é balbúrdia.

A coisa deve ser pior do que pensava.

Examino a parede que contém a TV escondida e vejo o distrito comercial queimar enquanto nossos cidadãos se revoltam nas ruas.

O que diabos está acontecendo? Isso não está certo. Não é assim que os lovolianos agem.

Não temos esse tipo de violência aqui. Somos um país pequeno. Tranquilo.

Junto-me à minha mãe ao lado da sala. Com uma das mãos pressionada sobre a boca e a outra segurando a barriga, ela observa o drama se desenrolar. Sua angústia é palpável.

É um sentimento que compartilho, mas engulo a bile que sobe na minha garganta.

— Mãe... — Olho para o meu pai, que está sentado na ponta da mesa da sala de conferências, com a mandíbula cerrada e um olhar dolorido no rosto enquanto seus conselheiros se revezam para atualizá-lo com as estatísticas mais recentes da cena.

— Ah, Fyn. Isso é devastador. — Ela estende as mãos para mim.

As agarro e a puxo para debaixo do meu braço. Ela se aconchega no meu lado, um soluço estranho escapando de seus lábios.

— Está tudo bem, mãe. Resolveremos isso e ofereceremos ajuda e assistência em qualquer capacidade necessária — meu tom possui mais confiança do que de fato tenho.

Esta é uma verdadeira rebelião. As pessoas estão furiosas. Seja qual for o propósito original da manifestação, ele foi perdido para o extremismo.

— Você já se despediu da sua *amiga*? — Minha mãe arrasta o olhar da TV para mim.

Impossível não notar a ênfase e o desdém que ela usa na palavra “amiga”.

— Se você quer dizer Bridget, pedi a um dos guardas que a escoltasse até minha suíte.

— Entendo — diz, franzindo os lábios. — Então, ela vai ficar?
Não tinha planejado além desse ponto.

No momento em que a vi naquela praia, meu único foco foi conseguir que ela ficasse, para nos dar uma chance. Não podia deixá-la ir embora, e, com certeza, não conseguiria me separar dela de novo.

Não posso mandá-la de volta para aquele hotel, ou para qualquer outro lugar, para dizer a verdade. Tudo o que não preciso agora é que um manifestante descubra que ela é uma maneira de chegar até mim...

— Dado o clima, acredito que seja mais sensato.

Minha mãe estala a língua para minha resposta.

— Fynix, dado o clima, você acha que esta família precisa de outro escândalo em potencial? Se a mídia perceber até mesmo o menor indício de que sua aventura de verão é uma convidada no palácio, nunca teremos um momento de paz até que você esteja noivo de um membro da realeza. E quanto a Abigail?

Solto um longo suspiro, com a intenção de enfatizar meu aborrecimento com o comentário dela.

— Bridget é uma *amiga*, mãe. Uma muito boa, no que diz respeito à imprensa. Ainda tenho permissão para ter uma amizade, ou não?

Chamar Bridget de *amiga* deixa um gosto de cinzas na minha língua. Ela é muito mais do que isso e minha mãe sabe, mas ainda não entendo direito o que somos ou para onde essa coisa entre nós está indo.

E com certeza não vou falar com a minha mãe sobre isso antes de ter essa conversa com Bridget. Mas parece que os manifestantes têm a intenção de garantir que essa conversa não aconteça tão cedo.



BRIDGET

Sigo em silêncio atrás do guarda que Fyn encarregou de me levar para seja lá aonde diabos estamos indo. Diferente de quando

estava explorando as longas sebes e voltas com Fyn no labirinto, desta vez, a caminhada é carregada de mau presságio e uma sensação de desgraça iminente.

Seguimos através do complicado labirinto que nem mesmo o guarda sabe o caminho direito. Deveria ter seguido Fyn e Lev já que memorizaram a rota, mas parte de mim suspeita que eles nos deixaram sair primeiro para que pudessem conversar enquanto se dirigiam para o palácio sem que pudesse ouvir nada.

Não tenho certeza de como me sinto sobre isso, mas não posso esperar que Fyn me deixe ouvir seus assuntos privados.

Depois de duas curvas erradas, enfim encontramos a saída e caminhamos pelos jardins exuberantes que Fynix e eu atravessamos há pouco tempo. Adoraria poder apreciar a beleza ao meu redor, aproveitar a deliciosa aura pós-sexo, mas ela se desfez no momento em que vi a expressão no rosto de Lev.

Lovolia está em caos.

Fui capaz de determinar isso pelo que pude ouvir antes de nos separarmos.

Não me lembro de ouvir nada sobre manifestações ou problemas aqui antes da interrupção desta noite, mas não é como se estivesse a par dos eventos atuais desta nação. Muito pelo contrário. Em especial nas últimas semanas, me forcei a parar de fazer buscas por Fyn ou qualquer coisa sobre Lovolia. Tinha se tornado uma obsessão doentia. Todo o motivo dessa viagem foi para colocar um ponto final nisso.

Mas acho que falhei miseravelmente.

Em vez de dizer adeus à minha obsessão por Fyn, acabei de volta em seus braços... em seu maldito *palácio*.

Não importa quantas fotos tenha encontrado, nada se compara a estar dentro dessas paredes enormes e ver em primeira mão. O prédio se eleva sobre nós quando nos aproximamos e engulo em seco, entrando após o guarda que segura a porta para mim. A opulência que roubou meu fôlego na primeira vez que andei por esses corredores faz isso de novo.

Esta é a casa de Fyn.

Fyn cresceu aqui assim, cercado por essa grandiosidade e dinheiro, pelas formalidades e expectativas.

Não admira que tenha dito que vivia em uma gaiola dourada.

Quando falou isso pela primeira vez, não o entendi direito. Nem poderia. Mas agora, vendo isso... tudo faz sentido. Levamos estilos de vidas diferentes ao extremo, e este palácio apenas enfatiza esse fato de uma maneira que faz meu peito doer da mesma forma que fez com ele na primeira vez que nos encontramos.

Ele ainda é Fyn.

Não importa quão diferente nossas vidas possam ser, ele ainda é aquele cara da praia. O surfista que assisti tão relaxado nas ondas. Aquele que enxergou minha alma e soube o que eu queria da vida, mas que ignorei em favor do que pensava ser um caminho seguro.

Nunca imaginei que chegaria tão longe.

Além de tudo, não tenho ideia de para onde esse guarda está me levando. Continuo a segui-lo em direção a uma escada, pessoas se movimentam ao nosso redor, correndo para lidar com o que quer que esteja acontecendo. Ninguém parece feliz. Nem sinal de um sorriso. Nem um “olá”. É mais do que apenas as formalidades de estar em um palácio.

Algo está muito errado.

É óbvio até para uma forasteira como eu, mas também sei que não é da minha conta. E é por esse motivo que esse guarda estoico está me levando à suíte de Fyn... seja lá o que isso signifique.

Subir as escadas me faz sentir como se estivesse em um conto de fadas, como a Bela sendo levada para algum lugar no castelo da Fera. O que é maravilhoso e quase ameaçador... como se estivesse sendo levada para algum lugar proibido, onde não tenho permissão.

Um longo corredor nos espera no topo da escada, e o guarda me conduz até um conjunto de portas douradas ladeadas por mais quatro guardas.

Isso é ouro de verdade? Provavelmente.

Em um lugar como este, com esse tipo de dinheiro, não poupariam nenhuma despesa... mesmo nas portas.

Minha escolta para o lado de fora, então ignora sua discussão com os outros guardas e examino a arte pendurada nas paredes. Uma pintura em particular chama minha atenção e dou um passo para o lado para inspecioná-la mais de perto.

Uma moldura dourada envolve a imagem do que parece ser a

praia de Fyn, a mesma onde nos conhecemos. As mesmas ondas. O mesmo pôr do sol. A mesma areia intocada que ainda posso sentir entre os dedos dos pés. Estendo a mão para passar os dedos sobre a pintura, mas puxo minha mão para trás.

Arte não é para tocar.

Se tivesse lembrado disso há um ano, nunca teria tocado em Fyn. Ele era uma bela escultura. Um Adônis saindo da água. Era muita areia para o meu caminhãozinho. Não devia ter transado com ele naquela noite. Se tivesse feito a coisa inteligente, a coisa responsável e *olhasse*, mas não *tocasse*... nada disso teria acontecido.

— Por aqui, senhorita. — Um outro guarda abre as portas e continuo seguindo o guarda jovem por outro longo corredor.

Vou precisar de um mapa para me locomover neste lugar. Quer dizer, se tiver permissão para vagar por aí.

Não me surpreenderia se os pais de Fyn colocassem a guarda no meu pé o tempo todo.

Para ter certeza de que não roubaria nada da prataria.

Uma risada escapa dos meus lábios e o guarda vira rápido a cabeça para me examinar. Coloco um sorriso inocente e tento pensar em algo para dizer para acobertar meu surto um tanto inapropriado.

— Este é o caminho para o quarto de Fynix?

Foi uma ótima ideia apenas seguir o estranho armado sem questionar, Bridget.

Os pais de Fyn poderiam ter ordenado que esse homem me levasse para a masmorra ou outra coisa bem medieval. No entanto, duvido que mantenham a guilhotina atrás de portas douradas.

Mas o que sei sobre palácios?

— Sim, senhorita. — Ele abaixa a cabeça em um gesto de respeito. — A suíte de Sua Alteza Real fica logo à frente.

Nunca considereei de verdade como seria a situação de vida de Fyn no palácio, mas está claro que há aposentos privados separados de onde quer que ele e seus pais se encontrem com pessoas publicamente.

Nos aproximamos de outro conjunto de portas duplas douradas no final do corredor. Os dois cavaleiros de guarda apenas fazem uma pausa por um momento para nos examinar, depois empurram as portas.

— Por aqui, senhorita. — O guarda faz um gesto para que o acompanhe.

Dou um passo hesitante para dentro e minha respiração fica presa na garganta.

Putá merda.

Tons masculinos de azul-marinho, cinza e vermelho sutis me cumprimentam enquanto o tema da opulência impera no que parece ser uma sala de estar ou sala de visitas. Uma grande lareira de mármore ocupa uma parede, elevando-se em um pé-direito que deve ter cerca de seis metros. Cortinas exuberantes pendem sobre as janelas da parede oposta, e tapetes grossos e macios cobrem o chão polido sob meus pés.

Os guardas conversam entre si atrás de mim, e mesmo enquanto tentam falar em voz baixa, ainda consigo distinguir algumas palavras.

Protesto... Desordeiros... Força policial... Assistência...

A Família Real está tentando decidir como lidar com a crescente agitação que ameaça o próprio alicerce da monarquia sobre o qual este país foi construído. Todos os guardas estão esperando para ver quem será enviado para lidar com os protestantes.

Meu estômago embrulha. Sou uma estrangeira em Lovolia e meu único contato aqui é o príncipe herdeiro de uma nação onde as pessoas parecem ter a intenção de derrubar a monarquia.

Não era muito bem o que tinha em mente quando vim para cá.

Deveria ir para casa amanhã mesmo e voltar ao trabalho na segunda-feira. Era para ser uma viagem rápida. Vir aqui, dizer adeus, superar Fyn e voltar para minha vida.

Dou mais um passo para dentro da suíte de Fynix e caminho de lado para o outro em frente à lareira, de olho nas portas ainda abertas onde os guardas conversam com a cabeça junta, por vezes olhando para mim para oferecer um sorriso amarelo.

Com tudo o que aconteceu, minha mente não para de girar, então me viro e olho para a pintura sobre a lareira do que deve ser a frente do palácio, o lado que todos do lado de *fora* veem. Ninguém nunca vê isso. Ninguém nunca vê o lado de Fyn que eu vi.

Caramba, estou chamando o príncipe herdeiro de Fyn, pelo amor de Deus. Isso provavelmente poderia me levar a ser enforcada e esquartejada.

O pensamento causa um pequeno arrepio na minha espinha.

— Você é Bridget?

Sobressalto com a voz atrás de mim e me viro para encontrar

uma adorável senhora mais velha parada do lado de dentro das portas da suíte, com um sorriso largo no rosto.

— Ahm... sim?

Mas essa mulher não é a mãe de Fyn.

Graças a Deus.

A recepção gelada que recebi dela mais cedo é a última coisa que quero reviver agora.

Um avental branco cobre o vestido azul pálido da pequena mulher com seu cabelo branco em um coque apertado no alto de sua cabeça. Ela atravessa a sala e estende a mão para mim, os lábios se curvando em um sorriso.

— Olá, Bridget. Me chamo Mira. Sou a avó de Lev.

— Ah, oi

Oi? Tenho o quê? Cinco anos?

— Quero dizer... olá, senhora, é um prazer conhecê-la. — Pego a mão dela e a aperto. — Me desculpe. Estou apenas um pouco agitada e nervosa. É que muita coisa aconteceu nas últimas horas.

— Estou muito feliz em te conhecer. — Minha tagarelice não parece incomodá-la. Ela apenas continua a sorrir para mim e solta minha mão. — Já tem muito tempo que você é a única coisa em que Fyn pensa. Qualquer um que consiga afetar aquele menino dessa maneira tem que ser especial.

Aquele menino?

É uma maneira muito informal de se referir ao príncipe, mas Fyn disse que ela foi a babá dele e que Lev era mais como um irmão. Eles devem ter um relacionamento muito especial como o que Fyn compartilha com o neto dela.

Minhas bochechas se aquecem com o elogio de Mira.

— Muito obrigada. É um prazer te conhecer. Conheci Lev mais cedo.

— Eu sei. — Ela sorri para mim e acena com a cabeça. — Ele me falou. — Mira lança um rápido olhar por cima do ombro para as portas abertas da suíte e os guardas. — Podem fechar as portas. Vou cuidar dela.

Eles a olham por um momento, mas, por fim, obedecem e fecham as portas, deixando-me sozinha com ela. Ela se aproxima para se sentar em um dos sofás luxuosos e dá um tapinha no local ao lado

dela.

— Senta aqui. Você sabe o que está acontecendo?

Ofereço um aceno hesitante e me sento devagar.

— Tenho a sensação de que você vai esperar Fyn por um tempo.

Os pais precisam da opinião dele. Sabe, Fyn tem uma abordagem mais jovem e fresca que eles não têm.

— Uhm... acho que sim. — Fico boquiaberta com a mulher mais velha.

Ela deveria estar falando sobre o rei e a rainha assim?

— Não fique tão preocupada. — Mira me oferece um sorriso conhecedor. — Vou te fazer companhia.

— Tem certeza? Não quero tomar seu tempo.

— Bobagem. — Ela ergue a mão no ar, dispensando meu comentário. — Já que Fynix não precisa mais de uma babá, me tornei uma espécie de mãe de todos por aqui. Vou para onde sou necessária. — Dá um tapinha na minha mão. — E agora, você precisa de mim. Prefiro conhecê-la a ficar parada assistindo o país cair no caos.

— É... é isso que está acontecendo? A coisa está tão ruim assim?

Um pequeno suspiro escapa de seus lábios enrugados.

— Não está boa, querida, mas tenho confiança de que meus estimados amigos que se sentam no trono podem resolver o problema, como sempre fazem.

Espero que sim.



CAPÍTULO 10

FYNIX

Ajeito minha gravata e olho para o meu terno para garantir que tudo esteja em seu devido lugar antes de levantar a mão e bater na porta do quarto de hóspedes da minha suíte. Já era tão tarde quando meus pais e eu terminamos de assistir aos acontecimentos horríveis que preferi não perturbar Bridget quando voltei.

Ainda mais após abandoná-la aqui, sozinha, apenas algumas horas depois de trazê-la para o palácio e transar com ela no maldito jardim. Apenas *algumas horas* após nosso reencontro inesperado e promessas de que resolveríamos tudo.

Ela pode me rejeitar.

Ninguém a culparia se o fizesse. *Eu* não a culparia caso fizesse isso, ou se ela se recusasse a abrir essa maldita porta. Quase espero que sim. Provaria que ela não se intimida por estar aqui, por ver meu mundo de verdade. Se ela ainda está disposta a dizer ao *Príncipe* Fynix para se foder como faria com o Fyn que conheceu na praia, isso significa que ela não vai deixar de ser quem ela é para poder ficar comigo só porque uso uma maldita coroa.

Com sorte, ela entenderá que meu dever é com meu país, por mais que eu resista a respeito. A realidade de nossa situação corrói meu estômago enquanto os segundos passam devagar, esperando para ver o que ela faz em resposta à minha batida.

Cada segundo é uma agonia, quase tão ruim quanto os dias que passei no último ano percorrendo o caminho da estrada até a praia esperando que ela estivesse lá, apenas para encontrá-la vazia. Mas não estava vazio ontem. E *isso* me dá esperança de que ela não me deixe aqui parado como um completo idiota, mesmo que ela possa pensar que sou um depois da noite passada.

Por fim, depois do que parece uma eternidade, a porta se abre e Bridget está diante de mim em um vestido floral azul na altura do joelho. Minhas mãos coçam para arrancar as alças de seus ombros perfeitos e repetir o que aconteceu no jardim ontem à noite, mas, em vez disso, saboreio seu cheiro que flutua até meu nariz.

— Bom dia, Bridget. Espero que tenha dormido bem e que não tenha ficado muito abalada com a minha ausência. As coisas demoraram mais do que esperava. — Inclino-me contra o batente da porta e prendo a respiração esperando por sua resposta.

Na primeira noite em que a tenho aqui, um protesto sai do controle. Quais as chances?

É quase como se logo após darmos o primeiro passo, algo estivesse nos dizendo que essa é uma péssima ideia.

Não.

Recuso-me a aceitar que Deus colocaria uma mulher assim em minha vida apenas para arrancá-la de mim... de novo. Seria muito cruel e, embora eu não seja santo, e o Chefe lá em cima não tem motivos para fazer isso comigo.

Bridget me observa por um momento, seus olhos verdes passando pelo meu rosto e pelo meu terno antes de voltar para encontrar os meus. Seus lábios se contorcem em um sorriso tímido, e mesmo que haja uma leve hesitação, ainda ilumina seu rosto de uma maneira que me faz retribuir.

— Não tem problema. Imaginei que tinha muita coisa acontecendo. Mira me fez companhia por um tempo.

— Ah, então você conheceu Mira? Isso é bom. Ela é como uma avó para mim, sempre foi. — Luto contra o impulso de estender a mão e colocar uma mecha de cabelo brilhante atrás de sua orelha. — Tenho certeza de que ela me contará tudo na primeira chance que tiver. A mulher adora se intrometer.

Mira não é de se conter e, sem dúvida, terá muito a dizer sobre

Bridget.

— Bem, espero que ela não tenha nada de ruim a dizer sobre mim — o sorriso de Bridget vacila.

— Nunca, amor. Garanto que Mira adorou você.

Ela relaxa, abraçando-se de forma protetora. Seu lábio inferior desaparece sob os dentes e ela se mexe de um pé para o outro, nervosa.

— Gostei da companhia dela. Assistimos ao noticiário e fiquei muito grata porque ela me ajudou a entender o que está acontecendo em Lovolia. Lamento muito o que houve. Parece que ficou uma loucura. Mas... está tudo bem agora?

A preocupação genuína em seu olhar e voz envia um choquinho direto ao meu coração.

Será que fiquei tão desgastado com as armadilhas da Coroa que alguém autêntico parece estranho?

— Sim, ainda estamos trabalhando nas ramificações resultantes do protesto, mas vim me desculpar e ver se você poderia estar interessada em se juntar a mim e minha família para o café da manhã.

Bridget volta a morder o lábio inferior, a mesma preocupação brilhando em seu olhar. Não consigo me conter e estendo a mão para roçar o polegar sobre a carne maltratada, que ela liberta sob meu toque, e anseio por pressionar meus lábios ali para prová-la outra vez. Mas não posso agora. Não quando temos que descer logo.

Se a beijar, precisaremos de muito mais tempo antes que possa me apresentar em público.

— Não precisa se preocupar se não estiver a fim. Não tem problema. Só queria passar um tempo com você.

Ela sorri, mas não chega aos olhos dela.

— Esta roupa está boa? Será que me troco? Não tinha planejado fazer uma parada no *palácio* quando fiz as malas para esta viagem. Era para ser rápida. Apenas uns dias. Mas tenho outras coisas que poderia usar...

Deixo meu olhar percorrer cada curva suave dela antes de retornar ao seu lindo rosto.

— Você está perfeita, amor.

Ela é perfeita.

Após ter mulheres se jogando em cima de mim por anos, a única para quem dou a mínima é a que está bem na minha frente. A

americana ousada, mas cautelosa, que ficou bêbada na minha praia.

Minhas palavras trazem a luz de volta aos seus olhos e, desta vez, seu sorriso é verdadeiro.

— Certo, então vamos.

Dobro o meu braço e ela ri com o movimento.

— Que cavalheiro — Bridget sorri como se, por uma fração de segundo, tivesse esquecido onde estamos e como isso será difícil.

Se pudesse congelar este momento no tempo, o faria. Não sei quantos mais desses vou conseguir. Quanto mais tempo ela passar aqui no palácio, no meu mundo, mais difícil será. Mas agora, a conexão confortável que compartilhamos naquela noite na praia está de volta, mesmo sem a ajuda de tequila barata. E não vou perdê-la.

— Pode apostar essa sua bunda linda que sou um. — Pisco, depois roço os lábios contra sua orelha. — Quando *preciso* ser, mas da próxima vez que estivermos sozinhos, serei tudo menos um cavalheiro.

Um tremor percorre seu corpo e, quando me endireito, um rubor vermelho se espalha por seu pescoço e por suas bochechas. Sua língua sai para molhar os lábios e, embora tenha prometido a mim mesmo que não a beijaria, esmago minha boca na dela e a puxo contra mim, minhas mãos emaranhadas em seu cabelo.

Seu corpo flexível se molda ao meu. Ela desliza os braços em volta do meu pescoço e gruda o corpo no meu de uma maneira que parece impossível, como se as horas que passamos separados desde a nossa diversão no gazebo fossem tão insuportáveis para ela quanto para mim. Gemo contra seus lábios, meu pau ganhando vida por conta própria. Por pura força de vontade, levanto a cabeça, encerrando o beijo.

— Droga... — Estendo a mão e afasto meu pau do zíper da calça enquanto aperto o cabelo dela com a outra. — Não posso ir tomar café com meus pais com meu pau tão duro quanto granito.



BRIDGET

Olho para a virilha de Fyn, para a protuberância de aparência dolorosa se esticando contra a frente de sua calça. Pelo visto, ele sentiu minha falta tanto quanto eu ontem à noite. Embora sua ausência fosse compreensível, esperava passar minha primeira noite em seus braços quentes e fortes.

— Desculpa? — A risada borbulha dos meus lábios antes que possa levantar a mão para detê-la.

Ele me oferece um sorriso lascivo e brincalhão, então agarra meu queixo entre os dedos com força suficiente para fazer meu clitóris pulsar.

— Não acho que esteja nem um pouco arrependida, amor. Acho que está se divertindo às minhas custas.

Verdade.

Saber que posso afetar tanto um homem como Fyn, com tanta facilidade, é um dos sentimentos mais maravilhosos do mundo.

Ele se inclina e beija meus lábios com ternura, e não consigo conter o pequeno gemido que passa pelos meus lábios e entra em sua boca. Seu aperto no meu queixo se intensifica de novo e ele o usa para me inclinar na direção que me quer, com firmeza, mas não de modo agressivo, apenas forte o suficiente para me dizer que ele está no comando, mas mal se controlando.

Abro os olhos e admiro esse homem que preencheu quase todos os meus pensamentos acordados e, sem dúvidas, todos os meus sonhos enquanto estávamos separados. Seu olhar intenso traz a evidência de seu desejo mal contido.

— Não me olhe desse jeito, amor. Não sou forte o suficiente para resistir a você.

— Então não resista — sussurro as palavras, mas soam quase ensurdecedoras no ar espesso entre nós.

Desembarquei em Lovolia há menos de um dia e esse homem já me consumiu tão completamente que quase posso esquecer que não pertenço a este lugar.

— Você me deixa louco, amor. Não pode dizer algo assim para mim e não esperar que te empurre contra esta parede e goze dentro de você.

Fyn arrasta a língua pelos lábios enquanto me examina, então leva o polegar do queixo para os meus lábios, enfiando-o em minha

boca. É muita tentação negar, e o chupo, deslizando minha língua em torno do dedo como faria com o pau dele, caso o libertasse daquela maldita calça.

Ele rosna baixo e se inclina, mas em vez de me devorar como esperava, ele apenas pressiona os lábios em minha testa e os segura por um momento antes de se afastar.

— Vamos, amor. Vamos antes que eu diga foda-se este café da manhã e te leve para o meu quarto pelo resto do maldito dia.

Fyn agarra minha mão e me puxa atrás dele, murmurando algo baixinho que quase não consigo entender.

— Safadinha.

Uma gargalhada escorrega dos meus lábios e ele enfia meu braço na dobra do dele.

— Quero te mostrar algumas coisas que acho que você pode gostar. Interessada? Vai me dar uma chance de me acalmar antes do café da manhã.

Fyn olha para a virilha dele e não consigo conter o sorriso de satisfação.

— Você está muito satisfeita consigo mesma, não está, amor? — sua respiração quente sopra contra minha bochecha.

Dou de ombros e tento esconder meu sorriso enquanto observo as diferentes peças de arte que revestem o corredor dentro de sua suíte.

— Aonde vamos?

Ele me leva pela porta aberta de sua suíte para outro corredor, nem mesmo reconhecendo a presença dos guardas, que fazem o mesmo com a gente.

— Bem, já que o tal dia na cama não é uma opção, pensei que passar na galeria de arte seria uma alternativa agradável.

Galeria de arte?

Todos os corredores por onde passei estavam repletos de pinturas de paisagens, retratos e tudo mais, sem mencionar estátuas, vasos e outros itens que só vi nos principais museus dos Estados Unidos.

— Você tem uma *galeria* de verdade?

— Sim, temos. — Ele assente e continua me guiando.

— E eu aqui pensando que todas as obras de arte nas paredes eram incríveis. Então o que você tem que justifique sua própria *galeria*?

— Você verá. — Uma risada baixa ressoa em seu peito.

Viramos mais um corredor e todos começam a parecer iguais para mim.

— Este lugar é enorme. Como você não se perde?

— Na verde, já me perdi algumas vezes. É fácil ficar confuso, mas era ótimo quando criança. Lev e eu destruimos o palácio um pouco.

— Aposto que foi bem divertido. — Posso imaginar um jovem Fynix e Lev vagando pelos corredores deste palácio com Mira os perseguindo. Provavelmente eram adoráveis e davam um bom trabalho.

Ele sorri, ficando com um olhar distante por um momento.

— Foi. Eram tempos mais simples.

— Onde estão os pais de Lev? Você nunca os menciona.

Fyn enrijece um pouco, mas me dá um sorriso triste.

— Faleceram quando ele era muito jovem, por volta dos oito anos. Mira o criou sozinha depois disso.

— Isso é muito triste. — Lágrimas ardem em meus olhos pelo garotinho que agora é um homem tão forte e determinado. — Não consigo imaginar perder meus pais tão jovem.

Mesmo em meus vinte e poucos anos, foi devastador. Para uma criança, mesmo uma tão forte quanto tenho certeza de que Lev era, deve ter sido muito doloroso.

— Foi um momento difícil para todos nós... — Ele me olha de relance. — Mas Lev é resiliente, e ele tinha Mira, o que ajudou muito.

— E ele tinha você.

Fyn faz uma pausa por um momento, considerando minhas palavras, um pequeno sorriso brincando em seus lábios, apesar do assunto triste.

— Sim. Mesmo quando estava na escola, conversávamos o tempo todo. Ele me manteve a par de todas as fofocas do palácio e fez questão de se meter em problemas suficientes por nós dois.

— Aposto que sim. — Dou risada, imediatamente capaz de o imaginar fazendo isso.

Viramos à esquerda e Fyn me leva por uma porta à direita. Assim que cruzamos a soleira, as luzes piscam e acendem, revelando o que ele queria tanto que eu visse.

— Fyn, isso é... Minha nossa! Incrível!

Ele me conduz ao centro de uma sala longa e estreita, e me viro

devagar para apreciar toda a arte magnífica pendurada nas paredes.

Uma peça abstrata do outro lado da sala chama minha atenção primeiro, atraindo-me para ela.

— Isso é... Puta merda. Isso é um Picasso?

— Sim. — Fyn concorda com a cabeça e sorri. — Meu avô o conhecia muito bem. Esta foi pintada para minha avó. Um presente de aniversário de casamento. Quarenta anos, se não me falha a memória.

Apenas... uau.

Ele segue logo atrás, me deixando admirar a sala cheia de retratos, paisagens enormes, obras religiosas e florais, todos contendo placas com nomes que qualquer um, até mesmo alguém como eu com zero treinamento em arte, reconheceria.

— Não acredito que você tem isso em sua *casa*.

— Emprestamos algumas obras para museus em todo o mundo, mas muitas são apenas para uso do palácio. Rotacionamos os que estão em exibição em outras partes do prédio e os trazemos de volta aqui de tempos em tempos.

É incrível. Insano e maravilhoso.

Fyn me observa pausar por um momento na frente de cada peça, examinando-a de perto enquanto tento não ficar de queixo caído e fazer papel de boba... bem, não mais do que já fiz.

— O que acha? — Ele passa o braço em volta de mim por trás, apoiando a cabeça no meu ombro.

— É tudo tão... impressionante. Tanta beleza e história em um só lugar.

— É, sim. — Assente e dá um beijo no meu pescoço. — Agora, creio que minha excitação diminuiu o suficiente para irmos tomar café da manhã.

Saio de seu aperto e me viro para encará-lo. Ele olha para a virilha de novo e não posso deixar de seguir seu olhar.

— Estou faminto. Está pronta para comer, amor? — Ele volta a me encarar com um sorriso malicioso.

— Estou. — Toda a empolgação desta manhã me deixou com o estômago roncando, e o passeio privado pela galeria me deixou sem palavras.

Pego seu braço novamente e deixo que ele me leve para longe das belas pinturas e em direção ao que, sem dúvida, será uma refeição

tensa com seus pais.

Mas agora, não tenho como recuar.



CAPÍTULO 11

FYNIX

Mais cedo, brinquei sobre quão doloroso esse café da manhã será, e Bridget não tem ideia de que será difícil de mais de uma maneira.

Coloco minha mão em cima da dela e dou um leve aperto enquanto nos dirigimos para o solário. Ela pode ter ignorado meu abandono na noite passada, mas isso ainda me incomoda. Preciso reparar meu erro, pois, com certeza, não foi o que planejei para a primeira noite dela aqui. Pretendia fodê-la tão completa e intensamente que ela andaria como se tivesse passado uma semana montada em um cavalo, ou seria incapaz de dar um passo.

Infelizmente, meus desejos tiveram que ser deixados para mais tarde, o que quase aconteceu esta manhã. Apenas anos de prática de autocontrole permitiram me afastar dela, mas depois que as aparições necessárias forem feitas e os negócios tratados, essa mulher é toda minha.

— Agora, falando sério, Bridget, peço sinceras desculpas por abandoná-la em sua primeira noite no palácio.

Eu, de todas as pessoas, entendo quão solitário pode ser aqui neste lugar enorme cheio de pessoas, ainda mais se você não conhece ninguém. Embora fosse algo fora do meu controle, a culpa permanece, apesar de sua garantia de que ela entendia.

— Sério, Fyn, está tudo bem. — Ela coloca a mão na minha e dá um tapinha. — Não tem nada pelo que se desculpar. Você tem um país para cuidar.

— Linda e compreensiva. Uma combinação requintada. — Pego a mão dela pousada no meu braço e a levo aos lábios, dando um beijo nas costas.

O mesmo rubor de antes toma suas bochechas.

Tão adorável. Se bem que tudo em Bridget Cavanaugh é adorável.

Por isso que andar pelo palácio através do corredor que nos levará ao solário, sem empurrá-la contra a parede e fodê-la até não aguentar, é uma tarefa tão difícil. Embora, em geral, o solário seja um dos lugares mais tranquilos do palácio, hoje, a tranquilidade pode ser a última coisa no menu.

Engulo em seco e olho para Bridget enquanto nos aproximamos da sala onde todos estão esperando.

— Receio que preciso te dizer uma coisa. Ia te avisar ontem à noite, mas você sabe como terminou.

— Parece sério.

Bridget sorri e suas palavras são em tom de brincadeira. Espero que, assim que soltar a bomba loira que é Abigail em seu colo, ela permaneça ao meu lado e ache divertido, em vez de sentir que foi emboscada.

Não faço ideia de como Bridget responderá.

— Como você sabe, participei de eventos com outras mulheres. Espero que você entenda que muito disso foi para manter as aparências, mas uma das damas, aquela que você mencionou ontem, a princesa Abigail, está aqui.

— Ela está *aqui*? — Seus passos ao meu lado vacilam e ela me faz parar.

Assinto devagar, tentando avaliar sua postura. E seja o que for que vejo, não é bom. Uma mistura de apreensão e raiva. Talvez até mágoa, o que é muito pior.

— Não a convidei, Bridget. Meus pais fizeram isso. Tudo foi arranjado antes mesmo que soubesse que você viria para Lovolia. Nossos pais são amigos queridos e têm negócios juntos, e entretemos Abigail sempre que ela está no país.

Caramba, estou vomitando informações nela.

Se disser mais alguma coisa, revelar a verdadeira natureza do meu relacionamento com Abigail, Bridget vai embora. Ela não precisa saber que a interesseira está tentando enfiar suas garras em mim e colocar um anel em seu dedo, ou que meus pais querem o mesmo. Que estão *exigindo* isso.

— Você está bem, amor? — Passo os dedos por sua bochecha, desejando que o rubor ainda estivesse lá, em vez do desespero em seus olhos. — Podemos pular isso e tomar café da manhã em outro lugar. A decisão é sua.

Ela volta a morder o lábio inferior; estou aprendendo depressa que esse é um tique dela quando está pensando, considerando as opções e preocupada com o resultado.

Aposto que essa mulher é péssima no pôquer.

— Se você pular o café da manhã, não vai ter problemas com seus pais?

— Provável, mas me meter em problemas com meus pais não é novidade — suspiro e concordo com a cabeça devagar.

— Mas seria mais um motivo para eles não gostarem de mim.

Essa afirmação não precisa de uma resposta minha. Ela entende muito mais do que lhe dei crédito.

Inteligente e bonita. O pacote completo.

Por fim, ela endireita os ombros, pronta para a batalha, e consegue dar um sorriso hesitante.

— Trabalho com Relações Públicas, Fyn. Entendo de aparências e de como manter certas pessoas felizes é importante. Se você não tem problema com isso, então eu também não. Vamos comer.

Ela enrosca o braço ao meu outra vez e planto um beijo casto em seus lábios.

— Deveríamos ter ficado na minha suíte e poderia ter *você* de café da manhã.

— Parece bom. — Aquele pequeno tremor passa por ela novamente, fazendo-a tremer contra mim.

Alguém pigarreia à nossa frente, e porra, não é que meu pau fica duro de novo enquanto afasto meus lábios da única coisa que quero provar agora. Olho para Lev parado no corredor das portas do solário.

— Fui enviado para te encontrar. — Ele mal consegue conter a risada com minha expressão de dor, seus lábios se contorcendo em um

meio sorriso. — Pelo visto, encontrei.

Solto um longo suspiro e me aproximo dele, Bridget ao meu lado.

— Me deixe adivinhar, minha mãe?

— Sim, senhor. — Ele inclina a cabeça para mim antes de se dirigir a Bridget. — Bom dia, srta. Cavanaugh. Você está linda hoje. — Lev dá uma piscadinha para ela. O babaca bonito está tentando me irritar.

Ele que se foda. Mas está funcionando.

— Pega leve, Romeu. — Coloco minha mão contra seu peitoral musculoso e me inclino um pouco. — Encontre sua própria americana. Essa aqui tem dono.

Ele ri baixinho, se divertindo por ter me irritado. Esse é o único problema de ter seu melhor amigo trabalhando para você: ele sabe muito sobre mim, incluindo meus pontos fracos.

— Depois de você. — Lev dá um passo para o lado e estica o braço indicando para avançarmos.

— Idiota — sussurro quando passamos por ele. — Você pagará por isso mais tarde.

Todos nós três tentamos conter nossas risadas. Os dois parecem se dar razoavelmente bem, e tenho a sensação de que se tornarão amigos bem rápido. A ideia de tê-la em minha vida a ponto de meu melhor amigo se tornar amigo dela provoca uma pontada estranha em algum lugar dentro de mim.

É algo poderoso e perigoso. Libertador e aterrorizante. Tantas coisas ao mesmo tempo.

Entramos no solário e, no mesmo instante, Abigail se levanta do assento para ficar de pé como se estivesse esperando e vai voar pela sala para me cumprimentar. Mas seu sorriso radiante vacila quando vê Bridget no meu braço.

A confusão inicial se transforma em rugas de raiva que envolvem sua boca e cruzam a testa. A atitude leve e agradável de sempre evapora.

Caminho em direção à mesa e paro atrás do meu assento habitual.

— Mãe, pai. — Sorrio e aceno com a cabeça para os dois, depois volto minha atenção para Abigail. — Abigail.

Seus lábios se contorcem em um sorriso de escárnio, mas em vez de dar mais atenção a ela ou sua reação, puxo uma cadeira para Bridget ao lado da minha, espero que ela se sente e a empurro antes de me sentar ao lado dela. Abigail se abaixa devagar na cadeira, como se não pudesse processar o que está vendo.

Coloco minha mão na coxa nua de Bridget sob a mesa. Pego seus olhos disparando para mim em minha visão periférica e a aperto com carinho enquanto dois empregados servem travessas de frutas e diversos doces e salgados.

— Estamos felizes que você pôde se juntar a nós, filho. — O sorriso do meu pai é duro enquanto ele toma um gole de suco de laranja. — E srta. Cavanaugh, o que está achando da sua estadia?

— Agradeço por sua hospitalidade, senhor. Estou aproveitando meu tempo em Lovolia — a resposta de Bridget vem com uma voz trêmula.

Um bufo de escárnio soa do outro lado da mesa e viro a cabeça bem a tempo de ver os olhos de Abigail revirarem. Dou um olhar feio para ela.

Quem ela pensa que é?

Aqui não é Grandania. Ela não pode se safar de ser uma vadia rude com alguém só porque não está conseguindo o que quer. E não vou deixar sua imaturidade atrapalhar meus planos de café da manhã.

Aperto a coxa de Bridget debaixo da mesa de novo, com mais força desta vez, minha mão escondida pela toalha de linho. Bridget se encolhe, sem dúvida surpresa com o movimento. Engulo minha diversão, mas nada pode parar as fantasias perversas que me atormentam sempre que estou perto dessa mulher.

— Abigail, você já conheceu Bridget? — Lanço um sorriso inocente para Abigail enquanto agarro um punhado da saia de Bridget e começo a puxá-la pela coxa, um centímetro de cada vez.

Abigail franze a testa por um instante antes de mudar para sua personalidade doce como o sol. Ela sorri para Bridget, e é tão falso que preciso conter a risada.

— Espero que aproveite sua visita a Lovolia. É um país lindo — a mulher que meus pais querem tanto que me case quase que cospe as palavras, mas não me incomodo em observar as reações de mais ninguém. Apenas me importo com uma pessoa nesta sala: Bridget.

Ela ignora Abigail e pega um morango com uma mão enquanto tenta, com toda discrição, tirar minha mão de sua coxa com a outra. A risada me escapa antes que possa pará-la e a disfarço com uma tosse que sobressalta os demais. Todos os olhos pousam em mim, suas expressões preocupadas.

Merda.

— Desculpa — sufoco uma gargalhada. — Um gomo de laranja ficou preso na minha garganta.

Bridget olha para mim com o canto do olho e bate na minha mão de novo. Os outros voltam à conversa. Abigail fala com a minha mãe, conspirando, enquanto meu pai escuta e acena com a cabeça. Enquanto estão ocupados discutindo o que quer que seja, volto à única coisa em minha mente: fazer minha linda Bridget gozar.

É o que queria desde o momento em que ela abriu aquela porta e nem fodendo o fato de estarmos nesta mesa vai me impedir.

Puxo a saia de Bridget para cima até o tecido se amontoar em seu colo debaixo da mesa. Ela faz o seu melhor para me ignorar, enquanto usa a faca e garfo para cortar a *frittata* em seu prato, então levo minha mão até sua boceta coberta de renda.

Bridget arfa, mas tenta se comportar como se nada estivesse acontecendo, colocando um pouco de comida entre os lábios que continuo imaginando em volta do meu pau. Empurro sua calcinha para o lado e esfrego meus dedos contra sua fenda molhada e em volta de seu clitóris.

Uma tosse engasgada e sufocante vem do fundo de sua garganta enquanto a *frittata* ameaça voltar para fora ou matá-la. Com os olhos arregalados, ela me encara, então, controlando as feições, pede desculpas ao resto da mesa, dando tapinhas no peito.

— Por favor, me desculpem. Desceu na direção errada.

Suas palavras saem apressadas e ela pega o copo de água de cristal para tomar um gole. Abigail a examina, estreitando os olhos perspicazes..., mas não tem como ela saber o que está acontecendo debaixo da mesa. Ninguém sabe.

Fico de olho na equipe perambulando ao redor da sala, garantindo que ninguém olhe para nossa direção, então me inclino para perto e roço os lábios em sua orelha.

— Você está bem?

Bridget faz que sim com a cabeça, mas não olha para mim, mesmo quando a sugestão de um sorriso enfeita seus lábios. Confiante de que ela está bem e não está se opondo, enfio um dedo dentro de seu calor. Ela está tão molhada que há um barulho audível que faz meu pau tremer.

Porra. Amo cada segundo indecente disso.

Não só vou fazê-la se sentir bem, mas também vou fazer isso na frente das pessoas que estão determinadas a controlar minha vida.

Bem, eles não podem controlar isso.

Enfio outro dedo nela, com mais força.

— Ah, céus — Bridget geme, e todos viram a cabeça para olhar para ela. Ela se recupera rápido, colocando um sorriso no rosto e levantando o garfo. — Esta *frittata* é incrível. Isso é trufa?

Uma risada quase histérica borbulha de seus lábios e ela pega a água outra vez, tomando um grande gole que só me faz fantasiar com ela engolindo outra coisa.

Caralho. Realmente deveríamos ter ficado lá em cima...

Pego minha bebida com a mão livre e tomo um gole, mas também movo meu dedo para dentro e fora dela enquanto meu pau fica mais duro a cada segundo. O que começou como uma maneira de provocar Bridget está se tornando um problema cada vez maior para mim também. Quase literalmente.

Inferno.

Não pensei nas consequências disso, mas não vou parar agora. E quando esse café da manhã torturante acabar, vou levá-la para a suíte e fodê-la até dizer chega.



BRIDGET

Os dedos de Fyn se movem dentro de mim em um ritmo delicioso e enlouquecedor.

Dentro e fora. Dentro e fora. Arrastando... Curvando... Pulsando naquele lugar perfeito dentro de mim... Rolando o polegar sobre meu

clitóris devagar...

Estou prestes gozar diante de uma sala cheia de membros da realeza.

Putá merda.

Aperto minhas coxas, prendendo a mão dele lá para que poder ter uma folga do ritmo implacável que está me deixando insana. Mas seus dedos giram dentro de mim, acariciando meu ponto G da maneira mais perfeita. Meus olhos começam a revirar, então os forço a se fecharem, com medo de que os pais dele e aquela garota horrível vejam e saibam o que está acontecendo debaixo desta mesa imaculada.

Antes, estava preocupada com que tipo de tormento precisaria suportar se de alguma forma passasse dos limites ou ofendesse o rei e a rainha... Mas nada do que imaginei se compara a isso.

Pura tortura.

Incapaz de me mover... com ele ou para longe dele.

Incapaz de falar, não podendo gritar ou exigir por mais.

Incapaz de pegar o que realmente quero... e com certeza não é a mão dele. Mordo a bochecha por dentro.

Caramba... que delícia.

Por mais forte que tente ser, chega um momento em que não consigo mais lutar contra isso. Desisto e abro mais as pernas, permitindo que Fyn tenha acesso total a mim. E cara, como ele se aproveita.

Sua mão se move um pouco, deixando parte de sua palma na posição perfeita para esfregar contra meu clitóris a cada estocada de seus dedos.

Minha nossa. Minha nossa. Minha nossa.

Estou tão perto. A meros segundos de gozar na mão dele, bem ali na porra da mesa com a realeza do outro lado...

Passos pesados soam atrás de nós.

— Peço perdão pela interrupção.

Sobressalto no meu assento, meus olhos se abrem e os dedos de Fyn deslizam para fora de mim.

— O que foi? — Rei Elander estreita o olhar para um dos guardas.

O guarda caminha para o lado para sussurrar ao seu ouvido. Viro para olhar para Fyn e ele me oferece um sorriso diabólico

enquanto desliza os dedos que estavam dentro de mim em sua boca.

Putá merda, como isso é sexy.

Seus olhos se fecham e ele suga os dedos, bem na frente de todos. Observá-lo me deixa ainda mais molhada entre as pernas, algo que nem sabia que era possível.

— Fynix! — o rei chama de forma brusca e todos ao redor da sala ficam em alerta. — Por favor, me acompanhe ao meu escritório. Tem um assunto urgente que precisamos resolver.

Merda.

— Desculpa, amor — Fyn murmura. — Preciso ir, mas você pode ficar e tomar seu café da manhã. Deve estar faminta. Vou te compensar mais tarde.

Ele se endireita e pisca enquanto coloca o guardanapo na mesa, como se não tivesse acabado de me foder com o dedo no maldito solário do castelo de seus pais. Mas a evidência de que ele não permaneceu inalterado pressiona contra sua calça. O observo baixar a mão e se ajustar antes de empurrar a cadeira para se levantar.

Cada célula do meu corpo grita comigo para pular em cima dele e escalá-lo como uma árvore. Mas isso não seria o comportamento de uma dama.

Sim, e deixar que ele enfiasse o dedo em você debaixo da mesa foi?

Fyn se vira, acena para Lev, então os dois saem da sala com seu pai enquanto fico sozinha com a rainha e a princesa Abigail.

Que maravilha.

Observo Fynix se afastar e assim que ele sai da sala, Abigail solta um suspiro alto e abre um sorriso presunçoso. Toma um gole de café e depois se recosta na cadeira para me avaliar.

— Então, Brianne, me diga, o que você faz nos bom e velho Estados Unidos da América? Está empregada? Tem um trabalho para o qual vai todos os dias? Acho a vida dos plebeus americanos divertida. Vocês parecem viver para trabalhar.

Não tem como não notar o tom condescendente ou a ofensa intencional.

Essa vadia sabe muito bem que meu nome é Bridget.

É um jogo, mas se ela quiser jogar, fico mais do que feliz em aceitar o desafio.

— Obrigada por perguntar, Annebelle. Trabalho com Relações

Públicas...

— É princesa Abigail... — Fixa um olhar mortal em mim e tamborila as unhas na mesa. — ... ou senhora.

Ela que se foda. Ela não é ninguém para mim.

Apenas uma garota que pensa que é melhor do que eu e quer fincar os dentes em Fynix e nunca soltar. Posso ver a coroa que ela tanto quer brilhando em seus olhos. Ela pode ser uma princesa, mas quer ser uma rainha, sentada ao lado do homem que acabou de se sentar ao meu lado e fez coisas perversas com a mão.

Invoco meu melhor sorriso falso, um intencionalmente projetado para mostrar quanto estou irritada.

— Minhas desculpas, Abi, mas como estava dizendo, trabalho com relações públicas. Lidamos principalmente com atletas e políticos, mas também trabalhamos com grandes empresas e celebridades de tempos em tempos.

Se olhar matasse...

As narinas de Abigail dilatam de indignação, mas é a única coisa que revela quanto está irritada com minha provocação. Seus verdadeiros sentimentos permanecem enterrados sob um sorriso gentil e postura controlada.

Essa garota me odeia.

Por algum motivo, isso me faz sorrir e querer atacá-la de novo. Talvez queira vê-la quebrar, vê-la perder a calma enquanto está sentada com a rainha, que apenas assiste nossa conversa se desenrolar com atenção total.

— Se estiver interessada, tenho certeza de que minha empresa consideraria aceitá-la como cliente. Todos podem se beneficiar de boa equipe de relações públicas para limpar qualquer mancha em sua imagem, e a minha é a melhor.

Nem tenho tempo para me deleitar com as chamas infernais brilhando nos olhos da princesa. A mãe de Fynix se mexe no assento e pigarreja para quebrar a tensão do outro lado da mesa.

— Quanto tempo planeja ficar em nosso país, Bridget? Presumo que precise voltar ao trabalho em breve.

Ai.

Um ponto para a rainha. Ela até pode me intimidar pra caramba, mas sempre fui boa com os pais... sejam de meus amigos ou dos meus

antigos namorados. Em geral, pais gostam de mim, mas não a mãe de Fyn. A rainha de Lovolia me odeia profundamente. Esse ódio escorre de cada palavra que ela pronuncia. Fica evidente em como seus olhos me perfuram, avaliando, procurando mentiras ou qualquer outra coisa em que ela possa se agarrar como uma desculpa para se livrar de mim.

Quase entendo o raciocínio dela. Afinal, sou uma americana que transou com o filho dela na praia na primeira noite em que o conheceu, e agora, meses depois, estou de volta e o pegando nos jardins do palácio.

Deus, e se tiver câmeras lá fora?

A ideia de que alguém me viu transando com Fyn no gazebo, quem sabe até a mãe dele, faz minhas bochechas esquentarem e o pouco que consegui comer do café da manhã revira impiedosamente no meu estômago. Mas Fyn me garantiu que estávamos seguros e sozinhos lá fora, então a possibilidade nem passou pela minha cabeça.

Quando estamos juntos, o tempo para e nada no mundo existe além de nós. É um sentimento muito viciante. Fynix é um homem muito viciante.

O que é muito perigoso.

Assim como o que acabei de deixá-lo fazer comigo sentado nesta mesma mesa.

A Bridget que veio para Lovolia no ano passado nunca teria deixado isso acontecer. Aquela que *deveria* vir aqui apenas se despedir dele também não. Mas ser a Bridget responsável e racional parece ficar cada vez mais distante quanto mais tempo passo com Fyn.

— Ficarei cerca de uma semana aqui, senhora.

— Cerca de uma semana? — Abigail ergue as sobrancelhas loiras para mim. — Você tem sorte, Bridget. Sua agenda está tão vazia que você pode apenas... como os americanos dizem? Fazer o que der na telha?

Ela dá de ombros e ri como se não tivesse acabado de insultar a mim e a todos nos Estados Unidos.

Essa vadia!

— Sim, com disponibilidade total para passar o máximo de tempo possível com o príncipe. — Sorrio para Abigail e pestanejo.

Tome isso, Princesa Vadiazinha.

Abigail se recosta na cadeira, o sorriso se desfazendo de seu

rosto carregado de maquiagem, mas não consigo me deleitar com seu aborrecimento por muito tempo.

— Então... — a rainha continua — você colocou sua vida, sua carreira, em pausa para visitar meu filho, indefinidamente? Para onde você vê esse caso entre vocês dois indo parar? Espera que se torne algo mais? Porque isso seria... — Seu olhar corta para Abigail. — Impossível.

Ai.

A mãe de Fyn parece determinada a me dar uma boa lição e me fazer parecer uma garotinha burra e ingênua, mas ela toda sua postura e tom são tão majestosos que seria quase hipnotizante se não fosse tão insultante.

Nunca conheci ninguém que me chamasse com tanta eloquência de interesseira, e não importa quão adorável ela possa soar, está claro o que isso é: um aviso e uma acusação.

Abro a boca para falar e tentar me defender de alguma forma.

As coisas não são bem assim!

Quero gritar para todo mundo ouvir, explicar a essas mulheres que estão com tanta intenção de destruir a mim e meu relacionamento com Fynix que temos uma conexão real, que eu não fazia ideia de quem ele era quando nos encontramos há um ano, mas antes que tenha uma chance, a rainha levanta a mão para me silenciar.

— Sei como vocês, americanos, adoram um conto de fadas, mas uma monarquia é muito mais do que joias, coroas e festas, querida. Há trabalho de verdade envolvido. Nossa nação precisa de alguém que tenha sido criada para ser uma rainha e possa lidar com tudo o que a posição, a coroa e o rei exigem.

Uau.

Ela só faltou jogar na minha cara que estou tentando foder meu caminho até a coroa, porque de resto, não se segurou. A rainha olha para Abigail, que sorri para ela antes de se virar para fixar os olhos azuis-gelo em mim.

— Para ser sincera com você, srta. Cavanaugh, o príncipe Fynix está noivo de todas as maneiras que importam.

— O quê? — Balanço a cabeça para tentar limpar a névoa que deve estar me envolvendo depois do que Fyn acabou de fazer comigo, porque não devo ter ouvido direito. — Noivo? Não entendo.

Fynix disse que não havia nada entre Abigail e ele, que era tudo

apenas aparências, para apaziguar seus pais. Mas a rainha não está refutando a declaração de Abigail.

Isso me diz tudo o que preciso saber. No entanto, devo ser uma masoquista, porque não consigo me impedir de confirmar o que está claro e exposto bem na minha frente.

— Seu noivo?

Não é de admirar que a rainha e Abigail tenham sido tão pouco civilizadas comigo. É mais do que ela apenas estar com ciúmes porque quer Fynix. Ela foi *prometida* a ele. Os pais dele arranjaram tudo isso com o pai dela, e Fynix tem desfilado comigo, seu casinho, na frente de todos.

Acho que esse é o tipo de coisa que você faz quando acredita que possui privilégios ilimitados.

Meu estômago embrulha, e o que acabou de acontecer debaixo da mesa de repente parece ainda mais indecente do que antes... e não da maneira *boa*.

Me tornei aquilo que mais desprezo. Sou a outra mulher.

— Sim, meu noivo. — Abigail dá um sorriso triunfante. — Estou apenas esperando que ele sossegue e se canse de correr atrás de qualquer rabo de saia, como dizem.

Ela pisca os cílios longos e falsos para mim, a “cartada” final do jogo que, pelo visto, perdi. Tudo o que quero é que a terra se abra neste solário e me engula inteira.

Sou a porra de um rabo de saia...

É isso que elas estão me dizendo... que essa *coisa* entre mim e Fynix é temporária e só estão permitindo que aconteça porque sabem que quando acabar, ele vai voltar a seguir as regras e se casar com Abigail, como combinado.

Engulo o choro que ameaça subir pela minha garganta.

— Minhas desculpas a ambas. Não fazia ideia. Poderiam me dar licença, por favor?

Sem esperar por uma resposta, empurro minha cadeira para trás e me levanto, esquecendo que minha saia ainda está amontoada no colo.

Adicione isso à lista de momentos embaraçosos. Acabei de mostrar minha calcinha rendada para uma rainha e uma princesa.

Não consigo nem olhar para elas enquanto me viro e saio do

solário.

O que diabos estava pensando ao voltar para Lovolia em primeiro lugar?



CAPÍTULO 12

FYNIX

O homem olhando para mim da tela da televisão não parece perigoso. Parece um cara comum. Do tipo que você veria em uma cafeteria local, bebendo de uma xícara e digitando em seu laptop, criando seu próximo grande romance. Mas sei que não é assim.

Neal Lofton é perigoso.

O protesto de ontem prova isso. Embora ele possa alegar que a violência resultante das ações de seu grupo não foi iniciada por eles, que não podem controlar as pessoas que vão longe demais... não passam de mentiras.

Eu sei. E meu pai com certeza também sabe disso.

De pé ao meu lado, ele estuda a tela, braços cruzados, ombros tensos, olhos estreitos para o homem que está causando tanto tumulto.

O que aconteceu ontem em Lovolia é apenas o começo.

Nosso maior medo se realizou.

Esta transmissão da sede do Movimento de Libertação Lovoliana foi projetada para fazer apenas uma coisa: colocar mais lenha numa fogueira que já está saindo do controle.

— *Rei Elander, com o resto da família real, dorme em seu palácio, se sentam em seus tronos e não dão a mínima para o que acontece com qualquer um de nós aqui nas ruas. Eles provaram isso várias vezes, não dando ao povo a chance de expressar o que queremos. Há uma razão pela*

qual este mundo se afastou das monarquias como a que governa Lovolia, e é porque são inerentemente perigosas para o povo. Perigosa para nossa liberdade da tirania. No entanto, a família real se recusa a considerar que uma mudança pode ser benéfica para seus súditos. Em vez disso, exerce seu poder sobre nós, pegando nosso dinheiro, ditando nossas leis sem quaisquer freios ou contrapesos em vigor.

A câmera dá um zoom nele, e seus olhos impiedosos e escuros parecem olhar direto para os meus.

— Embora não tolere o tipo de violência que ocorreu aqui porque poderia ferir pessoas inocentes... — Lofton continua. *— Às vezes, a ação é a única maneira de fazer nossas vozes serem ouvidas. Mas é lamentável que rei Elander parece não poder nos ouvir lá de cima de seu palácio, no conforto do trono. Bem, este é o seu aviso, rei Elander. O povo de Lovolia não vai mais ficar parado e permitir que você tome decisões por nós, que viva do dinheiro suado e das costas quebradas de seu povo. Se não renunciar voluntariamente, vamos forçá-lo.*

A transmissão é interrompida e um silêncio pesado desce sobre as duas dúzias de pessoas na sala. Meu pai contempla a tela em branco por alguns instantes enquanto eu, e todos os outros, aguardamos sua reação.

Sim, essa situação já vinha se desenvolvendo há algum tempo. Desde que o rei Reginald concordou em instituir uma monarquia constitucional em Grandania, as coisas ficaram cada vez mais agitadas. Não apenas aqui, mas em vários outros países que continuam a ser governados por uma monarquia absolutista também.

Somos uma raça em extinção e o apelo de algo atraente como a democracia está fazendo algumas pessoas chegarem a um ponto que nunca imaginamos. Neal Lofton é apenas o rosto do movimento aqui, mas há dezenas em todo o mundo travando a mesma batalha contra um sistema de governo que consideram ultrapassado.

Mas sempre fomos bons com nosso povo. Nós o lideramos com força e respeito por gerações.

Lovolia é *pacífica*. Ou, pelo menos, era... até recentemente. Agora, usarão a violência que *eles* criaram contra nós para provar que nossa maneira de governar o país deve mudar.

As pessoas nem fazem ideia da luta que estão prestes a enfrentar.

Por fim, meu pai solta um suspiro irritado e olha para mim.

— Posso ver a razão das pessoas serem tão atraídas por ele. Ele é bastante carismático.

— Isso ele é. — Ecoo seu suspiro e aceno com a cabeça. — Ao que parece, ele era popular quando ensinava ciência política em Oxford. Um favorito dos alunos.

— No entanto, ele deixou um cargo permanente para retornar à terra natal para provocar essa agitação — meu pai grunhe, balança a cabeça e se senta atrás da mesa. — Um maldito professor que virou líder do golpe.

— Acha que ele quer dar um golpe? Esse é um negócio sério.

Manuel e Lev permanecem em silêncio onde estão perto da porta, atentos, mas sem emitir uma opinião. O capitão Nichols limpa a garganta e dá um passo à frente, as mãos cruzadas na parte inferior das costas, imaculado, como sempre, em seu uniforme policial.

— Senhor, posso fazer uma observação?

— Sim. Por favor, continue. — Meu pai acena com a mão para ele. — Passe qualquer informação que tenha.

O homem que tem sido o chefe da força policial de Lovolia por vinte anos lança um olhar entre meu pai e eu.

— Como você sabe, além da destruição de propriedade privada, cinco pessoas ficaram feridas na manifestação.

— Como? Por seus homens? — Meu pai se mexe na cadeira, claramente desconfortável por ter que discutir tal desgraça em seu reinado.

— Não temos certeza... — Nichols nega com a cabeça. — Mas meus homens insistem que não saíram da linha e estavam lá apenas para controlar a multidão. É possível imaginar que aqueles que sofreram ferimentos tenham sido pisoteados na correria de pessoas que tentavam evitar a prisão ou quando as propriedades foram danificadas. Estamos analisando as imagens de câmeras de segurança para obter mais detalhes.

— E quantos foram levados sob custódia?

— Vinte e dois.

Meu pai acena com a cabeça e esfrego a nuca, massageando a tensão crescente. Não parece muita gente, mas com uma população de apenas cem mil pessoas, já dá uma ideia do número de pessoas com interesse genuíno no que aquele idiota da televisão vem pressionando:

que é nos expulsar.

Mas nunca vai acontecer.

A família Yates governa este país há dois séculos e meio, e não desapareceremos porque alguém acha que pode fazer melhor.

— O que você acha do discurso do nosso amigo sr. Lofton? — Meu pai bate os dedos na frente da boca.

— Que é uma ameaça e uma nada velada. — Capitão Nichols olha para a tela em branco.

Assinto com a cabeça e me sento na beirada da mesa.

— Concordo. O homem está determinado a causar problemas enquanto se esconde na proteção de seus lacaios. Temos algo em que possamos prendê-lo?

— Não nesse momento. — Nichols balança a cabeça. — Eles tinham uma permissão para o comício. Prendemos aqueles que não estavam em conformidade com o controle de multidões ou eram violentos, e ele não era um deles. — Passa a mão pelo cabelo grisalho e acrescenta de maneira astuta. — Agora, se você está perguntando sobre acusações forjadas para tirá-lo da rua...

— Não, não, não... — Meu pai se levanta, balançando as mãos. — Não vamos fazer isso. Não vamos nos transformar no que ele está nos acusando de ser: membros da realeza que abusam de seu poder e posição e tiram de seu povo sem dar nada em troca.

— Senhor... — Nichols troca o peso de um pé para o outro, inquieto. — Gostaria que reconsiderasse sua decisão anterior sobre o envio da Guarda Real para ajudar no controle da multidão nesses tipos de eventos.

Meu pai olha para mim, a pergunta não dita.

— Não podemos. — Balanço a cabeça. — Como disse antes, enviar a Guarda Real seria entrar no jogo deles e dar a eles mais munição.

A última vez que este curso de ação foi levantado, consegui convencer o meu pai a me ouvir e manter a Guarda Real aqui, mas se esses confrontos continuarem a aumentar, ele não vai se importar com minhas preocupações por muito mais tempo. Meu pai se vira para Nichols e balança a cabeça.

— Concordo com Fynix. É melhor ficarmos fora disso. Não ceda ao ego dele e não reconheça seus interesses envolvendo a Guarda Real

ou qualquer outra pessoa conectada ao palácio.

— Um plano sensato, pai, mas algo precisa ser feito antes que a situação piore e alguém seja morto.

— O que o senhor sugere? — Nichols olha para o meu pai, que se recosta na cadeira, esfregando as têmporas.

— Sendo sincero, neste momento, não sei.

O homem em quem confiamos para manter a paz nas ruas de Lovolia lança um olhar furtivo para mim antes de pigarrear e se virar para meu pai.

— Talvez devêssemos marcar uma reunião oficial com Lofton e seu grupo. Não seria um reconhecimento público da maneira que o envio da guarda real seria, mas talvez possamos chegar a uma resolução de algum tipo.

O rei o considera por um momento, a mandíbula cerrada, a testa franzida.

— Pode não ser uma má ideia.

Me viro para encará-lo, cruzando os braços na minha frente.

— E que bem isso faria? Pai, o senhor não pretende abandonar o poder, certo?

— Claro que não... — O canto de sua boca se inclina em um meio sorriso. — Mas me sentar com eles e fazê-los sentir como se estivessem sendo ouvidos pode ajudar muito.

Solto uma pesada lufada de ar e lanço um olhar feio para o meu pai.

— Duvido. Lofton parece decidido. Ouso dizer que ele não vai recuar até conseguir o que quer.

Meu pai enrijece a coluna e coloca as palmas das mãos na mesa.

— Ainda bem que eu também estou decidido.

Essas palavras são finais. A última coisa que ele dirá sobre o assunto. Quando ele assume essa postura, ele fala sério e está fincando seu pé real no chão.

Tenho visto isso com muita frequência nos últimos dias, quando bato de frente com minha mãe e ele por causa de quase tudo, mas, nisso, concordamos. Não podemos ceder a Lofton e seu grupo, cabe a nós nos comportarmos bem, mesmo que não o façam.

Levanto-me da mesa e aceno para o capitão Nichols.

— Mantenha-nos atualizados sobre quaisquer novos avanços e

revise as imagens de vídeo em busca de possíveis acusações que possam ser feitas, qualquer coisa que possamos usar contra homem.

Capitão Nichols inclina a cabeça e parte, deixando a porta aberta com nossos guardas pessoais ainda de pé ao lado dela. Meu pai se concentra neles e sorri de modo gentil.

— Lev, Manuel, pode nos deixar a sós, por favor?

Lev me lança um olhar que significa que é melhor o informar sobre o que quer que seja dito por trás dessa porta fechada. Ambos saem para o corredor, deixando-me sozinho com meu pai.

Ele me encara, coçando distraído a barba por fazer em sua mandíbula que ele nunca permitiria que ninguém mais visse além de nós.

— O que você *realmente* acha, filho?

Ando até a janela para olhar para o jardim por onde Bridget e eu caminhamos, onde passamos uma noite tão incrível apenas para ser interrompida por essa bagunça.

Pressionando as palmas das mãos contra o vidro, me apoio nele, olhando para o labirinto no centro, as voltas e reviravoltas que parecem imitar minha vida ultimamente.

— Não sei. Parte de mim simpatiza com o que ele está dizendo...

— O quê? Como você pode...

Dou meia-volta e levanto a mão para detê-lo. Só minha mãe, ou eu, podemos fazer isso com o rei, mas aqui, assim, ele é apenas meu pai.

— Mas *ele* tem que entender que só porque ele *quer* uma mudança não significa que isso vai *acontecer*.

Isso parece aplacar meu pai de algum modo, e ele se recosta na cadeira, relaxando um pouco.

Ando até a mesa e me abaixo em uma das cadeiras de frente para ele.

— Até que tenhamos algo em que possamos acusá-lo, não há muito que possamos fazer além de tentar apaziguá-lo e manter a paz.

— Acha que isso vai funcionar?

— Não por muito tempo.

— Então, o que fazer?

O que fazer?

É a pergunta final, para esta situação atual e para mim com Bridget.

Ela está aqui.

Depois de todo esse tempo, a coisa que nunca sonhei que seria possível, aconteceu. Pensei que ela tinha deixado Lovolia e se esquecido de mim, me afastado para voltar à sua vida “segura” e chata com outro cara como Barry. Nunca imaginei que ela estaria definhando como eu, incapaz de ignorar aqueles poucos momentos de verdadeira conexão que compartilhamos naquela noite na areia.

Sorrio para mim mesmo só por saber que ela está aqui, não apenas em Lovolia, mas dentro das paredes do palácio. O que significa que há uma chance. Uma bem pequena.

Ainda existem tantos obstáculos. Tantas coisas que devemos superar para que isso vá a algum lugar, ou se torne algo.

Algumas delas sendo mais difíceis do que outras.

Olhando para o meu pai, me levanto. Não posso mais deixar Bridget sozinha hoje.

— Tenho algumas coisas para cuidar.

— Aquela *garota* não pode ficar aqui, Fynix. — Ele ergue uma sobrancelha cinza espessa para mim e estreita os olhos. — Por acaso sabe o que aconteceria se a mídia ficasse sabendo?

Faço uma careta para ele e aperto a mão na maçaneta da porta.

— Acho que a mídia pode ficar bastante interessada na história de um príncipe namorando uma plebeia americana e os pais dele contestando e tentando frustrar seus desejos.

— Você não se atreveria. — Meu pai bate as palmas das mãos contra a mesa, sacudindo as poucas coisas que mantém em cima dela. — Isso só acrescentaria combustível ao fogo que Lofton já acendeu e mostraria mais uma vez como nosso modo de vida é antiquado.

— Exatamente, pai. Você e minha mãe podem querer pensar melhor sobre isso. Bom dia.

Abro a porta e a fecho atrás de mim, a palavra final em uma conversa que acabou... pelo menos por enquanto. Mas sou inteligente o suficiente para saber que está longe de terminar.

Estou certo disso.



BRIDGET

Já passei algum tempo em algumas refeições estranhas antes, sentei-me à mesa com pessoas que estavam à beira do divórcio ou bêbadas, ou entre pessoas que se odiavam pra valer e não suportavam estar na mesma sala. Mas me sentar àquela mesa com a mãe de Fynix e a *princesa* Abigail deve ter sido a mais desconfortável de todas.

Mesmo antes de deixarem cair a bomba do *noivado*, ficou claro que as duas eram uma equipe com a intenção de dizimar qualquer esperança que pudesse ter quanto o meu caso com Fyn.

E conseguiram.

Cambaleio para fora do solário até o corredor. Sair daquele maldito lugar tira o peso gigante do meu peito, mas a palavra *noiva* continua flutuando em torno da minha cabeça, ameaçando me fazer desmoronar por completo.

Ele vai se casar com aquela mulher. Aquela princesa.

Aquela que se encaixa no molde perfeito que a rainha está procurando em uma parceira para seu filho. Alguém que está preparada, que foi treinada para lidar com os holofotes, que entende os meandros da monarquia e dos assuntos mundiais. Alguém que pode fazer o papel de uma rainha perfeita... não uma assalariada qualquer do Colorado.

Não foi assim que meus pais me criaram, cercados por mordomos, arte e merdinhas esnobes como Abigail. É uma vida completamente diferente. É um mundo diferente. Um que está me sobrecarregando depois de apenas um maldito dia aqui.

Tento respirar fundo o ar perfumado, fresco e agradável ao meu redor. Um lugar como este deve cheirar abafado e velho. Ao olhar, você presumiria isso, mas de alguma forma, não é. É vibrante e cheio de vida. No entanto, talvez seja porque Fyn mora aqui e ele é todas essas coisas.

Foi tudo isso que me atraiu para ele naquela noite.

Bem, isso e o abdômen tanquinho perfeito, além daquela maldita coisa de V...

Calor corre entre minhas pernas só de pensar nele. Lembrar daquela noite. Da noite de *ontem* no jardim. Ou no que ele fez comigo na mesa do café da manhã.

Caramba, o que estou fazendo?

Esfrego as mãos no rosto e caminho pelo corredor, o mais longe possível do solário e daquelas mulheres.

Tetos de seis metros se elevam acima de mim, esculpidos em mármore, granito ou qualquer outra coisa tão cara que nunca ouvi falar. O corredor com o carpete no meio que afunda de leve sob meus pés provavelmente custa mais do que ganho em um ano no meu trabalho.

Merda.

Aquele que não vou ter mais se não voltar até segunda-feira.

Por quanto tempo você vai mesmo ficar aqui quando nem sabe o que é isso?

Qualquer resposta a essa pergunta permanece inalcançável. Dois lados de mim guerreiam quanto ao que seria a coisa “certa” a fazer nesta situação. Posso ser a adulta “responsável” e ir para casa, para o trabalho, de volta à minha vida, ou posso ficar aqui e fingir que essa fantasia pode durar, mesmo que ele esteja *noivo* de outra mulher e seus pais claramente nunca me aceitariam.

Ambas as escolhas vão machucar por razões diferentes.

Viro em um corredor e dou alguns passos, em direção ao que acho que é a parte de trás do palácio e uma saída. Espero que para os jardins. Pelo menos lá fora posso respirar, tomar ar fresco e tentar esquecer por alguns instantes todas as razões pelas quais essa é uma ideia tão terrível. Talvez até leve o tempo suficiente para me convencer de que ficar é bom.

Quando Fyn disse que Abigail não significava nada para ele e que era tudo apenas por aparências, acreditei nele. Ele parecia genuíno e continuou a demonstrar sinceridade em tudo o que me disse desde que chegamos aqui. Mas um homem como Fyn, acostumado a estar diante das câmeras e dos olhos do público, sem dúvida desenvolveu habilidades estelares de atuação.

Posso realmente confiar em suas palavras?

Meu coração diz que *sim*. Minha cabeça diz que *não*. A realista em mim fala mais alto, aquela que fui criada para ser. Não posso fingir que isso vai ficar mais fácil, mas foi apenas *um* dia.

Dê um tempo, Bridg. Dê um tempo a Fyn.

Caminho pelo corredor, passando por uma série de portas fechadas e guardas que me dão olhares interessados, mas não me impedem de progredir. Um lampejo de cor à minha esquerda me leva a parar e me viro em direção ao lugar, em seguida coloco a cabeça através de uma porta aberta.

A galeria me tirou o fôlego, mas isso aqui faz meu coração parar.

Filas de retratos se alinham em cada lado da longa sala, os reis de um lado, as rainhas do outro, e na frente de cada bela pintura de uma Rainha de Lovolia, um vestido ornamentado colocado em um manequim que deve ter pertencido à mulher olhando através da moldura dourada.

Quase três séculos da família Yates ocupam essas paredes, o pai e a mãe de Fyn no final mais perto de mim. O homem olha para mim com olhos azuis familiares e, ao lado dele, o avô de Fyn, a semelhança entre os três homens é assustadora.

Viro-me para o outro lado, para os retratos das rainhas e os vestidos deslumbrantes. Renda e tecido intrincados diferentes de tudo que já vi. Percorro a fileira devagar, examinando os vestidos mais antigos e as mulheres que ajudaram a governar este país. Mulheres bonitas e fortes que parecem tão majestosas quanto seus títulos exigem.

Como Bridget, do Colorado, se compara? Não muito bem.

Ver esses retratos e vestidos só reforça quanto sou americana e sem noção, mas não consigo desviar o olhar, continuando até chegar aos fundos, onde uma grande caixa de vidro preenche toda a largura da sala.

Faço uma parada brusca e pisco algumas vezes.

— Isso é...? Uau.

A coroa fica em cima de um travesseiro azul rendado de aparência macia, com diamantes e safiras brilhando sob a iluminação na caixa, com outras joias deslumbrantes em mostradores de ambos os lados.

— Não tem como essa ser a verdadeira — sussurro para mim mesma, mas na sala silenciosa, elas são altas o suficiente para me fazer sobressaltar um pouco antes de dar mais um passo em direção a ela.

A beleza deslumbrante dos detalhes faz meu coração palpitar. É

o símbolo supremo da monarquia, a representação física do poder que o pai de Fynix detém. Deveria odiar essa coroa, desprezar olhar para ela por causa do que representa: aquilo que poderia nos impedir de ter um futuro. No entanto, não consigo parar de olhar para ela. Independentemente do que representa, é uma bela obra de arte.

— Você nunca terá uma.

Sobressalto com as palavras ditas atrás de mim e pressiono minha mão sobre meu coração acelerado enquanto giro para encará-la.

— O que disse?

A mãe de Fyn está parada a alguns metros de distância, os lábios franzidos e o olhar perspicaz fixo em mim.

— Você nunca terá uma. — Ela inclina a cabeça em direção à coroa. — Você nunca receberá *nenhuma* coroa.

— O quê?

— Não se faça de boba comigo, Bridget. — Ela dá um passo em minha direção. — Meu filho pode acreditar na sua historinha sobre não saber quem ele era quando você estava aqui no ano passado, mas o pai dele e eu nunca caímos na sua. Nunca. Você está aqui para uma coisa e apenas isso. — Aponta para a coroa. — E você nunca vai conseguir. Você não tem futuro com meu filho. Nunca terá.

Suas palavras me atingem como farpas afiadas cortando minha pele e tropeço um pouco para trás, para longe dela.

— Não, não é verdade. Se fosse assim, por que teria ido embora? Por que teria ido para casa e ficado longe por tanto tempo? Que propósito isso teria servido ou que bem teria me feito se tivesse algum grande plano?

O sorriso dela combina com o de Fyn, mas o dela tem malícia, enquanto o do filho é brincalhão e caloroso.

— Você é inteligente, admito. Sabia que, para garantir que meu filho ficasse obcecado por você, não fosse capaz de te superar, precisava fazer a única coisa que nenhuma outra mulher jamais fez.

— O que seria?

— Negar a ele o que quer. Fynix poderia ter qualquer mulher neste planeta. Passou um ano com Abigail ao seu lado. No entanto, tudo o que ele consegue pensar é na mulher que conheceu na praia há um ano. — Seu rancor suaviza por um instante. — Tenho que admitir que estou impressionada por você ter levado isso tão longe e prolongado

por tanto tempo. Mas vejo através de você, e em breve, meu filho também verá. Você nunca colocará as mãos na coroa e nunca terá Fynix. Isso não vai durar.

Meus olhos começam a queimar com lágrimas não derramadas enquanto tento formar uma resposta à acusação que ela acabou de lançar em mim. Como se o que ela e Abigail disseram no café da manhã não fosse ruim o suficiente, agora, ela veio me procurar e colocar em pratos limpos tudo o que pensa de mim.

Ela quer ter certeza de que compreendo com clareza sua opinião no que me diz respeito. E agora, ela mais do que demonstrou seu ponto de vista.

A rainha se aproxima de mim e se inclina, o cheiro forte de seu perfume permeando o ar.

— Não desfaça as malas.

Sua inferência é clara, ela passa sem olhar para trás para me deixar no meio da sala tentando recuperar o fôlego e processar o que acabou de acontecer. Nunca serei suficiente para ela e o pai de Fyn.

Nunca.

— Ah, aí está você — a voz de Fyn me faz dar meia-volta. Ele se aproxima com um sorriso, mas assim que vê meu rosto, vacila. — O que foi? Aconteceu alguma coisa?

Não posso contar a ele o que a mãe dele acabou de me dizer. Apesar das diferenças de opinião e as discussões dos dois, ele a ama, e não acreditaria em mim ou *acreditaria* e isso causaria uma distância ainda maior entre eles. Minha presença aqui já causou problemas suficientes. Não quero piorar as coisas.

Em vez disso, forço um sorriso e limpo os olhos para garantir que não estou chorando.

— Está tudo bem. Estava apenas admirando os vestidos e a coroa.

Fynix olha por cima do meu ombro.

— Essa é do cerimonial. Só é exibida uma ou duas vezes por ano, e é por isso que é mantida aqui, na residência particular com as outras joias da Coroa.

— Entendi.

Finjo ouvi-lo quando tudo em que consigo pensar são as palavras de sua mãe.

Não desfaça as malas.

Fyn coloca os braços nos meus ombros e me puxa para ele.

— Sinto muito por ter que abandoná-la esta manhã. Outra vez.

— Está tudo bem?

Ele solta um suspiro e deixa cair a testa contra a minha.

— Vai ficar. Ao menos, espero que sim.

Eu também.

Quero desesperadamente aceitar tudo o que ele me disse como a verdade, que as palavras foram sinceras, mas ele não me contou sobre o acordo para se casar com Abigail. Essa é uma peça muito importante do quebra-cabeça para ser deixada de fora.

Ele levanta a cabeça e sorri para mim.

— Venha. Quero te levar por aquele passeio pelo palácio que prometi ontem. Depois, podemos terminar o que começamos mais cedo.

Meu corpo esquenta com a lembrança, mesmo que faça o meu melhor para mantê-la afastada. Estar tão perto de Fyn faz com que seja difícil me concentrar em qualquer outra coisa.

— Parece maravilhoso. Mas tenho uma pergunta.

— Qual? — Arqueia uma de suas sobrancelhas loiras.

— Abigail disse que você está “prometido” a ela.

— Não. — Sua mandíbula apertada. — Eu te disse, isso é tudo coisa dos meus pais. Eles *querem* que me case com ela. Isso é tudo. Nada aconteceu ou *acontecerá* entre mim e Abigail.

É uma explicação válida, mas não alivia a dor do que ela disse ou a preocupação com o que está por vir.

Faz menos de vinte e quatro horas desde que vim para este palácio com Fyn, e ele já foi chamado a negócios duas vezes. A vida dele... esta vida, é tão diferente da minha. E depois do que a mãe dele acabou de dizer, está ficando cada vez mais claro que essa diferença pode ser muito grande para superar.



CAPÍTULO 13

BRIDGET

O telefone toca três vezes antes de Daphne enfim atender.

— *Bridget! Estava pensando em você. Já ia te ligar para confirmar a que horas seu voo chega amanhã. Quero ter certeza de que não preciso sair do trabalho mais cedo.*

Solto um suspiro e me sento na cama luxuosa do quarto de Fyn, onde dormi nas últimas noites. Consegui me safar enviando mensagens curtas para Daph desde que cheguei, não revelando a grande mudança de situação. Sou uma covarde, mas fiquei com muito medo de como ela reagiria e continuei adiando o máximo possível.

Mas não posso mais, não quando meu voo de volta parte amanhã e nem decidi se estarei nele ou não.

— Ummm... foi por isso que liguei.

— *Ah, merda. Seu voo não foi cancelado, foi? Sei que você não quer ficar presa aí por mais tempo do que precisa.*

Isso teria sido verdade há alguns dias. Quando marquei a viagem, o fato de não conseguir um voo de volta por quase uma semana foi um aborrecimento. Significava passar mais tempo no lugar para o qual só vim para realizar uma coisa: dizer adeus. Mas agora, tanta coisa mudou tão rápido.

Sério que só se passaram cinco dias?

Daphne não vai entender a razão de eu ficar. Ela não conheceu

Fyn. Não experimentou como é estar perto dele, sentir sua energia, seu toque. Ela verá isso como um fracasso épico de todo o meu objetivo em vir aqui.

De fato, é. Um fracasso épico e monumental.

— Ummm, não, o voo não foi cancelado. — Respiro fundo, a verdade na ponta da língua, mas relutante em sair. — Mas não vou estar nele.

— *O quê?* — Daphne derruba o telefone. — *Bridget, o que está acontecendo?*

Pelo visto, perdi de vez a cabeça.

— E-eu vi Fyn.

— *Você, o quê?*

— Pousei aqui, fiz o check-in no hotel. Depois tomei uma bebida ou duas. — *Talvez tenha sido três.* — Para criar coragem de voltar naquela praia. E enquanto estava lá, assistindo ao pôr do sol, esperando que fosse o que precisava para seguir em frente com minha vida... ele simplesmente... apareceu.

— *Ele estava lá?*

Me jogo de volta na cama e deixo meu antebraço cair sobre meus olhos.

— Aham. Ele disse que voltou para a praia todos os dias no último ano, esperando que eu estivesse lá e...

— *Você acredita nessa besteira?* — Daphne zomba. — *Parece uma cantada fajuta.*

— Não sei se acredito que ele estava lá todos os dias. — Penso na logística. — Quero dizer, ele tem obrigações em Lovolia que o ocupam todos os dias. Além de precisar fazer viagens ao exterior com os pais ou em nome deles. Mas tenho a sensação de que ele ia muito lá. — Ele me disse que era o lugar para onde ia quando queria escapar.

Por que isso teria mudado só porque transamos na areia?

— Talvez devesse saber que voltando no aniversário do nosso primeiro encontro poderia encontrá-lo. Talvez lá no fundo, quisesse isso.

— *Essa não. Bridget, você não fez isso.*

Ela não precisa se estender. Nós duas sabemos exatamente a que ela está se referindo, e é por isso que estava com medo de ligar para ela.

— Fiz. — Estremeço. *Fiz várias vezes.* — Estou no palácio agora.

— *Você, o quê?*

— Estou no palácio, na suíte particular dele na seção residencial, deitada na *cama* dele.

A cama enorme, fofa e mais confortável em que já dormi. No entanto, isso pode ter algo a ver com a companhia. Apesar de Fyn estar ocupado nos últimos dias lidando com as consequências da violência do comício, conseguimos encontrar tempo para explorar ainda mais os terrenos do palácio... e um ao outro. Ele pode não ser capaz de dormir e acordar comigo todos os dias, mas quando está aqui, nesta cama comigo, tudo parece perfeito no mundo.

— *Putá merda. Então vocês dois...*

— Sim.

— *Você conheceu o rei e a rainha?*

— Aham.

— *Mas e aquela garota que ele está namorando? A princesa qualquer coisa que sempre vemos nas fotos com ele.*

Imagens daquele sorriso presunçoso que Abigail me deu quando disse *meu noivo* passam pela minha cabeça, e cerro o punho e o bato na cama. Minha raiva por sua atitude e filha da putagem não diminuiu. Na verdade, só aumentou à medida que passei cada vez mais tempo com Fyn.

Vadia.

— Ela está aqui, embora não esteja hospedada no palácio, ainda bem. Mas ela sempre está *por perto* devido à amizade de sua família com o rei e a rainha, e deixa óbvio quão infeliz está por minha presença aqui tanto quanto os pais dele.

— *Mas vocês dois estão juntos?*

— Acho que sim.

Com certeza *parece* que sim. Estou mais *com* Fyn do que já estive com qualquer outro homem, incluindo Barry. E não é apenas a conexão física, mas a necessidade constante, a luxúria. Ele é o único, além de talvez Daphne, com quem posso apenas *ficar perto*.

Com quem posso ficar em um silêncio confortável. Nunca estranho. Nunca forçado. Apenas agradável de uma maneira que não sabia ser possível.

— *Você acha que sim?* — ela geme. — *Bem, o que você e Fyn são?*

Quero dizer, você é namorada dele?

— Não sei — estremeço.

— *Isso é uma coisa de longo prazo?*

A resposta não quer sair, principalmente porque posso antecipar como Daphne reagirá e ela está muito certa em fazer isso.

— Não sei.

— *Bridget, o que diabos você está fazendo? Se não embarcar no voo amanhã, não voltará a tempo para trabalhar na segunda-feira. E você usou todos os seus dias de férias.*

— Eu sei.

— *Mas, e aí? Você vai perder seu emprego assim?*

— Não sei.

— *Caramba, Bridget. O que você sabe?*

Solto outro suspiro pesado.

— Que não sei de nada, pelo visto.

— *Garooooota, você está tãããããooooo encrencada. Esse cara é como sua kryptonita. Você fica a um metro e meio dele e toda a sua força de vontade e sua capacidade de pensar desaparecem.*

Ela não está errada.

Ainda assim, o desejo de defender Fyn e a situação em que me encontro borbulham.

— Lembre-se, foi você quem tentou me convencer a transar com um surfista gostoso naquele dia...

— *Bem, sim, mas não disse para transar com o príncipe* — Daphne zomba. — *Isso vem com todo um conjunto de problemas.*

— Não me diga... — Fecho os olhos com força, as lembranças de todos os momentos incríveis que passamos juntos se misturando com as incontáveis horas que fiquei sozinha, presa no palácio e no terreno sem nada para me distrair, exceto a incrível biblioteca e os jardins. — Sabia que seria complicado. Só não pensei...

— *Você não pensou, o quê?*

Sento-me e depois saio da cama para caminhar até a janela com vista para os belos jardins.

— Não sei o que pensei. Acho que não deveria esperar que os pais dele me recebessem de braços abertos. Eles têm sua reputação e aparência para proteger. Por trabalhar em relações públicas, *entendo* muito bem disso. Acho que pensei... não sei. Que os pais dele iriam

querer que ele fosse *feliz*. E que se fosse isso que fizesse, se o fizesse feliz, talvez as coisas ficassem bem.

Ela suspira com simpatia.

— *Amiga, odeio te ouvir tão angustiada assim. Esperava que esta viagem fosse um novo começo para você, como deveria ter sido no ano passado. Acho que você precisa olhar para o quadro geral. Onde vê isso indo parar? Você vai se casar com esse cara? Ele te pediu em casamento? Disse que te ama?*

— Porra, não, Daph. Não faz nem uma semana.

— *Certo, entendo. Mas você vai desistir do seu emprego aqui por algo que nem sabe se tem futuro ou não. E o seu apartamento? Como vai pagar o aluguel se não tiver um emprego?*

Fecho os olhos com força.

São perguntas muito boas para as quais precisarei descobrir as respostas muito em breve.

Um silêncio pesado permanece na linha. Daphne, sem dúvida, pensando o mesmo. Por fim, ela solta uma risada triste.

— *Caramba, Bridget, só você se meteria em uma situação como essa.*

— Ei, você não só me encorajou a transar com um surfista gostoso naquele dia, como também sugeriu que eu precisava de um pouco mais de emoção na minha vida e que precisava parar de namorar homens chatos e previsíveis.

— *Bem, acho que você foi parar no outro extremo.*

— Sim, você, com certeza, poderia dizer isso. — Solto uma risada aguda e faço que sim com a cabeça. — Fynix é tudo menos previsível. Você deveria ter visto o que ele fez comigo outro dia durante o café da manhã.

— *Como assim?*

Meu corpo aquece lembrando do toque dele, da emoção de fazer algo assim em algum lugar tão público e errado.

— Ele me fodeu com os dedos debaixo da mesa enquanto me sentava em frente dos pais dele e àquela princesa com quem o vimos, Abigail.

— *Mentira!*

— Sério. Foda total com os dedos.

— *Essa pode ser a coisa mais excitante que já ouvi em toda a*

minha vida.

Dou risada da escolha de palavras dela, porque realmente foi.

— Sim, bem, teria sido muito mais quente se ele tivesse conseguido terminar o serviço, mas ele foi chamado.

— *Ai. Clitóris azul, hein?*

— Sim, é uma coisa real.

— *Por que ele foi chamado?*

— Não tenho certeza. É obvio que tem coisas que ele não pode me dizer. As coisas têm estado um pouco instáveis por aqui ultimamente, então sei que tem a ver com isso, mas ele não me contou nenhum detalhe.

É assim que seria?

Um futuro em que meu marido não pode ou não quer discutir as coisas que o sobrecarregam parece fadado ao fracasso. Esse não é o tipo de relacionamento que quero. Barry escondeu coisas de mim e olha onde isso terminou.

— *Ah, minha nossa, tinha esquecido disso. Vi no noticiário que houve algum tipo de tumulto ou algo assim.*

— Sim. Ele tem estado ocupado lidando com isso.

— *É seguro para você estar aí agora?*

Será que é?

Nunca considereei minha própria segurança pessoal, já que Lovolia sempre teve a reputação de ser muito segura para os turistas, mas parece que as coisas podem estar mudando, e não no bom sentido.

— Boa pergunta. — Talvez uma que deveria ter me feito e talvez até mesmo a Fyn. — Não sei.

— *Você já se notou repetindo isso várias vezes durante esta ligação?*

Olho para as glicínias roxas que quase não consigo ver no centro do labirinto.

— Sim.

— *Amiga, você precisa pensar sério em pegar o avião amanhã. Porque se não fizer isso, vai ficar desempregada e sem lugar para morar. O que restará para você aqui quando tudo isso desmoronar? Quando ele decidir que quer se casar com a princesa, ou que foder a turista americana foi divertido, mas que ele precisa de alguém que possa colocar na frente da câmera e desfilar nesses eventos que possua de fato algum*

poder?

Droga. Daphne está certa.

Não posso desistir do meu emprego, do meu apartamento, da minha vida inteira no Colorado só porque *gosto* desse cara.

Posso? Neste ponto, o que temos além de uma atração sexual?

Está claro que não conseguimos tirar as mãos um do outro, mas estaria mentindo para mim mesma se dissesse que não há mais nada aí. Há uma atração, essa carga elétrica que zumbe toda vez que estamos na mesma sala juntos. É mais do que apenas desejo sexual. É apenas... *mais*. Mesmo que não consiga encontrar as palavras para isso, simplesmente é.

Seria um tola se deixasse algo assim passar. Não é? Ou sou uma tola por desistir de tudo quando não há potencial real para um futuro com ele?

Abaixo minha testa contra o vidro quente.

— Vou dar um jeito. Afinal, sempre dou.

— *Sim, amiga. Você sempre consegue. Mas estou preocupada de que desta vez seu tesão por esse homem vá obscurecer seu julgamento.*

Já fez isso.

— Apenas lembre-se de que foi você quem me empurrou para isso há um ano.

— *Assumo total responsabilidade por querer que você transasse para esquecer Barry. Só não pensei que você faria sexo com um príncipe.*

— Sim, nem eu. Mas agora que já foi, acho que significa que preciso resolver minhas merdas.

— *Você tem... e rápido...*



FYNIX

Sentado perante Lofton, com o meu pai de um lado e o capitão Nichols do outro, uma sensação de que algo ruim está para acontecer e o pavor se instala em meu estômago como uma rocha sólida.

Como havia suposto quando o vi na televisão há apenas alguns

dias, é um mestre em esconder sua determinação e a intenção sinistra por trás de uma aparência inofensiva.

Meu pai acredita que organizar esse encontro cara a cara nos dará algum tempo, alguma visão e talvez evitasse mais violência, mas o brilho nos olhos de Lofton me diz exatamente o oposto.

Esse filho da puta está saboreando o fato de que nos afetou, que nos forçou a marcar esse encontro, e isso faz a pedra no meu estômago revirar.

Esse encontro não vai mudar nada. Neal Lofton tem planos, e dos grandes. E para que tenham sucesso, precisamos sair do caminho dele.

Só por cima do meu cadáver.

Meu pai faz um gesto para o homem que causou tanto tumulto.

— Obrigado por concordar em se encontrar conosco.

Lofton devolve o sorriso, mas não reflete em seu olhar astuto. Tudo o que existe é desdém por quem e pelo que somos, pelo que defendemos.

— Agradeço por ter me procurado, *Vossa Majestade*.

A ênfase que ele coloca no honorífico me faz estremecer por dentro. Ele pronuncia as palavras como se fosse um xingamento, como se provocasse um gosto desagradável em sua boca.

Não duvido que provoque.

Um homem como este não é do tipo que vai brincar e fingir que está aqui para uma reunião amigável. Todos nós entendemos o que é isso. Um confronto entre um homem com poder e um que o anseia e gosta de pensar que o possui.

Meu pai mantém uma postura neutra.

— Queríamos ter essa reunião com você para discutir os infelizes eventos dos últimos dias.

— Sim, bem infelizes.

— Esperamos encontrar uma maneira de evitar outro confronto.

Lofton arqueia uma sobrancelha.

— Sua insinuação é de que eu tinha algum controle sobre o que aconteceu e o provoquei.

— Foi o seu protesto.

— Seja como for, os poucos que optaram por se comportar de

maneira negativa não estavam fazendo isso a meu pedido.

— Você pode não ter dito a eles para fazer isso, mas sua retórica, sem dúvida, encorajou a conduta deles.

Lofton solta uma risada fria e sem humor e olha para o homem de cabelo escuro com uma cicatriz percorrendo sua bochecha esquerda que se senta ao seu lado, seu segundo no comando, segundo as informações obtidas pelo capitão Nichols.

— Então agora você me responsabilizaria pelas ações de outras pessoas sendo que nunca dei nenhuma ordem. Você deve me achar muito poderoso para acreditar que posso fazer isso. Usando o quê? Controle mental?

Meu pai comprime os lábios em uma linha severa. Debaixo da mesa e fora da vista do nosso convidado, por um bom motivo, ele cerra o punho em aborrecimento. Se ele perder a paciência, esse encontro pode ir ladeira abaixo e bem rápido.

— Seu movimento encoraja e provoca os cidadãos, e sua declaração pública após o protesto alimentou ainda mais essas chamadas.

— Estou apenas falando minha verdade e expondo o que está acontecendo para o povo de Lovolia. — Lofton ri e estende as mãos enquanto se reclina. — Eles são livres para tomar as próprias decisões quanto a tomar alguma atitude com base nesse conhecimento.

— Este país lutou muito para chegar até onde está, liderado por minha família, sr. Lofton. Meu tataravô testemunhou a tirania da autoridade do Império Britânico sobre nós e arriscou sua vida para garantir que nos tornássemos uma nação soberana. Algo que, desde então, continuamos a defender e valorizar.

Ele não olha para os retratos de nossos ancestrais na parede mais distante, mas os olhos de Lofton vagam nessa direção.

— Tratamos bem o nosso povo — meu pai continua. — Cuidamos deles. Temos uma economia turística próspera, praias limpas e bonitas. Uma população satisfeita e feliz que desfruta de um dos mais altos padrões de vida do mundo. Diga-me, o que há de tão horrível em viver em Lovolia sob nosso reinado?

Os olhos de Lofton se reconectam com os do meu pai.

— Com todo o respeito, *senhor*, o senhor vê seu país através de óculos cor-de-rosa. Dirige pelas ruas em seus carros de luxo escoltados pelo capitão Nichols aqui e seus homens, e seus guardas reais. Para,

beija bebês e acena para as pessoas. Mas não vivencia o que eles fazem. Nunca morou em uma casa pela qual teve que pagar. Nunca trabalhou pela comida colocada na sua mesa. — Abre os braços. — Esta sala em que nos encontramos é maior do que qualquer casa em que cresci.

— Somos um país pequeno, sr. Lofton. O setor imobiliário está em alta. Devemos lidar com a mão que nos é dada.

— Essa mão pode ser mudada, senhor, e é isso o que estamos pedindo. As pessoas devem tomar decisões por si mesmas. O controle nunca deveria estar nas mãos de uma única pessoa.

— Você quer o que Grandania tem, uma monarquia constitucional que nos privaria de todo o nosso poder, exceto pela aparência?

Lofton solta outra risada fria e se inclina para frente, apoiando os cotovelos na mesa e brinca com um anel na mão direita.

— Não, *senhor*, nosso objetivo é erradicar a monarquia de Lovolia por completo.

Que inferno.

É ainda pior do que imaginávamos. Este homem não quer apenas que abduquemos nosso poder. Quer que sejamos despojados de nossos títulos reais e removidos de vez.

Meu pai enrijece, a raiva o fazendo travar a mandíbula.

— Então nosso encontro acabou. Estava disposto a entreter suas ideias, ouvi-las, mas se não há espaço para discussão, então isso é inútil.

— Eu poderia ter dito isso, senhor, e poupado nosso tempo.

A raiva se agita e rasteja pela minha pele. Movo-me para frente no meu assento. Embora seja meu pai presidindo esta reunião, preferindo que eu fique quieto, não posso ficar de braços cruzados enquanto este homem tenta destruir o legado que nossa família lutou para criar ao longo dos séculos.

— Sr. Lofton, se acha mesmo que as pessoas vão ficar do seu lado e permitir que sejamos expulsos do palácio que minha família construiu, está muito enganado.

— Então, o filho fala. — Lofton sorri para mim. — Preocupado em nunca usar a coroa que seu pai usa com tanta dignidade?

Faço uma careta para ele.

— O que me importa é o bem-estar do nosso povo, algo que

você está sabotando com esses protestos, deixando todos agitados e incentivando a agressão. Ouvimos nosso povo. Trabalhamos com eles. Oferecemos um lugar seguro para morarem. *Você* é quem está prejudicando este país, não nós. E não vamos ficar parados e deixar isso acontecer.

— Isso é uma ameaça? — Uma de suas sobrancelhas escuras se ergue. — É assim que a família Yates lida com as coisas agora?

— Não, não é uma ameaça. É uma promessa. Se causar mais violência com seus protestos e comícios, nós prenderemos *você*. Vamos dar um basta nisso do jeito que for preciso.

Minhas palavras pairam no ar, e mesmo que meu pai não diga nada, posso sentir seu aborrecimento com meu comentário.

Deveria ter mantido minha boca fechada e deixado a reunião terminar com a declaração do rei, mas o homem à minha frente é uma praga hipócrita e arrogante. Extremamente confiante em sua capacidade de convencer Lovolia a seguir sua liderança.

O ódio por isso. Ódio o fato de ele colocar nosso povo em perigo. Ódio o fato de ele ser tão convencido disso. E ódio em especial o fato de que suas ações me separaram de Bridget.

Deveríamos estar curtindo um ao outro, curtindo enfim estar *juntos* depois de *todo* esse tempo. Precisamos descobrir como fazer nosso relacionamento dar certo e discutir nosso futuro.

Em vez disso, passei dias tentando ajudar os feridos pela violência que esse idiota e seu bando de apoiadores instigaram, distorcendo a mente de pessoas desavisadas.

Minha raiva se intensifica quando o meu pai se levanta e os que estão sentados fazem o mesmo.

— Esta reunião está encerrada. — Meu pai se vira para Manuel. — Pode escoltar o sr. Lofton e seu sócio para fora.

Lofton faz uma reverência de deboche, cheia de desdém, e segue Manuel para fora da sala com passos decididos e ombros eretos.

Ele acha que ganhou. Talvez tenha.

Solto um suspiro de raiva. Meu pai retoma o assento e esfrega a mão no rosto antes de olhar para mim.

— Você tinha que cutucá-lo, não é?

— Não teria importado nem se tivesse ficado calado, pai. — Bato a palma da mão na mesa. — Ele não está nem aí para quem se

machuca no processo, desde que consiga o que quer no final.

Depois de assistir sua performance na televisão e agora conhecê-lo pessoalmente, tenho uma imagem mais clara de sua agenda. Ele busca o poder e sabe que só há uma maneira de obtê-lo.

— Aposto que seus planos para a nova democracia o incluem à frente. Ele quer ser visto como o salvador do povo, como o homem que aboliu o modo de vida antiquado de Lovolia e introduziu um novo. Ele deve ser parado.

Capitão Nichols limpa a garganta do meu outro lado.

— Não conseguimos encontrar nenhuma evidência concreta contra ele em vídeo. Algumas das imagens de vigilância eram de baixa qualidade, impossibilitando ver quem estava incitando a violência. Ainda não sabemos como começou. Algumas câmeras não capturaram nada. Mantive ele sob vigilância vinte e quatro horas todos os dias, exceto quando deixou o país.

Deixou o país?

Isso chama minha atenção.

— O que você quer dizer com: ele deixou o país?

— Ele não é um residente permanente. De acordo com seu passaporte, ele foi e voltou para Grandania pelo menos uma dúzia de vezes durante o último ano ou dois, incluindo pouco antes e logo após a comoção. Ele voou de volta para Lovolia *de* Grandania para esta reunião.

Meu pai zomba e se levanta, para caminhar de um lado para o outro atrás de nós.

— Disse a Reginald que ele estava permitindo que seu país se tornasse um santuário para terroristas.

Embora *terrorista* possa ser considerado uma palavra forte para alguém que pretende buscar uma forma democrática de governo, há uma diferença entre protestos políticos pacíficos e incitar a carnificina que eclodiu no outro dia. Incentivar vandalismo arbitrário e danos físicos é terrorismo e não pode continuar.

Ele acha que pode se esconder em Grandania e mexer os pauzinhos em algum outro lugar onde não possamos alcançá-lo, mas basta um passo em falso e estaremos em cima dele. Vou garantir que esse homem nunca veja o lado de fora de uma cela de prisão. Me viro para Nichols.

— Encontre algo sobre ele e rápido porque, se não o fizermos, minha intuição me diz que as coisas vão piorar e rápido, e não vamos gostar de como isso termina.

Tal como está agora, a última semana foi uma mudança dramática na atmosfera em Lovolia, e não para melhor.

Bem, mas isso aqui não é uma piada. E eles não vão rir no final.



CAPÍTULO 14

FYNIX

Os portões privados dos fundos do castelo se fecham atrás de nós. Olho para Bridget de óculos escuros, chapéu de praia de palha de abas largas e abro um sorriso, apontando para o chapéu.

— Talvez você queira tirar o chapéu.

— Por quê? — Ela franze a testa. — Mira trouxe com algumas outras roupas. Achei fofo.

— É adorável, mas está prestes a ventar muito e você vai perdê-lo.

— Ah. — Ela sorri e balança a cabeça. — Tenho certeza de que vai ficar tudo bem.

Suprimo uma risadinha e piso no acelerador do meu Jaguar vintage preto 1954 XK120, nos fazendo disparar pela estrada estreita para longe do palácio e em direção à liberdade da qual tanto precisamos agora.

Bridget grita e seu chapéu sai da cabeça, voando atrás de nós. Ela se vira e observa, boquiaberta.

— Você deveria ter me escutado, amor.

Desta vez, não luto contra a risada que borbulha enquanto nos conduzo da pequena estrada privada para a principal que atravessa a cidade e ladeia a costa deste lado da ilha.

Enfim, estamos fazendo isso.

Depois de todas as merdas que ficaram entre nós desde que ela chegou, posso passar algum tempo de qualidade com ela e mostrar quanto preciso que ela fique aqui comigo, quanto preciso *dela*.

Por tempo indeterminado.

Durante tudo isso, ela tem sido como uma onda batendo na costa, lavando embora o estresse e a dor em minha alma. Não apenas uma distração ou uma maneira de escapar quando o país parece estar desmoronando ao meu redor, mas alguém que está comigo por *mim*. Não pela ostentação, ou o que ela pode ganhar.

E porra, como preciso disso.

Os anos sendo perseguido por mulheres que só querem o que meu nome e posição lhes oferecem ficaram para trás, assim como o palácio à medida que nos afastamos dele em direção ao que espero que cimentará minha relação com Bridget.

Graças a Deus ela ficou.

Quando me disse que seu voo de volta era hoje, vi nos olhos dela. A hesitação. A dúvida de se deveria ou não ir. E quem pode culpá-la? Não consegui mostrar a ela a beleza de Lovolia. Tudo o que viu foi quão feio tem sido nos últimos dias. Mas isso muda hoje, com essa fuga tão necessária.

Pego a mão dela na minha e a aperto com carinho. Ela retribui o gesto e sorri para mim, tão bonita e genuína. Tão espontânea. O vento nos envolve, agitando seu cabelo escuro em um tornado selvagem em torno de seu rosto angelical. Mas ela não se importa. Pela primeira vez no que parece uma eternidade... eu também não.

Esquecidos estão os comícios, o Movimento de Libertação Lovoliana, meus pais e suas expectativas e demandas, e a porra da Abigail. Agora, sou só eu, minha mulher e o sol mediterrâneo brilhando sobre nós.

Um par de dias longe de tudo... algo que nunca pensei ser possível, dado aos eventos ultimamente. Mas *fiz* acontecer.

Bridget fica mais distante de mim cada vez que tenho que deixá-la, e não posso culpá-la. Ela está sozinha aqui. Apenas ficou em Lovolia por mim e pelo potencial do que isso entre nós poderá ser. Cada vez que sou obrigado a lidar com alguma besteira política, ela é deixada para vagar pelos corredores do palácio, sozinha. Nem sequer pode sair e explorar o país... não quando há tanta agitação. Não seria seguro,

menos ainda se alguém descobrisse sobre a gente.

E é só uma questão de tempo até isso acontecer. Segredos não permanecem assim em Lovolia, ainda mais no palácio.

Mas os próximos dias são apenas sobre *nós*. Um tempo pessoal.

Só Lev sabe para onde estamos indo e embora ele possa me localizar em poucos minutos, se necessário, recebeu instruções *estritas* de que é melhor que o mundo esteja implodindo antes de entrar em contato comigo.

Sem interrupções.

Podemos *ficar juntos* de verdade sem nos preocupar com quem nos verá e como minha associação com uma *plebeia*, ainda por cima uma americana, refletirá na monarquia e os danos que esse relacionamento pode causar. Poderemos ser apenas nós mesmos.

Fyn e Bridget... como fomos naquela primeira noite na praia há tanto tempo.

Naquela noite, encontramos um terreno comum. Ambos procurando por algo diferente. Cada um em busca de uma aventura, uma maneira de se libertar dos ciclos viciosos em que fomos capturados. Podemos fazer isso de novo. Podemos nos encontrar.

Sem tirar os olhos da estrada, levo a mão dela aos lábios enquanto aceleramos pela cidade em direção ao litoral, revelando a verdadeira beleza de nossa pequena nação insular. É o mais livre que já me senti sem estar nas ondas. E jamais quero perder essa sensação. Nunca quero perder *ela*.

— Vê aquela enseada à direita? — Aponto para além de seu lado do veículo, além da costa, e seu olhar segue.

— É para lá que estamos indo?

— Hoje não. — Volto minha atenção para a estrada. — Foi lá que ocorreu a Batalha de Lovolia. Quando meus ancestrais decidiram renunciar ao controle britânico no final dos anos 1700. Meu tataravô deixou de ser capitão da Marinha Real para liderar a rebelião. Essa enseada é onde ele tomou sua posição final e derrotou os navios restantes enviados para recuperar o controle. Era o fim da guerra curta e a Grã-Bretanha estava muito ocupada com a revolução em seu país e outros pequenos conflitos na Índia e ao redor do Mediterrâneo para continuar lutando contra nós. Somos uma pequena ilha em um mar de muitas maiores. Os esforços deles estavam focados em outros lugares, e

nos tornamos a família governante da ilha depois que as pessoas que viviam aqui viram meu ancestral como seu líder.

— Uau. — Ela afasta o olhar da enseada e o fixa em mim. — Essa é uma história incrível.

— Gosto de pensar que sim, além da coroa, também herdei o amor do meu ancestral pelo mar.

— Acho que isso é altamente provável. — Ela aperta minha mão outra vez e se estica para beijar minha bochecha.

O simples gesto envia faíscas pelo meu corpo e reacende meu desejo de levá-la ao meu refúgio particular o mais rápido possível. Com o sol subindo mais alto no céu, piso fundo na última curva e sigo para a entrada escondida atrás de uma cerca viva para garantir que o lugar permaneça privado e longe de curiosos.

Desacelero para fazer a curva e Bridget se vira em seu assento, ansiosa para ver nosso destino. O cascalho faz barulho sob os pneus e dirijo devagar em direção ao portão de ferro. Aperto o botão do relógio que abre o portão e lanço um olhar para Bridget, que não consegue conter seu sorriso.

Mesmo indo para o completo desconhecido, ela apenas deixa rolar, não importa o que apareça em seu caminho. Amo isso nela. Ela precisará dessa atitude se quiser durar no palácio. As coisas lá mudam o tempo todo, sempre em fluxo. E como a última semana provou, as coisas ruins às vezes superam as boas.

Atravesso os portões e ouço se fecharem atrás de nós, nos separando do resto do mundo.

Quatro dias de quase liberdade com essa mulher. Não acredito que finalmente estamos aqui.

— Onde estamos? — Bridget tira os óculos escuros e estreita os olhos, mas o sol que penetra nas árvores ao redor da unidade inibe sua visão.

— É uma surpresa. — Levo a mão dela aos meus lábios de novo. — Porém, você veria melhor sem o sol te atrapalhando. Seria bom ter um chapéu, não é?

Ela vira a cabeça para mim, me encarando com a boca aberta como se estivesse ofendida e me dá um tapa brincalhão no ombro.

— Seu malvado! Estou triste por perder o chapéu.

— Eu avisei. — Dou de ombros.

— Sim, avisou. — Com um suspiro resignado, ela cai de volta em seu assento.

Levando a mão dela aos meus lábios, aprecio a sensação de sua pele aquecida pelo sol. Um ato tão simples, mas enquanto percorremos o caminho em direção a *este local* com *ela*, isso parece *certo*. Como se tudo tivesse se encaixado.

Vou aproveitar meu tempo com ela, por mais fugaz que seja. Cada momento com Bridget pareceu predestinado, coisa do destino, como se algo no universo nos unisse, e pretendo valorizar cada segundo disso.

Viramos uma curva e *Elísio* aparece.

— Fyn, é lindo. — O olhar de Bridget dispara do prédio para mim. — É seu?

— Sim, este é Elísio, meu oásis. — Paro o carro na parte inferior dos degraus principais e o coloco em ponto morto. — E a melhor parte? Ninguém além de Lev sabe que pertence a mim. Arranjei para comprá-lo por uma empresa de fachada que ninguém pode rastrear até mim. É meu esconderijo.

Meu refúgio.

O único lugar neste mundo onde sou livre para ser eu, apenas Fyn, um homem de Lovolia. Nada mais importa quando entro nesta propriedade. Onde não tenho responsabilidades, onde posso ser eu mesmo.

Bridget aprecia o imponente exterior de estuque branco intocado, e inspiro enchendo meu pulmão com ar salgado do mar que sempre me relaxa. Virando-se para mim, ela sorri, seus olhos verdes brilhando de empolgação.

— É realmente impressionante, Fyn.

— Você ainda não viu nada — sorrio para ela. Então aperto outro botão no meu relógio, a porta da garagem se abre, dirijo para dentro e desligo o motor. — Lar, doce lar.

Espero que ela ame esse lugar tanto quanto eu. Este poderia ser o nosso lugar, nosso santuário e fuga. Apenas para nós.

Abro a porta, saio do carro e corro para o outro lado, bem a tempo de abrir a porta para Bridget.

— Permita-me, milady. — Estendo a mão para ela.

— Eu não deveria estar abrindo a porta para *você*, Vossa Alteza?

— Ela desliza a mão na minha e a sensação de formigamento agora familiar de seu toque sobe pelo meu braço, e através de mim até o meu âmago.

Eu a puxo de pé e contra mim, acariciando sua orelha.

— Você é incrível, Bridget. Sabia disso? Ao menos faz ideia do quanto você é extraordinária?

— Nem um pouco — ri das minhas palavras.

Sua resposta corta meu coração como uma navalha.

Essa mulher não tem ideia do quão incrível é. Como é deslumbrante. Do quanto preciso dela. Mas vou mostrar a ela.

— Você ousa refutar a opinião do príncipe? — Dou risada e mordo seu pescoço, Bridget grita e se contorce dentro dos limites dos meus braços. — Você pagará por sua desobediência.

Caramba...

Como é bom rir e ficar sozinho de verdade com ela.

Finalmente.

— Fyn! Pare com isso... — Ela ri e empurra meu peito. — Ou vai me prender e me jogar na prisão por te desafiar?

A seguro à distância de um braço e a absorvo. Seu sorriso radiante. A alegria em seus olhos verdes. Esta é a Bridget que conheci há um ano, aquela com quem fantasiei por tanto tempo.

— Não vou te jogar na prisão, mas não hesitarei em colocar você sobre o joelho e espancar essa sua bunda atrevida.

O tesão queima forte em seu olhar. Ela puxa o lábio inferior entre os dentes, tenta conter um gemido... e falha.

Porra.

Em vez de ficar com raiva ou intimidada pela minha ameaça, isso a excita. Meu pau fica duro contra ela, e tomo sua boca em um beijo destinado a transmitir todas as coisas que venho sentindo por todo o caminho.

Ela é tão perfeita para mim.

Mas se deixar meu desejo por ela falar mais alto, em vez da minha consciência, passaremos o pouco tempo que estamos aqui transando e nada mais. E embora enterrar meu pau bem fundo em Bridget de todas as maneiras imagináveis soe idílico, há outras coisas que quero fazer ainda mais. Gostaria de mostrar este lugar que tanto quero compartilhar com ela. Com esperança de que seja nosso futuro.

De modo relutante, afasto a cabeça e ela me encara, arquejos baixinhos escorregando de seus lábios enquanto tenta recuperar o fôlego.

— Certo, amor. Deixa te mostrar o lugar.

A liberto do meu abraço e puxo a mão dela. Bridget dá um passo ao meu lado, cobrindo a boca com as costas da mão, provavelmente tentando, como eu, recuperar a compostura.

Saímos pela porta lateral da garagem e caminhamos por uma passagem aberta em direção à casa principal, e me movo para uma porta logo depois dela.

— Tem uma casa de carruagens convertida acima da garagem. Esse é o espaço de Lev quando ele quer passar um tempo aqui. Ele é a única outra pessoa que tem acesso.

Bridget me deixa levá-la pela porta e entrar na casa, depois percorremos um corredor curto até a grande sala, onde janelas do chão ao teto e portas dobráveis oferecem um panorama da praia e da água abaixo. Boquiaberta, ela absorve tudo, os olhos saltando dos móveis para a arquitetura antes de pousar na vista.

— Fyn, sua casa é deslumbrante e a vista... — Ela balança a cabeça, como se estivesse procurando a palavra certa. — *É de tirar o fôlego.*

— É, e a razão pela qual escolhi construir aqui. Isso e o isolamento. — Abro as portas dobráveis ao longo dos fundos da casa, expondo-a ao ar fresco do mar e à brisa leve, depois saio para o pátio com Bridget ao meu lado. — Teria preferido construir algo na praia onde nos conhecemos, já que é o melhor lugar para surfar na ilha, mas é de propriedade dos meus pais e, portanto, qualquer coisa lá nunca seria minha.

— Deve ser difícil... — Ela me encara com tristeza em seu olhar.

Ela nem precisa terminar a frase. Bridget vislumbrou minha vida caótica e restritiva, apesar de ter qualquer coisa que queira na ponta dos dedos.

É como viver em uma gaiola dourada.

A puxo para meus braços, suas costas contra meu peito, e enterro meu rosto em seu cabelo bagunçado pelo vento. Seu perfume celestial me atinge e respiro fundo essa linda mulher, deixando-a encher meus pulmões até aliviar qualquer tensão persistente.

Olhamos para os jardins e a piscina de borda infinita, para a costa e além, para o contorno cintilante da cidade.

Amo meu país.

O problema atual parte meu coração, mas acredito que encontrarei uma solução, uma pacífica. Por agora, essas preocupações precisam ficar em segundo plano para dar prioridade à mulher em meus braços.

Já tornei sua presença secundária muitas vezes desde que ela chegou, e embora ela sempre me incentive a fazer o que preciso, o que é exigido de mim, a dor que vejo no fundo de seus olhos cada vez que me afasto, me conta a *verdadeira* história.

Espero que este lugar conserte qualquer coisa que esteja quebrada entre nós, qualquer dano que *eu* tenha causado com minhas ausências, por mais inevitável que tenha sido.

— O que achou, Bridget?

Ela já disse que é de tirar o fôlego, mas preciso ouvi-la dizer que amou este refúgio. A opinião dela não deveria importar tanto, mas importa.

— É a coisa mais linda que já vi.

Suas palavras são sinceras e cheias de admiração, mas ela está errada sobre uma coisa.

— Amor, você está enganada. É a segunda coisa mais linda. Você é a primeira. — Bridget gira entre meus braços, e agora que estamos cara a cara, aproveito a oportunidade para olhar em seus maravilhosos olhos verdes. — *Cuore mio*.

O apelido carinhoso sai dos meus lábios de forma natural antes que possa pará-lo, e por mais aterrorizante que isso possa ser, falo sério. Após um ano sonhando com Bridget, me perguntando se havia cometido um erro ao não ir atrás dela, é aqui que estou destinado a estar: com ela. Ela é meu coração. De verdade.

— Isso soou muito poético. — Bridget me encara. — O que você disse?

Em vez de respondê-la com palavras, pressiono minha boca contra a sua, minha língua exigindo entrada enquanto desloco as mãos para segurar sua bunda perfeita. Meu pau volta à vida, e qualquer plano de adiar estar com ela para explorar a praia e o resto da casa flutua na brisa perfumada.

— Bridget, preciso estar dentro de você — murmuro contra seus lábios, cravando os dedos em sua bunda e me esfregando contra ela.

Ela não perde tempo e começa a puxar meu cinto e desabotoar minha calça.

— Aqui? — Observo ao redor. — Quer transar bem aqui?

Apesar do isolamento de Elísio, qualquer um que passe em um barco com um par de binóculos poderia ver tudo. No entanto, considerando como nos conhecemos... não deveria me surpreender que Bridget não esteja preocupada.

— Agora mesmo, Fyn. — A mão de Bridget encontra meu pau, e ela o acaricia, deslizando o polegar pela cabeça. — Preciso de você também.

Meus olhos reviram e solto um gemido que soa mais animal do que humano.

Foda-se. Ela ganhou.

Com relutância, a solto para puxar minha camisa, que jogo de qualquer jeito no chão. A única coisa que importa é Bridget e sua boceta perfeita. Pego-a no colo e ela envolve as pernas em volta da minha cintura.

Graças a Deus pelo vestido de verão com alças que ela está usando.

O mesmo que me deixou louco o dia inteiro. Meus dedos estavam coçando para tocá-la sob ele, para roçar suas coxas lisas e seu calor delicioso.

Dou alguns passos com Bridget nos braços e a pressiono contra uma das muitas colunas ao longo do pátio.

— Caramba, amor. Você me deixa louco pra caralho — sussurro em uma pressa frenética antes de esmagar meus lábios contra os dela, então arrasto sua calcinha para o lado e guio meu comprimento duro para dentro de sua boceta molhada. — Porra.

Nós dois gememos com a sensação. Esse primeiro empurrão em sua boceta gostosa quase me leva ao limite. É tão incrível que poderia explodir agora mesmo e morrer feliz. Mas não seria justo com ela e quero que o momento dure para sempre, não se torne um mero segundo de felicidade.

A beijo com cada grama de carinho e paixão que possuo por esta

mulher. Com toda loucura, insensatez e insanidade que sinto quando ela está perto de mim. Deixo meus lábios transmitirem tudo o que pareço incapaz de articular.

Desde o primeiro dia naquela praia, reconheci que havia algo especial entre nós. Depois que conheci Bridget, sabia que tudo mudaria para mim. Naquele momento, só não percebi como seria, mas enquanto empurro nós dois para o limite, sua linda boceta contraindo ao redor do meu pau, aquelas palavras que disse a ela mais cedo estão na ponta da minha língua.

Cuore mio.



BRIDGET

— Pra você saber, acho que criou um monstro! — grito de onde me sento na borda da piscina de borda infinita, chutando a água da parte mais funda. — Posso me acostumar com isso!

É tão diferente de Denver. As montanhas e vales das montanhas rochosas que me cercaram enquanto crescia foram substituídos pela água azul brilhante do oceano logo depois da superfície vítrea da piscina. É tão perfeito que poderia ser uma paisagem saída direto de um filme.

Minha mãe teria adorado essa vista.

E estou gostando quanto mais tempo estamos aqui.

Do outro lado do pátio, Fyn prepara alguns coquetéis para nós. Vê-lo assim, relaxado e um pouco despreocupado, é tão diferente de quando ele está no palácio, cercado por seus deveres e problemas. Meu coração se aquece ao observá-lo.

Este é o Fyn que conheci naquela noite na praia.

— Esse é o plano. — O sorriso que ele me dá faz parecer que, por um momento, esqueceu o peso da coroa e de seu país que carrega nos ombros.

Tudo o que fizemos desde que chegamos esta manhã foi fazer sexo o suficiente para me deixar com dor, mas não vou reclamar. É

quase impossível parar ou negar a atração que temos um pelo outro.

E isso é assustador pra caralho.

É fácil ceder aqui no Elísio, quando estamos trancados longe do mundo real. Poder nos entregar um ao outro e nos conhecer melhor sem distrações quase dá a impressão de que isso funcionará.

Mas o que vai acontecer quando voltamos à realidade?

Balanço a cabeça para remover essa pergunta porque me recuso a pensar em coisas que vão azedar meu humor. Como no fato de que poderia estar em um avião agora, voltando para os Estados Unidos. *Deveria* estar.

Mandar uma mensagem para Daphne para dizer a ela que não pegaria o voo quase me devastou, mas não poderia deixar passar essa chance, essa oportunidade de *ficar sozinha* com Fyn. A *sós* de verdade pela primeira vez desde que cheguei aqui.

Então, não vou ficar ponderando as consequências de não entrar naquele avião agora. Isso pode esperar alguns dias até voltarmos ao palácio.

Dando pequenos chutes na água enquanto olho para o Mediterrâneo do alto do penhasco em que estamos empoleirados, parece quase como se estivesse no paraíso. Sendo sincera, não sei o que poderia ser melhor.

Como vim parar aqui?

Se Daphne pudesse me ver agora, ficaria orgulhosa, apesar de sua preocupação com o que essa decisão poderia acarretar. Mas agora, estou vivendo o momento, algo que ela insistiu tanto que fizesse durante nossa viagem que me levou direto para os braços de Fyn em primeiro lugar. O que é muito diferente da época que passei com Barry.

Dou risada para mim mesma.

Deus, é patético que tenha perdido tempo com ele. Barry que se foda.

Mas se não fosse por Barry e seu jeito mulherengo de ser, não estaria aqui, sentada nesta piscina assistindo o homem mais bonito e sexy do mundo me trazer uma bebida.

Então, foda-se e obrigada, Barry, seu desperdício de vida.

Não tenho que fingir orgasmos para apaziguar o ego de Fynix. As marcas de arranhões que deixei na pele bronzeada de suas costas e a bagunça caótica de cabelo loiro de quando meus dedos se agarraram

aos fios enquanto Fyn me fodia pra valer na espreguiçadeira momentos atrás são verdadeiros testemunhos de quão bem ele conhece meu corpo.

O homem é insaciável e amo cada maldito segundo disso.

Nunca estive com alguém tão bonito quanto Fynix, e somando com toda a coisa de “na fila para o trono”, é tudo um pouco surreal. Quase como assistir a um filme diante dos meus olhos.

As pessoas dizem que toda nuvem escura tem um lado bom. Estar aqui com esse homem, certamente, parece que sim.

Ele caminha pela parte rasa da piscina para me encontrar na borda e me entrega o copo.

— Sua bebida, amor.

Caramba, adoro quando ele me chama assim.

Nem importa que seja um termo carinhoso comum ou que não tenha o significado que *quero*. A maneira como sai de seus lábios e como ele olha para mim quando diz isso é tudo o que preciso.

Ele se senta ao meu lado antes de encostar o copo no meu.

— Saúde.

— Saúde.

— Tem algo especial que você gostaria que eu fizesse para o jantar? — Fyn desliza os dedos entre os meus. — Qualquer pedido?

Este é o lado dele que faz todas as outras complicações valerem a pena. O Fyn atento, divertido e carinhoso. Além de sexy como o inferno e desesperado por mim. Tudo isso... são coisas que nunca tive antes de Fyn, ou melhor, até eu voltar para ele.

Ergo meu copo em um brinde silencioso.

Foda-se pra valer, Barry.

Usando minha mão livre para cobrir meus olhos, olho para Fyn com o sol da tarde atrás dele.

— Você vai preparar o jantar para mim? Não fazia ideia de que você sabia cozinhar. Líder mundial, surfista e chef. Há algo que não saiba fazer?

Fyn me dá um sorriso ofuscante com o elogio. Então aperta meus dedos entre os dele e se inclina para o lado, batendo seu ombro quente e beijado pelo sol contra o meu, para que ele possa sussurrar de maneira conspiratória.

— Você esqueceu de falar: “amante habilidoso”.

Não posso deixar de rir, mesmo que seja verdade.

E como é, mas não vou dizer isso a ele.

— Você dá a uma garota orgasmos múltiplos e, de repente, você fica todo convencido. — Empurro seu ombro de brincadeira.

Com um sorriso, ele pousa a bebida na beira da piscina e salta para a parte mais funda. Mergulha sob o líquido frio e azul e, quando se levanta das profundezas, só falta babar com o desejo de tocá-lo. Ele passa a mão pela parte mais comprida do cabelo, afastando os fios do rosto e enquanto a água escorre por seus músculos.

Se pudesse reproduzir uma memória sem parar em minha mente pelo resto da minha vida, seria essa. No entanto, a maneira como ele saiu da água naquela noite na praia ficaria em segundo lugar por *pouco*.

Ele abre aqueles lindos olhos azuis dele e o fogo neles enquanto me observa pode me fazer entrar em combustão e me consumir inteira.

— Minha querida Bridget, tenha certeza de que sempre fui convencido nesse departamento e com boas razões.

Aquele sorriso de molhar calcinhas dele faz outra aparição, e o calor inunda meu corpo..., mas não o vindo do sol mediterrâneo. O homem sabe o que faz comigo e seu ego é grande demais. Deveria ser broxante, mas vindo dele, a confiança só o deixa mais sexy.

Ele caminha pela água em minha direção e, assim que me alcança, descansa entre minhas pernas e move as pontas dos dedos em pequenos círculos na pele da minha barriga.

— Então, me diga como é a vida de Bridget Cavanaugh quando ela não está na cama de príncipes herdeiros e tomando sol no Mediterrâneo.

A pergunta nos faz rir e jogo água nele.

— Sério, Bridg. Quero que me conte sobre sua vida em Denver. Não tivemos muito tempo para conversar e a culpa é minha. Quero saber tudo sobre você. Quero te conhecer melhor do que ninguém no mundo.

Eu também.

Embora tenhamos conversado sobre nossas vidas na última semana desde que cheguei, muitas vezes ficamos tão absortos no pouco tempo que conseguimos passar juntos que acabamos indo parar na cama. Há tantas coisas que também não sei sobre ele. Tantas que *quero*

saber.

— Bem... — Estendo a mão e passo os dedos pelo cabelo molhado dele. — Moro nos arredores de Denver, em um apartamento legal no subúrbio. Minha mãe faleceu de câncer de ovário há cerca de cinco anos.

— Bridget... — Fyn aperta a minha perna com mais força e a mão em minha barriga paralisa.

Inspiro fundo, lutando contra o ardor das lágrimas que tentam se acumular em meus olhos. É algo que deveria ter contado a ele antes, mas não estava pronta para expor minha alma por completo na frente dele, e toda vez que falo sobre perder meus pais, acabo uma bagunça chorosa.

— Meu pai faleceu no ano seguinte. — Sufoco o desespero ameaçando escapar em forma de choro. — Ele teve um ataque cardíaco, mas tenho certeza de que ele simplesmente não suportava estar neste mundo sem minha mãe. Ela era o amor da vida dele. Os dois namoravam desde o ensino médio e nunca saíram um do lado do outro desde os dezesseis anos.

Era o tipo de história de amor que você não vê mais. Ninguém mais se casa com a pessoa com quem namoram aos dezesseis anos. Ou, se casam, não duram mais de vinte anos juntos. Pelo menos, não felizes.

— Meu Deus, Bridget. — Fyn me puxa para um abraço, seu corpo frio e úmido acalmando o meu. — Sinto muito.

— Está tudo bem, Fyn. Sério. Estou aprendendo a viver sem eles. Não tem sido fácil, mas estou conseguindo.

Talvez não da maneira mais saudável o tempo todo.

Como o desastre com Barry.

Olhando para trás agora que tenho distância e perspectiva, isso graças a Daphne me dando seu amor brutal e sincero, e me dizendo as duras verdades que não conseguia ver: que suportei ficar naquele relacionamento por tanto tempo porque precisava. Precisava de *alguém, algo* estável. Alguém que seria para mim o que meus pais tinham um com o outro. Por um tempo, acreditei de verdade que esse alguém seria Barry. E mesmo quando as coisas ficaram ruins e ele não era nada mais do que um corpo físico no mesmo espaço que eu, mesmo quando não havia uma *faísca* como tenho com Fyn, não queria ficar sozinha. Preferi ficar naquela situação a enfrentar o mundo sozinha.

E fiquei assim por muito mais tempo do que deveria.

Meu pai teria chutado minha bunda se soubesse.

Fyn solta seu aperto em mim, então me deito na água enquanto ele retoma o traçado de círculos calmantes em minha pele sensível.

— Nem sequer consigo imaginar não ter meus pais por perto. Mesmo que a gente se desentenda um pouco, sei que me amam e só querem o melhor para mim. Posso nem sempre demonstrar, mas respeito os dois e aprecio o que fazem por mim e por Lovolia. Quando se forem... — Pausa por um momento e fecha os olhos com força, como se pensar nisso fosse demais. Quando reabre os olhos, se concentra em mim e oferece um sorriso hesitante. — Me conte sobre os seus. Como eram?

Milhares de memórias vem à tona: as boas, as ruins, as belas e as feias. Quase trinta anos de vida com eles encham minha cabeça e me fazem sorrir.

— Eram os melhores pais do mundo. Minha mãe, Angela, era dona de casa. Ela adorava costurar e fazia as colchas mais incríveis. Ainda tenho um monte delas, mas ela costumava dar para amigos ou doá-los para leilões de caridade. — Meu estômago aperta, imaginando-as escondidos no meu armário no apartamento que talvez não tenha mais quando voltar. — Meu pai, John, trabalhava na cervejaria local e era um ótimo jardineiro nas horas vagas. O paisagismo em nossa casa era surreal. Minha mãe organizava várias festas incríveis no jardim. Meu pai se tornou um ótimo jardineiro porque ela adorava. Ele fez isso por ela. — Luto contra a emoção que ameaça roubar minha capacidade de falar. — Eram gentis, amorosos e os melhores pais que poderia pedir. Todos os amavam.

Limpo uma lágrima errante. A dor ainda vem com as recordações, mas a ideia de não pensar neles nunca mais parece ainda pior. Às vezes, você precisa sentir dor para se lembrar de que está vivo. Mesmo que tenham partido, tenho lindas lembranças para o resto da minha vida.

— Amor, sinto muito, de verdade. — Fyn me abraça de novo, me segurando com força contra seu peito forte e dando um beijo na lateral da minha cabeça. — Não consigo nem imaginar...

Permanecemos abraçados por um tempo e é quase como se pudesse sentir sua força fluindo em mim. Pode ser loucura pensar que

alguém que conheço há tão pouco tempo pode me “entender” e ser uma fonte de conforto, mas é verdade mesmo assim.

Desta vez, quando ele me liberta, não sofro com a agonia esmagadora por perdê-los, sinto apenas a alegria de saber que Fyn agora entende um pouco mais sobre mim e está aqui para me oferecer o conforto de que preciso.

Ele sorri para mim e tira o cabelo molhado do meu rosto.

— E os seus amigos?

— Daphne é minha melhor amiga. — Sorrio para ele, lembrando da pessoa que me levou àquela praia. — Ela é extrovertida, impetuosa e honesta até demais. Ela é a amiga que vai te falar que um vestido faz você parecer gorda em vez de mentir e dizer que está ótimo. — Dou risada pensando na última vez que ela fez isso, o que não foi há muito tempo. E ela tinha razão. O corte era péssimo para mim e não valorizava meus melhores atributos. — Mas preciso de alguém tão brutalmente honesto na minha vida. Ela é boa para mim.

— Foi ela que jogou verdades na sua cara na noite em que nos conhecemos e te mandou para longe com uma garrafa de tequila?

— Sim. — Dou risada e concordo com a cabeça.

— Ah, então já gosto dela. — Fyn balança as sobrancelhas, brincalhão.

— Estou bastante confiante de que se sua mãe a conhecesse, ela teria um ataque cardíaco. Se ela acha que não pertenço ao palácio, então Daphne com certeza também não.

Dou risada do meu comentário, mas os olhos de Fyn escurecem, suas sobrancelhas franzindo. Ele passa o polegar pela minha bochecha.

— Não diga que você não pertence ao palácio. Você pertence a qualquer lugar onde eu esteja.

Bem... caralho.

Essa pode ser a coisa mais fofa que este homem já me disse, e *quase* me faz esquecer quão horríveis seus pais têm sido para mim. Quase.

— De qualquer forma. — Forço um sorriso. — Daph, com toda certeza, agitaria as coisas em Lovolia. Ela não é lá muito discreta. Já precisei usar minhas habilidades de relações públicas para tirá-la de uma confusão ou duas ao longo dos anos.

— Acho que ia gostar muito dela. — Fyn ri.

— Sim. Nem que fosse para poder vê-la enlouquecer seus pais.
Ele ri e dá um beijo nos meus lábios, lento e carinhoso.
Afastando-se, acena para mim.

— Continue. Me conte tudo.

— Sou bem básica. — Dou de ombros com indiferença e tomo um gole da bebida que Fyn preparou.

As sobrancelhas de Fyn franzem, seus olhos se estreitando em mim.

— Não há uma única coisa em você que seja básica. Nunca mais diga isso.

Ele se inclina para frente para roçar de leve os lábios nos meus por alguns segundos antes de se virar e erguer o corpo para sentar-se ao meu lado na borda da piscina. Olhando para a vista deslumbrante, ele entrelaça os dedos nos meus e acaricia minha pele com o polegar, distraído.

— Já parou para pensar no futuro?

Nosso ou em geral?

— Ahm... Como assim?

— Quero dizer... — Seus ombros musculosos sobem e descem.
— O que você quer da vida? Uma família? Uma casa com cerca branca com a qual os americanos sonham?

— Não o sonho da cerca branca e os dois filhos necessariamente, mas quero uma família. Mesmo sendo filha única, nunca senti falta de nada. Mas éramos próximos e sinto falta dessa dinâmica. Também gosto de trabalhar e amo meu trabalho, então gostaria de continuar com isso. — Viro a cabeça para olhar para ele, quase com medo de perguntar. — E quanto a você?

Ele ri, mas sem humor. Uma escuridão séria se instala sobre ele, uma que esperava evitar enquanto estivéssemos aqui no Elísio.

— Minha vida foi mapeada desde que nasci. Reino, país, herdeiro.

— Uma gaiola dourada, certo? — Aperto a mão dele.

Seu sorriso triste faz com que aquelas malditas lágrimas ameacem voltar.

— Não consigo imaginar como deve ser crescer sabendo que um dia você governará um país. Isso tem que ser... surreal? — De alguma forma, essa palavra não parece certa, não parece forte o suficiente, mas

é a única em que consigo pensar. — É isso que você escolheria para si caso *tivesse* uma escolha?

Ele solta um suspiro pesado com a sobrecarga de toda essa expectativa.

— Mas é apenas isso, Bridget... tenho escolhas limitadas. Posso ser o príncipe herdeiro de Lovolia, mas, na verdade, é Lovolia que governa a mim e a minha vida.

Nunca pensei dessa maneira. Mas ele não está errado.

Fyn está amarrado à Coroa. Jamais estará livre dela. Ele não pode mudar seu DNA.

— Já considerou... abdicar do trono? Então você estaria livre para fazer o que quiser de verdade.

Ele esfrega a mão livre na lateral do rosto.

— Há apenas uma coisa que me faria considerar abdicar do trono, mas por enquanto, isso é apenas um sonho. — Fyn balança a cabeça, quase como se estivesse tentando afastar o assunto pesado da mente, então se vira para mim com um sorriso, toda sua postura mudando. — Estou com fome. Pronta para comer?

Sua mudança abrupta de assunto sinaliza que ele terminou de falar sobre isso, mas deixa uma pergunta muito importante circulando em minha cabeça.

O que seria tão importante para Fyn que o fizesse considerar desistir do trono?



CAPÍTULO 15

BRIDGET

Fyn volta para dentro da casa, sua pele ainda mais bronzeada de todo o tempo que passamos ao sol à beira da piscina e na praia abaixo do penhasco nos últimos dois dias.

— Gosta de azeitonas?

Afasto meu olhar da vista magnífica do lado de fora que não me cansei de apreciar, mesmo depois de dois dias inteiros aqui, para me concentrar na vista ainda melhor de dentro. Fyn está em seu elemento aqui no *Elísio*. Este lugar combina com ele com perfeição. Sofisticado e elegante, mas também casual e confortável. Nada formal ou abafado como o palácio. É exatamente o que precisávamos.

Como herdeiro do trono, ele tem que se comportar de uma certa maneira e possuir um certo decoro, mas aqui, ele pode abandonar as formalidades. Desde que aquele portão do palácio se fechou atrás de nós enquanto acelerávamos em seu conversível chique, ele está muito mais perto daquele homem despreocupado que conheci na praia, o que adora aventura.

Senti de verdade falta desse lado dele, e pelo que posso ver, ele também. É uma reviravolta de cento e oitenta graus de onde estávamos há apenas alguns dias, quando o estresse de seus deveres o sobrecarregava e o impedia de poder passar um tempo comigo.

Graças a Deus não embarquei naquele avião.

Se tivesse, teria perdido isso.

Sorrio para ele e meu estômago ronca com a menção de comer. Hoje nos exaurimos até a fome falar mais alto, de novo.

— Amo azeitonas, e só para esclarecer, não há nada que você possa colocar em uma pizza que eu não gostaria, nem abacaxi.

Seu olhar dispara para mim onde ele está descalço na cozinha, perto da despensa, vestindo apenas shorts e uma camisa social parcialmente abotoada que expõe seu peito bronzeado e tonificado.

— Abacaxi? — Seu rosto se contorce de desgosto. — Isso não pertence à pizza, Bridget. Você é um monstro destruidor de pizzas.

Uma gargalhada escapa de mim e preciso lutar para respirar.

— É bom! Já experimentou?

— Não, *não* experimentei e *nunca* farei isso. Vocês americanos estragam a pizza. — Ele caminha até a pia e lava as mãos enquanto continua a resmungar sobre a pizza nos Estados Unidos. Pelo visto, é um assunto sensível. — Você sabe que pizza americana é uma porcaria. *Literalmente* um lixo. Sua massa americana... — Seus olhos disparam para os meus, e ele balança a cabeça. — Melhor nem falar. Frequentei um colégio interno em Connecticut por um tempo como pré-adolescente. Meus pais acharam que seria benéfico ampliar meus horizontes. As crianças de lá falavam sobre esse restaurante na cidade que fazia, e cito... — Fyn levanta as mãos molhadas e move os dedos em um gesto de aspas no ar — “a melhor pizza do mundo”.

Ele zomba e revira os olhos antes de fingir que cospe como se fosse uma maldição e seca as mãos. Pressiono a palma da mão sobre a boca para não cair na gargalhada com seu discurso enquanto ele caminha até a geladeira e abre as portas.

— Era *nojento*. Era *pior* do que nojento. Não sei como vocês, americanos, gostam daquele lixo.

Ele pega uma bandeja cheia de recipientes e uma tigela grande e as leva para o balcão.

— O que é isso? — Sento-me um pouco mais reta para ter uma visão melhor do que está acontecendo na cozinha.

Fyn dobra as mangas, expondo seus antebraços musculosos, e tenho que reprimir um gemido com quão sexy é o movimento.

Por que isso é tão excitante?

— Ingredientes e massa de pizza. Fiz a massa ontem de manhã

enquanto você dormia. É preciso deixá-la descansar pelo menos vinte e quatro horas para conseguir um bom crescimento.

Ele vai até a despensa, pega um saco de farinha, uma pá de pizza, depois limpa o balcão e seca. Seus músculos expostos se contraem e flexionam a cada movimento, e ele espalha a farinha no balcão antes de abrir a tigela e começar a trabalhar a massa.

De repente, estou com fome de outra coisa, e minha boca enche d'água. Observá-lo com as mãos enterradas na massa não deveria ser tão sexy.

Talvez eu seja apenas uma boba quando se trata desse homem.

Dou risada para mim mesma porque, sem dúvidas, sou. Fizemos sexo tantas vezes desde que chegamos a Elísio que perdi a conta, mas ele disse que fez a massa enquanto ainda estava dormindo. Se ele acordou tão cedo ontem e já estava acordado quando o sol me acordou hoje, isso significa que ele não dormiu nada.

— Por que acordou tão cedo? Está tudo bem?

Dado o clima atual, provavelmente não deveríamos passar esse tempo longe do palácio e de seus deveres, mas Fyn está fazendo isso por nós e nos tornando uma prioridade, o que diz muito.

— Não dormi bem. — Ele me dá um sorriso malicioso. — Você ronca. Sabia disso?

— Eu *não* ronco! — O calor se espalha pelas minhas bochechas.

— Ronca, sim. Como um motosserra, amor. — Fyn ri para si enquanto estica a massa. — É brincadeira. Só tenho muitas coisas em mente. Manter minhas mãos ocupadas sempre foi uma boa maneira de relaxar. Além disso, não queria te acordar. — Ele joga a massa e a coloca na pá de pizza. — Quer ajudar?

— Adoraria.

Seu sorriso caloroso me atrai para a pia para lavar as mãos. Ele me observa lavar as mãos e me aproximar dele na ilha, então beija minha bochecha antes de posicionar a pá no balcão para mim.

— Coloque seu molho primeiro, depois queijo, depois as coberturas.

Parece uma tarefa fácil, mas ele me observando me deixa nervosa, ainda mais depois de sua piada sobre como os americanos arruinaram a pizza.

Ele começa a esticar a segunda bola de massa, e tiro as tampas

das vasilhas na bandeja para revelar o molho, os queijos e uma variedade de recheios. Mas nenhum abacaxi.

Quando ele teve tempo de preparar tudo isso?

Se duvidar, ele não dormiu nada desde que chegamos aqui. Quaisquer que fossem os demônios que o assombravam, ele parece contente o suficiente agora, então não pressiono, mesmo que eu queira questioná-lo sobre isso.

Fyn não pode continuar lidando com tudo sozinho, carregando esse peso nos ombros.

Mas não sei se ele não está discutindo isso comigo porque não pode ou porque não quer. Tudo o que posso fazer é esperar e torcer para que se abra para mim por completo, da maneira que desejo que faça.

— Onde aprendeu a fazer pizza assim? — Parece um tópico seguro, dada a felicidade dele ao fazer isso.

Um sorriso brilhante curva seus lábios perfeitos.

— Minha avó materna, sua graça, Sophia, a duquesa de Bayning, tinha uma vila na Toscana onde conheceu e se tornou amiga de uma pizzaiola local, Francesca, ou Frannie, como a chamávamos. Frannie ensinou à minha avó a receita secreta de sua família, e minha avó a passou para mim. Talvez deva te levar para visitar a vila italiana dela assim que tudo se resolver aqui.

— Que legal. — Completo minha pizza com um pouco de azeitonas e vejo Fynix começar a montar a dele. — E adoraria ir para a Itália. Parece muito romântico.

— Ah, é sim. — Ele pisca para mim e dá um beijo na minha têmpora. — Com certeza, é.

Fazer planos. Esse é um bom sinal. Pelo menos deveria ser, mas não posso deixar de me lembrar de alguns dos comentários que ele fez desde que chegamos aqui, sobre seu papel, quanto a não dormir e ter coisas em mente. Não quero me debruçar sobre todos os problemas em potencial, mas é difícil resistir quando eles de alguma forma nos alcançam, mesmo aqui.

Volto a olhar para o forno para ver se está no ponto, mas nem está ligado.

— O forno não precisa ser pré-aquecido?

Sua mão cheia de queijo faz uma pausa no ar enquanto ele olha

para mim.

— Está falando sério? Acha que colocaria essas pizzas em um forno convencional? — Ele parece horrorizado. — Definitivamente não. Estava lá fora agora a pouco verificando o forno a lenha que acendi mais cedo. Você nunca provou assada assim?

— Não — respondo, rindo e dando de ombros.

Ao que parece, Fyn leva sua pizza muito a sério.

— Então, não sabe o que te espera. Os fornos a lenha fazem a melhor crosta, embora haja quem argumente que os fornos de tijolos são melhores.

Esse é um debate que não quero me envolver. Pelo visto, Fyn iria até as últimas consequências com suas crenças sobre pizza.

Ele pega as duas pás com nossas pizzas e inclina a cabeça para que o siga para fora. Pego uma garrafa de vinho tinto da geladeira, duas taças de uma prateleira próxima e um abridor de garrafas, depois o sigo para fora para me acomodar na mesa sob o toldo do pátio.

— Tem um decantador de vinho lá dentro. — Fynix coloca uma das pizzas no forno e pousa a outra pá no lado. — Quer que eu pegue?

Ele se move em minha direção e em direção à casa, provavelmente para entrar e pegar o decantador, mas tenho outras ideias. Esta é a nossa fuga, nosso tempo longe, mas ele ainda não está dormindo direito. Não está totalmente relaxado. Estendo a mão, parando-o por tempo suficiente para que eu deslize para fora da cadeira e fique de joelhos diante dele.

— Bridg, o que está fazendo?

Sua voz profunda e sexy faz minha boceta apertar e um friozinho rodopiar no meu estômago. Ele está tão excitado por mim quanto eu, e a evidência estica contra sua calça.

— Ajudando você a relaxar.

Uso as duas mãos para puxar seu short, e seu pau balança bem na minha frente. Minha boca enche d'água ao vê-lo, e não perco tempo, envolvendo minha mão em torno dele e acariciando seu comprimento cada vez mais duro algumas vezes.

Uma gota de excitação brilha na ponta, então não consigo resistir e passo a língua na cabeça de seu pau, circulando-a.

— Caramba, Bridget.

Seus dedos se prendem ao meu cabelo com força, e abro a boca

e o sugo todo para dentro.

— Uhm... — gemo em torno de sua carne dura, meu aperto firme na base de seu eixo, e torço minha mão enquanto arrasto a cabeça para trás e o engulo outra vez.

Fyn vai esquecer que o mundo existe quando eu terminar com ele.



FYNIX

— Porra — quase rosno a palavra e agarro o cabelo de Bridget com mais força, entrelaçando os fios entre os dedos e puxando.

Meus quadris rodam para sincronizar com seus movimentos até que estou me empurrando cada vez mais fundo e forte em sua boca quente e deliciosa.

Putá merda, é o paraíso.

Se eu morresse agora, iria feliz... mais do que já estive no que parece uma eternidade.

Tempo pra caralho.

Bridget de joelhos entre as minhas pernas com meu pau enfiado na garganta deve ser a coisa mais excitante que já vi na vida. Observar meu comprimento molhado deslizar para dentro e fora de seus lábios cor-de-rosa inchados me faz crescer ainda mais.

Seguro sua bochecha com uma mão e quando seus olhos se erguem para encontrar os meus, as emoções girando em seu olhar me faz lutar pelo controle. Ter essa mulher fantástica me dando prazer assim é mais do que mereço.

Muito mais.

— Bridget...

A sucção de sua boca perfeita misturada com a pressão de sua mão e o movimento de sua língua contra meu pau me deixa pronto para explodir dentro da boca dela. Ela encontrou um ritmo enlouquecedor e estou prestes a perder a cabeça.

— Merda, sua boca é tão gostosa — mal consigo rosnar as

palavras antes de gemer, um som profundo e gutural. — Assim...

Começo a balançar meus quadris ainda mais forte, empurrando, fodendo seu lindo rosto como se fosse meu último ato na Terra.

Putá merda, vou gozar.

Mas preciso que ela goze comigo. Preciso ver essa felicidade no rosto dela, saber que fui eu quem a colocou lá. Não serei um idiota egoísta que sente prazer assim e não retribui.

Tento me libertar de sua boca e não consigo deixar de rir porque ela está tão gloriosamente envolvida no momento que tenta me impedir, com a mão livre contra minha bunda, tentando me segurar no lugar.

— Não — ela murmura a palavra em torno do meu pau, por fim tirando a mão das minhas costas para bater na minha que tenta afastá-la do meu pau.

— Bridg, pare.

Seus olhos se arregalam e se fixam nos meus, a preocupação os obscurecendo.

Agarro seu queixo, meu pau ainda pressionado entre seus lábios.

— Não vou gozar sozinho. Preciso da sua boceta no meu rosto enquanto gozo em sua garganta.

Um pequeno gemido vibra ao redor do meu pau e o puxo para fora de sua boca perfeita, depois agarro seus braços, arrastando-a até mim.

Ela se levanta, sua boca agora a apenas milímetros da minha, e sua língua percorre seus lábios inchados.

— Ainda não tinha terminado. Queria provar você.

Caralho.

Sua boca bate na minha e nossas línguas giram em um beijo alucinante que quase me faz explodir contra seu estômago. Mas me afasto dela e a puxo alguns passos até a mesa.

Sento-me na borda da mesa e as mãos dela pousam nas minhas coxas, cravando unhas de forma possessiva. Agarrando-a em meus braços, nossas bocas se conectam outra vez e escorrego para trás na mesa com uma mão, a outra enrolada em Bridget e arrastando-a comigo para deixar seu corpo cobrir o meu.

— Suba aqui. — Bato em sua bunda com força suficiente para

fazer minha mão doer, provocando um pequeno gemido dela. — Suba aqui e coloque essa boceta linda no meu rosto. Preciso provar você.

— Fyn... — ela arfa meu nome quase com reverência, seus lábios pressionados contra os meus enquanto ela se esfrega contra mim, meu pênis preso entre nós. — Tenho uma ideia melhor.

O que poderia ser melhor do que Bridget se esfregando na minha maldita cara?

Antes que possa perguntar, ela se vira e me monta, sua linda boceta nua no meu rosto enquanto sua boca paira sobre meu pau.

Ainda bem que ela não vestiu calcinha por baixo da camiseta quando fomos dar um mergulho pelados mais cedo.

Deslizo minha língua ao longo de sua boceta escorregadia, o gosto de sua excitação cobrindo minha língua e fazendo meu pau pulsar. Ela já está pingando para mim, completa e insanamente molhada por ter meu pau na boca. Chupo seu clitóris bem devagar, provocando-a com as pontas dos dedos na entrada até que ela geme e empurra para trás, tentando me fazer colocá-los dentro dela.

Por mais divertido que brincar com ela seja, quero que goze ainda mais. Deslizo dois dedos dentro de seu calor molhado com facilidade enquanto aumento a pressão sobre sua pequena protuberância inchada.

— Porra — ela geme, depois coloca meu pau na boca e chupa.

Fecho os olhos, e sua língua experiente e a sucção deliciosa me fazem quase ver a porra das estrelas. Ela me estimula, torcendo a mão na base do meu pau, e toco sua boceta com mais rapidez e mordisco seu clitóris enquanto chupo o feixe sensível de nervos. Meu pau bate na parte de trás de sua garganta, e ela me engole ainda mais fundo.

Putá merda!

Levanto meus quadris, fazendo meu pau escorregar mais fundo em sua garganta, e gozo ao mesmo tempo que sua boceta contrai ao redor dos meus dedos. Seu corpo espasma acima de mim, seus movimentos frenéticos enquanto me esvazio dentro da boca dela. A sugo com avidez, sem desperdiçar uma gota, querendo saborear tudo o que é Bridget o máximo que posso, e ela me chupa antes de soltar meu pau com um estalo molhado.

Ainda se apoiando nos joelhos e em uma mão, ela ofega acima de mim, e luto para recuperar o fôlego quando o cheiro de fumaça me

atinge.

— Merda! Queimamos a pizza!

Bridget ri e sai de cima de mim, caindo de lado sobre a mesa, a bunda nua bem na minha cara. Dou um tapa forte em sua nádega e ela grita, então solta uma risada quase histérica.

Estar aqui no Elísio com Bridget me mostrou, sem dúvida, que isso vai funcionar entre nós. Era assim que deveria ser. Duas pessoas que não se cansam uma da outra, que só querem passar todas as horas acordados juntos. Agora, se pudesse dar um jeito na crescente agitação do país, poderia enfim haver paz dentro de Lovolia e de mim.

Deslizo de cima da mesa e pego meu short, colocando-os de volta enquanto corro em direção ao forno de pizza.

Há muita fumaça. Essa pizza é uma causa perdida... muito além de queimada, já que este forno leva apenas cerca de dois minutos para assar uma. Pego a pá e uso para remover a pizza preta, quase um carvão, e depois joga a bagunça no balcão com uma risada.

Ainda bem que temos outra.

Deslizo a segunda no forno antes de voltar para Bridget. Ela se senta na cadeira, as pernas cruzadas, bebendo vinho com uma despreocupação alegre. Depois descruza as pernas, expondo de propósito sua boceta úmida, então minha camisa sobre a cabeça, seus belos seios durinhos balançando no ar quente da noite.

Caralho.

Adoro vê-la em minhas roupas, envolta em meu cheiro. É algo machista ou apenas uma coisa territorial primitiva, mas quero que todos saibam que ela me pertence. Mas por mais que goste de vê-la em minhas camisas, adoro que as tire ainda mais.

— É melhor colocar isso de volta ou vamos queimar essa segunda pizza também.

Ela ri e toma outro gole de vinho, passando a língua pelos lábios molhados, depois cruzando e descruzando as pernas de novo.

— Por que isso, Fyn?

Maldita sedutora.

Obrigo-me a passar por ela e entrar na cozinha. Se ficasse lá fora, a teria curvado sobre aquela mesa em dois segundos. E precisamos comer se quisermos continuar assim.

Temos que voltar ao palácio amanhã, para as reuniões,

discussões, refeições tensas e qualquer outra coisa que Lovolia decida jogar em nós. Com tão pouco tempo, não podemos desperdiçar um segundo.

Espalho uma seleção de carnes e queijos, nozes e frutas silvestres em uma bandeja, então volto para fora, depositando-a na mesa. Antepasto é sempre um deleite bem-vindo, ainda mais agora que perdemos uma pizza.

Bridget pega um morango e o come de maneira sedutora enquanto uso a pá para girar a pizza e deixá-la terminar de assar. Tiro do forno e corto, depois levo para onde ela está sentada à mesa... nua.

Bridget examina a pizza e geme de uma maneira que faz meu pau já semiduro voltar à vida.

— Isso parece maravilhoso, Fyn! Obrigada.

— Esteja avisada: você nunca mais vai querer sua pizza americana desprezível de novo. E assim que terminar de comer esta, vou te dobrar sobre esta mesa e...

O toque estridente do meu celular no balcão lá dentro nos atinge antes que possa continuar.

— Droga. — Corro para dentro para pegá-lo, meu estômago embrulhando.

Avisei a Lev para não nos perturbar, a menos que fosse grave. Só temos mais um dia aqui. Se ele está ligando, não pode ser uma boa notícia. O nome dele pisca na minha tela, ameaçador e agourento.

— Merda. — Atendo e seguro o aparelho contra a orelha. — É melhor que o mundo esteja pegando fogo.

— *E está. Duas bombas explodiram nas agências do Banco Nacional de Lovolia. Parece uma maldita zona de guerra.*

— Droga. — Estremeço e esfrego minha mão livre sobre meu rosto com barba por fazer. — Houve perdas?

Lev suspira.

— *Parece que sim. Civis.*

— Foi o MLL?

— *Ainda não temos certeza, mas aposto que sim.*

— Estou voltando para o palácio agora. — Termino a ligação e me viro para encontrar Bridget, com a camisa de volta, parada a alguns metros atrás de mim. Dada a expressão de preocupação em seu rosto, no mínimo ela ouviu meu lado da conversa.

— Houve um ataque. Temos que ir.



CAPÍTULO 16

FYNIX

Chamas sobem e saltam para o céu, um inferno imponente enviando uma fumaça densa e pesada, o cheiro forte se espalhando. Uma representação visual do país queimando ao nosso redor. Replica a maneira como minha fuga idílica com Bridget implodiu por causa desses filhos da puta do MLL.

Desta vez, não foram apenas alguns protestos que saíram de controle ou um punhado de indivíduos que levaram as coisas longe demais. Isso foi deliberado, um bombardeio coordenado dos dois locais do Banco Nacional de Lovolia na ilha e, embora o MLL não tenha assumido publicamente a responsabilidade, não há dúvida em minha mente de que estão por trás disso.

Aquele desgraçado do Lofton está mandando uma mensagem.

Uma brutal, sanguinolenta, infernal e mortal.

Minha cabeça gira, meu cérebro lutando para processar o que estou vendo através do para-brisa da SUV. Em geral, somos um país pacífico, a violência nunca fez parte da vida em Lovolia, mas agora, tem sido uma ocorrência semanal. Por duzentos e cinquenta anos, a família Yates garantiu a segurança do povo lovoliano, defendendo a terra e criando um belo lugar onde as pessoas poderiam viver sem medo de muitas das coisas que atormentam outros países. Esses dias parecem ter acabado.

Bombardeios em Lovolia. Como diabos isso aconteceu?

Observando as chamas saírem do controle, aperto o punho e me forço a socar a janela. Um gesto fútil, e que, dado o que está acontecendo, provavelmente quebraria minha mão. Não restauraria a vida das pessoas inocentes dentro dos bancos quando as bombas explodiram. Não acabaria com essa vingança que Lofton parece ter contra nós e nosso modo de vida. Não resolveria nada, e mesmo assim, ainda quero fazer isso.

— Fyn... — a voz de Lev atravessa a névoa de raiva e olho para onde ele se senta no banco do motorista.

— Não deveríamos estar aqui. Se Manuel descobrir que te trouxe...

— Foda-se Manuel. — Encaro Lev. Mesmo sabendo que ele tem boas intenções e está tentando proteger a mim e seu trabalho, não consigo pensar de forma racional. Não quando pessoas inocentes estão morrendo. — Meu pai pode permanecer dentro dos limites do palácio, seguro e protegido, com a cabeça enterrada na areia por causa dessa catástrofe, mas eu não.

— Você sabe que não é isso que ele está fazendo.

— Não é? — Olho para o pessoal do corpo de bombeiros correndo de um lado para o outro, tentando apagar desesperadamente as chamas que vêm crescendo há horas e se espalham rápido para as lojas vizinhas com o vento forte do oceano. — Ele pensou mesmo que nosso encontro com Lofton mudaria alguma coisa? Que melhoraria a situação? Tudo o que fez foi atizar mais o fogo do homem.

— Poderia ter algo a ver com o que você disse a ele também — Lev suspira.

— Acha que não sei disso? — Por fim, sucumbo ao desejo e bato o punho contra o painel, dando as boas-vindas à dor que irradia por ele e sobe pelo meu braço. — Acha que não tenho me culpado por antagonizar aquele homem desde o momento em que vi o que aconteceu? — Estremeço e suspiro. — Sabia que algo assim estava por vir. Sabia que haveria repercussões se não fizéssemos algo...

— Mas, o que pode ser feito? Acha mesmo que sua mãe e seu pai vão renunciar?

— Claro que não. E não quero que eles façam isso, mas se não encontrarem uma maneira de deter esse homem, as coisas só vão

piorar.

— Não há nada que Nichols possa fazer até que tenham provas, Lofton está por trás disso...

— Então eles precisam encontrar a porra da prova, antes que seja tarde demais. A retórica de Lofton vem ficando mais agressiva há meses e agora, em menos de duas semanas, dois grandes incidentes de violência. Enquanto isso, o homem continua dando entrevistas e agindo como se estivesse sendo o bode expiatório em tudo isso, enquanto as vítimas, os verdadeiros inocentes na história, estão sendo feridas ou mortas. — Cerro minha mandíbula e observo os bombeiros mirando um jato de água quase ineficaz no incêndio. — Esta é uma declaração explícita destinada ao meu pai e a mim. Uma mensagem da qual estão dispostos a ir a extremos para expressar. Quem sabe o que diabos farão a seguir e quem será ferido no processo.

Lev me olha com cautela.

— Acredita que eles viriam atrás de seus pais ou de você diretamente?

— Não sei — Esfrego minha têmpora com a mão latejante e balanço a cabeça. — Você e Manuel tornam muito difícil para qualquer um chegar até nós.

— Você quer dizer que fazemos um bom trabalho quando você não está se esquivando e fugindo.

— Você sabe que posso cuidar de mim mesmo — retruco, encarando-o.

— Sei que pode. — Ele balança a cabeça devagar. — Passamos pelo mesmo treinamento juntos para garantir que você fosse capaz, mas isso não muda o fato que é meu trabalho protegê-lo. É o meu dever. E como seu melhor amigo, isso também significa protegê-lo de si e de escolhas ruins. — Aponta para o para-brisa para o desastre do lado de fora. — Como a de vir aqui agora. Se alguém da imprensa viu você... — Lev não termina a frase, a implicação ficando clara.

— Estão muito ocupados dando tempo à tela de Lofton para se preocuparem com o que estou fazendo.

Graças a Deus.

Significa que ninguém descobriu sobre Bridget estar no palácio, deixando-a a salvo de qualquer atenção da mídia e *disso*. Pelo menos por enquanto. Se me descobrissem aqui, Lofton encontraria uma

maneira de distorcer as coisas para se encaixar em sua narrativa. Em vez de parecer um príncipe preocupado, me tornaria o membro da realeza que *literalmente* assistiu ao seu país queimar enquanto não fazia nada para evitar o desastre.

— Precisamos de alguém dentro de sua organização disposto a denunciá-lo.

— Acha que algum dos bajuladores dele o trairia?

— Não sei.

O som estridente das sirenes enche o ar quando outro carro de bombeiros, o único que ainda não estava no local, chega do outro lado da ilha.

— Preciso acreditar que nem todos no MLL estão felizes com o aumento da violência. Deve haver alguém disposto a se voltar contra ele para podermos prendê-lo e recuperar o controle.

— Prendê-lo não vai apenas o transformar em um mártir pela causa e fortalecer sua campanha?

— É possível, mas é o menor de dois males e, na minha opinião, a nossa alternativa menos perigosa.

— E seu pai compartilha da sua opinião?

Alguém atravessa a rua à nossa frente, tirando fotografias do fogo, depois olha em nossa direção. Ele começa a desviar o olhar, mas joga a cabeça para trás, arregalando os olhos, e aponta a câmera para nós.

— Merda! — Lev joga a SUV na estrada e se afasta depressa do meio-fio, com sorte, em tempo de o cara não ter conseguido tirar fotos.

— Meu pai não fará nada que possa agitar mais as coisas. Ele e minha mãe estão trabalhando em uma declaração sobre o atentado, e farão uma transmissão ao vivo em algumas horas para tentar garantir às pessoas de que estão seguras.

— Mas estão? — Lev bufa e balança a cabeça.

— Não sei. E esse é o problema. Se estão dispostos a atacar um banco, no meio do dia, sem se importar com quantas pessoas inocentes serão mortas ou feridas, do que mais são capazes?

Mil cenários correm pela minha mente... nenhum deles é bom.

O homem que se sentou à minha frente naquela mesa não possuía um pinga de medo. Isso o torna incrivelmente perigoso.

— O que você vai fazer?

Pressiono a cabeça contra o vidro frio, observando a cidade passar do outro lado dos vidros escuros.

— Tentar impedir que Lovolia queime.

— Como fará isso?

— Gostaria de saber...



BRIDGET

Caminho de um lado para o outro na sala de estar da suíte de Fyn pela centésima vez, provavelmente deixando uma marca no tapete luxuoso no chão enquanto assisto à cobertura do canal de notícias local sobre o bombardeio.

Meu estômago embrulha e pressiono minha mão contra ele, tentando manter meu almoço lá enquanto assisto à carnificina. Havia pessoas lá, lovolianos inocentes vivendo a vida deles e correndo para o banco para um depósito ou um saque rápido. Não mereciam morrer assim.

Ninguém merece.

As portas se abrem e Mira aparece com uma bandeja contendo um bule e xícaras, então a coloca na mesa em frente ao sofá, oferecendo um sorriso gentil.

— Imaginei que você poderia precisar disso.

— Obrigada. — Dou a ela o maior sorriso que consigo. — Alguma notícia sobre vítimas?

— Não sei. — Ela balança a cabeça em negação. — O rei e a rainha continuam isolados em seu escritório com alguns dos conselheiros. Todo mundo está muito calado neste momento.

Merda.

Não faço ideia de onde Fyn está. Depois que ele me deixou aqui no palácio, desapareceu com Lev, e nunca o vi tão perturbado ou com tanta raiva. Nem mesmo após a reunião com o chefe do MLL. Qualquer paz que conseguimos encontrar no Elísio já se foi há muito tempo.

Ele deve estar perdendo a cabeça.

— Vou deixá-la em paz, querida. A menos que precise que fique.

— Não, não. — Aceno para ela. — Estou bem, Mira. Obrigada.

Mira estende a mão e esfrega meu braço com carinho, depois sai, fechando a porta atrás dela. Abaixo-me no sofá e encaro a xícara de chá vazia que nem consigo encher, muito menos beber.

Em um nível pessoal, as coisas com Fyn nunca foram melhores após nosso longo fim de semana no Elísio, mas a inquietação parece estar se intensificando.

O toque estridente do meu celular me faz pular no meu assento, o puxo do bolso e olho para a tela antes de atender, esperando que seja Fyn. Mas meu coração afunda um pouco.

— Ei, Daph.

— *Ah, graças a Deus, você está bem! Vi no noticiário sobre um bombardeio e...*

— Estou bem. Nem perto disso, na verdade. Mal deixei o palácio todo o tempo que estive aqui exceto por uma pequena miniférias com Fyn que não durou tempo suficiente.

— *Ah, amiga, estou preocupada com você.* — Ela suspira, mas apenas porque está preocupada. — *Você precisa voltar para casa. Já faz o quê? Quase duas semanas que você está sentada aí sem fazer nada além de seduzir o príncipe gostoso. E no que isso adiantou?*

Começo a abrir a boca para responder, mas quase como se pudesse sentir, ela me corta.

— *Nem invente uma desculpa, Bridg. Pense nisso e me dê uma resposta sincera, porque você não precisa apenas ser sincera comigo. Mas com você mesma também. Alguma coisa mudou desde a última vez que nos falamos?*

Fecho os olhos e belisco a ponte do nariz para tentar afastar a dor de cabeça que se forma atrás dos meus olhos.

— Sim, acabamos de ter três dias maravilhosos numa mansão particular. Foi... incrível.

— *E vocês dois conversaram sobre o seu futuro juntos?* — Estremecendo, recosto-me no sofá.

— Não exatamente. Não. Conversamos sobre todo o resto, menos isso.

— *Então, vocês dois continuam fazendo o seja lá o que for e o homem não fez nenhuma promessa ou disse que te ama?*

— Só se passaram duas semanas.

— *E ele está pedindo que você desista de toda a sua vida aqui, Bridg. Toda a sua vida. Por acaso, vale a pena? Esse homem vai se casar com você no final disso?*

O ácido revira em meu estômago outra vez e deito a cabeça para trás.

— Não sei.

Volto a repetir aquelas palavras horríveis.

O rei e a rainha ainda me desprezam, se duvidar ainda mais agora que Fyn me levou para um lugar onde não puderam encontrá-lo por dias a fio, e Abigail ainda acredita que ele está apenas brincando comigo e logo se cansará disso. E ele *não* me fez nenhuma promessa.

— *Então, agora você perdeu o emprego e está prestes a perder seu apartamento na próxima semana, quando não puder fazer pagamento do aluguel, para um homem que ainda nem disse que te ama e com quem você tem um futuro incerto. É isso que tá me dizendo?*

— Merda. Acho que sim. — Quando ela coloca dessa forma, isso me faz parecer doida de pedra.

— *Garota... você não aprendeu a lição com Barry? Se as coisas não parecem certas, você tem que ir embora. Precisa voltar para casa. Ou, no mínimo, converse com o homem sobre vocês dois antes que vá longe demais, e você chegue a um ponto sem volta.*

Como sei se já não fui longe demais?

De alguma forma, em tão pouco tempo, permiti que me apaixonasse por Fynix Yates. Me permiti acreditar que tudo isso é real e possível.

O clique da abertura da porta me faz virar para ela. Fyn entra, o cabelo loiro desgrehado, os olhos vermelhos e vidrados.

Merda.

— Preciso ir, Daph. Falo com você depois.

— *Espere, Bridget...*

Encerro a ligação antes que Daphne consiga falar o que quer que ela estava prestes a dizer e coloco meu telefone na mesa de centro para correr até Fyn, mas algo na maneira como ele olha para mim me faz parar pouco antes de tocá-lo.

— Ah, meu Deus. Você tá bem? Onde estava? Fiquei tão preocupada.

Ele levanta a mão pedindo para esperar, depois a esfrega no rosto.

— Estou bem. Estava com Lev em um dos locais de bombardeio.

— Ah, meu Deus. Eu estava assistindo. Que pesadelo. Prenderam alguém? Você tem alguma ideia de quem fez isso ou quantas pessoas morreram?

Minhas perguntas saem de uma só vez como se não fosse capaz de contê-las, embora Fyn esteja claramente sobrecarregado.

Ele balança a cabeça, estendendo a mão outra vez para me impedir de fazer outra pergunta.

— Não posso discutir isso com você agora.

Ai.

Recuo um pouco, mas respiro fundo e tento permanecer racional.

Não leve para o lado pessoal...

Há coisas que Fyn nunca será capaz de me contar. Segredos que ele será forçado a manter como chefe de Estado que nem mesmo sua esposa saberá...

Esposa? Quem diabos estou enganando?

Ele não fez nenhuma promessa para mim. Tivemos ótimos dias longe de tudo isso, mas *esta* é a vida dele. Voltar para casa a qualquer hora após lidar com o que quer que o país exija, tenso e amargurado. Não podemos fingir que ele não tem deveres ou que eu ficar não significa desistir de tudo o que tenho e amo em casa.

E é óbvio que o homem está um caos. Mesmo com tudo o que está acontecendo, nunca o vi assim tão... perdido.

— Você quer um chá? — Vou em direção à bandeja. — Mira trouxe...

Fyn passa por mim e vai até o bar ao longo da parede mais distante sem sequer olhar para mim.

— Preciso de algo mais forte do que chá.

O observo por um momento, a tensão de seus ombros, o vermelho na nuca no ponto em que esfregou várias vezes.

— Não te culpo.

Como poderia?

Inocentes morreram. *Seu* povo. Este é o país *dele*, e ele se sente impotente.

Fyn puxa a rolha de um decantador e se serve do que parece um *bourbon* ou uísque com a mão trêmula. Sem se preocupar em voltar a tampar, ele abaixa a bebida e serve outra dose.

A coisa deve ter sido ruim para ele estar tão angustiado. Ele sempre foi tão tranquilo e controlado, sem dúvida a voz da razão para seus pais, aquele que leva as coisas adiante e tenta dar a eles uma perspectiva mais jovem sobre as coisas que afetam seus cidadãos.

As coisas devem estar muito, muito ruins.

— *É... seguro... para eu estar aqui?*

Ele enrijece e se vira para mim, mandíbula cerrada, sobranceiras erguidas dos olhos frios e gelados, ainda vidrados de lágrimas e falta de sono.

— Você quer ir embora?

— Não foi o que eu disse. É que... com tudo o que está acontecendo... e você está tão ocupado. Mal te vejo. No Elísio foi... incrível, mas... — Inspiro fundo para forçar as palavras a saírem. — Talvez fosse melhor se eu...

— Se você, o quê? — Sua mão aperta o copo vazio. — Voltasse para os Estados Unidos? E Se a gente nunca mais se ver?

— Não, Fyn, eu nunca *disse* isso. É que... — A frustração rouba minhas palavras. Não tinha a menor intenção de ter essa conversa quando ele está tão chateado com o que está acontecendo do lado de fora dos portões. — O que está acontecendo entre nós, Fyn? Quero dizer, já se passaram quase duas semanas e não tenho mais clareza sobre a situação do que tive na nossa primeira noite juntos. Eu já perdi meu emprego. Se não descobrir uma maneira de pagar meu aluguel na próxima semana, vou perder meu apartamento. Estou desistindo da minha vida lá, nem sei para quê.

— Caramba, Bridget, de todos os malditos momentos para ter essa conversa...

Merda.

Dou um passo em direção a ele, querendo tanto alcançá-lo e abraçá-lo, para dizer a ele que *nada disso* é o que quero, mas estou confusa e perdida aqui sozinha.

— Desculpa. É só...

Ele bate o copo de volta no balcão e balança a cabeça.

— Não posso lidar com isso agora. Preciso ajudar meus pais a

prepararem a declaração deles para a imprensa depois de informar a várias famílias que seus entes queridos estão mortos.

Ah, inferno.

Isso não aconteceu como imaginei. Apenas algumas horas atrás, estávamos rindo e relaxando no pátio do Elísio, e agora, tudo está desmoronando.

Ele passa por mim, abre a porta e sai da suíte sem olhar para trás.

Eu tinha acabado de fazer um puta estrago real.



CAPÍTULO 17

FYNIX

— Lançar!

O pombo de barro sai da armadilha e voa sobre o lago na parte de trás da propriedade do palácio. Lev dispara um tiro e o quebra com facilidade. Enquanto as peças biodegradáveis caem na água, ele se vira para mim, sua expressão repreensiva depois do que acabei de contar a ele sobre a cena com Bridget ontem à noite.

— Então, você a deixou lá, assim?

— O que mais deveria fazer? Precisava ajudar os meus pais e tinha outras coisas para lidar. Você sabe disso.

Lev abaixa a espingarda, as tatuagens em seus braços, que ele quase nunca consegue expor, vibrantes contra o cinza das mangas enroladas. Ele encosta a arma em sua perna enquanto recarrego a minha.

— Sim, mas também sei que quando uma garota com quem você se importa, que literalmente só está neste país por sua causa, pergunta para onde o relacionamento está indo, você não fica chateado e vai embora. Achei que fosse mais inteligente.

— Sêrio, Lev? Não agora.

— Então quando? — Ele levanta as mãos, erguendo as sobrancelhas escuras.

— Que tal nunca? — Lanço um olhar carrancudo para ele.

O objetivo de vir aqui era espairecer um pouco. Não esperava enfrentar uma inquisição do homem que deveria ser meu melhor amigo.

Ele ri e recarrega sua espingarda, seus dedos experientes se movendo como um raio pelas etapas que é tão natural para ele depois de tantos anos de prática.

— O que ela disse quando você retornou para a cama ontem à noite?

Porra.

Já era muito tarde, eu estava exausto quando subi as escadas e por fim desmaiei. Em trinta anos, nunca tive que fazer ligações assim antes, para dizer a um marido que sua esposa não voltaria para casa, para dizer a um filho que sua mãe havia partido, a um irmão que sua irmã foi vítima de um ataque covarde. Cada ligação arrancou um pedaço do meu coração, quebrou a confiança que tinha de que poderíamos acabar com isso de modo pacífico.

Se é com isso que meus pais precisam lidar todos os dias de seus reinados, não tenho tanta certeza de que serei capaz fazer o mesmo.

Qualquer fé que tinha foi varrida no mesmo instante pelos lamentos de desespero, os apelos para fazermos algo quando não temos nenhuma medida que podemos tomar.

Estava um caos quando voltei para minha suíte, sem a menor condição de ter uma conversa tão importante com Bridget. Mas já sei que Lev não vai ver dessa forma.

Estremeço com a pergunta dele e levanto a arma, pronto para atirar.

— Lançar!

O pombo de argila é lançado e meu primeiro tiro erra, mas disparo uma segunda rodada rápido o suficiente para acertá-lo antes que caia na água.

— Ela não disse nada... porque quando enfim fui para a cama, o que foi mais cedo esta manhã, como você bem sabe, ela já estava dormindo no quarto de hóspedes.

— Ai. — Ele estremece. — Ela nem dormiu na sua cama ontem à noite?

Apoio minha arma contra a mesa ao nosso lado.

— Não.

— E você não pensou em entrar no quarto de hóspedes e, sei lá, tentar falar com ela?

— O que deveria dizer? — Suspiro e jogo as mãos para o alto. — Que não sei de nada?

— Mas é melhor do que não falar. Você se importa com essa garota, Fyn. Te conheço a vida toda e nunca te vi tão obcecado por uma mulher. Você não quer fazer tudo o que puder para fazê-la ficar em vez de deixá-la com a impressão de que não dá a mínima se ela permanece aqui ou não?

— Com certeza não dei a ela essa impressão.

— Parece que foi exatamente isso que você fez — Lev bufando e balançando a cabeça.

Porra. Porra. Porra.

Tínhamos passado dias tão fantásticos juntos. Se pudéssemos ter ficado no Elísio...

Lá, as coisas eram simples. Estávamos felizes. Parecia certo, como se estivéssemos destinados a estar naquele lugar juntos. Mas não é a realidade. Nunca foi.

Solto um grunhido e esfrego a nuca.

— Não tenho certeza se isso importa, de qualquer maneira.

— Como assim?

Um pássaro de verdade dispara de uma das árvores ao redor do lago. Ele voa e rodopia pelo céu azul da madrugada, parecendo despreocupado e saboreando sua capacidade de abrir as asas e voar para onde quer que o vento o leve.

O que eu não daria para fazer o mesmo...

— Porque você sabe como meus pais se sentem quanto a ela e a situação, e não serei capaz de mantê-la escondida no palácio para sempre, se ela ficar. Além disso, tem Abigail...

— Ela é irritadinha, não é? — Lev solta um som de escárnio.

— Eu que o diga.

Apesar de um ano de aparições públicas, durante as quais deixei claro para ela que não queria nada com ela além do que era exigido de mim, a mulher não entendeu a dica ou recuou, nem um pouco. E depois do que ela disse a Bridget naquele desastroso café da manhã, ela deixou claro que tem toda a intenção de tentar forçar minha mão em

casamento... com a ajuda dos meus pais.

— Você tem muita sorte, Lev.

— Por que acha isso? — Ele hesita.

— Você pode ficar com quem quiser, quando quiser. Sem ninguém olhando por cima do ombro ou dizendo quem você pode ou não namorar.

Lev pega a arma e se prepara.

— Lançar!

O pombo de barro sai e ele acerta habilmente no primeiro tiro.

— Isso é tudo verdade, mas não significa que a vovó não me encheria meu ouvido se trouxesse para casa uma garota que ela não aprovasse cem por cento.

— Ah, estou bastante confiante de que Mira deixaria seu descontentamento bem claro — respondo, rindo.

— No entanto, ela parece gostar de verdade de Bridget — ele aponta para mim.

Eu também gosto.

A consideração de Mira é o verdadeiro selo de aprovação. Mesmo que ela tenha nascido em Lovolia, suas raízes russas tendem a aparecer quando tem fortes sentimentos sobre algo... ou alguém. Para ela apoiar e abraçar Bridget tão abertamente, apesar das objeções dos meus pais, isso diz muito. Só não tenho certeza se é o suficiente para mudar a realidade da situação.

Concordo devagar com a cabeça.

— Sei que gosta. Ela me disse isso quando me encurralou no corredor há alguns dias. Amo sua avó como se fosse minha, Lev, você sabe disso. Mas às vezes essa mulher se intromete e ultrapassa os limites... assim como o neto.

Lev solta uma risada.

— Tenho certeza de que quando seus bisavôs ofereceram emprego à minha bisavó, nunca imaginaram quem na verdade estavam admitindo em seu círculo íntimo.

— Ou como todos vocês ignorariam o decoro.

— Exatamente. — Lev me dá um sorriso. — Mas não aja como se preferisse que outra pessoa cuidasse de você.

— Claro que não.

Não importa quanto possa reclamar de Lev se metendo onde

não pertence, ele ainda é meu melhor amigo, aquele a quem confio tudo: minha vida... meus segredos.

Ele me observa com olhos que veem demais, esperando que diga outra coisa, mas não tenho intenção de oferecer informações adicionais agora. Não quando as coisas estão tão confusas na minha cabeça.

Por fim, ele coloca a arma na mesa e se vira para me encarar, deixando claro que não há uma saída para essa conversa, não importa quanto esteja procurando por uma maneira de escapar.

— Então, o que você vai fazer quanto a Bridget?

Suspiro e carrego minha arma, dando-me mais um minuto para considerar minha resposta. Passei a manhã inteira me perguntando o mesmo e nada parece suficiente para explicar a ela ou mostrar o que quero de verdade.

— Preciso tentar falar com ela. Convencê-la a ficar.

— Acha que vai conseguir isso depois do que fez de ontem à noite e com todo o drama acontecendo, inclusive com Abigail?

Que inferno. Isso não parece nada bom.

— Quem sabe? — Dou de ombros. — Só posso esperar que sim. Preciso de mais tempo porque, como você sabe, a lei exige que me case com alguém de sangue real. E Bridget está bem longe de ser isso...



BRIDGET

A lei exige que me case com alguém de sangue real. E Bridget está bem longe de ser isso...

As palavras de Fyn ecoam em meus ouvidos... afiadas e dolorosas, e cambaleio de volta pelo vasto gramado e me escondo atrás do pequeno prédio perto do lago antes que ele ou Lev me vejam.

Se não tivesse escutado com meus próprios ouvidos aquelas palavras saírem de sua boca, nunca teria acreditado. Mesmo após nossa briga ontem à noite, depois que ele não veio me procurar, acordei sabendo que precisava falar com ele, que precisava me desculpar por

trazer o assunto à tona quando ele tinha tantas coisas mais importantes para lidar. Que precisava me desculpar por não estar na cama dele esperando. Mas não tinha certeza se ele me queria lá.

No momento, parecia que não, mas agora, à luz de um novo dia, sei que ele devia precisar de mim e apenas não conseguia dizer. É por isso que perguntei a Manuel onde ele estava esta manhã, para que pudesse vir aqui e tentar conversar com ele. Tentar resolver o que deixamos em aberto ontem.

Mas essas palavras, as palavras *dele*, foi o golpe final no nosso relacionamento.

Ele é *obrigado* a se casar com alguém da realeza.

Não só porque é o que os pais dele querem. Ou porque é o que o país espera dele. Ou porque Abigail está pronta para grudar nele como uma súcubo e nunca o deixar ir. Ele *tem* que se casar com alguém de sangue real por *lei*.

Suas palavras doeram... mas são verdadeiras. Não sou da realeza e nunca serei. Nunca *serei*, nunca *poderei* ser, o que ele quer ou precisa.

Jamais deveria ter permanecido aqui. Não deveria ter acreditado que havia um vislumbre de uma chance de isso funcionar. Deveria ter me afastado dele naquela praia da mesma forma que ele fez comigo há um ano.

Tudo o que estava fazendo era me enganar. E agora, enquanto luto para recuperar o fôlego e correr pelo vasto gramado em direção ao palácio, não posso deixar de me perguntar como pude errar tão feio.

Sou a pessoa mais ingênua do planeta?

Pois, com certeza é como me sinto.

Acreditei mesmo que tinha um futuro com um príncipe?

Um homem como ele. Um homem como Fynix Michael Elander Yates, que pode ter qualquer mulher no planeta, que tem Abigail com seu pedigree perfeito e família influente esperando por ele nos bastidores. Um homem *assim* não acaba com uma garota como *eu*. Claro que não. *Nunca*.

No entanto, fui estúpida demais para enxergar isso. Burra o suficiente para acreditar que tínhamos a chance de superar todas as nossas diferenças e nos unirmos naquele pedacinho de terreno comum que encontramos. Ou que *pensei* que tínhamos encontrado.

Ele disse as palavras certas, todas as palavras certas. Naquela noite na praia há um ano e depois de novo e de novo: na areia, no mirante, no Elísio. Ele disse várias vezes, mas nunca me disse que me amava. Nunca disse que tínhamos um futuro. Jamais me contou sobre a maldita lei que significava que nunca poderíamos ter um. Foi tudo um jogo, assim como pensei na primeira noite.

E caí nessa... que nem um patinho.

O guarda no gramado perto da porta dos fundos da qual acabei de sair momentos atrás me vê chegando e o abre para mim com uma pequena reverência.

— Senhora.

Entro no palácio sabendo que ninguém vai me parar ou me questionar. Com todas as horas de trabalho, com o que fazem para as pessoas deste país, já têm o suficiente para se preocuparem. Uma garota americana chorando que é apenas a foda atual do príncipe não é problema deles. No momento, nunca estive tão feliz por ser invisível.

Engulo o choro e atravesso os corredores sinuosos do palácio em direção à suíte de Fyn. Meu coração troveja no peito, ameaçando explodir, mas me movo o mais rápido que posso. Se desacelerar, mesmo que por um momento, posso hesitar na minha decisão e no que preciso fazer. Posso pensar nos bons momentos que tive com Fyn, em especial no Elísio, e posso voltar ao gramado e tentar encontrar uma maneira de fazer isso funcionar entre nós. Posso pedir a ele que faça o impensável para estar comigo.

Mas isso não pode acontecer.

Voltar aqui foi um erro, e agora deixá-lo uma segunda vez é absolutamente a única maneira de sobreviver a isso.

Preciso sair daqui antes que ele volte. Tenho que estar muito longe antes que ele perceba que fui embora. Não posso encarar aquele homem de novo. Não posso me afastar dele ou vê-lo se afastar de mim pela segunda vez. Preciso *partir*.

Agora.

Tudo estava se encaminhando até esse ponto, de qualquer maneira. O problema era que não admitia isso para mim mesma, e se acreditei que ele foi sincero em suas ações e palavras, então ele também não queria admitir para si.

Nós dois devíamos ter previsto esse fim. Tinha minhas reservas

sobre suas intenções há um ano, das quais ele de alguma forma conseguiu me dissuadir durante meu tempo aqui, mas suas palavras as trazem de volta à tona.

Ele nunca teve a intenção de criar um futuro comigo. Ele *não pode*. Tudo isso era apenas o Príncipe Fynix perseguindo um rabo de saia antes de se estabelecer e se casar com uma esposa apropriada, como Abigail. Exatamente como ela e a mãe dele disseram.

Mas não dei ouvidos.

Ignorei aquilo como se não passasse de uma tentativa delas de se livrar de mim. Se soubesse que era uma exigência ele se casar com alguém de sangue real, nunca teria ficado.

Afinal, para quê?

Corro pelo corredor em direção à suíte de Fyn, desviando o olhar da pintura da praia familiar do lado de fora. Olhar para ela só tornaria isso mais difícil.

O guarda do lado de fora da porta de Fyn me observa se aproximar com preocupação, franzindo a testa.

— Está tudo bem, senhora?

Deus, devo parecer um caos agora.

— Sim, mas tenho que partir. — Limpando os olhos, dou um rápido aceno de cabeça. — Preciso voltar para os Estados Unidos o mais rápido possível. Poderia ver se Manuel consegue providenciar um carro para me levar ao aeroporto?

O guarda ergue uma sobrancelha de novo.

— Ahm... Claro, senhorita.

— Estarei pronta em cinco minutos.

Mais rápido que isso, se puder.

Ele abre a porta para mim e disparo para dentro, direto para o quarto de Fyn. Seu cheiro me envolve, provocando-me enquanto jogo minhas roupas e produtos de higiene pessoal na pequena bolsa que trouxe comigo na viagem que deveria durar apenas alguns dias. Deixo as roupas e outros itens que Mira trouxe para mim. Não posso ficar com nada dele ou dela. Não posso ter nenhum lembrete. Nada que seja bom se quiser encontrar e manter minha sanidade outra vez algum dia.

Faço uma pausa e dou uma última olhada na cama que dividi com ele, exceto na primeira noite aqui e na de ontem. A cama onde ele fez amor comigo com tanta sinceridade. Onde acreditei nele e em suas

palavras. Onde comecei a fazer planos na minha cabeça que obviamente eram apenas devaneios de uma garota que lá no fundo abrigava algum tipo de fantasia de conto de fadas.

Meu Deus, como fui idiota. Tão ingênua ao pensar que isso poderia acontecer.

Ninguém fica com o príncipe, exceto a princesa... a menos que você seja uma personagem de contos de fadas.

Jogo minha bolsa por cima do ombro e me forço a sair do quarto dele sem olhar para trás. Quando volto para a sala de estar, Manuel está do lado de fora da porta, a preocupação aprofundando as rugas em seu rosto.

— Srta. Cavanaugh, Erik me passou uma mensagem informando que a senhorita precisaria de uma carona para o aeroporto. Queria ter certeza de que tudo estava bem.

— É claro. — Ofereço um pequeno aceno de cabeça e o que espero ser um sorriso. — Sim. Está tudo bem. Só tenho alguns problemas familiares que preciso cuidar, então tenho que ir para casa o mais rápido possível. Por gentileza, o senhor conseguiria descobrir quando será o próximo voo e conseguir uma reserva enquanto estamos a caminho do aeroporto?

Ele se mexe com desconforto e limpa a garganta.

— Claro, senhorita. Mas se a senhorita se importasse em apenas esperar um pouco e me deixar falar com Sua Alteza, poderia providenciar um jato pessoal para levá-la. Seria muito mais confortável e provavelmente mais rápido.

— Não. — Balanço a cabeça e tento me controlar para não parecer que estou escondendo algo. — Prefiro não causar nenhum inconveniente a ninguém. — Amplio meu sorriso. — Não tenho problemas em pegar um voo comercial. Qualquer um que me leve para fora do país e para os Estados Unidos o mais rápido possível. Então pegarei um voo para o Colorado de onde quer que pouse.

— Como quiser, srta. Cavanaugh. — Ele estende o braço em direção à porta aberta e saio por ela, afastando-me de Fyn para sempre.

É assim que tem que ser.



CAPÍTULO 18

BRIDGET

Manuel e eu caminhamos pelo longo corredor em silêncio, o som dos nossos passos sendo absorvidos pelo tapete sob nossos pés. Ainda assim, me pego prendendo a respiração, esperando que alguém vire em algum corredor.

Não posso encontrar Mira ou Lev, ou pior ainda, Fyn. Se fizer isso, posso desmoronar de vez.

Isso precisa ser uma fuga limpa. Tão sem problemas quanto possível.

Quanto mais perto chegamos da grande escadaria, mais relaxo até soltar um suspiro no topo dos degraus... uma fuga sem obstáculos quase completa. Assim que sair do palácio, será mais fácil respirar, quando não estiver esperando que ele apareça ou que outra pessoa tente me impedir.

Mas o clique de saltos no chão de mármore na parte inferior dos degraus destrói minhas esperanças de sair daqui sem um confronto.

Merda.

Há apenas algumas pessoas que estariam usando saltos neste lugar e não quero ver nenhuma delas. Nem a rainha, nem a princesa, terão nada de bom para dizer e, sem dúvida, torcerão para que a porta bata na minha bunda quando sair.

Abigail, a Súcubo, aparece no corredor abaixo de nós, rebolando

em seus saltos altos e envolta em um vestido que abraça suas curvas com perfeição.

Foda-se ela por ser bonita, da realeza e poder se casar com Fyn.

Não é justo. Porém, a essa altura, é hora de aceitar que nada na vida é. Sou mesmo azarada, tinha que me esbarrar logo com *ela* enquanto tento sair daqui sem ser detectada.

Seus olhos azuis frios pousam em mim no topo da escada e seu olhar perfurante viaja sobre mim, absorvendo meus olhos vermelhos evidentes e minha bolsa na mão. Um sorriso frio se espalha por seus lábios perfeitamente alinhados.

Não conseguiria arrancá-lo dela nem se tentasse. Mas adoraria tentar.

— Ora, se não é o brinquedinho americano de Fyn. Aonde você vai? Sua Alteza já está cansou de você? — Abigail solta uma risada altiva. — Aposto que ele...

— Emergência familiar — interrompo. Se ela disser mais uma palavra, vou enlouquecer. — Preciso ir para casa.

Manuel pressiona a mão na parte inferior das minhas costas, provavelmente sentindo minha angústia com o confronto com Abigail, que continua aos pés da escada, olhando para mim como se estivesse esperando que desmorone.

— Sinto muito, senhora, mas temos um cronograma apertado. Se nos der licença.

Entendo a dica dele e sigo em frente.

Pelo menos alguém no palácio me apoia.

Marchamos escada abaixo com Abigail observando cada movimento nosso. Ela abre a boca para dizer algo assim que piso no mármore, mas Manuel lhe dá um olhar que pode derreter as calotas polares e ela recua um pouco.

Um sorriso de escárnio torce os lábios dela.

— Nós duas sabemos que você não vai voltar. Eu te avisei. Você deveria ter prestado mais atenção.

Talvez eu devesse.

Com certeza teria me poupado muito tempo e me impedido de fazer papel de boba.

Passo por ela e desço o corredor, absorvendo minha última visão do palácio e toda a sua opulência, que por algum motivo parece

ainda mais grandiosa hoje, à luz da nova verdade que agora conheço.

Como se tivesse algum futuro com um príncipe...

Era o sonho estúpido de uma garota estúpida que queria acreditar em finais felizes que não existem.

Manuel me leva para além do palácio, passando pelos guardas que estão na porta, e até um carro preto esperando sob o pórtico. Ele se move ao meu redor para abrir a porta de trás.

— Posso pegar sua bolsa?

— Não precisa, obrigada. — Entro e deslizo pelo assento de couro.

Ele fecha a porta, me deixando sozinha atrás do vidro escuro. Por fim, deixo algumas lágrimas escorrerem pelas minhas bochechas, mas as afasto com a mão enquanto Manuel se senta no banco do motorista e dá partida.

— Ah, não precisava o senhor mesmo me levar até lá. Outro guarda poderia fazer isso.

Olhos castanhos atenciosos encontram os meus no espelho retrovisor.

— Tenho certeza de que Sua Alteza insistiria que eu garantisse sua chegada segura ao aeroporto, pessoalmente.

Tenho certeza de que ele não faria isso.

Se ele soubesse, tentaria me impedir. Ele diria todas as palavras certas nas quais não posso mais acreditar.

Nós nos afastamos do palácio e, por mais que lute, outra lágrima escorrega pela minha bochecha.

— Srta. Cavanaugh, tem certeza de que está bem?

Meus olhos encontram os de Manuel no espelho outra vez e forço um sorriso mesmo que ele possa ver que algo está errado.

— Estou bem. Sério. Só estou ansiosa para voltar para casa.

Tudo o que consigo pensar agora é em ver Daphne e dormir em minha própria cama... contanto que ainda a tenha. Duas coisas que preciso desesperadamente.

Atravessamos Lovolia e sinto um aperto no peito, sabendo que nunca mais voltarei a este lindo paraíso. O resto da viagem é passado em silêncio contemplativo e assim que paramos no terminal do aeroporto, não espero que Manuel abra a porta. Saio com minha bolsa e o encontro no lado dele da SUV.

— Obrigada, Manuel, por sua ajuda.

— É um prazer, senhorita, mas a acompanharei até lá dentro. Receio que, se não o fizer, Sua Alteza cortará minha cabeça.

Posso prometer que o príncipe não vai.

Mas, em vez de brigar com o homem que está apenas tentando fazer o trabalho dele, assinto.

— Por aqui, senhorita. Seu voo de partida é United States Air 1525, de Lovolia para Nova York, saindo do Portão 3. Também providenciei sua conexão de Nova York a Denver. Seus cartões de embarque já estão no portão.

— Muito obrigada, Manuel. De verdade.

— O prazer é meu, senhorita. Fico feliz em ajudar. — Ele pega minha bolsa da minha mão.

Entramos no aeroporto e ele me acompanha até o posto de controle de segurança. Então troca palavras breves com um dos seguranças, depois me entrega minha bolsa.

— Foi um prazer conhecê-la, srta. Cavanaugh. Espero vê-la de volta em Lovolia em breve.

Mal contenho o choro ao tentar respondê-lo.

— Obrigada e se cuide.

A verdade enfim me atinge de vez. Este pequeno aeroporto é o meu caminho de ida e volta para Fyn pela segunda vez. A última vez que estive aqui, estava voltando para dizer meu último adeus. E agora, finalmente estou fazendo isso.

Passo pelo posto de controle de segurança, com medo de que, se dissesse mais uma palavra ou me demorasse um pouco mais no meio do aeroporto, acabaria implorando a Manuel para que me levasse de volta ao palácio.

Mas isso não pode acontecer.

Não demora muito para eu chegar ao meu portão e pego meu cartão de embarque com o funcionário no balcão, depois jogo minha bolsa em uma cadeira vazia e paro na parede de grandes janelas com vista para a pista.

Envolvo meus braços em torno de mim, mas isso não me conforta. A essa altura, nada poderia me fazer sentir melhor. Se há algo que faria, com certeza não consigo pensar nisso.

A mesma pergunta continua girando em minha cabeça, batendo

contra o meu cérebro, exigindo que responda e admita para mim mesma quanto sou estúpida.

O que pensei que aconteceria? Que Fynix e eu nos apaixonaríamos loucamente, nos casaríamos e teríamos aquele final feliz de conto de fadas?

Príncipe Encantado, uma ova. Contos de fadas são besteiras.

Não tinha pensado a longo prazo. Mas deveria. Se as coisas fossem sérias e nos casássemos, eu seria uma princesa e então... algum dia, uma rainha. Um país inteiro estaria olhando para mim como a esposa de Fyn. Nem sei o que meu papel em qualquer dessas posições implicaria, o que esperariam de mim, mas de qualquer jeito, seria uma montanha de responsabilidade.

De gerente de relações públicas a rainha. Zombo de mim mesma e solto uma risada sem humor com o mero pensamento.

Eu, a porra de uma rainha.

A única coisa que tinha a oferecer que seria remotamente útil seria o que aprendi sobre como lidar com bagunças que os clientes criam e transformar a imagem de alguém. E embora isso possa ser de ajuda em uma situação da monarquia, de forma alguma me qualifica para auxiliar a liderar um país.

Um do qual nem *sou nativa*. Que não entendo. Um que está desmoronando aos poucos, e não sou nada além de uma distração para o príncipe que eles tanto precisam agora.

Apesar de ser uma nação bem pequena, os aviões e os trabalhadores do aeroporto correm em uma enxurrada de atividades para nos taxiar para dentro e fora de Lovolia. Talvez as pessoas estejam partindo enquanto as coisas começam a desmoronar. Não poderia culpá-los. Ontem à noite, cheguei a perguntar a Fyn se era seguro ficar aqui. Perguntei se deveria ir embora. E agora... estou mesmo indo.

Ele sabia esse tempo todo que havia uma lei que nos impedia de ficar juntos, de ter um futuro.

Fyn sabia.

Mas não disse nada.

Não posso dizer o que teria feito se soubesse dessa lei, mas teria tido uma *escolha*. Poderia ter protegido meu coração. Poderia ter ido embora. Ou permanecido e ter me magoado tanto quanto agora, mas consciente disso. Mas Fyn decidiu por mim e me tirou o poder de

decisão.

Como faço para processar isso?

No mínimo, esperava honestidade do homem. Fynix me conhece bem o suficiente para saber que a honestidade está no topo da minha lista, ainda mais depois do que Barry me fez passar. Nunca pensei que confiaria em um homem de novo, mas a burra aqui acabou confiando.

Confiei em Fynix... como a idiota que certamente sou.

A sensação que tive quando descobri quem ele era retorna. Como se tivesse sido manipulada, feito parte de algum golpe de um membro da realeza para pegar uma turista qualquer e brincar com seus sentimentos enquanto ela tolerasse.

A americana estúpida que tentou transformar a foda de férias em algo mais... é isso que sou.

Deus, odeio que Daphne esteja certa.

Deveria deixá-la conduzir minha vida quando voltar, porque venho seguindo a direção errada já tem um tempo. Primeiro, com Barry, e agora, com Fynix. Parece que sou tão boa em escolher relacionamentos quanto sou com bananas... as malditas sempre ficam marrons no dia seguinte que as compro.

Mais lágrimas escorrem pelo meu rosto e não importa quanto tente, não consigo fazê-las parar.

— Aff, pare de chorar — me recrimino em voz alta, passando a mão com raiva em minhas bochechas e nariz. Mataria por um lenço agora. Sou um caos choroso. — Quando embarcar neste avião, é o fim, Bridget Cavanaugh. Nada mais de lágrimas.

É hora de esquecer Fynix, como pretendia quando embarquei no avião para cá há apenas algumas semanas.

O único consolo é que, pelo menos, posso dizer que tentei. Indo para casa desta vez, não serei atormentada pelos “e se”. É definitivo agora. Não temos um futuro juntos e preciso aceitar isso, não importa quão errado pareça.

E preciso me limpar.

Se entrar em um avião chorando desse jeito, podem pensar que algo terrível aconteceu comigo. Ainda que tenha mesmo acontecido: meu coração foi despedaçado. Mas não há nada que possam fazer para consertar.

Um estalo vem através do sistema de som:

— *Boa tarde. Este é o anúncio de pré-embarque do voo 1525 para Nova York, Estados Unidos. Convidamos agora os passageiros com crianças pequenas, e quaisquer passageiros que necessitem de assistência especial, para começar o embarque neste momento. Por favor, tenha em mão o seu cartão de embarque e identificação. Agradecemos a atenção.*

O interfone se desconecta e pego minha pequena bagagem de mão, indo para o banheiro e caminhando direto para a parede de pias.

Estremeço ao me olhar no espelho. Meus olhos, bochechas e nariz vermelhos, e a mancha do rímel, são uma visão horrível.

Bem, ninguém nunca alegou que ter o coração partido é bonito.

Umedeço algumas toalhas de papel e as seguro sobre meus olhos ardentes. Depois do quanto chorei desde que ouvi o que Fynix disse a Lev sobre a lei do casamento, nem entendo como ainda tenho lágrimas para derramar.

Mas, pelo visto, ainda tenho.

— Merda — gaguejo, quase soluçando de novo.

Não quero que isso acabe entre nós, mas não posso forçar Fynix a me querer, lutar por nós ou me amar. E mesmo que *o fizesse*, não *importaria*. Neste país, seus pais fazem a lei, e a lei diz que ele *deve* se casar com um membro da realeza.

Algo que nunca poderei ser.

Isso me faz chorar mais, mas em vez de tentar segurar, tentar impedir que minhas emoções voltem com força total, coloco tudo para fora.

Assim que sair deste banheiro, não vou mais chorar por Fynix Yates. Serei forte. Posso seguir em frente sozinha.

Mas Deus, como o desejo.

Não. O Projeto Superar Fyn começa agora.

Jogo as toalhas de papel na lixeira e endireito minha camisa. Ainda sou um caos de tristeza, mas não sou mais uma bagunça *chorosa*.

Isso é um avanço, suponho. Um passo de cada vez.

Abro minha bolsa de mão e pego minha caixa de cosméticos. Um pouco de corretivo bem colocado pode resolver quase qualquer coisa. Alguns toques com o aplicador e uns com o dedo, e a maquiagem me faz quase parecer humana outra vez. Olho para o meu reflexo. Pelo menos não pareço tão lamentável quanto há apenas alguns segundos.

— Hora de seguir em frente. — Ajeito o cabelo antes de pegar a

alça da minha bolsa e sair do banheiro.

A última coisa que preciso é perder meu maldito voo.

Uma estranha comoção no corredor chama minha atenção por um instante, vejo flashes e ouço gritos empolgados.

Deve ser alguma celebridade.

Lovolia se tornou um destino bastante popular devido às praias, os cassinos e lojas de grife.

Espero que se divirtam aqui mais do que eu.

O sistema de som volta à vida.

— *Atenção passageiros, embarque imediato das fileiras A até K para o voo 1525 para Nova York. Convidamos a todos os passageiros das fileiras A até K a começar a embarcar neste momento. Por favor, tenha em mão o seu cartão de embarque e identificação. Agradecemos a atenção.*

Vou em direção ao guichê no portão, pegando meus documentos na bolsa enquanto sigo. Com um coração triste e um suspiro pesado, sussurro para mim mesma:

— Adeus, Fyn.



FYNIX

— Falei que essa era uma ideia de merda — Lev murmura, seguindo-me de perto através da multidão que cresce cada vez mais no prédio do terminal. — Você nunca me escuta.

— Não, a má ideia será eu fechar este maldito aeroporto e chamar de volta todos os voos se Bridget já tiver embarcado.

E farei isso, se necessário.

Continuo a passar por pessoas que curvam a cabeça, fazem reverência e estendem a mão para me tocar, mas não há tempo para parar e cumprimentar ninguém ou beijar bebês. Estou em uma maldita missão. Uma em que devo ter sucesso... preciso impedir Bridget de ir embora.

Essa é única coisa em minha mente desde que voltei ao palácio e

descobri que ela havia partido. Não posso perdê-la de novo. Desta vez, depois de estar com ela e *conhecê-la*, isso me *mataria*.

— Você está atraindo uma multidão, Vossa Alteza... — Lev examina com nervosismo a crescente massa de pessoas. — E com apenas eu para defendê-lo, esta é uma situação impossível.

É irresponsável da minha parte estar tão exposto, com apenas Lev como proteção caso algo dê errado, mas não queria entrar aqui com toda a porra da guarda, afinal, isso não apenas anunciaria publicamente meu relacionamento com uma mulher que pode estar me deixando, mas também poderia assustá-la ainda mais.

Rezo para que o choque de ter o príncipe herdeiro de repente marchando sua bunda real pelo aeroporto me abra um caminho, pelo menos até que possa encontrar Bridget.

Chegar até ela é tudo o que importa.

— Abram caminho. — Lev afasta as mãos que tentam agarrar minha manga. — Abram caminho para o príncipe herdeiro de Lovolia.

— Vossa Alteza! — Uma mulher com lágrimas escorrendo pelo rosto cai no chão em uma reverência profunda.

Odeio essa parte de ser o herdeiro do trono. O que me faz melhor do que ela? Nada, porra.

Nasci na minha posição. Não a mereci. Nada além do meu DNA me coloca onde estou. E, pelo visto, há muitas pessoas determinadas a remover qualquer um com meu DNA do poder, e dispostas a destruir o país para alcançar seu objetivo.

Um sistema de anúncio ganha vida e mal posso ouvi-lo com o barulho crescente do enxame que parece estar se fechando ao nosso redor, tornando o avanço muito mais difícil.

— *Atenção passageiros, embarque imediato das fileiras A até K para o voo 1525 para Nova York. Convidamos a todos os passageiros das fileiras A até K a começar a embarcar neste momento. Por favor, tenha em mão o seu cartão de embarque e identificação. Agradecemos a atenção.*

— Porra! — Esse é o voo que Manuel disse que reservou para ela. — Abram caminho, por favor!

Uma parede de pessoas se fecha ao nosso redor, abafando minhas palavras com sua conversa animada.

Estão embarcando!

Os portões estão logo à frente, e quanto mais nos aproximamos, mais preocupado fico por ela já estar no avião. Os telefones continuam sendo empurrados na minha cara, então tento não causar uma cena, quer dizer, mais do que já estou. Não preciso dar ao MLL mais munição para sua causa, fornecendo imagens de mim cotovelando meus súditos para chegar até uma mulher.

Nunca fiquei nervoso um dia na minha vida, mas essa americana me assusta pra caramba. Ela é incrível e não tem como desistir dela por nada. NADA.

Não posso deixá-la ir.

— Todos para trás! — o berro de Lev soa acima do barulho e as pessoas nos fechando.

Isso é porra de um caos completo.

— Preciso de silêncio! — por fim, perco a calma e minha voz se propaga na multidão e todos ao alcance dela ficam em um silêncio mortal. — Obrigado.

As pessoas ao meu redor esperam para ver o que vou dizer ou fazer a seguir. Engulo em seco e tento recuperar um pouco de compostura.

— Estou tentando chegar a alguém muito importante para mim e acho que ela está prestes a embarcar em um avião, então, por favor, abram um caminho para podermos passar.

Leva um momento para minhas palavras serem absorvidas, mas, como mágica, a multidão se separa.

— Obrigado! — grito, enquanto começo a correr.

Não espero para ver se Lev está atrás de mim. Conhecendo-o, ele está no meu encalço. Meu foco está em apenas uma pessoa quando entro na seção dos portões e examino a área em busca do familiar cabelo castanho.

Meus olhos pousam nela assim que ela recebe o passaporte de volta do comissário de bordo e começa a caminhar em direção ao portão que a levará para longe de mim.

Mas isso não pode acontecer.

E farei qualquer coisa para impedir que ela vá, por um motivo muito importante.

Eu amo Bridget.

— Bridget! — grito, enquanto disparo até o portão. — Bridget!

— Senhor, precisa parar. Senhor! Segurança!

Os gritos de alguém ficam sem resposta, e isso não me faz parar. Sigo em frente, horrorizado, vendo Bridget passar pela porta.

Algo sólido e determinado me atinge de lado e me joga no chão... *com força*. O ar escapa dos meus pulmões e a dor irradia pelo lado do meu corpo.

Putá merda. Isso doeu.

— Saia de cima dele! — a voz de Lev chega aos meus ouvidos através de uma parede de carne pesada empilhada em cima de mim.

Ouçó várias pessoas arquejarem e parte do peso enfim alivia.

— É o príncipe!

— Príncipe Fynix!

O burburinho aumenta enquanto permaneço deitado, tentando descobrir como voltar a respirar. Uma mão com unhas cor-de-rosa se estende até mim. Pisco o atordoamento que turva minha visão e me concentro na visão que traz lágrimas aos meus olhos.

— Bridget — chio o nome dela, olhando para aqueles lindos olhos verdes. — Eu...

As palavras me falham e Lev aparece ao lado dela para me ajudar a me levantar.

— Vossa Alteza. Por favor, me perdoe — um segurança implora, enquanto se curva várias vezes. — Não tinha ideia de que era o senhor. Sinto muito.

O homem estava apenas fazendo o trabalho dele, então não posso ficar com raiva.

— Está tudo bem. Não tem problema — tento tranquilizá-lo, mas mantenho meu olhar fixo no de Bridget.

A tristeza permeia o ar ao seu redor, e a maquiagem que ela usa para cobrir o inchaço dos olhos de nada adiantou. O fato de ter desempenhado um papel em sua angústia é pior do que um chute bem no saco.

— Preciso de um momento com Bridget.

Lev entra em ação, empurrando a multidão com a ajuda dos seguranças. Em minutos, temos um perímetro seguro com segurança adicional para conter a situação.

Apenas fico olhando para Bridget, com medo de dizer a coisa errada. Com medo de dizer qualquer coisa que possa colocá-la de volta

naquele avião para longe daqui.

— Bridget, por favor, podemos conversar?

Ela cruza os braços sobre si de forma protetora e concorda com a cabeça, embora toda a sua postura sugira que não está muito feliz em me ver agora.

E não faço a mínima ideia do porquê.

Vamos até um grupo de cadeiras em frente às janelas panorâmicas com vista para a pista. Não vamos ter nenhuma privacidade de verdade aqui e prefiro fazer isso em outro lugar, mas algo me diz que Bridget não vai ir embora comigo outra vez. Não, a menos que diga o que vim dizer.

Lev estabelece a ordem e todos estão sendo respeitosos e mantendo distância... mesmo que haja cerca de cem celulares seguindo todos os meus movimentos.

Sento-me perante Bridget, apoiando os cotovelos nos joelhos antes de esfregar a nuca, nervoso. Tudo o que importa para mim está por um fio.

— Por que está indo embora? É por causa da briga que tivemos ontem à noite? Porque...

Sua boca se abre um pouco, como se ela não acreditasse que tivesse coragem de fazer essa pergunta.

— Sério? Fyn, *ouvi* o que você disse a Lev hoje enquanto estava à beira do lago.

O que eu disse?

Repasso toda a minha conversa com ele, procurando qualquer coisa que possa ter sido suficiente para fazê-la correr. Discutimos a briga que tive com ela, como a noite foi terrível para mim, que não tinha certeza do que dizer... E quando chego ao final, a bile sobe pela minha garganta.

Merda.

Estendo a mão para ela.

— Primeiro, sinto muito que você tenha ouvido aquilo, mas juro que não é bem assim, e não quis dizer o que você pensa que entendeu.

— Acho que te ouvi muito bem. Há uma lei de casamento e não temos futuro. Você decidiu não compartilhar nada disso comigo e me deu falsas esperanças.

— Não. Você me ouviu dizer a Lev que a lei exige que me case

com alguém de sangue real, e isso é *verdade*... — Ela se mexe, inquieta, mas eu levanto a palma da mão para impedi-la de me interromper. — Mas tenho trabalhado nos bastidores para tentar mudar essa lei. E não, não te contei. Não porque estava tentando manter isso em segredo ou esconder algo, mas porque não *importa*. — Fixo meu olhar no dela, certificando-me de que ela possa *sentir* minhas palavras, assim como ouvi-las. — Bridget, o que disse sobre você não ser da realeza foi um elogio. Essa é uma das coisas que amo em você. Se tudo se resumir a você ou ao trono, escolherei *você*. Eu abdicaria do trono.

— Você... desistiria de tudo isso, por mim? — Os olhos dela se arregalam e o lábio inferior estremece.

— Num piscar de olhos. É só falar e entraremos naquele avião. Vou segui-la até os confins da Terra porque estou absolutamente, cem por cento, apaixonado por você, Bridget.

Um pequeno arquejo escapa de seus lábios com a minha admissão. Ela não esperava por isso. Deveria ter dito a ela quando estávamos no Elísio, e provavelmente *teria* feito se não tivéssemos sido interrompidos pela chamada de emergência. As palavras estiveram na ponta da língua tantas vezes, mas me contive, querendo dizê-las no momento perfeito. Que, com certeza, não é esse, mas agora que falei, o peso sobre meus ombros evapora, e é óbvio que me sinto assim há muito tempo.

Seria um tolo se não a amasse.

— O que me diz, amor? Você vai ficar?

Prendo a respiração, esperando sua resposta. Sua decisão poderia despedaçar meu coração ou restaurar meu mundo inteiro. Após vários segundos longos e agonizantes em que Bridget me estuda, processando minhas palavras, ela se lança em meus braços e, ignorando o protocolo de não tocar em público, a puxo para o meu colo, abraçando-a com firmeza suficiente para saber que ela nunca mais escapará.

A multidão ao nosso redor começa a aplaudir.

Lá se vai a ideia de tentar esconder meu relacionamento com ela da mídia ou do público.

Era apenas uma questão de tempo, ainda mais se vamos levar isso para o próximo nível. Ainda assim, teria preferido divulgar os detalhes em nossos *próprios* termos, usando algumas de suas incríveis

habilidades de Relações Públicas para garantir que as coisas fossem apresentadas da melhor maneira possível.

Seus braços se apertam em volta do meu pescoço e ela acaricia meu rosto com o nariz, seu cheiro invadindo meus pulmões.

Porra, quero beijá-la, mesmo que isso não seja bem-visto de acordo com os protocolos.

Bridget ri e sussurra ao meu ouvido.

— Sim, vou ficar, e te amo também.

Não quero que esse momento termine.

Com a mulher que amo em meus braços, a mulher que retribui meu amor, é como se tudo estivesse finalmente certo no mundo, mesmo quando tudo ao nosso redor está desmoronando.

Agora, enfrentaremos tudo juntos. Seja o que for.



CAPÍTULO 19

BRIDGET

Ele veio por mim!

Sua mão não desgrudou da minha desde que saímos do aeroporto, lembrando-me de que isso não é um sonho. Ele segura minha mão como se tivesse medo de que eu desapareça se a libertar, e por mais que adore a ideia de ser uma mulher forte que não precisa de um homem ao lado... não desejo que ele a solte. Seu toque me faz sentir centrada e calma, e com minha mão na dele, nossa conexão parece ampliada, mais intensa do que nunca, se é que isso é possível.

Mesmo agora, enquanto passamos pelos guardas e entramos no palácio, ele ainda se agarra a mim como se sua vida dependesse disso. Olho para o seu perfil forte, a mandíbula definida, os lábios carnudos e cílios grossos.

Todas as razões pelas quais me entreguei a ele naquela praia na primeira noite retornam de uma só vez. Era pura luxúria naquela época, mesmo com a conexão que tínhamos, um momento imprudente que ambos precisávamos, mas agora que nos conhecemos, sua beleza vai além de sua aparência, a alma dele é linda.

Fynix é um bom homem. Um que se preocupa com os pais apesar de discordar deles em relação a várias coisas. Que ama seu país e sofre por ele quando as coisas dão errado. E um homem que me ama.

Não me atrevo a dizer que tenho conhecimento sobre a realeza,

mas tenho certeza de que li em algum lugar que demonstrações públicas de afeto são malvistas em seus círculos. É por isso que não fiquei chateada por ele não me beijar no aeroporto, mas pude perceber que apenas anos de decoro arraigado impediram que seus lábios encontrassem os meus. Vi em seus olhos o reflexo da fome que havia nos meus.

Como se pudesse ler meus pensamentos, ou talvez seja o fato de não conseguir tirar os olhos dele, Fyn me encara. Seu lábio se curva em um sorriso mal contido e ele aperta mais a minha mão, então aumentamos nosso ritmo pelo palácio.

Os funcionários correm de um lado para o outro, parando para baixar a cabeça ou fazer uma reverência diante dele. Seus olhos pousam e permanecem em nossas mãos unidas, mas Fyn não parece notar ou apenas não dá a mínima porque não a solta, apenas roça o polegar de maneira sedutora por minha pele. Logo depois, ele me olha de novo.

— Então, estava querendo te perguntar uma coisa, mas agora que de repente tornamos público o nosso relacionamento de uma maneira *muito* visível, vai soar como se estivesse fazendo isso pelo que aconteceu. Mas juro, teria feito de qualquer maneira.

— Você teria, o quê?

— Te convidado. Tenho um evento chegando e ficaria honrado se comparecesse comigo.

— Qual evento? — Mordisco meu lábio inferior.

— É o Jubileu de Prata do Rei. Será um baile. Meu pai tem ocupado o trono por vinte e cinco anos e, na maior parte, ele tem sido um governante gentil e benevolente para um país pacífico. Mesmo que o clima atual e o MLL sugiram o contrário.

— Um baile? Quer que eu vá a um baile com você? Como acompanhante? — Contemplo o convite ao nos aproximarmos da grande escadaria que nos levará ao andar de cima. — Não sei, Fyn, tem certeza de que é uma boa ideia?

— Sim. — Ele me faz parar no pé da escada. — Será uma declaração de que estamos juntos, que você é minha. Meu reino deveria saber disso.

Dado o que acabou de acontecer no aeroporto, o público já vai saber ao meu respeito em breve, mas não sei nada sobre bailes ou lidar com dignitários, além disso, um jubileu é um evento muito público com

pessoas muito importantes.

Desvio meu olhar, não querendo revelar o que está começando a se formar na minha cabeça.

Não é da sua conta, Bridget.

Como se pudesse ler minha mente, ele levanta meu queixo.

— O que mais está te incomodando?

— Nada. — Balanço a cabeça. — Desculpa. Não cabe a mim aconselhá-lo sobre esses assuntos.

Apesar de passar toda a minha carreira transformando desastres de relações públicas em vitórias para meus clientes, este é um mundo totalmente diferente, com regras diferentes. Regras que eu de forma alguma poderia entender.

Ele estende a mão e afasta o cabelo do meu ombro.

— Me conte o que está pensando.

— Bem, estava pensando sobre quão grande será o baile. Pode beneficiar toda a situação com os radicais se você usar o baile como uma oferta de paz. Presumo que você fará um discurso, e o discurso certo pode ajudar muito a aliviar as tensões.

— Essa não é uma má ideia — Fyn sorri para mim.

— Sou conhecida por ter algumas. — Solto uma risada, o som ecoando pelo vasto vestíbulo.

— Não tenho dúvidas de que são mais do que algumas. — Ele ri comigo e beija minha bochecha. — Você é brilhante, e mal posso esperar para dizer ao mundo que tirei a sorte grande. Mas antes, preciso te mostrar o quanto te amo.

Subimos as grandes escadas que nos levarão ao longo corredor até a suíte dele. Os guardas entram em alerta quando passamos, e assim que adentramos seu domínio e as portas estão fechadas atrás de nós, isolando a gente do resto do mundo, ele puxa minha mão e me envolve em seus braços. Seus lábios parando a milímetros dos meus.

— Bridget, sinto muito por não ter conseguido fazer isso no aeroporto. Apenas saiba que estou morrendo de vontade de beijar você. Cada segundo da viagem para casa e da caminhada pelo palácio até este maldita aposento foi um testemunho da minha contenção.

Meu coração bate frenético enquanto seus lábios macios e cheios descem sobre os meus. Um frio toma conta da minha barriga e um gemido espontâneo escapa da minha boca para a dele. Suas mãos

grandes e fortes percorrem minhas costas para agarrar minha bunda.

Sua atenção tão focada em mim envia um calor através do meu corpo, fazendo-me contorcer contra ele, desesperada por algo mais que só ele pode me dar.

Deus, pensei que nunca mais teria isso.

Seu toque. Seu cheiro. *Ele.*

Pensei que a única coisa que me restaria de Fyn, de nós, do nosso tempo juntos... seriam as lembranças tão bonitas quanto dolorosas. Mas não mais. Não vou permitir que a dor toque em mais nada relacionado a nós, e vou valorizar e me agarrar a cada nova memória que tivermos a sorte de criar.

Hoje tudo está diferente.

O ar ao nosso redor se enche de uma carga quase elétrica, enquanto me afundo em uma loucura movida pela luxúria com o homem dos meus sonhos. Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos pelo alívio e prazer de apenas estar de volta em seus braços.

Me sinto inteira.

É como se uma parte de mim tivesse sido devolvida, uma parte da minha própria alma, sem a qual estava apenas funcionando parcialmente. Por mais estranho e aterrorizante que isso possa ser, me conforta. Essa conexão que sentimos não pode ser quebrada. Não por argumentos. Não com o tempo. Nem por uma maldita lei.

Como pude pensar que superaria isso, nós dois... como superaria ele?

Posso ter deixado o Colorado, deixado para trás meus amigos, meu trabalho, meu apartamento, tudo o que tenho, mas enquanto estiver com Fyn, está tudo certo. Ele é meu lar mais do que qualquer lugar que aluguei em um prédio alto. Estar aqui com ele significa mais do que ir para um trabalho ingrato todos os dias. Lamentei a perda deste homem uma vez antes, depois de apenas conhecê-lo por um dia, jamais sobreviveria a perdê-lo agora.

Ele limpa as lágrimas das minhas bochechas com os polegares e murmura contra meus lábios:

— Amor, está tudo bem. Estamos aqui, estamos juntos agora.

Nosso coração está no mesmo lugar. Em sincronia. Por mais clichê que isso possa parecer, não deixa de ser verdade.

— Sim, estamos — sussurro antes de pressionar meus lábios

nos dele.

Juntos.

A palavra flutua em minha mente enquanto nosso beijo se intensifica e despejo cada grama de tudo o que sinto nele.

— Porra — ele geme e o som é puro, uma necessidade animalesca. — Preciso de você, Bridget. Em meus braços. Em minha cama... Na porra da minha vida.

Fyn me beija profundamente. Sua língua se emaranha com a minha em uma dança que quase aperfeiçoamos. Nunca me cansaria do beijo desse homem. A mão dele desliza por baixo da minha saia.

— Fyn — suspiro o nome dele.

Minha necessidade por este homem é um anseio, um desespero como nunca tive antes. Poderia me odiar por me tornar assim perto dele, por me entregar a ele com tanta facilidade todas as vezes, mas é tão bom. Tão certo.

— Me diz o que você quer, Bridget.

Sua voz contém um timbre profundo que goteja de desejo e envia calafrios por minha pele. As palavras repetidas, ecoando o que dissemos naquela primeira noite em que cheguei, quando estávamos juntos no gazebo, são muito intencionais.

Fecho os olhos, meu controle se desfazendo a cada minuto. Quero sua boca em mim para sempre. Suas mãos possuindo cada centímetro do meu corpo. Uma vida inteira em seus braços. Mas não digo isso porque só quero voltar a beijá-lo.

— Você, só quero você.

Mal tenho tempo para respirar depois de proferir essas palavras e seus lábios colidem contra os meus em um beijo faminto que consome tudo. Suas mãos puxam as alças do meu vestido e as minhas vão para os botões de sua camisa. Ele me conduz de costas para seu quarto, uma pilha de roupas abandonadas em nosso rastro. Afrouxo o cinto dele enquanto meu vestido fica em volta dos tornozelos. Chuto a roupa para o lado, enquanto continuo a tarefa mais importante: libertar seu pau.

— Preciso de você... agora.

É o único aviso que ele dá antes de me levantar. Minhas pernas o envolvem por instinto e ele gira e me abaixa na cama *king-size* que domina seu quarto.

Fyn abaixa a calça com uma mão e salpica pescoço com beijos

frenéticos antes de agarrar seu pau e alinhá-lo com meu núcleo.

— Eu te amo — suas palavras vêm sussurradas. Quase reverentes.

O desespero frenético sob o qual estivemos agindo se afastou por um momento para dar lugar à verdadeira emoção além da luxúria que temos um pelo outro: *amor*.

Fynix me ama.

— Desde aquele primeiro dia em que nos conhecemos na minha praia, sabia que essa coisa entre nós era diferente. *Você* era diferente.

Ele desliza o pau para dentro de mim e arquejo enquanto ele se afunda em mim, me esticando da maneira mais deliciosa. Mas são suas palavras, seus sentimentos, que exigem minha atenção. Obrigo-me a parar e segurar o rosto dele em minhas mãos. Seu olhar é pesado e cheio de desejo enquanto seus olhos se fixam nos meus.

Essas podem muito bem ser as palavras mais importantes que já falei para outra pessoa. Este momento é apaixonante e íntimo, e agora, com essa troca, pode ser o momento mais importante da minha vida.

— Eu te amo, Fynix. Tudo o que aconteceu para nos trazer a este ponto no tempo, eu passaria novamente, se isso me colocasse de volta aqui com você.

— Bridget... — Fynix geme meu nome, e é o som mais bonito e sexy que já ouvi. — Porra, Bridget...

Suas palavras sussurradas contra meus lábios me atraem de volta para ele, de volta ao desejo e à necessidade irracionais.

Estou perdida nele de novo. Este homem é tudo do qual nunca soube que precisava. Gentil, atencioso e compassivo. Se alguém deve governar um país, é Fynix.

Mas não posso mais me concentrar nisso. Não quando seu pau desliza para dentro e fora de mim em um ritmo perfeito, e no ângulo perfeito. Sua pélvis se esfrega contra o meu clitóris a cada estocada, e seus lábios se movem em sincronia com seu corpo musculoso imitando as ondas no oceano onde nos conhecemos.

— Que delícia. — Cravo minhas unhas em suas omoplatas, arranhando a pele enquanto o puxo com os pés na parte inferior das costas para que ele me penetre com mais força. — Ai, minha nossa, Fyn!

Um orgasmo intenso me atinge, forçando meus olhos a se

fecharem enquanto luzes piscam contra minhas pálpebras. O prazer percorre meus membros enquanto o ritmo de Fyn fica frenético. Ele tenta me empurrar ainda mais para além do limite enquanto persegue seu próprio clímax.

— *Cuore mio*. Você é meu coração, Bridget — sussurra ao meu ouvido, enquanto se esvazia dentro de mim.

O seguro com mais força, agarrando-me a ele enquanto goza, porque essa intensa atração entre nós não pode ser quebrada. Nada pode nos separar.

Nada.



FYNIX

— Então, você sente cócegas? — Bridget se contorce, tentando escapar dos meus dedos deslizando para cima e para baixo. — Esta é uma informação importante que não posso acreditar que não descobri antes.

— Para! — ela grita e ri ao mesmo tempo, tentando se afastar do meu leve aperto e deslizar para fora da cama.

Mas não posso deixar isso acontecer, ainda mais quando ela está nua. Seus mamilos duros clamam por mim e não posso evitar estender a mão e arrastá-la de volta, para que possa agarrar seu mamilo e chupar com gosto.

Giro minha língua em torno do pico sensível, provocando um gemido dos lábios inchados de Bridget.

— Ummm, Fyn.

Ela sorri, passando os dedos pelo meu cabelo e a arrasto para mais perto de mim na cama, soltando seu mamilo duro com um estalo.

— Caramba, como adoro ouvir você dizer meu nome quando está excitada.

Meu pau está duro como pedra de novo e a pressiono na cama, então me estico em cima dela, alinhando minha ereção com seu calor úmido onde quero me enterrar... de novo.

Acaricio seu pescoço e espalho beijos leves ao longo de sua mandíbula.

— Não quero nunca mais sair desta cama.

— Mas e quando a gente precisar comer? — Uma bela risada escapa de seus lábios.

— Tenho tudo o que quero comer aqui mesmo. — Solto uma risada com sua pergunta inocente.

A única coisa com a qual quero me banquetear por toda a vida.

Lanço as cobertas sobre minha cabeça, e ela se contorce de rir enquanto deslizo por seu corpo para descansar a cabeça entre suas coxas lisas.

— Porra, Bridget Cavanaugh, você é magnífica.

O cheiro de sua excitação endurece ainda mais meu pau, e o desejo de enfiá-lo em sua linda garganta quando terminar de me banquetear com ela me encoraja a começar os meus esforços para tentar arrancar dela o orgasmo mais intenso que ela já teve.

Deslizo minha língua por seu núcleo, o sabor divino que é Bridget inundando minha boca. Um gemido baixo de prazer ressoa em meu peito e ela rola os quadris em direção ao meu rosto, me forçando a segurar seus quadris com força e mantê-la no lugar enquanto a devoro.

Explorando-a, lambendo-a e chupando seu lindo clitóris.

Ela arqueia o corpo e agarra meu cabelo a ponto de quase doer, e deslizo dois dedos dentro dela, enrolando-os para encontrar aquele ponto que a levará ao limite.

Mas não consigo ficar entre as coxas de Bridget por tempo suficiente. Uma batida forte na porta do meu quarto me empurra para longe dela, nós dois ofegantes.

Que inferno.

Deve ser urgente. A mensagem que enviei ontem à noite para Lev e o guarda deixou claro que não deveria ser perturbado a menos que o mundo estivesse acabando.

Assim que Bridget e eu sairmos daqui, terei muito trabalho para colocar em dia. Coloquei tudo em segundo plano enquanto tentava reconquistar Bridget. E faria isso de novo um milhão de vezes porque nada é tão importante para mim quanto ela.

É melhor que seja realmente urgente.

Rastejo de debaixo das cobertas e saio de cima Bridget,

oferecendo-lhe um olhar de desculpas enquanto me certifico de que ela esteja coberta com o edredom. Sua pele corada mostra quão perto ela estava do orgasmo antes de sermos interrompidos de maneira tão rude.

Merda do caralho. É melhor que o mundo esteja literalmente acabando agora.

Pego o lençol do chão e o enrolo na cintura. Não há necessidade de atender a porta pelado. No entanto, isso seria uma declaração para quem se atreveu a se intrometer.

E nunca mais farão isso.

Atravesso a espaçosa sala e começo a abrir a porta.

— É melhor que seja importante. É melhor que o palácio esteja pegando fogo...

Merda.

Não é Lev. Minha mãe me encara, uma unidade inteira da Guarda Real parada atrás dela.

Mas que merda está acontecendo?

Ela nunca vem à minha suíte. Nunca.

Isso deve ser muito ruim.

— Mãe. — Inclino a cabeça enquanto tento esconder minha nudez atrás da porta e bloquear Bridget dos olhos curiosos da rainha, apesar dos meus esforços serem inúteis.

Minha mãe espia ao meu redor para olhar para Bridget, que se esconde debaixo dos cobertores.

Não posso culpá-la.

A expressão da minha mãe poderia destruir um exército conquistador ali mesmo.

— Talvez se você não estivesse fugindo de seus deveres, saberia que *sim*, o palácio *está* pegando fogo. — Ela ergue uma sobancelha perfeitamente esculpida, desafiando-me a refutar o que diz antes de continuar. — Os manifestantes detonaram uma bomba no portão da frente. Um dos guardas de plantão foi morto.

Porra.

Decido tirar algumas horas para mim e meu mundo não apenas se transforma em merda... ele implode. Deve ter acontecido enquanto Bridget e eu estávamos no chuveiro mais cedo, caso contrário, teríamos ouvido a explosão, embora o próprio palácio e minha suíte estejam longe dos portões aos quais o público tem acesso.

Um soldado morreu.

Essa informação preocupante dissipa qualquer ideia persistente de voltar para Bridget e minha cama.

— Onde está o meu pai?

Minha mãe olha por cima do meu ombro para a minha cama, de novo, e olho para Bridget, que provavelmente está rezando para que a Terra se abra e a engula inteira. No entanto, apesar da gravidade da situação, não consigo evitar o sorriso que puxa meus lábios porque minha mulher... meu futuro, se é que tenho algo a dizer sobre o assunto, está deitada na minha cama.

Não vou me desculpar ou me sentir mal por estar apaixonado por ela e fazer coisas que os amantes fazem quando estão sozinhos, mas uma onda imensa de raiva se instala em mim. Quem tirou a vida do guarda pagará com a própria.

— Ele está esperando por você no escritório dele. Seu pai ligou várias vezes sem sucesso, e como Lev está ocupado, vim buscá-lo.

Se enviaram Lev para lidar com a perturbação, a coisa deve estar ruim, mas tenho a sensação de que minha mãe veio porque quis ver com os próprios olhos o que está acontecendo entre mim e Bridget.

Não é como se minha mãe não deixasse claro seu desejo de que eu me case com Abigail. Ela acredita que é o melhor para o futuro do trono e, portanto, o de Lovolia. Mas não me importo com os planos dela. Não me importo com os grandes desígnios dela e do meu pai. Tenho meus próprios planos, aos quais pretendo dedicar meu tempo e atenção assim que essa bagunça se acalmar.

Olho para ela, deixando claro meu descontentamento com seu tom e acusação de que tenho me esquivado de meus deveres.

— *Vossa Majestade*, por favor, espere por mim na sala de estar. Me juntarei à senhora em breve.

A raiva brilha em seus olhos azuis-gelo, sua raiva por meu comentário inconfundível, mas ela não discute, mesmo que tenha todo o direito, porque não cabe a mim dar tal ordem... nem como filho, nem como o príncipe falando com a rainha.

— Muito bem — ela grunhe seu descontentamento com os dentes cerrados, depois dá meia-volta e segue para a sala de estar, a Guarda Real acompanhando-a.

Fecho a porta e encaro Bridget, que continua debaixo das

cobertas.

— Droga. — Esfrego a mão no rosto, a situação fazendo minha cabeça explodir. — Preciso deixá-la de novo.

Esse movimento de libertação se tornou apenas uma desculpa para a violência, e está aumentando a um ritmo alarmante. Lev me perguntou se eu achava que viriam atrás de mim ou dos meus pais em seguida, e foi exatamente isso que fizeram. Atacaram o maldito *palácio*. O único lugar que deveria ser sacrossanto. Agora, um dos guardas morreu protegendo o que deveria ser inviolável.

Nossa casa é o símbolo supremo da monarquia, o que a torna o alvo supremo. Devíamos ter previsto isso.

Precisamos dar um basta nessa coisa toda.

Mas isso significa negligenciar Bridget de novo, depois que enfim chegamos a um bom lugar.

— Entendo. Vá, cuide de seu país. — Ela me dá um sorriso gentil.

Solto um gemido e me aproximo da cama. Ela afasta as cobertas, expondo seu corpo, uma obra de arte requintada. Meu pau volta à vida no mesmo instante, mas não há tempo para fazer o que *ele* quer.

Em vez disso, enrolo meus dedos em seu cabelo e inclino minha boca contra a dela. Este beijo é uma promessa de que há mais por vir, mas, por enquanto, o dever chama. Quebro nosso beijo e olho no fundo de seus olhos.

— Voltarei. Vou providenciar para enviarem comida para você. Alguma preferência? Nosso chef pode preparar qualquer coisa.

— Mesmo? Adoraria um cheeseburger com batatas fritas.

Apesar do clima pesado provocado pelos eventos da noite, dou risada da típica resposta norte-americana.

— Vou pedir para preparem e trazer até aqui, então se vista.

Meus dedos coçam para dar um tapa em sua bunda, mas o fardo do que estou prestes a lidar extingue meu desejo. Vou até o aposento com minhas roupas. Deixá-la agora é a última coisa que quero fazer, e como uma forma de protesto ou puro egoísmo, me recuso a tomar banho antes de partir. Não vou lavar o cheiro dela.

Após vestir minhas roupas com mais pressa do que cuidado, volto para Bridget, que também está vestida e ajustando o cabelo desgrenhado o melhor que pode sem um espelho na frente dela.

— Voltarei o mais rápido possível.

Seus olhos verdes suavizam e ela se aproxima de mim para agarrar as lapelas do meu terno.

— Você está bem? Na sua opinião, o que vai acontecer?

Toda essa situação deve ser de grande preocupação para ela, não só por como isso me afeta, mas também, agora que as pessoas estão cientes do nosso relacionamento, ela se colocou na linha de fogo.

— Estou bem. Você não precisa se preocupar comigo e prometo que vamos mantê-la segura.

— Não estou preocupada comigo. — Ela balança a cabeça em negação. — Estou preocupada com a forma como isso está pesando sobre você e o dano que está causando ao seu país e ao seu povo.

— Esse dano pode ser irreparável, especialmente se a carnificina continuar. — Esfrego meu queixo com a barba por fazer. — Talvez meu pai tenha razão e devêssemos despachar a Guarda Real para ajudar a polícia. Não há oficiais suficientes em campo para barrar essas coisas antes que comecem, e devemos fazer *algo*.

Bridget mordisca o lábio inferior, como se debatesse se deve ou não falar o que quer que esteja em sua mente.

— O quê? — Pego o rosto dela entre as palmas das mãos e o inclino para cima. — No que está pensando?

— Realmente não cabe a mim dar uma opinião...

— Cabe *sim* a você, pois estou pedindo.

Ela abre um sorriso hesitante.

— Bem, não sei se enviar a Guarda Real é uma boa ideia.

— Lutei contra meu pai por semanas, expliquei a facilidade com que essa ideia poderia sair pela culatra, mas isso foi antes de pessoas inocentes morrerem nos atentados aos bancos, antes de chegarem à nossa porta.

Sua testa franze e ela concorda com a cabeça.

— Entendo, mas você não quer antagonizá-los ainda mais, não é? Sei que trabalhar com celebridades e estrelas do esporte não é o mesmo que administrar um país, mas parece que fazer as coisas com ênfase na discricção pode ajudar a manter a paz relativa mais do que jogar para cima deles o que poderia ser visto como uma ação militarista pesada. Isso pode apenas provar o caso que estão tentando passar com tão pouca eloquência.

Ela tem razão, e é exatamente como me senti sobre a situação desde o primeiro dia.

Depois de uma breve pausa para avaliar minha reação, ela pressiona a mão sobre meu coração.

— Você precisa apelar para os membros do MLL como humanos e lovolianos. Mostre a eles que os cidadãos inocentes mortos, incluindo o guarda esta noite, eram *pessoas*. Mostre seus entes queridos, fotos das pessoas afetadas. Acerte-os em um nível pessoal e apele ao senso de consciência deles.

Solto um suspiro pesado e abaixo minha testa para a dela.

— Você é muito inteligente, sabia?

— Você também. — Ela ri baixinho e pressiona os lábios nos meus com ternura. — Você vai dar um jeito. Sei que vai.

— O problema é que a decisão não é minha. É do meu pai, e depois de um ataque ao palácio, ele ficará furioso. Isso pode cegá-lo à razão.

— Vamos ter esperança de que isso não aconteça.

Esperança.

Quase perdi a cabeça ontem quando descobri que Bridget havia partido sem dizer uma palavra. Não tenho certeza se ainda tenho alguma, no que diz respeito ao MLL e suas intenções.

Pode ser perigoso. Uma vez que você espera que as coisas se resolvam sozinhas, é muito mais difícil quando o mundo desaba sobre você de qualquer maneira. E parece que tudo ao meu redor está se quebrando em pedacinhos.

Exceto Bridget.

Ela ainda está aqui, nos meus braços, na minha vida. Farei o que for preciso para garantir que continue assim, mesmo que isso signifique rastrear Lofton e resolver isso com minhas próprias mãos.



CAPÍTULO 20

FYNIX

Cada passo que me aproximo do escritório do meu pai, adiciona mais uma volta ao nó no meu peito.

Minha mãe está certa? Estou negligenciando os meus deveres?

Não quero admitir isso, nem para mim mesmo, mas talvez, de certa forma, eu esteja. Às vezes, a perspectiva de ser o governante de uma nação inteira é assustadora.

Meu pai usa sua coroa com tanto equilíbrio e graça, e minha mãe é a rainha perfeita: educada e bonita, que fica de pé atrás do marido, mas nunca ultrapassa os limites. Não tenho certeza se conseguiria demonstrar o mesmo controle diante de algumas das situações que enfrentamos ao longo dos anos.

Com os protestos e a crescente turbulência iniciada pelo MLL, suponho que meu amado país está prestes a explodir. Saber disso e ter absolutamente zero capacidade de impedir, está me matando.

Não tenho poder nem autoridade, mas espera-se que eu participe de todas as reuniões e seja o príncipe obediente. Meu pai pode me pedir para expressar minha opinião, mas no final das contas, essa é toda a influência que tenho. Só um momento para sussurrar minhas ideias em seu ouvido e confiar que direi as palavras que o persuadirão a ponderar. Esta noite não será exceção.

As coisas foram de mal a pior, e toda a nação está olhando para

ele... e para *mim*, apesar de não ter influência, para resolver o problema com rapidez.

Como o meu pai lida com esse constante puxa e empurra, a oscilação constante entre o amor e o ódio pela monarquia?

Este país foi fundado na ideia de se libertar do domínio de um rei distante. De ter nossa própria família real, nossos *próprios* líderes, de cuidar de nossos cidadãos de dentro da nação, não de fora. E tem funcionado por centenas de anos. Mas nos últimos dias, parece uma batalha perdida.

Parando do lado de fora da porta do escritório do meu pai, me preparo para o que pode ser outra perda.

Passo a mão na gravata, certificando-me de que está reta. Um dos guardas abre a porta para mim e faz uma reverência. Com uma rápida inclinação da cabeça em reconhecimento, mesmo que não seja necessário, entro no que já é uma discussão acalorada entre meu pai e Charles. Sei que é melhor não interromper quando ele está em debate com seus conselheiros. A porta se fecha atrás de mim, e ninguém se preocupa em olhar em minha direção enquanto me sento à mesa, nem mesmo minha mãe que está de pé perto da parede do outro lado da sala.

— Precisamos enviar a Guarda Real. As últimas semanas foram um desastre. Entre os bombardeios nos bancos e agora aqui? — Meu pai bate as palmas das mãos na mesa em uma demonstração de raiva que nunca permitiria ter na frente de ninguém, exceto minha mãe ou eu. — Deveríamos tê-los enviado depois das explosões nos bancos. Não podemos permitir que esse movimento conquiste mais espaço, ou será apenas uma questão de tempo até que ele consiga um número tão grande de seguidores que se tornará quase impossível de ser eliminado. Nossa falta de ação já custou cinco vidas, e até mesmo *uma* é demais.

A raiva do meu pai é justificada e espelha a minha.

O guarda que morreu nos portões da frente é a primeira vítima no terreno do palácio desde que Lovolia lutou por nossa independência da Grã-Bretanha. Embora sua morte tenha sido mais um ato hediondo, agora é a hora de agir de forma inteligente, em vez de rápida.

Serei capaz de convencer o meu pai disso?

Contemplo a melhor maneira de abordar o assunto quando meu celular toca com uma notificação. O e-mail do escritório da minha mãe

indica que ela já criou um fundo para a esposa do guarda e para o filho pequeno que ele deixa para trás. Nada pode compensar a perda de sua vida, mas disparo meu próprio e-mail concordando em igualar quaisquer doações. É o mínimo que podemos fazer pela família do homem cuja vida foi sacrificada a serviço da Coroa.

Charles pigarreja, olhando ao redor da sala para os vários outros conselheiros, bem como para o capitão Nichols e Manuel.

— Não acreditamos que enviar a Guarda Real transmita a melhor mensagem aos radicais.

Pelo menos concordamos com isso.

— Não estou nem aí para os radicais ou seus sentimentos. — Meu pai bate o punho na mesa. — Eles tiraram vidas. Há penitência a ser paga a Lovolia.

— O senhor deveria ouvir seus conselheiros, Vossa Majestade. — Olho para meu pai. — Os radicais também são seus súditos, não são?

Seu olhar desvia de Charles para mim.

Se olhar matasse...

Sem dúvida, ele espera que eu fique calado, mas agora que seu foco está em mim e tenho a atenção dele, me recuso a desperdiçar a chance. Um dia, Lovolia será minha para proteger, mas, enquanto isso, preciso lutar por ela e por *todos* seus cidadãos.

— Se enviar a Guarda Real, validará o argumento dos radicais de que a Coroa é uma monarquia antiquada, cujo único interesse é preservar seu poder. Se permitir que a polícia continue a lidar com isso, Bridget acha que esse posicionamento protegerá a Coroa de quaisquer alegações belicistas e questões de relações públicas. Ela sugere uma declaração em apoio aos direitos de nossos cidadãos de expressar seu descontentamento, mas afirmando, para registro, que perder vidas para essa causa é inaceitável. Em seguida, ela propõe usar uma foto do guarda e sua família para enfatizar esse ponto. Deixando claro que nossa Guarda Real é mais do que soldados rasos para a Coroa. São maridos, esposas, filhas e filhos de Lovolia. Bridget acredita que tentar se conectar com os rebeldes em um nível pessoal incentivará quaisquer manifestações futuras a serem mais pacíficas.

Do outro lado da sala, minha mãe zomba. Apenas mencionar o nome de Bridget a deixa nervosa. A raiva rasteja por minha pele com a reação dela. Bridget não fez nada à minha mãe, além de não ser da

realeza ou Abigail.

Mas isso é problema dela, não meu.

Ela não se preocupou em conhecer Bridget. De forma alguma. Mas ela será obrigada a fazer isso, porque não tenho intenção de permitir que minha mãe afugente Bridget de volta para os Estados Unidos.

— A americana acredita que sabe o que é melhor para o nosso país? — Minha mãe revira os olhos. — Quem ela pensa que é?

— É uma boa ideia.

Bridget trabalhou com alguns clientes influentes. Ela é inteligente e tem domínio do assunto quando se trata de influenciar a percepção do público. Este não é o momento ou o lugar para convencer a minha mãe das virtudes de Bridget... seria o mesmo que falar com uma porta.

Meu pai me ignora e conversa com seus conselheiros, enquanto minha mãe caminha para cima e para baixo em sua agitação. Por mais angustiado que eu esteja com a explosão dela em relação à Bridget, há coisas que precisamos cuidar e não posso ignorá-las porque estou com raiva dela.

Dou a volta na sala até onde ela está quase abrindo um buraco no tapete luxuoso, para fazer a pergunta que venho temendo.

— Como os guardas estão lidando com as consequências do bombardeio e da fatalidade?

Minha mãe coloca a mão sobre o coração e não tenho dúvidas de que sua reação é genuína. Ela ama Lovolia tanto quanto meu pai ou eu... se duvidar ainda mais. Este país a recebeu de braços abertos quando ela se casou com meu pai, e ela se tornou o rosto das iniciativas humanitárias de Lovolia.

— Estão chateados, o que é compreensível. O culpado deve ser punido por este crime de traição, Fynix. Sinto muito, mas sua namorada não entende nossa monarquia, nosso país ou nossas tradições... — Ela levanta a mão para impedir meu protesto. — E só estou dizendo isso porque você precisará de uma mulher forte para ajudá-lo a governar. Aquela mulher será o coração de Lovolia, a rainha do seu povo.

Respiro fundo, tentando me controlar para não dizer algo com raiva que me arrependa.

— Você não a conhece, mãe. Nem sequer deu uma chance a ela.

Bridget pode ser exatamente o que Lovolia precisa, uma nova perspectiva.

— Do que Lovolia *precisa*? — O rosto da minha mãe se contorce de desgosto. — Fynix, você não pode estar cogitando a ideia de se casar com essa mulher. Existem leis que regem o casamento real. Casar-se com uma plebeia é proibido.

Meu argumento fica na ponta da língua, um longo discurso sobre o que tenho tentado nos bastidores para mudar a lei, mas o engulo de volta em favor da civilidade, dadas as circunstâncias atuais.

— Sim, sei que existem leis em vigor.

E pretendo mudá-las.

Antes que a mãe possa responder, a voz do meu pai coloca um fim em nossa conversa, que estava condenada a ir a lugar nenhum.

— Vamos enviar a Guarda Real. Esses radicais devem responder pelo ataque à Coroa e pelo assassinato. Se querem uma guerra, então a levarei até eles. Se arrependerão por sequer tentar se revoltar.

Droga.

Ele está fazendo tudo o que não deveria. Preciso argumentar com ele uma última vez.

— Isso só vai piorar as coisas, Vossa Majestade. Isso vai incitar os radicais ainda mais e quem sabe o que acontecerá a seguir? Por favor, imploro que reconsidere.

Suas bochechas ficam vermelhas de raiva, mas os olhos refletem sua exaustão. Meu pai parece que não dorme bem há semanas.

Mesmo morando aqui e vivenciando o dia a dia da gestão do país, não consigo imaginar como deve ser árduo ser seu líder. As exigências excedem em muito as recompensas, mas ninguém quer acreditar nisso. A maioria assume que ser monarca é uma vida de lazer, mas é o oposto. Cada decisão que você toma afeta a vida das pessoas.

A morte do guarda foi a gota d'água para ele. O ataque ao palácio constitui um ato de guerra aos seus olhos.

Por favor, veja através da névoa de sua ira e ouça a razão, pai.

Mas nem vou criar esperanças. Tenho a pior sensação de que essa decisão só vai piorar tudo.

Espero estar errado.

— Essa é minha decisão. A Guarda Real começará a ajudar a policiar a ilha e auxiliar na busca de evidências contra Lofton.

Meu pai se afasta de mim e emite comandos para várias pessoas na sala. Todos se apressam conforme ele instrui, pegando seus celulares para fazer chamadas e preparativos. Manuel e o capitão Nichols conversam no canto, agora forçados a trabalhar formalmente juntos quando sempre trabalharam em paralelo no passado.

Ficar aqui não vai adiantar nada. Saio da sala sem me despedir de ninguém. É doloroso demais ficar. Mas não posso assistir ao meu rei... ao meu *pai* cometer o que considero o erro mais crítico de todo o seu reinado.



BRIDGET

— Que tal esse? — Olho para Mira enquanto rodopio diante do espelho. — É lindo.

O vestido azul-escuro e volumosos abraça meu torso com perfeição, mas não é muito confortável. As estruturas no corpete parecem me apertar nos lugares errados.

Lindo, mas não é para mim.

— É adorável. — Mira sorri. — Mas acredite em mim, essas varetas vão parecer como se estivesse esfaqueando você nas costelas depois de cerca de duas horas.

— Estava pensando o mesmo. Então, a busca continua.

Graças a Deus consegui arrastar Mira para fazer compras comigo.

A loja da costureira real já é intimidante o suficiente com ela aqui. Não consigo imaginar quão desconfortável eu ficaria sozinha. Não *faço ideia* do que é apropriado para um baile de jubileu... *ou qualquer* baile, por sinal. A última vez que coloquei qualquer tipo de vestido formal foi no baile do colégio.

Nem quero pensar há quanto tempo isso foi.

A inestimável riqueza de conhecimento sobre a realeza de Mira de seu tempo no palácio me salvou de fazer papel de boba na frente da mulher que veste toda a família real.

A mulher mais velha, que logo se tornou minha única melhor amiga no palácio, com certeza sabe como se vestir. Com seu senso de moda impecável, você quase pensaria que ela é faz parte da realeza.

Mesmo que ela não fosse a única mulher no palácio que não me odeia, ainda seria atraída por ela.

Um ponto a favor de Mira.

Além disso, a mulher adora Fyn como se ele fosse seu próprio neto. Ver o amor em seus olhos quando fala sobre Fyn me faz apreciá-la ainda mais. Mira sabe o quanto me importo com ele, e está fazendo de tudo para me ajudar a ficar à vontade com essa mudança drástica de estilo de vida.

Mesmo uma semana depois que Fyn veio até mim no aeroporto, não consegui entender por completo tudo isso que temos. Ele é muito mais do que esperava.

Naquela noite na praia, tive um breve vislumbre disso. Mas conhecê-lo e ver as coisas crescerem entre nós tem sido incrível. Mesmo que signifique precisar comparecer a eventos como este baile.

— E que tal esse? — Mira pergunta enquanto segura um vestido preto de renda até o chão com mangas compridas e miçangas brilhantes.

Uau.

— É lindo! — Vou em direção a ela e seguro o vestido, admirando cada detalhe intrincado.

Dado onde estamos, todas as gemas devem ser de verdade e costuradas à mão.

Deve ter levado uma eternidade para fazer isso.

— Preciso te contar uma coisa. — Mira pega minha mão. — Posso falar francamente?

A mudança abrupta em seu humor e sua seriedade fazem meu estômago embrulhar. Mira só foi graciosa e gentil comigo em nossos encontros anteriores, então seu tom sombrio é preocupante.

— Claro, Mira. Pode me dizer qualquer coisa. O que foi?

No entanto, não tenho certeza se quero saber.

Mordendo o lábio inferior, quase paro de respirar enquanto espero que ela me diga o que está em sua mente.

— Conheço a família Yates há muito tempo e quero que você entenda que, embora no momento você não os veja da melhor maneira,

são governantes exemplares e, mais importante, pessoas honradas e bons amigos.

Parabéns para Mira por tentar defender seus empregadores, mas os pais de Fyn não me deram nenhuma indicação de que pretendem me acolher ou me tratar como qualquer coisa além da vadia americana que transa com seu filho para subir na escada social.

— Tenho certeza de que são, Mira... — *Para todos, menos para mim.* — Mas cá entre nós, a mãe de Fynix me assusta bastante.

Compartilhamos uma risada que nos rende um olhar de reprovação da costureira trabalhando do outro lado da loja.

Mira acena com a cabeça e dá um tapinha na minha mão.

— Sim, a rainha costuma ser muito séria e severa, mas uma vez que você a conhece, quem ela é de *verdade*, é adorável. Só te digo isso porque não quero que ninguém te afugente daqui... de novo. Você é uma lufada de ar fresco naquele palácio. *Todos* precisam de você. Quer percebam ou não. Agora, experimente este vestido. Acho que esse é o certo.

Ela me dá uma piscadela e me entrega o vestido preto. Dirijo-me ao provador para evitar chorar em cima de Mira, as palavras dela se repetindo na minha cabeça. A mulher tem boas intenções ao tentar defender o rei e a rainha. Sua natureza gentil mascara o poder que ela realmente detém. Do jeito que Fyn diz, é ela quem administra todo o palácio, e ela tem o ouvido da rainha como uma confidente de confiança.

Se Mira acredita de verdade que a mãe de Fyn é uma boa pessoa com boas intenções, então talvez eu tenha julgado mal tanto ela quanto seu comportamento. A rainha não tem sido nada acolhedora, mas ela tem suas razões. Justificadas.

Afinal, nem sei como escolher um maldito vestido para um baile. Como poderia me tornar uma princesa ou uma rainha no futuro? Provável que tropeçando na cauda do vestido no processo e caindo de cara no chão.

Entro no provador e penduro o vestido que Mira selecionou em um dos ganchos de latão na parede.

O modelo é mesmo impressionante.

A mistura perfeita de chamativo e elegante. Elegante de uma forma que grita que *estou acompanhada do príncipe* sem ser ostensiva.

Abro o zíper lateral do vestido bonito e doloroso que estou usando no momento e o deixo cair em uma poça aos meus pés antes de sair com cuidado do monte de tecido. Se o danificasse, mesmo que sem querer, não teria como pagar por ele. Não só agora que estou desempregada, mas mesmo quando estava trabalhando, duvido que o meu salário de um ano inteiro seria o suficiente para pagar por ele.

Com cuidado, pego o vestido e o coloco na espreguiçadeira de couro macio no provador que é quase do tamanho do meu quarto em casa... no apartamento que não tenho mais. Fazer Daphne empacotar tudo e levar meus pertences para o depósito até que pudesse enviá-los para mim foi uma das decisões mais difíceis que já tomei, mas depois do que aconteceu no aeroporto com Fyn, não havia como voltar para aquele lugar sem arrependimentos com os quais não poderia viver.

Falando em arrependimentos...

Preciso obter o máximo de informações possível antes do jubileu para não envergonhar por completo a mim ou a Fyn em nosso primeiro evento público juntos.

— Então, Mira, o que posso esperar neste baile? Alguém que deva evitar? Alguma comida ruim para nem passar perto?

Mira ri, mas seu riso logo morre, sendo substituído por seu tom sério outra vez.

— Nós rimos, mas minha querida, você deve ter cuidado com o que diz e com quem conversa. Evite conversas políticas porque, acredite, enquanto estiver participando como convidada especial de Fynix, para a multidão, você é a futura rainha em potencial. Eles tentarão obter o máximo de informações possíveis sobre você. Sejam elas boas ou ruins. E o clima atual é incerto. Então, esteja ciente de com quem você fala.

Bom, merda.

Eu estava preocupada com todas as pessoas e olhos em mim, me julgando, mas agora tenho que ter cuidado com literalmente tudo. Tudo o que disser ou fizer refletirá sobre Fynix e nosso relacionamento... e, pelo visto, sobre a própria monarquia.

Sem pressão.

Mira está certa. Como as tensões tão altas em Lovolia e a família real apreensiva, todos esperarão que algo aconteça. Além disso, vamos ser honestos, a rainha me odeia.

Então, o que pode dar errado? Além de... tudo.

Tiro o vestido que Mira encontrou para mim do cabide e seguro o material elegante com reverência em minhas mãos.

Em que eu havia me metido? E se fizer algo errado? E se fizer a rainha me odiar ainda mais?

Dou risada para mim mesma, já que isso nem é possível. Se ela não estivesse tão preocupada em alienar Fyn, ela me jogaria com prazer para fora do palácio, se duvidar dando chutes no meu traseiro americano.

Pelo menos se estiver neste vestido deslumbrante, ela não vai fazer isso.

É muito caro para jogar no gramado.

Deslizo para dentro do vestido e o tecido sedoso acaricia a minha pele. Tão diferente do último vestido que experimentei. Fecho o zíper e me viro para me olhar no espelho.

Um pequeno suspiro escorrega dos meus lábios.

O vestido é ainda mais incrível no corpo.

A renda transparente abraça meu corpo, dando-me quadris definidos e oferecendo vislumbres de pele em todos os lugares certos, enquanto as contas delicadas brilham a cada movimento indo até a cauda que cai ao meu redor no chão.

— Já vestiu? — a excitação na pergunta de Mira me alcança através da porta. — E aí?

Abro a porta para mostrar a ela e seus olhos pousam em mim. Ela suspira e pressiona as mãos sobre os lábios.

— Aí está a nossa princesa.



CAPÍTULO 21

BRIDGET

Há centenas, potencialmente milhares, de garotinhas por aí que sonham com isso, em se vestir com um vestido de baile chique e dançar em um baile real no braço do príncipe. Eu nunca fui uma delas.

Nunca entendi a Cinderela ou seu desejo por esta vida. O que sua madrasta e meias-irmãs fizeram com ela foi de fato horrível, mas uma vida como essa parecia ser mais problemática do que valia a pena.

De pé no braço de Fyn enquanto ele conversa com algum dignitário estrangeiro cujo nome nem me lembro, fico sonhando em poder ir embora naquela carruagem de abóbora que ela tinha, de volta a um lugar no tempo em que as coisas não eram tão conflitantes.

Nem tínhamos certeza se o baile deveria mesmo acontecer. Nas semanas desde que o rei enviou a Guarda Real, as coisas só ficaram mais tensas. Prender Lofton por acusações de terrorismo pelos ataques aos bancos e ao palácio, apenas impulsionou a retórica do MLL e a tornou mais preocupante... e seus protestos só parecem estar crescendo em número.

O MLL solicitou várias vezes as evidências contra Lofton e usou a recusa do rei em entregá-las como prova de que não há nenhuma, uma maneira de levar seus objetivos ainda mais longe. No entanto, aqui estamos nós, comemorando vinte e cinco anos do homem no trono, sorrindo e conversando com outros reis e rainhas, presidentes e altos

funcionários do governo que nunca serei capaz de nomear ou lembrar.

Fyn aperta meu braço e roça os lábios na minha bochecha.

— Você ainda está me acompanhando?

— É claro. — Forço um sorriso.

Com toda graça, ele me afasta de quem estava conversando e para um garçom carregando uma bandeja de champanhe para pegar duas taças e me entregar uma.

— Sei que esses eventos podem ser bastante monótonos. E peço desculpas por fazer você sofrer com isso. Mas, felizmente, só temos bailes tão ilustres para grandes ocasiões como esta. Não é o tempo todo.

Concordo com a cabeça e tomo um gole do líquido borbulhante, esperando que a bebida possa aliviar um pouco da tensão que tenho carregado em meu corpo a noite toda.

Não importa quanto tente relaxar e me divertir, apreciar as pessoas bonitas em belos vestidos e smoking, tudo o que consigo ver é a preocupação presente em diferentes rostos. Os sorrisos forçados. As conversas sussurradas que as pessoas têm, olhando para Fyn e seus pais do outro lado da sala.

Sempre gostei de champanhe, mas esta noite ele se agita no meu estômago, quase como ácido. Embora isso possa ter algo a ver com a maneira como Abigail tem me observado com Fyn do outro lado do salão de baile a noite toda.

Já é ruim o suficiente divulgar nosso relacionamento em um lugar tão público, mas ter a mulher que a imprensa passou o último ano divulgando como a noiva de Finn, aquela que acredita que deveria se casar com ele, aqui com seu pai, também é um tapa gigante na cara. Mas sei que Fyn não tinha controle sobre isso. O rei Reginald é um bom amigo de seus pais, e eles precisam de seu apoio contínuo, pelo qual terão que se esforçar ainda mais agora que Abigail não é mais uma esposa em potencial para Fyn.

— Ignore ela.

— Ummm? — Me viro para Fyn. — Quem?

— Abigail. — Ele estreita os olhos azuis em mim. — Você sabe que ela só está aqui por causa do pai. Se não precisássemos tanto da amizade deles, nenhum dos dois teria sido convidado. — Olha na direção deles e suspira. — Na verdade, meu pai não está muito contente com ele agora.

— S3rio? Achei que fossem aliados.

Fyn sorve um gole de champanhe e abre um sorriso deslumbrante quando algu3m passa.

— Alistair, 3 sempre bom te ver.

— Vossa Alteza — o homem se curva.

Ele continua at3 outro grupo de pessoas, deixando-nos, o que me d3 a oportunidade de saber as fofocas de Fyn. Inclinando-se ainda mais, at3 que seus l3bios quase tocam minha orelha, ele examina a sala ao nosso redor para garantir que ningu3m esteja perto.

— Rei Reginald 3 leniente com seu controle de fronteira e fez de seu pa3 um ref3gio para praticamente qualquer um que queira escapar de qualquer coisa. O que gera uma grande tens3o em um relacionamento quando uma dessas pessoas era Lofton.

— O rei o estava protegendo Lofton?

Fyn balança a cabe3a.

— N3o diria que ele estava abrigando o homem. N3o t3nhamos nenhum mandado contra Lofton. Ele n3o tinha feito nada ilegal que pud3ssemos provar, na 3poca, mas passou muito tempo l3. Provavelmente porque sabia que, se fosse pego, n3o o extraditariam para c3. N3s o prendemos embarcando em um voo para l3 depois do bombardeio aqui no pal3cio.

— Uau. Posso ver como isso pode criar alguma tens3o.

— De fato, mas estou mais preocupado com a tens3o emanando de voc3 agora. Devemos encontrar um quarto vazio e ter uma foda r3pida para liberar um pouco dela?

O calor dispara entre minhas pernas, pelo pesco3o e em minhas bochechas.

— Fyn! — Viro a cabe3a para ver se algu3m o ouviu. — Pare com isso. Estou bem.

— Verdade? — Ele ergue uma sobrancelha loira para mim.

— Voc3 precisa fazer o seu trabalho. E isso faz parte. N3o se preocupe comigo. Sou apenas um enfeite de bra3o.

Seus olhos azuis-marinhos brilham de preocupa3o, ent3o ele se inclina e d3 um beijo nos meus l3bios, apesar de ser considerado impr3prio por todos nesta sala.

— Voc3 3 linda e deslumbrante, mas 3 muito mais do que um enfeite de bra3o, Bridget. Me preocupo que...

— Príncipe Fynix! — Um homem corpulento com uma barba branca se aproxima e mergulha em uma meia reverência. — É um prazer te rever.

Fyn muda de pervertido brincalhão para príncipe em uma fração de segundo.

— E você também, Charles. Cynthia está com você esta noite?

Ele balança a cabeça e dá um tapinha na barriga.

— Não, não, ela não estava se sentindo à vontade esta noite... com tudo o que está acontecendo.

Embora tente disfarçar, Fyn fica tenso.

— Lamento ouvir isso. Charles, você já conheceu Bridget?

O homem corpulento me olha por um momento.

— Não tive o prazer.

— Bridget, este é Charles Hamilton Rivers, um dos conselheiros mais confiáveis de meu pai e um querido amigo de nossa família.

Sorrio e aceno com a cabeça, é improvável que me lembre de qualquer coisa que ele disse.

— Muito prazer em conhecê-lo.

— O prazer é meu, minha querida. — Ele sorri e dá uma leve risada. — Sabe, você está causando um grande alvoroço desde que todos aqueles vídeos e fotos do aeroporto vazaram.

Um calor diferente se espalha pelo meu pescoço e pelas minhas bochechas desta vez.

Não quero ter essa conversa, ainda mais aqui.

Fyn ergue uma sobrancelha para Charles.

— Como assim?

Charles olha ao redor para garantir que ninguém esteja perto o suficiente para ouvi-lo.

— Parece que rei Reginald está um pouco preocupado com o fato de que você e Abigail não estão mais juntos.

— Abigail e eu não passávamos de amigos íntimos. — Fyn oferece a Charles um sorriso tenso. — O pai dela estava ciente da situação.

— Não é o que ouvi.

— Independente disso... — Fyn aperta mais a minha cintura. — Bridget ficará aqui indefinidamente.

— É mesmo? — O velho ergue uma sobrancelha espessa. — E

quando àquela lei irritante que o impede de se casar com alguém que não seja de sangue real?

Fyn sorri para mim, hesitante, consciente de quão desconfortável toda essa discussão está me deixando.

— Estou trabalhando nisso. Seu apoio no ajuste da antiga lei ajudaria muito.

Charles nos olha por um momento, depois sorri, mas não chega aos olhos.

— Ligue para mim na próxima semana e discutiremos a questão.

— Farei isso. — Fyn inclina a cabeça.

Charles se apressa para começar uma nova conversa, sem dispensar um olhar para nós e claramente despreocupado com o favor que Fyn pediu a ele. No mesmo instante, Fyn se vira para mim.

— Não se atreva.

— A quê?

— Não leve nada do que ele disse para o lado pessoal. Charles é um tradicionalista. Ele é muito parecido com meus pais no que acredita ser o futuro da monarquia. É improvável que consiga o apoio dele, mas é muito mais difícil para alguém dizer não quando você está aqui comigo e ele pode nos ver juntos, então tive que tentar.

Essa afirmação deve me insultar ou ser considerada um elogio?

No momento, é um pouco dos dois.

Uma mulher mais velha em um vestido de baile azul-escuro esvoaçante e refinado se aproxima e faz uma mensura.

— Senhor.

— Millie. — O sorriso de Fynix é genuíno e acolhedor. — Como está?

Ela dispensa a pergunta dele com um gesto de mão. Um que não esperaria que alguém usasse com ele ou seus pais.

— Muito bem, muito bem. Esperava que pudesse ter um momento a sós com você para discutir algo em sigilo.

Fyn ergue uma sobrancelha para ela e olha para mim.

— Já conheceu minha namorada, Bridget?

— Olá, querida! — Millie me oferece um sorriso gentil. — Prazer em conhecê-la.

— Igualmente.

— Isso pode esperar, Millie? Não é uma boa hora. Estou prestes a fazer meu discurso.

— Ah, isso levará apenas um momento, mas é melhor conversarmos com discrição.

Fyn fica tenso outra vez, como se as palavras dela fossem algum tipo de mau presságio.

— É claro. Bridget, se me der licença por um momento.

— É claro.

Ele levanta minha mão e dá um beijo nos meus dedos.

— Volto já.

— Não me abandone por muito tempo, por favor.

— Jamais faria isso. — Um sorriso brincalhão curva seus lábios.

Retribuo o sorriso dele... ambos sabendo que nosso tempo juntos sempre será cheio de momentos em que ele tem que correr para cuidar de algo e me deixar sozinha.

Ele segue Millie para longe de mim e solto um suspiro pesado, indo em direção a um dos conjuntos abertos de portas duplas que levam a uma varanda com vista para os jardins. O ar fresco ajuda a acalmar meus nervos.

Esse barulho e tagarelice constantes, todas essas pessoas importantes discutindo coisas importantes, e não tenho o direito de fazer parte disso. Não importa o que Fyn diga, sou apenas um enfeite de braço ao lado de um homem importante.

Posso nunca me encaixar aqui, neste mundo, mas pelo menos ninguém me disse isso. Ainda.



FYNIX

Millie me leva para um canto mais isolado do salão de baile. Me viro para ver Bridget, mas ela não está mais onde a deixei. Não posso culpá-la por abandonar o salão principal o mais rápido possível. Essa coisa toda provavelmente é chata e desconfortável para ela. Já é estranho o suficiente para mim e cresci no meio disso.

Odeio ter que deixá-la por alguns momentos, mas seja o que for que Millie tenha a dizer deve ser urgente ou ela não teria implorado por uma audiência privada. Há muitas pessoas com quem faria qualquer coisa esta noite para evitar falar, mas Millie parece ter a intenção de me dizer algo de grande importância.

Ela vira as costas para o canto para ficar de olho na sala e a examina.

— Achei que deveria saber que houve alguns rumores.

— Sobre o quê?

Se este é outro aviso sobre ir a público com Bridget, que Deus me ajude, mas vou enlouquecer.

Ela suspira e, por fim, encontra meu olhar. O escárnio que espero ver lá está ausente. Seja o que for, ela está preocupada de verdade e não apenas julgando.

— Tudo.

Millie pode ser apenas a esposa de um dos conselheiros do rei, mas também está no centro do círculo social movimentado e das fofocas em torno de Lovolia, e é por isso que suas informações costumam ser mais importantes do que qualquer coisa que os homens digam. Ela me forneceu informações valiosas ao longo dos anos, me disse coisas que nos permitiram resolver conflitos de forma amistosa e silenciosa nos bastidores, em vez de por vias públicas que não teriam sido tão amigáveis.

Se ela tem algo a oferecer esta noite que possa esclarecer qualquer coisa que está acontecendo em Lovolia, então, com certeza, sou todo ouvidos.

— A notícia do bombardeio no palácio se alastrou como fogo e a população está preocupada de que o rei e a rainha tenham perdido o controle. Já se passaram semanas e seus pais apenas fizeram uma declaração geral sobre colocar a Guarda Real nas ruas, depois fizeram isso sem explicação ou qualquer tentativa de garantir a segurança das pessoas a longo prazo. Essa atitude está assustando as pessoas e a prisão de Lofton só causou mais desconforto nas ruas.

Se eles soubessem que também sinto que meus pais estão perdendo o controle. Se apenas compreendessem as realidades que enfrentamos.

— Posso garantir, Millie, que estamos monitorando a situação e

os participantes de perto e pretendemos evitar que ocorra mais violência. Essa é a única razão pela qual a guarda foi enviada.

— É muito fácil dizer isso, Vossa Alteza, mas as pessoas têm medo de ir ao banco, ao supermercado. Não estão acostumados com esse tipo de tumulto, e sentem que seus pais estão dizendo muito, mas não agindo de acordo com as palavras. Além de enviar os militares para as ruas, o que os aterroriza.

Exatamente o que temia que acontecesse.

— Estamos fazendo tudo o que podemos, mas você, de todas as pessoas, sabe que não podemos apenas prender qualquer um que fale contra nós e enforcá-los no centro da cidade. Precisamos fazer isso do modo correto, ou corremos o risco de mais violência e protestos.

Ela concorda com a cabeça, devagar.

— Com certeza, senhor. Mas e quanto a Lofton? Por que a Coroa não divulgou as evidências contra ele sobre as acusações de terrorismo?

Me remexo no lugar, examinando o salão da forma mais casual possível antes de voltar a encarar Millie.

— Não posso discutir os detalhes, mas temos o suficiente para detê-lo. Isso é tudo que importa.

Ninguém precisa saber quão frágil elas são. Datas de seus voos de idas e vindas. Rumores e boatos. São provas que podem não se sustentar no tribunal, mas, por enquanto, tê-lo trancado dá ao meu pai um senso de realização.

Millie balança a cabeça, suspirando.

— Gostaria de não precisar lhe dizer isso, mas quero que você esteja ciente de que mesmo os confidentes mais queridos e confiáveis de seu pai podem estar questionando sua competência.

Mas que porra é essa?

— Quem? — Isso chama minha atenção.

Ela balança a cabeça em negação.

— Não posso dizer, mas lembre a seu pai para ser discreto porque ele não sabe quem pode estar sussurrando no ouvido de outra pessoa.

Suas palavras fazem um medo gélido circular em minhas veias. A anarquia já chegou ao nosso palácio, e agora, ela está insinuando que alguém dentro de nossas próprias paredes, alguém com acesso ao meu

pai, pode não estar mais jogando no mesmo time.

Preciso falar com Lev.

— Com licença. — Afasto-me de Millie e me misturo à multidão antes que ela possa me parar, procurando a bela mulher que mudou meu mundo e o meu amigo e confidente mais confiável. Preciso deles ao meu lado para o que vier a seguir.

Os olhos de Lev encontram os meus de onde ele está ao lado de Manuel, não muito longe dos meus pais que conversam e riem com Abigail e rei Reginald. Mas não há sinal de Bridget.

Terei que procurá-la assim que falar com Lev. Isso não pode esperar.

Inclino a cabeça para o lado, indicando que ele deve me seguir até um dos corredores mais silenciosos. Quando nos afastamos o suficiente da festa, paro e me viro para ele. Seus duros olhos escuros me avaliam, esperando que explique meu comportamento abrupto.

— Millie Fraser acabou de aludir ao fato de que um dos conselheiros do meu pai pode não estar do nosso lado quando se trata do movimento de libertação.

— Ela não disse quem? — A mandíbula de Lev endurece.

— Não — nego com a cabeça. — Mas fez parecer que era alguém próximo.

— Manuel?

— É possível. — Só a ideia me faz cerrar os punhos ao lado do corpo, mas apenas posso dar de ombros. — Ele está com a família, com meu pai, quase desde que você e eu nascemos.

— Isso não significa que os sentimentos não possam mudar. Talvez ele esteja cansado de trabalhar para o mesmo homem e no mesmo trabalho, e veja o Movimento como uma saída. Uma maneira de melhorar de posição.

— É possível, mas pode ser qualquer um.

— Capitão Nichols? Charles? Andre? Cornelia? Na verdade, qualquer um dos conselheiros de seu pai. O que você quer fazer? Avisar seu pai?

— Precisamos dizer a ele para ser mais cuidadoso e estar atento com quem fala abertamente. Mesmo que ele tenha confiança em certas pessoas, talvez não seja mais capaz de ter. E você precisa ficar de olho em todos, tanto quanto possível. Não podemos arriscar que nenhuma

das decisões privadas ou rumações pessoais do meu pai se tornem públicas.

— Concorde. — Lev assente.

— E não mencionamos isso a mais ninguém, exceto a ele. Nem mesmo minha mãe. — Não que não confie nela, mas se ela ficar melodramática com isso, pode deixar escapar que sabemos que algo está errado com alguém próximo ao trono. — Caramba, que situação foda.

Esfrego a nuca e Lev olha de um lado para o outro no corredor.

— Como Bridget está lidando esta noite?

— Tão bem quanto se pode esperar, suponho — solto um bufo.

— Ela parece uma garotinha perdida no mar.

— Eu sei. E me sinto horrível forçando-a a fazer isso. Mas se tivermos alguma chance de um futuro juntos, eventos assim farão parte. E ela precisa se adaptar.

— Acha que ela conseguirá? Que ela ou *qualquer um* que não nasceu para isso pode se acostumar? Essa não é uma das razões para a lei existir em primeiro lugar?

— Nossa, Lev. — Dou uma risada. — Agora você parece a minha mãe.

Ele levanta as mãos nem um gesto apaziguador.

— Apenas bancando o advogado do diabo.

— Não precisa. Já tenho muitos na minha vida. Apenas mantenha os olhos e ouvidos bem abertos.

Afasto-me dele e volto para a festa para encontrar Bridget. Não tem como essa noite ficar pior.



CAPÍTULO 22

BRIDGET

Eu estava certa sobre o ar fresco me fazer bem. A leve brisa que sopra da água oferece uma pitada nítida de oceano ao ar. Inspiro fundo enquanto me inclino para frente para descansar as mãos contra o parapeito da varanda e olhar para os jardins.

Caminhos sinuosos lindamente bem cuidados se espalham até onde os olhos podem ver na escuridão. Árvores, arbustos e gramados podados, moldados e imaculados e se alinham, e no centro de tudo isso, o labirinto que Fyn ama tanto. E o gazebo no centro que mal dá para ver aqui.

As luzes cintilantes nas glicínias emitem um brilho suave. Pouquíssimas pessoas sabem o que está escondido lá, e me considero sortuda por ser uma delas. Esse lugar sempre será especial para mim e Fyn, pois foi onde enfim nos reunimos outra vez e começamos a nos reconectar.

Sempre será um dos nossos lugares, assim como a praia, e olhando para ele, entendo que não posso deixar que esta noite me perturbe. Isso vai ser difícil... ou, como falei a ele naquele dia, muito complicado, mas estou determinada a não deixar que pessoas julgadoras ou os sussurros e olhares feios me afetem.

Apenas precisava de uma pequena pausa. Assim que acabar, colarei um sorriso de volta no rosto e entrarei lá para ficar ao lado de

Fyn. Mas ainda não. Não quando estou gostando tanto da vista e do ar fresco.

— Já se escondendo?

A voz estridente faz minha coluna endurecer e olho por cima do ombro, mesmo que não precise fazer isso para saber a quem pertence. Abigail está parada na varanda em seu vestido azul volumoso estilo Cinderela, com o cabelo perfeitamente penteado, mas o sorriso de escárnio em seus lábios facilita ignorar quanto ela é bonita. Isso diria a qualquer um que a observasse de verdade, o que precisava saber sobre ela.

— Só estou respirando um pouco de ar fresco. — Volto para olhar para os jardins. — Não que seja da sua conta.

Pegue a deixa e vá embora.

O farfalhar de seu vestido se aproximando me diz o contrário. Aperto as mãos ao redor do parapeito até que meus dedos embranquecem.

— Como se atreve? — seu tom incrédulo me faz lutar contra um sorriso.

— Quer ser um pouco mais específica? Andam me perguntando muito isso.

Ela emite um pequeno ruído estrangulado na garganta.

— Como ousa vir aqui como acompanhante de Fyn como se tivesse esse *direito*.

Viro a cabeça para ela bem devagar.

— Posso não ter crescido em um palácio, mas tenho todo direito de ser a acompanhante de Fyn... porque é onde ele me quer.

— Não sei que tipo de feitiço você lançou sobre ele. Que vodu americano fajuto você usou nele, mas garanto, o que quer que seja *isso* entre você e Fynix não vai durar.

Por fim, me viro para encará-la de frente, os braços apoiados nos quadris.

— Acho que me lembro de você me dizendo isso uma vez antes, que Fyn estava apenas... como era mesmo? — Ergo uma sobrancelha e bato um dedo na lateral da boca. — Apenas correndo atrás de um rabo de saia, não é? — Sorrio para ela. — Bem, adorei que ele agarrou a minha saia, e continuo aqui. — Abro os braços. — Ainda ao lado dele, ainda em sua cama, e ainda aquela com quem ele quer estar. Então,

acho que você só precisa aceitar o fato de que acabou, Abigail. Ele só estava com você para apaziguar os pais dele. Nada mais.

— Primeiro, é *Vossa Alteza*, não *Abigail*, para você. Segundo, ele estava apenas apaziguando os pais quando fez amor comigo?

Congelo enquanto a bile sobe pela parte de trás da minha garganta.

— O-o quê?

— Acha que Fynix e eu nunca fizemos sexo durante todo o ano em que estivemos juntos antes de você reaparecer? — Ela solta um bufo e faz um *tsk*, estalando a língua antes de me dar um sorriso malicioso. — Minha nossa... como você é ingênua.

— Não. — Balanço a cabeça e engulo em seco. — Fyn teria me dito. Ele me garantiu que nada aconteceu entre vocês dois.

— Tenho certeza de que sim. Tenho certeza de que ele disse o que achou *necessário* para impedi-la de ir embora. Mas em algum momento, você terá que aceitar a verdade: que o homem está te usando e mentindo para você. Que quando chegar a hora, você nunca será capaz de convencer os pais dele a mudar a lei do casamento, e *eu* serei a única de pé no altar com ele em um elegante vestido branco, véu e grinalda. Terei os filhos dele e vou morar neste castelo. — Ela estende os braços. — E um dia, serei rainha enquanto você retorna ao seu casebre americano para comer seus hambúrgueres gordurosos e batatas fritas e assistir programas de TV de merda.

— Sua *vaca*! — Minha mão ataca antes que possa pará-la e minha palma a atinge em cheio na bochecha.

Ela recua com um suspiro, os olhos arregalados, esfregando a mão na pele vermelha.

— Como *ousa*? Poderia mandar te prender por isso!

— Mas você não vai — a voz de Fyn corta a tensão entre mim e essa mulher vil.

Ambas giramos em direção a ele, que está parado a apenas alguns metros de distância de mim. Não sei quanto ele ouviu da conversa, mas, com certeza, ouviu o final. Abro a boca para me desculpar, mas a única coisa que sai é um barulhinho patético estrangulado.

O que acabei de fazer?

Passo correndo por ele em direção ao salão de baile e ele

estende a mão para agarrar meu braço quando passo, o sacudo e quase consigo entrar, mas o corpo enorme de Lev bloqueia meu caminho. Seus duros olhos escuros se estreitam em mim.

— Você está bem?

— Sim, a-acho que acabei de estragar tudo.

Ele olha para trás na direção de onde Fyn ainda está com Abigail.

— Deixe Fyn cuidar disso. Tudo ficará bem.

— Sinto muito.

— Cá entre nós... — Lev responde, um quase sorriso aparecendo em seus lábios. — A vadia mereceu.

Adoraria rir do comentário dele e dizer que concordo, mas meu peito continua apertando e se não sair do palácio logo, vou desmaiar na frente de todas essas pessoas.

— Preciso sair daqui.

— Para onde você vai? Não fuja de novo...

— Eu não... eu... para o gazebo.

Só preciso sair daqui antes que a merda toda exploda e a Guarda Real venha me procurar. Se for presa, pelo menos poderia ser no lugar mais privado da propriedade para reduzir o constrangimento à família real.

Quem quero enganar? Dei um tapa em uma PRINCESA!

Não há como contornar isso. Não há desculpa ou defesa. É agressão. Pura e simples. O tipo de coisa que um dos meus clientes faria de cabeça quente e eu teria que tirá-los do buraco. Mas este é muito profundo, com paredes muito íngremes.

Passo por Lev e corro pelo salão de baile, lutando contra as lágrimas.

Acabei de dar um tapa em uma princesa, membro de uma família real de outro país, durante um baile de jubileu para meu potencial sogro.

Meu coração troveja contra minha caixa torácica com tanta força que pode quebrar enquanto corro para o outro lado do salão de baile e desço o corredor em direção à grande escada que me levará ao andar inferior e ao jardim.

Isso pode ser catastrófico para Fyn e seus pais. Apenas mais um de uma longa lista de erros que cometi, e certamente não será o último. Tenho certeza de que cometerei mais no futuro. Mas este não pode vir

em um momento pior para este país ou esta família.
Que diabos estava pensando?



FYNIX

Olho por cima do ombro para garantir que Lev esteja cuidando de Bridget antes de voltar a encarar Abigail, minhas mãos cerradas ao lado do corpo, minha raiva por um fio. Uma coisa de que sempre me orgulhei foi da minha capacidade de manter a calma, examinar uma situação e avaliá-la com cuidado antes de agir. Mas quando se trata do que acabou de acontecer entre Bridget e Abigail, não há lógica que se sustente.

Quando cheguei, ambas já estavam envolvidas em uma conversa acalorada. Apenas peguei o que devia ser o final, mas foi o suficiente para desejar que Abigail fosse um homem para que eu mesmo pudesse bater nela.

Cerro a mandíbula, concentrando toda a minha ira na mulher que minha mãe tanto quer que me case.

— Quem você *pensa* que é?

Seus olhos azuis se arregalam, a mão ainda pressionada contra a bochecha.

— Como é? Aquela *vadia* acabou de me dar um tapa e você está falando *comigo* assim?

Dou um passo em direção a ela, cuspendo minhas palavras com os dentes cerrados.

— Eu *ouvi* que você disse a ela, Abigail.

Ela se encolhe, depois engole em seco, balançando a cabeça e esfregando a bochecha, fazendo o possível para parecer inocente, embora esteja longe disso.

— Não sei do que está falando.

— Não tente bancar a “princesa inocente” comigo. — Aproximando-me, transmito minha raiva através do meu olhar. — Ouvi o que disse a ela sobre mim, sobre meus pais, sobre ela ser americana.

E você passou dos limites desta vez. Você *mereceu* esse tapa. E merecia mais.

Sua boca se abre, mas antes que ela possa protestar, me ergo sobre sua minúscula estrutura. Não costumo usar meu tamanho para intimidar as pessoas, ainda mais as mulheres, mas as coisas foram longe demais. Ela recebeu total liberdade e todos aceitaram seu comportamento terrível devido a quem ela é, mas já chega. É hora de alguém acabar com isso.

— Faz um ano que aturo suas besteiras. Sorri com você no meu braço mesmo estando morto por dentro porque meus pais precisavam, porque Lovolia precisava, porque precisávamos do apoio do seu pai. A essa altura, não dou mais a mínima para você ou seu pai. Quero que você saia.

— Como? — Ela tem a ousadia de parecer confusa e chocada com a minha exigência.

— Você me ouviu... saia do meu palácio. E *nunca* mais apareça na nossa porta.

— Você não pode... não pode fazer isso! Este não é o seu palácio. É dos seus pais. Quando contar a eles o que aconteceu...

— Mas você não vai, porque se contar a eles o que aconteceu, então vou contar a toda a imprensa reunida aqui o que você acabou de dizer à minha namorada em um ataque de ciúmes. — Olho para o vestido dela, criado para imitar o de uma certa princesa de conto de fadas: azul pálido e volumoso. Fofo e bonito. Nem um pouco como a mulher que o usa. — Sabe, *senhora*, um vestido bonito não pode esconder a feiura por dentro. Nunca fui enganado por seu comportamento gentil quando estávamos em público. Era tudo uma atuação. Tudo o que importava era me levar ao altar. E isso *nunca* vai acontecer.

Ela enfim abaixa a mão, que treme ao lado dela, apertando e abrindo.

— Você não tem ideia do erro que está cometendo.

Arqueio uma sobrancelha para ela.

— Foi você quem cometeu o erro de subestimar meu amor pela mulher que acabou de insultar.

— Amor? — Ela me encara, boquiaberta. — Como você pode *amá-la*?

É fácil pra caralho.

— Ela é tudo o que sempre quis em uma mulher e nunca poderia encontrar aqui.

Este é o maior insulto a ela, e deixo isso pairar no ar entre nós, deixando-a remoer antes de me virar para Lev.

— Lev... — Indico para se aproximar e ele dá um passo ao meu lado. — Faça com que Abigail seja escoltada para fora. Diga ao pai dela que ela não está se sentindo bem e que você providenciou para que o carro dela fosse trazido para levá-la para casa.

Lev encara Abigail por um momento.

— Farei isso, senhor.

Certificando-me de que Abigail não possa ouvir, pergunto, mantendo meus olhos nela.

— Para onde Bridget foi?

— Ela disse que o encontraria no gazebo.

— Então, é lá que estarei. — Inclino a cabeça.

Ele assente e estou prestes a sair quando Abigail avança para agarrar meu braço. Ela me segura em um aperto frenético, seus olhos selvagens e cheios de lágrimas.

— Fynix, não faça isso, por favor. Você e eu estamos destinados a ficar juntos. Somos perfeitos um para o outro.

Zombo dela e me inclino até estar perto o suficiente para beijá-la se quisesse.

Mas Deus sabe que não quero, nem agora nem nunca.

— A única coisa para a qual você era perfeita era para passar uma imagem que meus pais queriam apresentar. Agora... saia da minha casa.

Afasto-a e corro do pátio em busca de Bridget.

Apesar do estresse do ataque ao palácio há alguns dias, as coisas têm sido maravilhosas entre nós. Senti como se tivéssemos chegado a um lugar bom e sólido, e agora, isso.

Por que as pessoas não podem nos deixar ser felizes?

A resposta me encara enquanto atravesso o salão de baile, através da multidão de socialites, dignitários e “amigos” da Coroa. Minha mãe me pega olhando para ela e arqueia uma sobrancelha para mim, mas não vou parar para satisfazer seu interesse no que quer que ela tenha acabado de ver.

Passo por ela e por qualquer outra pessoa que tente me impedir, então saio do salão de baile para o principal. Guardas parados perto da grande escadaria se curvam quando me aproximo, mas nem os reconheço, tenho apenas uma missão em mente.

Ainda não estou rápido o suficiente.

Então, assim que chego ao degrau inferior, atravesso o corredor dos fundos o mais depressa que posso com meus malditos sapatos sociais e abro a porta. O guarda entra em posição de sentido.

— Senhor?

— Você viu Bridget?

Ele concorda com a cabeça e aponta.

— Ela desceu por aquele lado dos jardins em direção ao labirinto.

— Bom. É onde estarei se alguém vier me procurar, mas não nos interrompa a menos que seja vital, entendeu?

— Entendido, senhor.

Passo correndo por ele e pelo caminho bem cuidado, sangue pulsando em meus ouvidos. Nada disso é justo com ela. Bridget não deveria ter que lidar com cadelas ciumentas como Abigail, ou com a natureza julgadora dos meus pais. Mas ela é forte e podemos superar isso.

Sei que sim.

A luz fornecida pela lua cheia acima e as lâmpadas espaçadas de maneira uniforme ao longo do caminho dão à noite um brilho quase etéreo, lançando longas sombras vindas dos arbustos altos ao meu lado.

Ela enfim aparece, parada do lado de fora da entrada do labirinto, olhando para o céu noturno, onde as estrelas brilham como um milhão de pequenas luzes.

— Bridget...

Seu corpo endurece um pouco, depois relaxa quando ela se vira para mim, seus olhos inchados e vermelhos, lágrimas brilhando em suas bochechas.

— Fyn, sinto muito. Eu...

Algo duro bate na lateral do meu crânio e um braço se agarra à minha cintura quando algo é puxado sobre a minha cabeça, roubando minha visão um pouco antes da escuridão me levar.



CAPÍTULO 23

BRIDGET

Os brutamontes saem das sombras e vão para cima de Fyn tão rápido que mal tenho tempo de processar o que está acontecendo antes de colocarem algum tipo de capuz preto sobre sua cabeça e o arrastem para longe dos jardins e do palácio.

— *Fyn!* — grito e corro em direção a ele o mais rápido que posso, mas não sou párea para o que parecem homens bem treinados em uma missão. — Não!

Eles o jogam em uma van escura estacionada contra os arbustos e arrancam, o guincho dos pneus paralisando minha respiração.

Não! Eles não podem tirá-lo da propriedade.

Grito de novo, o mais alto que posso, qualquer coisa para tentar chamar a atenção de alguém no meu caminho em direção à porta dos fundos, o lugar mais próximo que um guarda estaria posicionado.

— Guardas! Guardas! — Derrapo até parar na frente dele, tentando recuperar o fôlego. — Alguém acabou de sequestrar Fyn.

O guarda que me viu sair do palácio momentos atrás se vira para mim, os olhos arregalados.

— Senhorita, o que aconteceu?

— Três homens acabaram de agarrar Fyn e o jogaram na parte de trás de uma van.

Minhas palavras enfim parecem registrar e o guarda se vira

rápido em direção ao lugar de onde acabei de vir.

— Quê? Onde?

Aponto na direção.

— Há quanto tempo?

— Agora mesmo.

Ele corre, pressionando o dedo na orelha.

— Porra, meu rádio está desligado.

A porta dos fundos se abre e Lev sai, alheio à emergência em que está se envolvendo. Praticamente me atiro nele e me agarro ao seu braço com força.

— Lev! Você precisa ir! Acabaram de levar Fynix.

Seus olhos duros se estreitam em mim enquanto examinam ao redor.

— Quê? Quem?

— Eu-eu não sei. Três homens mascarados. Eles o agarraram no jardim perto do labirinto e o colocaram em uma van escura... Mandeí o guarda atrás deles.

Lev pressiona a mão na orelha enquanto corre na direção em que o outro guarda acabou de ir.

— Porra, meu rádio não está funcionando!

— O outro guarda disse o mesmo.

Ele xinga e pega o celular do bolso, pressionando os dedos na tela com força enquanto corre. Levando-o à orelha, ele examina o terreno... pelo menos a pequena parte que podemos ver daqui.

— Os rádios estão desligados. Provavelmente bloqueados. O príncipe foi sequestrado perto do labirinto. Tranquem todo o terreno. Ninguém entra ou sai. Não podemos deixá-los passar pelo portão.

Tento acompanhar, mas Lev é muito rápido e muito focado. Não sou importante agora... Fynix é. Quando enfim o alcanço, ele está parado onde a van estava estacionada, examinando o cascalho revirado, o celular ainda na orelha. Ele examina os arredores.

— Vamos detê-los no portão. Preciso saber como aquela van entrou na propriedade. Puxe todos os vídeos de segurança...

O guarda da porta dos fundos vem correndo de volta pela estrada.

— Senhor, não vai conseguir detê-los no portão.

— Por quê?

— Porque não foram por esse caminho.

— O quê?

— Eles se dirigiram para o lado sudoeste da propriedade.

Lev e eu trocamos um olhar, e um soluço escorrega dos meus lábios.

— A entrada privada... A que Fyn e eu usamos quando pegamos o carro dele e fomos para Elísio.

Seu punho se fecha em torno do celular.

— Como diabos esses caras sabiam sobre a entrada privada? Quem está encarregado de lá agora?

— Não tenho certeza. — O guarda balança a cabeça. — Antonio estava lá quando a festa começou. Não sei se o turno dele trocou.

Lev corre pela entrada e liga para outra pessoa.

— Antonio? O príncipe foi sequestrado. Estão indo em sua direção em uma van escura. Faça o que for preciso para detê-los, mas lembre-se, o príncipe está no veículo. Não podemos arriscar que ele se machuque.

— Ah meu Deus. Vão atirar no carro?

— Não podem com ele na van. — Ele olha para mim. — Mas esse portão é seguro o suficiente para segurar muita força, e eles podem colocar dilaceradores de pneus na estrada...

Uma enorme explosão atravessa a noite do outro lado da propriedade, no sudoeste. Todos nós paramos e viramos a cabeça em direção ao som. Fumaça e chamas ondulam no ar, vindas do portão privativo.

— Antonio, responda. O que está acontecendo aí? Antonio, responda. O que está acontecendo?

Um grupo de guardas sai correndo do palácio e se junta a nós. Um se aproxima de Lev com um vinco angustiado na testa.

— Ele não está respondendo, senhor. Parece que houve uma explosão no portão dos fundos. Nenhum sinal da van.

— Porra. Explodiram o portão. — Lev enfia a mão no cabelo e volta para o palácio. — Nunca vamos alcançá-los agora, mas uma das câmeras deve ter capturado algo para identificar o veículo ou os ocupantes. Ligue para o capitão Nichols e diga para puxar a imagem de todas as câmeras de segurança da área ao redor e tentar seguir a van.

— Sim, senhor. — O homem faz a ligação enquanto todos

corremos em direção ao palácio.

Essa situação está mesmo acontecendo?

Parece uma espécie de pesadelo horrível do qual só quero acordar, mas o barulho muito real de nossos pés em um corredor com o qual não estou familiarizada me força a aceitar que isso é realidade.

— Aonde vamos?

Lev olha por cima do ombro para mim.

— Para o gabinete de segurança. Você vai contar a Manuel tudo o que acabou de me dizer. Tente se lembrar de todos os detalhes que puder. Pode significar vida ou morte para Fyn.

Meu Deus...

Ele para de modo abrupto perante um conjunto fechado de portas duplas e tira um crachá de identificação do bolso de trás para destrancá-las, depois as abre. Manuel está debruçado diante um conjunto de computadores, olhando compenetrado para as telas. O chefe da Guarda Real olha por cima do ombro para nós.

— O que conseguiu? — Lev se aproxima dele.

— Nada bom. — Manuel balança a cabeça. — A van chegou com um grupo de fornecedores trazendo provisões para o baile. A placa está obscurecida em parte pelo que parece sujeira, embora aposto que foi intencional. E de qualquer maneira, tenho certeza de que o veículo foi roubado.

Examinando as telas, Lev esfrega a nuca tatuada.

— Sem letras na lateral da van?

— Nenhuma, mas tiveram que ser aprovados para passar pelo portão. Já estou analisando a lista de todos os fornecedores para ver o que aparece. — Manuel volta sua atenção para mim. — O que você viu?

Imagens disparam na minha cabeça. Memórias fragmentadas. A briga com Abigail. O olhar que Charles me deu. A maneira como meu coração disparou quando ouvi Fyn gritar meu nome nos jardins. Os homens o agarrando... Tento fazê-los congelar em uma memória... a única importante.

— Fynix estava talvez a cem metros de mim nos jardins. Três homens saíram das sombras, todos vestidos de preto, com máscaras cobrindo seus rostos. Apenas seus olhos eram visíveis. Um o atingiu na cabeça com algo e outro agarrou Fyn por trás enquanto deslizavam algo... talvez um saco ou máscara... sobre sua cabeça. — Engulo em

seco, lutando contra o choro. — Ele nem lutou contra eles ou chutou. Acho que, seja lá com que o atingiram... ah, meu Deus... acho que o deixaram inconsciente. Então o arrastaram para uma van que estava estacionada contra os arbustos perto da lateral do palácio.

Lev e Manuel trocam um olhar.

— Eles disseram alguma coisa? — Manuel volta para a tela e começa a passar pelas filmagens.

— Não — nego com a cabeça.

— Alguma característica que os identifique? Qual era a altura deles? Quanto pesavam?

— E-eu não *sei*. Estava escuro, e já estava chateada e chorando. Minha visão estava turva. Não consigo... não consigo. Meu Deus. Meu Deus. E se o machucarem? E se eles...

Lev agarra meu braço antes que eu caia no chão e me ajuda a me sentar em uma cadeira ao lado de onde Manuel está.

— Vamos encontrá-lo. — Ele se vira para Manuel. — Trancou o baile lá em cima?

— Sim, mas ainda não contamos o que está acontecendo. Só que ninguém pode sair devido a um problema de segurança.

— Você alertou o rei e a rainha?

Manuel assente.

— Disse a Suas Majestades que havia um problema que estava investigando, mas que ainda não sabia os detalhes. Ambos foram escoltados até a residência particular.

Lev engole em seco, o pomo de adão balançando sob a pele tatuada.

— Vou falar com eles.

Endireitando a postura, Manuel balança a cabeça.

— É meu trabalho.

— Não. — Lev cerra os dentes, fechando as mãos em punhos ao lado do corpo. — Era meu trabalho protegê-lo, e não fiz isso. Devo ser eu a contar a eles.

Limpo as lágrimas escorrendo pelas minhas bochechas.

— Não foi sua culpa. É minha. Não deveria ter batido em Abigail ou corrido para os jardins quando a segurança tem sido um problema.

— Você bateu na Princesa Abigail? — Manuel ergue uma sobrancelha.

Abro e fecho a boca, sem saber se devo dizer mais alguma coisa, mas Lev balança a mão.

— Isso é irrelevante no momento. Precisamos nos preocupar com Fyn.

Manuel concorda com a cabeça.

— Já fechei o aeroporto e todos os portos da ilha. Não tem como eles escaparem.

Caso contrário, nunca mais o encontraríamos.

Ninguém diz isso, mas está implícito da mesma forma.

Lev examina as telas com cuidado, alguns vídeos, algumas capturas de tela congeladas de várias partes da noite.

— Quero questionar todos os guardas que estavam de plantão quando a van chegou e pegar todas as imagens de segurança de quando as pessoas começaram a aparecer, independentemente de serem comerciantes ou convidados, até agora. Tem que haver algo.

— E se não houver? — faço a pergunta inevitável.

Ele olha para mim, seus olhos duros e frios, o medo real ali combinando com o meu.

— Tem que haver. Não há outra opção.



FYNIX

A dor apunhala a minha têmpora. Solto uma tosse e tomo um fôlego instável, mas isso só puxa algum tipo de tecido para a boca, fazendo-me tossir ainda mais. Não importa o que faça, não consigo colocar oxigênio suficiente em meus pulmões. Eles se esforçam e queimam, a tosse voltando.

O que diabos aconteceu?

Abro os olhos e sou recebido com uma escuridão tão ruim quanto aquela da qual acabei de acordar. Uma voz um tanto abafada me faz balançar a cabeça para limpar a névoa, mas tudo o que isso faz é enviar outra pontada de dor agonizante entre meus olhos.

O som da estrada abaixo de nós e o solavanco repentino ao

passar por um buraco me traz de volta ao presente.

Uma memória retorna à minha mente tão rápida quanto.

O labirinto... Bridget... Alguém me agarrando...

Tento mover meus braços e pernas, mas estão amarrados, a corda cravando em minha pele, me fazendo estremecer com o movimento. Com as mãos presas nas costas, não há como sair dessas amarras.

— Ele está acordado — a voz vem da minha direita, seguida por um golpe forte no meu peito que faz todo o ar que consegui colocar para dentro, escapar de uma só vez dos meus pulmões. — Não tente nada estúpido, Vossa Alteza. Não há razão para não tornarmos sua jornada muito desconfortável.

— Q-quem é você? — Viro a cabeça em direção à voz. — Para onde estão me levando?

Risada profundas e estrondosas encham o veículo.

Pelo menos três vozes distintas. No entanto, nenhuma parece familiar. Definitivamente, nenhuma é de Lofton. Reconheceria a dele em qualquer lugar.

— Tenho certeza de que Sua Alteza está acostumado a sempre conseguir o que quer. Pessoas fazendo o que ele manda sem questionar. — Alguém se mexe ao meu lado, e outro solavanco na estrada me faz pular no banco duro. — Bem, odeio dizer isso, *Vossa Alteza*. Mas não estamos mais no maldito palácio e você não está no controle.

Engulo em seco e tento soprar o tecido para longe da boca.

— O que vocês... o que vocês querem?

— O que nós queremos? O que todo mundo quer: liberdade. Algo que sua família não nos dará. — Outro golpe atinge minha têmpora, me derrubando de lado e meu ombro bate contra o lado de metal do que deve ser uma van. — Mas isso vai mudar.

A dor irradia pelo meu lado e cabeça, mas cerro os dentes e tento respirar através dela.

— Acha mesmo que vai se safar dessa? Sabe qual é a punição por sequestrar um membro da família real?

Isso é traição contra a Coroa... pura e simples. Eles enfrentarão o pelotão de fuzilamento ou a morte no mar. Essa última é antiga e não é usada há mais de cem anos. A Coroa supôs que talvez fosse um pouco cruel demais ter as mãos e as pernas de alguém amarradas e depois

jogá-las no fundo do oceano. Brutal, mas eloquente de certa forma, o costume vem da época em que lutamos contra os britânicos para conquistar nossa independência. Para esses filhos da puta, ficaria feliz em sugerir que fosse resgatada.

Uma mão forte agarra o topo do meu bíceps e me puxa da parede.

— É melhor você ficar confortável, Príncipe Encantado, porque vai ficar com a gente até que nossas exigências sejam atendidas.

— E quais seriam?

— Teremos muito tempo para discutir isso quando chegarmos ao nosso destino.

— Que é?

Outro ataque de riso ressoa ao redor do veículo... risadas amargas e cheias de desdém.

— Você é persistente. Tenho que admitir, mas a persistência não vai ser o que te manterá vivo. Dar uma de espertinho também não vai ajudar.

Cerro os dentes e tento não atacar verbalmente até ter uma ideia de para onde estão me levando ou o que esperam conseguir. Todas as coisas que me ensinaram sobre me proteger, o que fazer no caso de um sequestro, voltam de uma só vez à minha mente.

Permaneça calmo. Escute. Observe. Aprenda o máximo possível. Não irrite seus sequestradores. Ganhe tempo.

Esse último é o mais essencial agora. Bridget viu quando me sequestraram.

Ela deve estar enlouquecendo.

Mas ela teria alertado os guardas, e Lev e Manuel queimarão a porra da ilha para me encontrar. Até que o façam, preciso ter paciência e esperar, além de permitir que esses idiotas pensem que podem se safar e alcançar seu objetivo... seja ele qual for.

Por enquanto, pelo menos, isso significa ficar quieto e em silêncio, ouvindo qualquer coisa que possa indicar para onde estão me levando. Não tenho ideia de quanto tempo fiquei inconsciente, então poderíamos estar em quase qualquer lugar da ilha agora. As vibrações consistentes da estrada sugerem que estamos no asfalto, mas meus captores não me oferecem mais nenhuma pista, apenas murmuram algumas palavras aqui e ali que não significam nada sem contexto.

A névoa que envolve minha cabeça vem e vai em ondas, provavelmente o resultado do golpe na minha cabeça nos jardins. Luto para me manter consciente até que, por fim, desaceleramos e viramos à esquerda no cascalho. Para onde quer que me levem, está fora das estradas convencionais... em algum lugar isolado.

Se não soubesse quão bons Manuel e Lev são em seus trabalhos, ficaria alarmado. Por sorte, Manuel é muito mais do que apenas o guarda-costas do meu pai e chefe da Guarda Real, é um homem familiarizado com situações difíceis e sabe como prevalecer. Entre ele e Lev, o treinamento de ambos poderia colocá-los em qualquer uma das principais unidades militares operacionais do mundo, se assim o desejassem.

Eles vão me encontrar.

Conhecendo-os, todos os recursos disponíveis já foram concentrados para localizar esta van. Cada batida e salto contra a superfície irregular da estrada faz minha cabeça latejar, e solto um suspiro de alívio quando paramos e o motor é desligado.

O homem sentado ao meu lado se abaixa e corta as amarras dos meus pés, depois agarra meu braço e me puxa para cima. Me desequilibro e tropeço contra a lateral do veículo. Minha cabeça balança, a desorientação ainda pior agora que estou de pé.

Não recebi golpes leves. Assim como não foi um ataque com força total, mas foi o suficiente para me abalar e me fazer desejar que Lev e eu ainda estivéssemos treinando regularmente. Se tivéssemos continuado, um golpe como esse poderia não ter me afetado tanto. Na situação atual, estou em grande desvantagem.

Instável, com as mãos amarradas, cego e em desvantagem numérica.

O homem me empurra e meu corpo pousa com força no cascalho. Mesmo através do tecido que cobre minha cabeça e minha camisa social, as bordas irregulares das britas cravam em meu peito e na lateral do meu rosto.

O filho da puta acabou de me jogar para fora da maldita van.

— Opa. Não viu o degrau, príncipe Fynix? Minhas desculpas, senhor.

Os homens soltam outra rodada de risadas, um deles agarra a parte de trás da minha jaqueta e me levanta. Segurando minhas mãos

amarradas, ele me puxa para frente e tento não tropeçar, mas meus pés instáveis não parecem querer me segurar. Cambaleando, sinto outro puxão em minhas mãos que me mantém de pé. O som de uma porta se abrindo na nossa frente me faz pausar.

Onde diabo nós estamos?

Quero perguntar de novo, mas tudo o que isso me traria era mais dor, então engulo a pergunta e tento aguçar meus sentidos restantes para reunir qualquer informação que possa ser útil.

Esses homens estão a serviço de Lofton ou, no mínimo, são membros apoiadores de seu movimento. É a única explicação que faz sentido. Lovolia não tem inimigos. Pelo menos, não tínhamos até que o MLL se tornou um. Sabia que o homem no centro estava disposto a ir até as últimas consequências, mas até eu estou surpreso com isso. Me sequestrar é equivalente a declarar guerra. Mesmo uma cela de prisão não impediu isso. Talvez nada pudesse.

O homem puxando minhas mãos me faz dar meio passo e a atmosfera muda. O ar mais frio e o cheiro forte de metais e graxa de máquina me atingem. Estamos em algum lugar industrial. Uma oficina, talvez.

Se tiver alguma esperança de sobreviver a isso, preciso tomar cuidado com o que digo e ouvir tudo o que eles dizem, caso contrário, nunca mais verei Bridget ou meus pais. Dado o que o movimento já fez, não pensarão duas vezes antes de me matar se não conseguirem o que querem.

Será a declaração final contra a monarquia: uma bala na minha cabeça.



CAPÍTULO 24

FYNIX

Algo batendo na outra sala me faz acordar. Vozes murmurantes me alcançam e pisco contra a escuridão, minha companheira constante durante os últimos três dias. Tento forçar meus olhos a se ajustarem, mesmo que a visão nunca mude.

Dia após dia, tem sido o mesmo: a mesma sala pequena, a mesma escuridão, só quebrada quando um dos meus captores decide que é hora de tentar conseguir algo de mim ou provar um ponto... de novo.

Meu queixo ainda dói do punho que se conectou a ele ontem, mas esses homens têm o cuidado de não causar muito dano. Sabem que se o fizerem, quando eventualmente me libertarem e, se forem pegos, terão que responder pelo que fizeram com o príncipe herdeiro.

Se eles me soltarem...

Do jeito que as coisas estão agora, essa perspectiva está parecendo cada vez menos provável.

Eles esperam que a meus pais se rendam, abduquem do trono e permitam que qualquer forma de governo que Lofton e seus comparsas estejam exigindo seja instaurada imediatamente. Eles não parecem perceber que isso *nunca* vai acontecer, não *pode* acontecer. Quanto mais tempo me mantêm aqui e quanto mais ouço sobre sua missão, as demandas que estão fazendo, mais confiante fico de que falharão.

Meus pais me querem de volta, mas não farão nada precipitado, como renunciar, para conseguir isso. Do contrário, esses tipos de sequestros se tornariam comuns, e não haveria como manter alguém da família real, ou alguém com quem se importassem, em segurança. Nem mesmo Bridget.

Meus olhos ardem de lágrimas não derramadas ao pensar nela sozinha no palácio com meus pais. Sem falar que ela testemunhou quando me levaram logo após o trauma que ela sofreu com Abigail e todos os outros idiotas no baile.

Se não tivesse implorado para ela ir à festa, nada disso teria acontecido.

Deveria ter ficado com ela na minha suíte, dito ao meu pai para que minha mãe fizesse o discurso no jubileu e desse uma desculpa para minha ausência que não causasse problemas. Deveria tê-la protegido de tudo isso. De tudo que trago *comigo*.

Deveria. Mas não o fiz.

Pela milésima vez, mudo de posição e puxo as amarras em meus pulsos e pés... como se o resultado fosse ser diferente. Tudo o que faz é cravar a corda abrasiva na minha pele ainda mais fundo. O saco de tecido preto que mantêm sobre minha cabeça quando não estão me alimentando só me permite ver logo abaixo de onde me sento, onde o chão de concreto está manchado de gotas de sangue.

Carmesim. Vermelho. A cor da realeza.

No entanto, agora, daria qualquer coisa para não ser da realeza. Para ser apenas Fyn, o cara que Bridget conheceu em uma praia naquela noite, há tanto tempo. Pensar naquele momento, nela, em como foi perfeito, me ajuda a passar pelas longas, solitárias e aterrorizantes horas. Tem sido a única maneira de manter meu medo sob controle, para que não me entregue ao puro pânico.

Porque não deveria demorar tanto para Lev e Manuel me encontrarem. Manuel nos fez passar por meses de treinamento, não apenas aprendendo defesa pessoal e manuseio de armas, mas também operações de busca e salvamento. Ele é a pessoa mais qualificada nesta ilha para me encontrar, e dada a pressão que meus pais, sem dúvida, estão colocando nele, sua determinação será sem igual. Jogue a fúria que Lev deve estar sentindo no meio disso, e os dois são uma equipe imparável. Não vão desistir até completarem a missão.

Só preciso continuar repetindo isso a mim mesmo. Bem, é mais fácil falar do que fazer. Tento relaxar meu corpo. Ficar tenso só piora a dor, mas depois de tanto tempo na mesma posição, tudo dói e me questiono se algum dia vou me sentir normal de novo.

Parte da agonia é por saber que meus pais e Bridget já devem estar enlouquecendo, isso sem falar de Lev e Manuel.

Até minha confiança está vacilando. Se não me encontraram até agora, então algo deve estar os impedindo de fazer isso. Esses homens são muito mais organizados do que esperava para ter me mantido tão bem escondido que, mesmo dias depois, a Guarda Real e a polícia não apareceram e derrubaram essas portas.

Eles planejaram, pensaram em todos os possíveis contratempos e, de alguma forma, superaram os dois homens em quem tinha a maior confiança.

Quanto mais tempo isso durar, menor será a chance de uma resolução pacífica. Há apenas duas possibilidades, duas maneiras pelas quais vejo esse fim: minha morte ou não governarmos mais este país. A raiva cada vez mais presente em suas vozes à medida que os dias passam é um sinal claro de que estamos prestes a chegar ao ponto de ruptura.

Hoje, pelo que posso ouvir através da porta fechada, parece que a frustração pelo palácio se recusar a ceder os está afetando. Suspeito que não tinham nenhum plano alternativo, nenhum reforço.

Porque a maioria dos pais faria literalmente qualquer coisa para ter seu filho de volta em segurança.

Mas exigir que meus pais renunciassem foi um desperdício de fôlego, e parece que ficar contra uma parede é uma posição contra a qual eles se recusam. Lofton deve ter prometido a eles que seria fácil.

Ele mentiu.

Depois daquele encontro com meu pai, ele devia saber que não desistiriam. No entanto, o próprio homem não está aqui. Nós o trancamos, com provas tênues. Meu pai acreditava que era a única maneira de garantir a segurança de Lovolia, mas estava errado. Esses homens estão atingindo seu ponto de ruptura e, sem seu líder aqui os instruindo, parecem perdidos. Isso não é um bom presságio para o meu futuro.

A porta da sala onde estão me mantendo range e um conjunto

familiar de passos pesados cruza o chão. É o homem grande que se sentou ao meu lado na van e que parece o encarregado de me manter na linha.

— Bem, Vossa Alteza, é provável que o senhor fique bastante feliz ao ouvir que seus pais rejeitaram... muito publicamente, o pedido para que renunciassem. Ambos apareceram na televisão hoje e declararam que não vão negociar com terroristas, não importa quão desesperadamente o queiram de volta. — Ele se agacha na minha frente para que possa ver seus joelhos e as pontas de suas botas de trabalho marrom-escuras. — Parece-me que se seus pais se importassem de verdade com você, estariam fazendo tudo ao alcance deles para garantir seu retorno em segurança. Mas está claro que a posição significa mais para eles do que a vida do próprio filho.

Idiota.

— Se você mesmo acredita nisso, então não nos entende, o que pode explicar a razão de vocês, seguidores do MLL, veem tudo ao contrário.

Ele ri, o som sombrio e ameaçador.

— Então, explique para mim, Vossa Alteza.

Me viro na cadeira, estremecendo com o inevitável puxão em minhas amarras, fazendo meus músculos machucados doerem ainda mais.

— Seria muito mais fácil se você tirasse este capuz e as amarras de mim.

O soco no meu queixo vem de baixo para cima tão rápido que não conseguiria reagir nem se tivesse previsto. A dor explode em minha têmpora, fazendo com que o velho fermento ganhe vida, me envolvendo em uma névoa negra e profunda por um momento.

— Boa tentativa.

Droga.

Estremeço, feliz por ele não poder ver meu rosto sob o capuz. Uma coisa que me ensinaram desde que nasci é sempre manter as aparências. Não vou dar a este homem a satisfação de saber quanto me machucou. É importante que eu continue forte... ou pelo menos pareça ser. Parte disso significa esclarecer as coisas sobre a família Yates.

— O que Lofton e homens como você nunca entenderão é que não se trata de poder para nós. Nosso trabalho é estressante e difícil.

Nem tudo é festa e caviar. Dia após dia, todas as decisões que tomamos afetam as pessoas que vivem aqui e nossos cidadãos no exterior. Meus pais não estão se recusando a negociar com você porque não querem perder suas coroas, mas porque não querem dar a vocês esse poder. Não querem se colocar em uma posição em que pessoas como você saibam que podem conseguir o que querem ameaçando um membro da família real ou levando alguém importante para nós...

— Como a morena bonita no jardim com você?

Respiro fundo e ele se move para frente até que o calor de seu corpo emana em minha direção. Ele está me dizendo quão perto de fato está, perto o suficiente para que seu hálito quente atinja minha pele.

— Ela parecia uma delícia naquele vestido de renda preta coladinho — diz em voz baixa, a intenção clara. — É realmente uma pena que não tivemos tempo de agarrá-la também. Ela teria sido muito mais divertida do que você como refém.

Um rosnado baixo estremece meu peito, um nascido de uma ira que nunca experimentei antes.

— Se você colocar a porra de um dedo nela, que Deus me ajude, você vai rezar para que meus pais te peguem antes de mim.

Ele se levanta e dá um passo para trás.

— Sim, você parece mesmo uma grande ameaça, *Príncipe Fynix*.

— Meus pais nunca vão ceder, nunca vão concordar com seus termos. Então, o que planeja fazer quando não conseguir o que quer? Me manter aqui para sempre?

— Existem planos em vigor, caso optem por não atender às nossas advertências. Já demos um prazo e esse tempo está se esgotando. É melhor começar a rezar para que se deem conta disso logo e comecem a cooperar, ou as coisas vão ficar muito piores para a família Yates e todos os outros com quem você se importa.

Bile sobe pela minha garganta e engulo com força. Um fato continua voltando para minha mente: esses homens não só entraram na propriedade para me agarrar, mas também fugiram sem serem pegos. Isso significa que têm ajuda interna ou são mais sortudos que qualquer pessoa que já conheci na minha vida.

Passei dias quebrando meu cérebro tentando descobrir quem seria... sobre quem Millie poderia estar me avisando pouco antes de isso acontecer. Mas todos que considero, descarto com a mesma

rapidez.

Nossos funcionários são leais. As pessoas que vêm trabalhar no palácio permanecem ao nosso lado a vida toda. Querem ficar lá porque nós os tratamos bem. Nós os respeitamos. Não consigo imaginar nenhum deles envolvido em algo assim.

Poderia ser tão simples quanto um dos guardas, alguém que tinha uma dívida que precisava pagar. Talvez precisassem de dinheiro rápido, mas não achavam que poderiam nos procurar e pedir ajuda. A resposta mais simples é provavelmente a correta, e quero acreditar que não seria alguém que conhecemos bem. No entanto, Millie avisou que era alguém próximo ao meu pai, alguém em quem ele confia. Nenhum dos guardas teria qualquer influência sobre ele, exceto talvez Manuel ou Lev.

Poderia ser Manuel? Será por isso que ainda não me encontraram? Pois Manuel está impedindo?

A ideia é tão insana que não pode ser possível. Não o homem que vigiou meu pai como um falcão por tantos anos. Que garantiu a segurança de todos no palácio por tanto tempo. Ele nunca nos trairia, e Deus sabe que Lev e Mira morreriam por nós depois do que fizemos por sua família.

Porém, há outros homens e mulheres que se sentaram no escritório do meu pai por anos e o consultaram sobre várias questões relativas ao nosso país. Pessoas em quem *todos* confiamos para manter Lovolia funcionando sem problemas. Alguém nos traiu. Alguém tinha que ter feito isso, e enquanto estão ocupados procurando por mim, espero que Lev não tenha esquecido que não pode confiar em ninguém e avisado a meu pai, já que nunca tive a chance.

O momento parece perfeito demais: o fato de ter descoberto que havia um espião dentro do nosso acampamento na mesma noite em que alguém me sequestrou. Talvez tenha sido azar ou apenas uma coincidência horrível.

De qualquer forma, acredito no que o grandalhão me disse. Há um relógio correndo e o tempo está se esgotando. Esses homens já acessaram o palácio uma vez e bombardearam os portões antes disso. Não há como saber do que mais são capazes. Se meus pais não obedecerem, o pior ainda pode estar por vir.



BRIDGET

Forço minhas pernas o mais rápido que posso, mas o longo corredor parece continuar se esticando, como se nunca fosse chegar ao final. A cada passo, meu coração troveja contra minha caixa torácica e o sangue pulsa em meus ouvidos. Nunca corri tanto na minha vida, e ainda assim... não é o *suficiente*.

Não *consigo* chegar lá rápido o bastante. As coisas estão lentas demais, e o guarda estúpido não me disse nada, exceto que Lev e Manuel queriam me ver no escritório de segurança.

Todas as possíveis razões passam pela minha cabeça, começando com o pior cenário. Os mesmos que ocuparam minha mente a cada minuto desde que Fyn foi levado. Nos últimos três dias, desde que ele foi sequestrado bem na minha frente, todas as possibilidades se desenrolam em cores vivas na minha cabeça, todas horríveis.

Quero acreditar quando dizem que estão fazendo de tudo para encontrá-lo, e ninguém, incluindo eu, dormiu nem um segundo desde sua captura, mas até agora, não chegamos a lugar nenhum. E agora uma mensagem misteriosa enviada ao guarda do lado de fora do apartamento de Fyn para que ele me avisasse para descer as escadas, faz com que me sinta que estou sendo convocada ao tribunal para um veredicto.

Por favor, que ele esteja bem. Por favor, que ele esteja bem.

Meus pulmões lutam para sugar o ar enquanto corro em direção à grande escadaria para descer até o gabinete de segurança, mas meu celular vibrando no bolso me faz parar por um segundo no topo. Puxo o aparelho para fora e estremeço quando vejo a tela... não porque não quero falar com Daphne, mas porque não só esse é um péssimo momento, como também não vou suportar dizer mais uma vez a ela que não há nenhuma notícia. De qualquer maneira, atendo enquanto desço.

— Oi.

— *Oi para você também. Por que você parece tão sem fôlego?*

— Estava correndo.

— *Você? Correndo?* — a preocupação toma conta de sua voz. — *O que está acontecendo?*

— Não tenho certeza.

— *Nenhuma atualização?*

— Nada desde a última vez que falei com você. Nunca acham nada. Apenas sabe que foi uma van com placas roubadas que aparentemente pertence a uma empresa de buffet que serviu ao baile... uma que nem existe.

Alguém os colocou na lista de aprovados. No entanto, apesar de seus melhores esforços, Lev e Manuel não conseguiram descobrir quem.

— Espero receber boas notícias agora.

— *Me ligue de volta assim que souber de alguma coisa. Tem certeza de que não quer que eu vá até aí? Posso pegar o próximo voo.*

A oferta, que ela já me fez várias vezes, quase me faz chorar de novo. Daphne não tem dinheiro para pegar um avião para o outro lado do mundo, não importa quanto adoraria seu apoio agora.

— Sim, tenho certeza. Agradeço a oferta. De verdade. Mas avisarei assim que souber de alguma notícia.

Encerro a ligação e coloco meu celular de volta no bolso enquanto corro até a gabinete de segurança, parando do lado de fora da porta aberta. Vozes familiares fluem até mim: Manuel, Lev, o rei e a rainha.

Estremeço por ter que entrar lá. Uma coisa é estar no gabinete de segurança com o pessoal da guarda, mas quando os pais de Fyn estão lá, a tensão sempre fica quase insuportável. Ambos mal me disseram uma palavra nos últimos três dias, em vez disso, me observam com olhos acusadores e mandíbulas cerradas. Eles me culpam.

Como não?

Também me culpo. Se não tivesse esbofeteado Abigail e corrido para os malditos jardins, Fyn não estaria lá. Não teria sido exposto, e aqueles caras não o teriam agarrado.

A culpa torna impossível respirar na maioria dos dias, e se a mensagem não parecesse tão urgente, voltaria e me esconderia na suíte de Fyn de novo. Mas essa não é uma opção.

Preciso saber o que está acontecendo. Agente firme, Bridget.

É muito mais fácil falar do que fazer quando o rei e a rainha

estão em cena. Ainda assim, me viro e entro na sala com os ombros para trás, a cabeça erguida. Não posso deixar que me intimidem e me façam sentir como se não pertencesse a este lugar. Todos os olhos se voltam para mim.

Que maravilha.

Faço uma meia reverência aos pais de Fyn.

— Vossas Majestades. Lev, Manuel, o que está acontecendo? O guarda lá em cima não me disse nada.

Lev olha para mim pela primeira vez em dias com algo além de raiva, medo e pânico enchendo seus olhos.

— Acho que encontramos uma pista decente sobre onde ele está.

Paro de respirar.

— Quê? Como?

Ele olha para o rei e a rainha, e a rainha fixa seu olhar astuto em mim por um momento desconfortável antes de inclinar a cabeça, pelo visto concedendo-lhe *permissão* para me dizer.

— Como você sabe, temos Lofton sob custódia desde o bombardeio aqui no palácio, e suas comunicações estão sendo monitoradas, o que significa que não podemos provar que ele estava envolvido nisso.

— Certo. Você disse que precisava de confirmação de alguém de dentro ou algum tipo de outra evidência que se mantenha, já que é claro que ele não está fisicamente onde quer que estejam mantendo Fyn.

— Exato. Bem, Nichols e o pessoal dele pegaram um membro do MLL, encontraram o homem se escondendo ao redor dos portões do palácio hoje cedo e o trouxeram para interrogatório.

Esgueirando-se pelos portões do palácio... Isso não soa nada bem.

— O que ele estava fazendo?

Lev encolhe os ombros.

— Não temos certeza. Ele não tinha nada com ele e não conseguimos encontrar nenhum dispositivo ou qualquer outra coisa que possa ter colocado. O homem podia estar apenas explorando as coisas, mas o capitão Nichols foi capaz de aterrorizá-lo a ponto de ele nos dar uma lista de vários locais, edifícios e armazéns, onde diferentes membros do MLL se esconderam aqui em Lovolia nos últimos um ou dois anos.

— Ah meu Deus, isso é ótimo. — Um lampejo de esperança acende no fundo do meu coração, mas com a mesma rapidez, a realidade da situação o apaga. — Mas como saberemos em qual desses locais ele está? Se entrar no errado, isso não os alertará de que você tem essas informações? Podem movê-lo antes que você chegue até ele.

Manuel e Lev trocam outro olhar, e Manuel segura uma pilha de papéis.

— Você tem razão. É por isso que precisamos entrar no certo na primeira tentativa. — Ele acena com os papéis. — Puxamos imagens das câmeras de segurança de todos os locais e vimos uma van branca entrando e saindo de um deles.

Meu coração vai parar na garganta.

— Mas não era uma van branca. Era escura.

Essa é uma coisa da qual tenho certeza. Posso não ter sido capaz de dar a eles qualquer informação que ajudasse a identificar os homens, dado como estavam vestidos e como estava escuro lá fora, mas estou confiante de que a van era preta e se camuflava fácil contra o pano de fundo dos arbustos no jardim.

— Sim... — Lev assente. — Era escura, mas achamos que tinha um envoltório.

— Um, o quê?

— Um envoltório. São de vinil e podem ser retirados com relativa facilidade, como um adesivo gigante. Rápido, se você souber o que está fazendo e tiver pessoas suficientes para ajudar. Supomos que roubaram uma van branca, colocaram o envoltório nela para deixá-la escura durante a noite, depois pararam em algum lugar discreto e removeram depois que levaram Fyn. Então, mesmo que aparecesse em alguma câmera enquanto estávamos procurando, descartaríamos como sendo a cor errada.

— Minha nossa. — Minha mente gira com a possibilidade. — Isso é genial.

— É... — Manuel pousa os papéis de volta na mesa. — Mas, pelo menos, temos um local agora e estamos montando uma equipe para entrar lá e procurá-lo.

— Ah, meu Deus. — A sala começa a girar um pouco e pressiono minha mão sobre meu peito dolorido, todas as informações que acabaram de me dar e a ansiedade do que está prestes a ocorrer me

atingindo de uma só vez. — Eu... — As palavras me escapam por completo. Como se meu cérebro não as processasse quando nada além do medo a ocupa.

A rainha se aproxima de mim e passa o braço em volta dos meus ombros. Minha reação inicial é me afastar da oferta incomum de conforto, mas ela se inclina para mim antes que eu possa.

— Está tudo bem, querida. Eles sabem o que estão fazendo. Vão trazê-lo de volta.

A mãe da Fyn está me consolando?

Essa é, sem dúvida, uma mudança em nossa dinâmica... uma que não consigo entender.

O que diabos está acontecendo?

Olho para ela, que me oferece um sorriso, e embora não seja um muito amigável, também não é indelicado. É tão incomum vindo dela que poderia pensar que estava imaginando isso se não fosse pela maneira como Lev e o rei nos observam juntas, expressões um tanto confusas em seus rostos também. Ela aperta meu ombro.

— Vamos esperar na sala de estar até que vocês tenham mais notícias. Traga meu filho de volta para mim, Lev.

O grande homem tatuado no qual confiaram a vida de seu filho, dá um aceno curto.

— Trarei, senhora.

Lev volta a se juntar a Manuel e o rei, então a rainha me conduz até a porta e me leva devagar pelo corredor até a sala de estar. Ela me acomoda em uma cadeira e se senta ao meu lado na beira do sofá. Lanço um olhar furtivo em sua direção, sem saber o que fazer com a situação.

O que está acontecendo agora?

— Não precisa parecer tão assustada, Bridget. Prometo que não vou morder.

Não consigo evitar a risada que escapa com as palavras dela.

— Ah, mas a senhora definitivamente me deu algumas mordidas desde que cheguei aqui.

Desta vez, a mãe de Fyn sorri de verdade para mim, um sorriso genuíno... algo que acho que nunca recebi da mulher antes. Ela estende a mão e dá um tapinha na minha.

— E já era hora de me desculpar por isso.

— O quê?

Ela torce os lábios, quase como se a ideia de se desculpar deixasse um gosto amargo em sua boca.

— Não gosto de admitir que estou errada, Bridget. Parte disso é essa posição e parte é a maneira como fui criada. O pai de Fyn e eu tivemos preocupações quando você chegou, o que consideramos válidas, quanto as suas intenções em relação ao nosso filho e o que ele estar com você faria com esta família e com este governo.

— Considerando toda a tensão em curso, é compreensível.

— Não. — A rainha balança a cabeça. — Não tente arranjar desculpas para meu comportamento, foi repreensível. Tinha essa imagem na cabeça de com quem Fynix deveria se casar, de quem era certa para ele e para nós.

— E essa imagem era Abigail...

— Na época, sim. — Ela me dá um meio sorriso. — Mas agora, tive tempo de te ver com meu filho e ver o que aconteceu com você nos últimos três dias desde que ele se foi, e confesso que estava errada. Acredito que você o ama, e ele te ama. Mais do que isso, você é boa para ele. — Ela solta um pequeno suspiro. — Ele sempre se rebelou contra essa posição. Fez o que ele absolutamente tinha que fazer, mas lutou com unhas e dentes por todo o caminho. Desde que você chegou aqui, ele assumiu as responsabilidades dele de uma maneira muito mais determinada. Se envolveu mais, até mesmo debatendo coisas com o pai, questionando suas decisões de uma maneira muito mais firme do que jamais faria antes. Não tínhamos tanta certeza de que ele seria capaz ou mesmo *gostaria* de assumir a Coroa quando o pai não estiver aqui. Mas com uma mulher como você ao lado dele, acho que provará ser mais do que capaz.

Abro e fecho a boca algumas vezes, tentando processar o que ela acabou de dizer e procurando uma resposta eloquente.

— A senhora está falando sério?

Putá merda. Isso não foi eloquente.

— Como vocês jovens diriam: *sério pra caramba*? — ela sorri.

Pressiono minha mão contra meu esterno.

— Acho que estou tendo um ataque cardíaco sério pra caramba agora... entre correr até aqui, essa conversa e ter que esperar.

A rainha torce as mãos no colo.

— Sim, a espera vai ser a parte mais difícil, não é?

Sua angústia espelha a minha, e mesmo com todo o rancor entre nós, a necessidade de consolá-la e oferecer algum tipo de conforto é forte demais para ser ignorada.

— Mas ele está bem.

— Aprecio de verdade que você diga isso. — Ela me oferece um sorriso tenso.

— Não estou apenas dizendo por dizer. Sei que ele está. Sinto que se não estivesse... eu teria... não sei. Eu apenas saberia, teria algum tipo de pressentimento. Seria capaz de sentir de alguma forma.

— Eu também.

— Então, o que fazemos agora?

— Nós esperamos. — Ela estende a mão e pega minha mão, apertando-a de leve.

Passos apressados nos alcançam do corredor, Abigail entra na sala e depois entra, seus olhos se estreitando na mão da rainha segurando a minha.

— O que está acontecendo? Por que está de mãos dadas com *ela*?

A rainha solta minha mão e se levanta.

— Esqueceu alguma coisa?

— Minhas desculpas, Vossa Majestade. — Os olhos de Abigail se arregalam e ela se curva. — Acabei de chegar e vejo que há uma grande comoção. Está tudo bem? — Ela me encara enquanto aguarda a resposta da rainha.

— Sim, Abigail. Recebemos algumas notícias potencialmente boas. Mas é apenas para a família. Guarda!

Um dos guardas na porta se vira e a rainha inclina a cabeça para Abigail.

— Por favor, escolte a princesa Abigail para fora do palácio.

— O quê? — Abigail olha boquiaberta para a mãe de Fyn. — A senhora está me expulsando? Sempre visitei o palácio quando queria.

— Isso foi antes, quando você estava com Fyn. — A rainha oferece um sorriso frio. — Agora, a situação mudou e, como tal, você não é mais bem-vinda aqui, a menos que esteja com seu pai ou viajando como dignitária.

— Mas a senhora está de mãos dadas com *ela*. Ela me *deu um*

tapa. Ela atacou um membro da realeza. A senhora deveria acorrentá-la na masmorra agora mesmo.

A rainha solta uma risada diferente de tudo que já ouvi dela e lança um breve olhar para mim.

— Não usamos a masmorra há cem anos, mas se Bridget te deu um tapa, ela deve ter tido um bom motivo.

O queixo de Abigail cai quando o guarda entra na frente dela e pede que ela dê meia-volta e saia. Não escuto o resto de seus protestos enquanto ela se dirige pelo corredor, mas a rainha retorna ao assento com um olhar satisfeito e me encara.

— Você realmente deu um tapa nela?

Uma nova onda de preocupação faz meu estômago embrulhar com o medo de que esteja prestes a ser acusada de traição pela própria rainha. Mas não posso mentir para ela.

— Sim, dei.

Algo brilha nos olhos da rainha por um momento tão breve que nem tenho certeza se vi de verdade.

— Que bom.

Olho para a rainha em choque quando ela estende a mão e pega a minha mais uma vez. Sinto uma pequena dose de carinho emanando dela e isso faz com que uma faísca de esperança para o futuro nasça em algum lugar dentro de mim. Ela puxa minhas mãos para o colo e dá um tapinha nelas, oferecendo um sorriso que não chega aos seus olhos preocupados.

— Agora, esperamos.



CAPÍTULO 25

FYNIX

Minha cabeça despenca para frente com força e me esforço para puxá-la para cima. Quanto mais tempo me mantêm aqui, amarrado assim, mais fraco eu fico.

A boa notícia, ou talvez a má, dependendo de como a encare é que não consigo mais sentir minhas mãos. Não consigo sentir as cordas cortando meus pulsos... o que provavelmente significa algo horrível, mas estou determinado a olhar pelo lado positivo. É tudo o que posso fazer.

Se contemplar o que está acontecendo de verdade, posso desistir de vez, e me recuso a deixar esses homens me verem arrasado, ver um Yates se render.

Meus pais permanecem firmes. Mas agora, o tempo acabou.

Há momentos, a discussão acalorada da outra sala me acordou e, embora só pudesse entender algumas palavras, foi o suficiente para discernir o que estava acontecendo.

Meus pais não cederam. Já passou muito tempo. Chegou a hora do próximo passo.

A correria da atividade: coisas sendo movidas, motores de carros e gritos, sugere que seja lá qual for a próxima etapa do plano deles, ela está se concretizando.

O medo toma conta do meu peito, mas não por mim.

E se eles estiverem prestes a realizar um ataque ao palácio?

É a única coisa em que consigo pensar que poderiam estar planejando, além de me executar. O que continua sendo uma possibilidade. Não tenho sido de nenhum benefício para a causa deles. Inútil, na verdade. Apenas mais uma boca para alimentar e alguém que aumenta o risco para eles.

Não estão conseguindo o que querem, então não sou nada além de um problema. Mas não me importo com o que aconteça comigo. Não mais. Se minha morte for necessária para garantir que este país permaneça a salvo desses radicais assumirem o controle, que assim seja. O que importa é manter meus pais, Bridget e todos os outros no palácio a salvo.

Mas como diabos faço isso?

A porta da seção principal do prédio, pela qual eles me levaram antes de me esconderem aqui, se abre e alguém arranca o capuz da minha cabeça. A luz que flui da outra sala me cega por um instante depois de tanto tempo na escuridão total.

Pisco e viro a cabeça para o lado enquanto meu captor se agacha na minha frente. Sem o capuz, posso enfim ver seu rosto, e o reconhecimento surge quase imediatamente: cabelo escuro, cicatriz na bochecha.

O segundo em comando de Lofton... O homem que se sentou ao lado dele em nosso encontro infeliz no palácio.

Ele está me mostrando o rosto, o que significa que isso aqui chegou mesmo ao fim. Fizeram um grande esforço para manter meus olhos cobertos, mesmo enquanto me alimentavam, apenas puxando o capuz sobre a minha cabeça o suficiente para enfiar o que quer que tivessem na minha boca. Mas o vi agora. Posso *identificá-lo*. Ele só permitiria isso se não importasse mais.

— Chegamos ao fim da linha, príncipe Fynix. Nosso líder não está mais disposto a esperar que seus pais escutem a voz da razão. Estamos partindo agora e você não passa de excesso de bagagem. — Ele puxa uma arma do cós da calça e a segura na frente dele, olhando para ela por um longo momento. — Sabe, sempre me considereei uma patriota. Um homem que lutaria pela coisa certa. — Solta um suspiro que contém frustração e algo mais, talvez relutância. — Não tenho tanta certeza se estou fazendo mesmo o certo.

É isso. Essa é a minha chance. Talvez possa apelar para seu bom senso, sua lealdade a Lovolia.

— Então, não faça.

Ele olha para mim e, pela primeira vez desde que me trouxe aqui, vejo um lampejo de dúvida em seus olhos quase pretos.

— Não faça isso. Me solte e pare o que quer que esteja prestes a acontecer.

Uma fração de segundo passa onde parece que ele considera minhas palavras antes de balançar a cabeça.

— Não posso. Chegamos longe demais. Muito foi dito e feito para recuar agora.

— Não. — Balanço a cabeça e estremeço com a dor que isso causa. — Nunca é tarde demais quando recuar é a escolha certa.

— Desta vez, é. — Ele se levanta.

— Não faça isso. Apenas diga não a Lofton.

O homem solta uma risada fria.

— Lofton não dá as ordens desde o bombardeio do palácio.

— O quê?

Isso não faz sentido nenhum. Se não é Lofton que está no comando, então este homem seria o próximo a assumir o controle. Sabia que o prendemos, mas presumi que ele ainda estava recebendo mensagens de alguma forma.

— Com algo tão complexo, precisava ser alguém presente, não trancado na cadeia. O parceiro dele sabe o que precisamos fazer. E é hora de colocar em ação...

Uma explosão do lado de fora da minha cela improvisada balança e o homem tropeça de lado. Ele tropeça em uma rachadura no chão de concreto e cai com tudo nele, a arma escapando de sua mão e deslizando alguns metros.

Balanço a cabeça, meus ouvidos zumbindo enquanto tento me recuperar.

— Larguem as armas! Levante a porra das mãos!

Mesmo com meus ouvidos ainda zumbindo, reconheceria aquela voz em qualquer lugar.

Eles me encontraram.

O homem no chão cambaleia e fica de pé, pressionando as mãos sobre as orelhas, então olha para a porta. Tiros irrompem além dela,

disparos altos em rápida sucessão e, misturadas a eles, o som de botas batendo no chão, avançando em nossa direção. Ele examina a sala em busca de outra saída e meus olhos se voltam para a arma.

Preciso trazer Lev até aqui.

— Lev! — grito tão alto quanto minha garganta seca e irritada me permite. — Aqui!

Mais tiros enchem o ar. Gritos. Passos pesados.

O homem mergulha em busca da arma e a aponta para mim.

— Largue a porra da arma! — Lev está parado na porta, os ombros formidáveis preenchendo a moldura, a mandíbula cerrada. — Largue agora!

Com a mão tremendo, meu captor mantém a mira.

— Juro por Deus, farei isso. Vou matá-lo.

— Não, você não vai. — Lev descarrega o pente da arma antes que possa detê-lo.

— Não!

Os tiros atingem o homem da cicatriz direto no peito e ele cai, a arma escapando de sua mão outra vez.

Lev se aproxima dele, chuta a arma para longe e depois se abaixa para verificar se há pulso. Satisfeito por ele estar morto, Lev se endireita para me examinar.

— Você está bem?

Lágrimas se empoçam em meus olhos enquanto encaro o corpo. Embora o homem da cicatriz tenha me mantido como refém e me agredido, isso não significa que o queria morto. Ou qualquer um deles. Fizeram tudo errado, mas o homem tinha consciência. Pensou que essa era a única maneira de promover uma causa que apoiava e acreditava. E ele hesitou.

— Estou bem. — Engulo de volta as lágrimas por um homem que estava prestes a atirar em mim. — Estão todos mortos?

Lev descansa uma mão reconfortante no meu ombro e um trio de guardas aparece na porta.

— Estou com Sua Alteza Real.

Em rápida compreensão, bloqueiam a porta, garantindo cobertura e proteção. Lev guarda a arma e pega a faca da bota, movendo-se para trás de mim para cortar as amarras dos meus pulsos.

Meus braços caem para o lado, moles e inúteis. Nem tenho

forças para levantá-los até os joelhos para inspecionar os danos causados pelas amarras. Lev se ajoelha para cortar as cordas que prendem meus pés às pernas da cadeira.

— Seja sincero, Fyn. Você está bem?

De todas as pessoas no mundo, ele é o único que pode ver através das minhas mentiras.

— Não. — Fico em silêncio por alguns segundos. — Estão todos mortos?

Ele pega minhas mãos nas dele, massageando-as e tentando fazer o sangue voltar a fluir. Sinto as pontadas afiadas e o ardor dos nervos voltando à vida me atravessando e cerro os dentes. Uma dor inevitável, mas, pelo menos, estou vivo.

— Lev, me responda, estão todos mortos?

— Quantas pessoas você viu enquanto estava aqui? Precisamos saber se pegamos todos.

Fecho os olhos e tento me lembrar de tudo o que consigo.

— Três homens me capturaram no palácio, e ouvi talvez cinco vozes distintas. — Abro os olhos e estudo o homem morto no chão. — Ele foi o único que entrou aqui. Pensei que ele talvez estivesse liderando este grupo sob o controle de Lofton, mas ele disse que outra pessoa tem dado as ordens desde que Lofton foi preso.

Lev faz uma pausa por um segundo, olhando para os meus pés antes de ficar de pé, respirando fundo.

— Tem uma coisa que você precisa saber.

— O quê? — Já penso logo no pior. — Ah, meu Deus, Bridget está bem? Eles a sequestraram também?

— Ela está bem. Está no palácio e perfeitamente bem, mas acho que sei quem está por trás de tudo isso e como o MLL conseguiu o acesso que tiveram.

— Mas que porra, Lev, apenas me diga!

— Prefiro te mostrar.

Ele desliza o braço por baixo do meu ombro e me ajuda a levantar. Minhas pernas cedem, o resultado de dias sendo mantidas imóveis. Inclino-me contra Lev e deixo que ele sustente o peso do meu corpo até chegarmos à porta, enquanto pontadas agudas de dor atravessam meus pés. Parando na porta, ele vira a cabeça para encontrar o meu olhar.

— Se prepare. Está um caos lá fora e você não vai gostar de quem está prestes a ver.

— Foi Manuel?

— Não. — Lev balança a cabeça. — Pior.

O que poderia ser pior do que o chefe da Guarda Real nos trair?

Após me dar um momento para reunir as forças que me restam, Lev me ajuda a entrar na área principal: um grande armazém, paletes e caixas empilhados contra várias paredes, com várias mesas e camas dobráveis ocupando o centro. Uma área de cozinha improvisada ocupa um canto, e dezenas de membros da Guarda Real se movem pelo espaço, verificando corpos ensanguentados no chão.

Deslizo meu olhar pelo caos, observando a carnificina enquanto procuro uma explicação para o que Lev acabou de dizer. Meus olhos se conectam com os azuis familiares e minhas pernas cedem outra vez. Só o aperto forte de Lev me mantém de pé.

Abigail...

Parte de mim quer, desesperadamente, se livrar do aperto de Lev e atravessar a sala para confrontar a cadela traidora, mas sou incapaz de dar um passo sem ajuda e ninguém vai me deixar falar com ela. Não aqui. Não desse jeito.

Lev me leva para o centro do armazém e para longe dela, mas posso sentir seu olhar em mim o tempo todo.

— Foi Abigail...

Lev assente.

— A única razão pela qual ela não está morta no chão com o resto dos terroristas é porque foi uma covarde, escondendo-se atrás de uma dessas caixas enquanto os outros lutavam. Será necessária uma análise detalhada de todas as evidências para estabelecer há quanto tempo ela está envolvida e seu papel. Mas pense nisso: ela tinha acesso quase irrestrito ao palácio, a você e seu pai. Além disso, acho que devemos considerar que o pai dela também pode estar em aliança com o MLL.

O aviso de Millie sobre ser alguém próximo que tinha a confiança do meu pai ecoa na minha cabeça, provocando um calafrio em mim.

— Se Millie estiver certa, ele pode estar mesmo envolvido.

— Avisei o rei sobre o que ela disse, e ele não descartou de

imediatamente. No tempo todo que você estava desaparecido, as únicas pessoas que ele permitia em seu escritório eram sua mãe, Manuel e eu. Mesmo com essas precauções, ele permaneceu de boca fechada.

Chegamos ao outro lado do armazém e à porta pela qual devem ter me trazido. Olho por cima do ombro para Abigail, cujo olhar gelado permanece fixo em mim.

— Temos muito a desvendar.

— Mas agora, vamos apenas nos preocupar em levá-lo para casa... para seus pais e Bridget.

— Ela está realmente bem?

Lev me oferece um meio sorriso.

— Ela está bem. Exausta e aterrorizada, mas bem.

Graças a Deus.

Saímos para uma área de estacionamento forrada de cascalho, então o mundo gira ao meu redor e escurece.



BRIDGET

O médico real se levanta da beira da cama de Fyn e começa a guardar os materiais.

— O senhor precisará ir com calma por alguns dias. O senhor tem muita sorte, considerando tudo. As escoriações causadas pelas cordas ao redor de seus pulsos e tornozelos vão sarar com cicatrizes mínimas, mas quero que tome uma série de antibióticos para garantir que a pequena infecção não se espalhe. O senhor possui alguns cortes profundos e desagradáveis.

Olho para os pulsos de Fynix e, mesmo agora, um pouco de sangue mancha as ataduras. Seus tornozelos estão da mesma forma. A corda que os sequestradores usaram cravou mesmo em sua pele, sem dúvida, devido a Fyn lutar contra as amarras.

Por favor, que não fiquem cicatrizes.

A última coisa que Fyn precisa é ficar com um lembrete permanente desse crime hediondo cometido contra ele. Do jeito que

está, não consigo parar de olhar para o rosto machucado e arranhado dele.

Fyn está aqui e inteiro, mas minha fúria contra cada pessoa envolvida em feri-lo só cresce a cada minuto desde que ele voltou. Se soubesse onde qualquer um deles estava, poderia fazer o mesmo com eles com as próprias mãos... e pior.

Limpo as lágrimas porque não quero chamar atenção para mim agora.

Recomponha-se, Bridget.

O foco precisa estar em Fynix e estou tentando seguir o exemplo da mãe dele. Ela está diante de mim como um pilar de graça, mas quando fungo sem querer, os olhos cansados de Fyn disparam para os meus.

— Bridget, amor... — Ele parece muito menor, fraco e derrotado, nesta cama. É tão diferente de seu eu normal que me despedaça.

Como alguém pode fazer isso com ele? Como Abigail pôde fazer isso? Deveria ter batido nela muito mais e com muito mais força.

O médico real e algumas enfermeiras que ele trouxe junto ainda cercam Fyn na cama, e o fato de não poder ir até ele está me matando. Tudo o que quero fazer é pegá-lo em meus braços e segurá-lo para sempre.

No entanto, apenas consegui tocá-lo por um instante desde que Lev e Manuel o trouxeram de volta inconsciente. Não queriam uma aglomeração da imprensa caso o levassem ao único hospital em Lovolia, e o médico real parece ter feito um excelente trabalho garantindo que ele ficasse bem.

Preciso dizer a ele quanto o amo sem uma maldita plateia.

A rainha se aproxima e pega minha mão na dela, me emprestando sua força. Isso também deve ser horrível para ela. Aquele é o filho dela deitado ali, física e mentalmente destruído.

O olhar de Fyn pousa em nossas mãos juntas, e seus olhos cansados brilham com lágrimas não derramadas, o que torna tudo ainda mais doloroso e maravilhoso. Tantas emoções percorrem minhas veias que não consigo decidir o que sentir no momento.

Com os instrumentos guardados, o médico se dirige a Fyn.

— Suas costelas estão muito machucadas, senhor, mas nenhuma

parece quebrada, e a irritação no seu pescoço causado pelo capuz que disse ter ficado amarrado à sua cabeça deve cicatrizar bem. Se precisar de mim, mande me chamar imediatamente. Caso contrário, virei ver como está amanhã. Como falamos, vou deixá-lo com os antibióticos, um analgésico leve e algo para ajudá-lo a descansar. Precisa de mais alguma coisa, senhor?

— Não, dr. Hatzis. — Fyn balança a cabeça. — Obrigado pela atenção.

O médico faz uma reverência breve para Fyn, um movimento que suas enfermeiras espelham, então coloca os frascos de medicamentos em uma fila na mesa de cabeceira antes de pegar o resto de suas coisas e ir em direção à porta. Olho do outro lado do quarto para o rei. Seu maxilar tenso de raiva enquanto olha para o filho e o que foi feito com ele.

— Senhor, senhora. — O médico e as enfermeiras se curvam e saem da sala.

O rei examina Fyn por mais um minuto antes de dar meio passo à frente e depois parar.

— Filho, tem certeza de que está bem?

Dá para ver que se o rei pudesse colocar as mãos em um dos radicais responsáveis, não viveriam para contar a história. Não importa o que o decoro exija, não importa o que as “regras” de comportamento adequado possam implicar, tudo foi por água abaixo quando levaram Fyn.

— Estou, pai. Obrigado por tudo, e obrigado, mãe, por cuidar de Bridget. — Seus olhos se voltaram para a mãe, depois para mim, e mesmo sem ele dizer, posso sentir quão feliz está por ela e eu termos feito as pazes.

— Muito bem. — O rei se aproxima da cama e para ao pé dela. — Se precisar de mim, chame e virei, caso contrário, vejo você amanhã. Se cuida. — Ele dá um toque no pé de Fyn, o que imagino ser o mais próximo de abraçar que esses dois vão chegar, mas é um começo.

— Obrigado, pai. Boa noite.

— Elizabeth. — O rei estende o braço para a esposa.

Ela aperta minha mão uma vez e a solta, depois dá um tapinha no braço oferecido pelo marido antes de ir até Fyn na cama. Parando por um momento, olha para ele, as lágrimas se acumulando em seus

olhos, então afasta o cabelo dele da testa e o beija.

— Meu filho, eu te amo.

Então se inclina e sussurra algo para Fyn, e ele estende a mão e segura seu braço. A visão dos dois juntos faz com que lágrimas frescas se formem em meus olhos. As limpo depressa enquanto a rainha se levanta. Ela seca uma lágrima e caminha até o marido. Ambos deixam o quarto, fechando a porta atrás deles.

Por fim, somos apenas Fyn e eu.

— Amor... — Ele estende os braços para mim e não perco tempo correndo para ele.

Tento tomar cuidado com seus ferimentos enquanto deslizo em seu abraço e me acomodo ao lado dele na cama. Mas agora que estou aqui, enfim deitada com ele, sentindo seu peito se movendo a cada respiração, seu coração batendo sob minha orelha, não consigo evitar e o choro começa a sacudir meu corpo.

— Shh. Está tudo bem, amor. Estou aqui... e estou aqui com *você*.

Ele fica repetindo isso sem parar até que sua voz fica rouca.

É para acalmar a mim ou a ele mesmo? Talvez os dois.

Fyn passa os dedos pelo meu cabelo, tentando me confortar. É típico dele se certificar de que todos os outros estão bem e ignorar por completo suas próprias necessidades. Ele faz isso há tanto tempo que afetou até mesmo a maneira como ele lida com um trauma como esse.

— Vejo que você e minha mãe se aproximaram. Isso me deixa muito feliz.

Apesar da enormidade da situação, dou risada.

— Sim, só precisou do seu sequestro para fazê-la mudar de ideia.

Nós dois rimos, e é bom ainda ter isso com ele depois do que só Deus sabe que ele passou enquanto foi feito refém, mas ele estremece logo após começar e pressiona a mão livre contra as costelas.

Por mais que não queira saber e não deseje que ele reviva o terror do que acabou de passar, *preciso* perguntar, e se ele mantiver tudo guardado dentro dele e não me contar, só vai corroê-lo.

— Fyn, pode me contar o que aconteceu? — Ergo o corpo e me apoio no cotovelo. — Se não quiser falar sobre isso ainda, eu entendo. Eu só...

Seus lábios se curvam de leve, no menor dos sorrisos.

— Foram alguns dias difíceis. Quando me sequestraram no jardim, acho que sofri uma leve concussão, então perdia e recobrava a consciência, mas os ouvi discutindo alguns dos objetivos do MLL. Você pode ver que lutei com todas as forças para me livrar das cordas, infelizmente, sem sucesso... Quantos foram mortos no total, você sabe?

Fyn parece angustiado com a resposta em potencial e por mais que eu tente, não consigo entender o porquê.

— Isso importa?

Ele não pausa nem por um segundo antes de responder.

— Sim, porque são meu povo e esse movimento tem força. Não vai morrer com esses corpos. Eles mal eram uma gota no oceano. Lofton continua vivo e seus seguidores estão crescendo. Precisamos encarar os fatos: esse problema não vai desaparecer. Temos que encontrar uma maneira de lidar com isso, de forma diplomática, e aceitar que a mudança é necessária para manter a monarquia.

O quê?

Ouvi o que ele disse, mas as palavras se misturam na minha cabeça, meu cérebro incapaz de processar como ele pode estar dizendo isso. Não consigo conciliar seus sentimentos quanto ao MLL com o corpo maltratado e quebrado que estou olhando.

Eles poderiam ter matado Fyn. Quase conseguiram. E teriam feito ainda pior se Lev e Manuel não o tivessem encontrado. Tinham armas e explosivos suficientes naquele armazém para lançar uma grande ofensiva contra o palácio. O que é exatamente o que todos suspeitam que pretendiam fazer.

Não sei quanta influência tenho, mas conheço Fyn. Se alguém nasceu para governar uma nação, é ele. E não apenas devido a seu DNA. Ele tem o maior e mais gentil coração do mundo, mesmo quando as pessoas não merecem esse lado dele. Ele também é a pessoa mais justa e lógica que já conheci, mas suas palavras não combinam com isso.

Ele pode querer mudanças, mas abdicar do trono é um passo assustador. Um que muda todo o futuro... não apenas para ele, mas para todo o país, e talvez não o tipo de mudança que ele está querendo.

Meu silêncio deve sugerir minha angústia, porque ele passa os dedos pela minha testa, uma ligeira carranca inclinando os lábios para baixo.

— Amor, acredito que não haverá paz a menos que possamos

chegar a um entendimento. Tive muito tempo para considerar isso enquanto estava em cativeiro. Tanto a posição deles e quanto a nossa. É crucial que haja reformas ou Lovolia implodirá e as consequências serão muito piores do que alguns hematomas.

Embora admire a perspectiva dele, ainda mais sendo de um país como os Estados Unidos, onde nos orgulhamos de nossas eleições democráticas e do fato de termos rompido com um monarca governante, simplesmente não posso aceitar que é a única opção aqui.

— Desculpa, mas não entendo. Você acabou de ser resgatado e está tentando simpatizar com as pessoas que te sequestraram? Me ajuda a entender isso.

Porque não consigo, de verdade. Ficaria lívida e provavelmente me vingaria se fosse ele.

Inferno, é o que quero fazer nesse exato momento em nome dele.

— Não percebe? Da mesma forma que não podemos nos casar, algumas das leis que regem os cidadãos de Lovolia também são ultrapassadas. Para que Lovolia prospere, seus líderes devem estar dispostos a se adaptar, e se converter a alguma forma de monarquia constitucional manterá a população feliz e a família Yates no comando.

Como ele faz isso?

Ele já está falando como um rei, um homem que coloca o bem-estar e as necessidades de seu povo em primeiro lugar.

Deito a cabeça de volta em seu peito, feliz em ouvir a batida constante de seu coração sob minha orelha.

Que loteria acertei para ganhar esse cara?

Ele terá muita cura para realizar e, com o tempo, as cicatrizes mentais vão desaparecer, assim como as físicas. Mas não importa o que aconteça ou o que Fyn decida fazer com Lovolia, estarei ao lado dele. Porque ele é minha família agora, e é isso que a família faz.



CAPÍTULO 26

FYNIX

Mesmo depois de passar mais de vinte e quatro horas na cama, sem fazer nada além de dormir e abraçar Bridget enquanto ela lê um livro e cuida de mim com carinho, tudo ainda dói. No entanto, me sinto melhor do que ontem. Sem dúvida, o resultado de uma combinação de não me esforçar, os remédios que o doutor me deu, um pouco de boa comida na minha barriga e os excelentes cuidados de Bridget e Mira.

Não fazer nada me deu mais tempo para pensar no meu futuro, não apenas no futuro de Lovolia, mas no *meu*. Depois do inferno que passei, farei o que for preciso para me casar com Bridget. Meu amor por ela foi como sobrevivi a esse horror, e ela precisa ser minha prioridade.

Ela está deitada ao meu lado, a cabeça descansando na dobra do meu braço. Seu ronco suave me faz sorrir e dou um beijo no topo de sua cabeça.

— Minha pequena motosserra.

Tento segurar meu riso para não a acordar, mas é doloroso para minhas costelas machucadas.

— Espero que doa, seu idiota.

Seu comentário nos faz rir, mas seguro minhas costelas e estremeço. Bridget se senta, o rosto franzido de preocupação.

— Você está bem? Quer alguma coisa?

— Sim. — Seguro sua bochecha. — Me beije.

Apesar de sua óbvia preocupação comigo, ela dá um pequeno sorriso e se aproxima, seus lábios doces pressionando os meus. Sua língua entra em minha boca e a noção de que poderíamos ter perdido isso torna o beijo ainda mais precioso.

É disso que a vida realmente se trata. Encontrar o amor. Fazer de tudo para não o perder. Valorizá-lo, mesmo que o mundo esteja desmoronando ao seu redor.

Quebro nosso beijo e descanso minha testa na dela.

— Eu te amo, Bridget. Espero que você saiba disso. Para mim, você é tudo.

Seus olhos brilham de lágrimas.

— Também te amo, Fyn. Se alguma coisa acontecesse com você... — Balança a cabeça como se não pudesse suportar o pensamento, e uma única lágrima escorrega por sua bochecha.

— Amor, estou aqui.

Limpo a lágrima de sua bochecha e ela inclina a cabeça para me beijar. A carícia suave de seus lábios, misturada com a agitação de emoções que experimentei nos últimos dias, faz minha mente e coração dispararem.

— Bridget, só havia uma pessoa em quem pensei o tempo todo em que estava em cativeiro, e era você. A ideia de que talvez não conseguisse sair de lá vivo...

— Shh, Fyn. — Ela coloca o dedo nos meus lábios. — Não precisa falar sobre isso. Não consigo imaginar o inferno que você passou. Só estou feliz que esteja bem.

Beijo a ponta do seu dedo e encaro no fundo dos seus olhos verdes que contêm tanta dor, alegria e amor.

— Mas *preciso* falar sobre isso. É importante, Bridget. O que aconteceu comigo muda tudo... para *Lovolia* e para nós.

Ela congela em meus braços, o medo brilhando em seu olhar.

— Como assim?

Lembrar da agonia e incerteza das muitas horas do meu cativeiro faz minha pele arrepiar, mas ela precisa saber, precisa entender tudo isso.

— Pensei que fosse morrer. Sabia que meus pais *nunca* cederiam às exigências deles, e jamais teria desejado que fizessem isso. — Respiro fundo, tentando me concentrar no fato de que estou seguro

na minha própria cama com a mulher que é dona do meu coração, não de volta naquele quarto escuro. — A *única* coisa que me manteve vivo, que me manteve lutando contra o desejo de apenas desistir... foi você.

— Ah, Fyn... — Lágrimas escorrem por suas bochechas e seu lábio inferior treme. — Sinto muito que você tenha passado por isso. Não dormi. Não conseguia *respirar*. Eu...

— Shh. Está tudo bem. — Pressiono meus lábios em sua testa. — Senti você o tempo todo, sua força e seu amor.

Ela é tão linda e gentil. Eu seria um tolo se a deixasse escapar.

— Bridget... — continuo. — Isso pode não ser bem o que você esperava, mas não posso esperar nem mais um dia...

— O quê? — seu tom é carregado de preocupação. — O que foi?

Tinha planejado fazer isso de forma diferente. Em um cenário romântico, na nossa praia onde tudo começou, mas depois dos acontecimentos recentes, aprendi que o momento perfeito é o agora. Pois pode não haver um amanhã. Você pode não ter a sorte de ter uma segunda chance de dizer às pessoas como se sente. Você tem que aproveitar a oportunidade.

Mesmo que doa.

Sento-me e jogo minhas pernas para fora da cama. Além de me levantar para usar o banheiro com a ajuda de Bridget, essa é a primeira vez que não fico na horizontal por um dia inteiro. Felizmente, o quarto gira apenas um pouco.

— Fyn, acho que você não deveria estar de pé ainda. — Bridget se vira atrás de mim na cama e coloca a mão no meu ombro nu. — Do que precisa? Me deixa te ajudar.

Ela está muito preocupada.

Talvez devesse estar, mas, para minha surpresa, é bom mudar de posição. É bom ficar de pé outra vez. Ignoro suas perguntas por um momento e endireito o corpo com muito menos oscilação do que previa. Olho para ela e sorrio.

— Estou bem, amor. Só me dê um segundo, preciso fazer uma coisa. Espere aqui.

Não era assim que imaginava este momento. Mas as coisas são como são.

Nunca haverá um momento perfeito... apenas o momento certo. Bem devagar, vou até meu aposento, muito mais lento do que

gostaria devido aos meus ferimentos, mas estou vivo e vou me curar. Ser ferido e espancado não é novidade. Não consigo contar as vezes que Pégaso me jogou de cima dele quando era apenas um garanhão jovem e ainda não tinha sido domado.

Se na época pensei que aquilo doeu, bem, isso aqui é pior, como se tivesse sido catapultado de vinte cavalos seguidos.

Mas nada vai impedir esse momento. Que o mundo se dane, por uma hora, pelo menos, de qualquer maneira.

No aposento, vou mancando até o cofre da parede que abriga minhas medalhas, relógios de valor inestimável e algumas peças de herança que pedi que trouxessem até minha suíte para Bridget experimentar para o baile. Entre elas, um item em particular, que espero que Bridget aceite com a mesma alegria que será oferecido. Destranco o cofre e pego a caixa de veludo azul real vintage que pertenceu à vovó.

Apenas segurá-la em minhas mãos faz as lágrimas queimarem meus olhos, mas não posso chorar. No entanto, talvez em um minuto. Ainda mais se ela disser não.

Fecho o cofre, respiro fundo e volto para Bridget. Ela está sentada na cama com todos os travesseiros e cobertas em uma bagunça amarrotada ao seu redor, mas está perfeita. Se pudesse tirar uma fotografia para capturar este momento para sempre, eu faria.

Mas terei que me contentar com minha própria memória.

Com sorte, será uma boa e Bridget não ficará decepcionada nem com o local, nem com o momento. Mas não posso esperar por um mais adequado. Não depois da última semana. Se o que aconteceu me ensinou alguma coisa, é que nunca devemos deixar para amanhã o que se pode fazer hoje.

Manco até a cama e pego a mão de Bridget, puxando-a em minha direção.

— Sente-se na beira da cama para mim, amor.

Ela faz isso, jogando as pernas esbeltas e bronzeadas e os pés descalços para o lado. Começo a me ajoelhar diante dela, devagar, e não sem algum desconforto.

— Fyn, o que diabos você está fazendo?! — Bridget agarra meus braços para me impedir, claramente inconsciente do que está prestes a acontecer. — Você vai se machucar.

Não sei por que, mas seu alarme me faz rir, talvez porque em seu pânico, ela nem sequer percebe o que está acontecendo, e isso é bom. Certo. Isso é o que preciso: não uma coroa ou um trono, ou um país... apenas essa linda mulher norte-americana determinada que me ama apenas por ser Fyn.

Abro a palma da mão para exibir a caixa de joias e as dela disparam para a boca.

— Fyn, você está... — um pequeno arquejo interrompe o resto de sua pergunta, como se hesitasse em falar o que ela acha que estou prestes a perguntar.

Não há momento melhor do que o agora, Fyn.

Agora só preciso descobrir como explicar a essa criatura magnífica quão incrível ela é.

— Bridget Rose Cavanaugh, desde o primeiro dia em que você apareceu na minha praia, uma invasora bêbada e pervertida, soube que você era especial.

— Ei, isso não é legal. — Bridget empurra meu ombro e dou a ela meu sorriso mais deslumbrante antes de continuar.

— Na época, não reconheci o quanto. Você trouxe alegria e esperança de volta à minha vida. Você me mostrou que só porque meu caminho foi traçado para mim, não significa que tem que ser monótono ou desprovido de aventuras, porque Bridget, você é a maior aventura da minha vida. Você me daria a maior honra de aceitar se casar comigo? — Abro a caixa e ofereço o anel a ela.

— Fyn, ah, meu Deus.

— Quer se casar comigo?

Sem hesitar um segundo, ela concorda com a cabeça.

— Sim! — Bridget grita e lágrimas escorrem pelos cantos dos olhos.

Mas ainda estou tentando processar a palavra, *sim*.

— Sim? — repito, como talvez dizer a palavra vai torná-la mais real. Além disso, é tudo o que consigo falar.

Ela realmente disse sim mesmo depois de tudo? De todo o drama, do perigo. Da porra da bagunça que minha vida é. Ela quer mesmo fazer parte disso para sempre?

Ninguém poderia culpá-la se ela tivesse dito não depois de tudo o que passamos. Parte de mim temia que ela o fizesse, mas Bridget

agarra minhas bochechas em suas mãos macias e traz os lábios aos meus.

— Ficaria muito honrada em ser sua esposa.

— Bridget... — Passo meu braço em volta dela e a trago para mim, ignorando o protesto de dor em minhas costelas danificadas. Abraçando-a, nos beijamos de modo tão profundo que, quando enfim nos separamos, estamos sem fôlego. — Posso? — Tiro o anel da caixa.

— Por favor. — Ela estende a mão esquerda, e deslizo devagar o anel em seu dedo, saboreando o momento em que estava convencido, não muito tempo atrás, de que nunca aconteceria.

— Você se lembra de quando estávamos no Elísio e fiz a pizza que minha avó me ensinou? — Aperto a mão dela e passo o dedo sobre o anel que a serve como se tivesse sido feito para ela.

— Sim. Você estava certo. Como posso voltar para a versão americana agora?

Rimos baixinho e beijo a mão dela, admirando o anel que esperava que um dia a minha noiva usasse.

— Isso era dela. A vovó teria gostado muito de você e iria querer que lhe desse este anel.

— Você é tão gentil, Fyn. Me sinto honrada em usar o anel dela.

Ela se inclina para frente e me beija com ternura, e me levanto e aprofundo o beijo, caindo na cama com ela em meus braços, e apenas um leve estremecimento. Mas nem me importo mais com a dor. Tudo o que consigo pensar é que ela é *minha*.

Esta mulher incrivelmente linda... por dentro e por fora, é minha.

De repente, posso ver uma vida com ela, nosso futuro. Ela caminhando em direção ao altar até mim no dia do nosso casamento. Nossas mãos unidas cruzadas sobre sua barriga grávida. Ela ao meu lado no trono, de qualquer forma que tenhamos, criando um país melhor para todos por causa do nosso amor.

Pego a camisa dela e recuo um pouco para poder puxá-la pela cabeça, liberando seus seios gloriosos. Abaixando-me sobre ela, empurro minha calça de pijama para o lado e faço o mesmo com sua tanga para que possa afundar em seu calor úmido ao máximo.

Se o mundo acabasse agora, estaria completo porque Bridget é tudo o que preciso nesta vida. E se as leis não puderem ser alteradas para manter o trono e me casar com ela, não há escolha a ser feita.

Vou escolhê-la sempre.



BRIDGET

— Eu amo você — Fyn sussurra ao meu ouvido. — Você me faz delirar de tanta felicidade. Obrigado por me amar.

— Eu te amo tanto, Fyn. Você é o meu tudo.

Não repeti o que ele disse antes por acidente. Essa era a única coisa em que consegui pensar para provar que ele significa tanto para mim quanto eu para ele. Mas ainda não é o suficiente. Nenhuma palavra jamais poderia ser.

Aperto seu pau enquanto ele o empurra para dentro de mim, sua mão apertando meu cabelo.

— Bridget, caramba... — Ele solta um gemido animalesco e gutural, o verdadeiro som da felicidade. — Você é gostosa pra caralho — diz, acariciando meu pescoço, enchendo-o de beijos e mordidinhas enquanto desce até chupar meu mamilo com sua boca quente.

Enrolo meus dedos em seu cabelo loiro selvagem e o seguro lá, saboreando os raios de prazer que vão direto para onde estamos conectados. Ele suga meu mamilo inchado entre os dentes e morde, e minhas costas se arqueiam, todo o meu corpo atraído para ele com uma intensidade inevitável. Ele é fogo, paixão e perfeição, tudo embrulhado em um belo pacote.

Ele é tudo o que importa.

Se tivesse sonhado com a minha ideia perfeita de homem, ainda não chegaria perto do ser maravilhoso que me segura em seus braços. Apesar de seus ferimentos, da exaustão total que deve estar sentindo com toda provação que passou, ele ainda se concentra em mim, em *minhas* necessidades e prazeres.

Fyn me salvou, mesmo que não percebesse na época. Me salvou da solidão, dos meus pensamentos e do meu crescente ressentimento pela vida. Me salvou de mim. Do que me tornei porque pensei que precisava, porque pensei que era isso que precisava para crescer e me

tornar um adulto responsável. Me salvou da *Bridget chata* e da vida que ela havia aceitado.

Uma vida que não era nada porque não tinha *ele*.

Fyn não é perfeito. Ele pode ser impetuoso, arrogante e cabeça quente às vezes, mas a maneira como me ama está muito perto da perfeição.

Com cada toque afasta as lembranças ruins. Cada beijo rouba minha alma. Cada momento é dado de livre e espontânea vontade à única pessoa que importa.

Jamais soube que isso existia, que esse tipo de conexão era possível. Caso contrário, saberia quão errados os homens que conheci antes de Fyn eram para mim e teria reconhecido isso no momento em que nos conhecemos. Vi que ele era diferente, mas me permiti acreditar que tudo tinha sido uma encenação, um jogo.

Como pude estar tão enganada?

Fyn é alguém que se importa até demais. Mesmo depois do que os radicais fizeram com ele enquanto o mantinham cativo, Fyn lamentou a morte deles porque eram cidadãos de seu país. É assim que Fynix Yates é: uma alma gentil e bonita que possui todo o meu coração.

Ele se move dentro de mim, meu corpo se esticando para acomodar seu tamanho. Deveria estar preocupada de que ele possa se machucar, e estou..., mas é tão gostoso e estou tão feliz por poder estar com ele que não consigo encontrar a vontade de reclamar ou fazê-lo parar. Deslizo minhas mãos ao longo de suas costas musculosas, até sua bunda, e a agarro com força, usando-a como apoio para me impulsionar contra ele.

— Porra, Bridget... — seu gemido estrangulado no meu ouvido faz minha boceta apertar ao redor dele. — Estar dentro de você é incrível.

Não consigo formar palavras para dizer a ele que sinto o mesmo, que cada impulso está restaurando minha fé em nós e de que tudo vai dar certo. Apenas pressiono meus lábios nos dele outra vez, na esperança de dizer com meu corpo o que não consigo expressar.

Lágrimas escorrem dos cantos dos meus olhos porque meu coração enfim está inteiro.

Quando pensei que o havia perdido, que ele poderia não voltar para mim, experimentei quão triste e sombrio seria um mundo sem

Fyn. Tudo o que vi foi um futuro cheio de sofrimento. Um em que voltava para Denver e lutaria para permanecer viva todos os dias, apenas esperando para ir para casa para poder dormir e, com sorte, vê-lo outra vez em meus sonhos.

Ele é minha luz. A minha fonte de cor em um mundo cinza. Não conseguiria mais sobreviver sem ele.

— Bridget... — Ele sorri para mim enquanto usa os polegares para enxugar minhas lágrimas. — Você está bem, amor? Quer que eu pare?

Meu Deus, não.

Contraio ao seu redor e reviro meus quadris para encontrar os dele.

— Não, só estou tão feliz, Fyn. Tão feliz por ter você de volta e ter... isso. Eu te amo tanto.

Seus lábios pressionam os meus com reverência.

— Minha linda Bridget. Sabe que eu te amo mais do que a própria vida.

— Fyn, por favor... — sussurro as palavras, deixando sua paixão me consumir. — Mais forte.

Fyn desliza a mão entre nós e seus dedos encontram meu clitóris. Seu toque é leve no início, roçando de maneira suave antes de esfregar com mais força, exigindo algo que meu corpo está mais do que disposto a lhe dar.

— Ah...

Estou perto. Muito perto.

A essa altura, não sei dizer onde ele termina e eu começo. Movemos juntos, nos conduzindo em direção ao limite do êxtase. Fyn comanda meu corpo como se tivesse sido feito para ele, como se tivesse me tocado por séculos e memorizado cada centímetro. Agarro seus bíceps e me ergo para beijá-lo. Fyn me penetra outra vez e belisca meu clitóris, e um inferno escaldante de prazer percorre meu corpo. Meu mundo gira enquanto me aperto no pau dele, e minha cabeça cai para trás com a força do meu orgasmo. Mas Fyn está um passo à frente, segurando-a na mão.

— Isso mesmo, amor, goze no meu pau. Goze para mim. Caramba, você fica tão linda assim.

Suas palavras me fazem voar ainda mais alto, seus impulsos

contínuos prolongando meu orgasmo por mais tempo do que jamais imaginei ser possível. Uma onda após a outra de euforia e alívio tomam conta de mim e, quando termino, meu corpo fica completamente mole.

— Eu te amo, Bridget. Eu te amo muito além da porra da razão.

Arrepios se espalham pela minha pele, suas palavras sussurradas quentes contra meu pescoço. Ele bate em mim de maneira implacável, perseguindo seu clímax e me impulsionando para o próximo.

— Eu te amo, Fyn. Quando pensei que poderia te perder...

O agarro com mais força e enterro meu rosto em seu peito. Outra lágrima escorre dos meus olhos e, embora não queira tornar este momento triste, o sequestro ainda é muito recente. A dor de quase perdê-lo ainda é muito real.

Eu teria perdido isso.

Um feliz acaso me trouxe aqui na minha lua de mel com Daphne a reboque. Se ela não tivesse jogado minhas merdas na minha cara, se não tivéssemos brigado, se não tivesse caminhado até aquela praia naquele dia...

É como se o destino estivesse em perfeito alinhamento para me levar a este momento em que Fyn e eu estamos juramos nosso amor eterno.

— Olhe para mim, Bridget. — Fyn pega minha bochecha na palma da mão e inclina meu olhar para encontrar o dele. — Estou aqui. Conseguimos, e você *será* minha esposa, minha princesa e depois, minha rainha.

Estendo a mão e passo os polegares pela barba por fazer em sua bochecha, e quando ele sorri para mim, é lindo pra caralho. Puxando seu rosto para o meu, o beijo, derramando tudo o que sinto: amor, adoração, gratidão e, acima de tudo, felicidade. Porque antes desse homem, não estava vivendo. Apenas fazia tudo de forma automática.

Seu amor me trouxe à vida, e é a coisa mais maravilhosa do mundo ser amada por Fynix Yates.



CAPÍTULO 27

BRIDGET

O rei anda de um lado para o outro com fúria, da maneira que notei que ele faz quando está chateado ou estressado. Assim como ele estava cada vez que o via durante o cativeiro de Fyn e nos dias desde seu resgate.

— Deveria ordenar que Abigail seja afogada e esquartejada! Não acredito que ela estava envolvida nisso. Confiamos nela!

Os ânimos ainda não se acalmaram quanto à traição. Nem deveriam. Há decisões a serem tomadas e agora que Fyn está bem o suficiente para sair do quarto, é hora de começarmos a tomá-las.

Seu pai parece estar com sérias dificuldades em decidir o que vai fazer com a princesa de Grandania.

— Gostaria de ter visto quanto ela era podre logo no início. — A rainha dá um tapinha na minha mão. — Sinto muito que ela tenha sido horrível com você, e que eu tenha permitido que ela fosse. Adoraria poder voltar no tempo e mudar isso.

O sorriso que ela oferece não chega aos olhos, então também dou um aperto em sua mão, tentando tranquilizá-la de que não guardo rancor em relação a ela pelo que aconteceu antes. Se mantivesse qualquer raiva por isso, só envenenaria qualquer relacionamento futuro que tivesse com a mulher que espero um dia ser minha sogra.

— Estamos bem agora. — Retribuo seu sorriso. — Apenas um

percalço no caminho.

Para ser sincera, me sinto mal por Abigail tê-la manipulado. Por enganar a todos. Ficaram cegos por seu sorriso deslumbrante e comportamento exemplar. Os únicos que não foram enganados foram Fyn e eu. Sabia que Abigail era uma pessoa horrível, mas nunca esperei isso dela. Nunca imaginei que ela pudesse machucar Fyn.

Se ela estivesse aqui, a esbofetearia de novo. Ou coisa pior.

A rainha olha de mim para o marido, torcendo os lábios.

— E tem certeza de que rei Reginald não fez parte disso?

Também tenho me feito essa mesma pergunta, acho que todos consideramos essa possibilidade nos últimos dias, mas agora que o rei falou com o rei de Grandania, as decisões precisam acontecer de maneira rápida.

Ele para de andar e olha para a esposa.

— Quando falei com rei Reginald ao telefone para informá-lo de que Abigail foi presa por seu envolvimento no sequestro de Fynix, ele se desculpou profusamente. Também jurou várias vezes que não sabia que a filha estava ajudando o MLL. — O rei considera suas palavras por um momento antes de soltar um suspiro. — Acredito nele. Reginald e eu somos amigos há muito tempo, e ele não tem motivos para mentir para mim.

— Exceto para salvar a pele de sua filha — a voz de Fyn soa forte e clara de onde ele está no lado oposto da sala, qualquer sinal de fraqueza desaparecendo por completo, ou pelo menos, está bem disfarçada.

Com seu elegante terno preto do uniforme naval que lhe serve como uma maldita luva, Fyn está divino. Vestido para um evento hoje mais tarde, Fyn não queria que a mídia soubesse quão ruim foi durante seu cativeiro e insistiu em participar.

Me permito observá-lo dos pés à cabeça... de novo. Da faixa vermelha subindo por sua perna, sobre a faixa vermelha e dourada que abrange seu peito musculoso, até as várias medalhas presas ao seu torso. Posso não saber o que qualquer uma das medalhas significa, mas sei que quero que ele tire esse uniforme o mais rápido possível. Se ele colocar o chapéu que segura debaixo do braço, posso entrar em combustão espontânea bem aqui, sentada ao lado de sua mãe.

Fyn deve ser capaz de ler meus pensamentos porque abre um

sorrisinho travesso, apesar do fato de estarmos discutindo o futuro da vadia que o traiu tanto. Ele sabe o que o uniforme faz comigo, mas isso terá que esperar. Fin volta o foco para o pai.

— O que Abigail fez pode ser considerado um ato de guerra. Isso coloca ele e Grandania em uma posição muito precária. Claro que ele vai negar qualquer conhecimento.

O rei concorda com a cabeça e acena com a mão.

— Verdade, verdade. Mas ele parecia sincero e insinuou que não tentaria intervir em seu nome quando ela enfrentasse punição por seus crimes aqui.

— Ele não solicitou nenhum tratamento especial? — Fyn ergue uma sobrancelha.

Seu pai suspira.

— Ele me pediu para manter nossa amizade em mente quando fosse sentenciar Abigail, mas ele sabe quanto ela traiu a todos, incluindo ele.

Rei Reginald parece um homem bom e gentil. Se ele não estava mesmo envolvido, tenho que assumir que a participação de sua filha em tudo isso envergonha tanto a ele, quanto seu país.

— O que fará com ela? — Talvez não seja da minha conta perguntar, mas estou curiosa mesmo assim.

O pai da Fyn olha para mim.

— Não sei ainda. Estão tentando fazer outro interrogatório com ela hoje, para dar a ela uma chance de se explicar. Pelo que pudemos verificar de alguns dos membros do MLL que foram capturados, ela está envolvida com Lofton há algum tempo... — Ele lança um rápido olhar para Fyn. — Em um nível pessoal. Pelo menos desde o verão passado. Pode ter sido o que a convenceu a nos trair e ao próprio pai.

Olho para Fyn, esperando que ele pareça magoado com as ações dela, mas ele permanece estoico. Ele nunca se importou com Abigail, então é fácil para ele descartar a questão do que se preocupar com isso.

— Tenho certeza de que tomará a decisão certa, pai. Mas acho sábio nos distanciarmos de Grandania e do rei Reginald, pelo menos até resolvermos a sentença de Abigail.

— Concordo — o rei assente. — E quero que você saiba, não vou deixar o que ela fez ficar impune, não importa o sangue que ela tenha correndo em suas veias. Ela passará o resto da vida na prisão.

Fyn considera seu pai por um momento.

— Podemos discutir os detalhes mais tarde. — Fyn vira o olhar para mim por um momento e sorri. — Agora, pai, mãe, Bridget e eu temos algo que precisamos discutir com vocês.

Apenas uma semana atrás, não teria nem autorização para entrar aqui, no gabinete particular do rei enquanto discutem assuntos de Estado, mas o sequestro mudou tudo. Agora, Fyn espera que também possa mudar suas opiniões.

Quando ele me contou sua ideia e perguntou se poderia acompanhá-lo para discuti-la com seus pais, não havia como dizer não, mesmo que o pensamento de levantar esse assunto com eles faça meu estômago embrulhar.

— Claro, filho. — O rei franze a testa. — O que é?

Fyn pigarreia e, embora perceba que está nervoso, também me orgulho por ele não vacilar. Os pais dele não estão esperando por isso, e não saber como vão reagir vem deixando-o nervoso desde que tomou essa decisão.

— Pensei muito sobre o movimento e a razão por trás dele e, embora discorde de suas táticas, a lógica por trás de sua mensagem não está totalmente errada.

Não entendo como alguém pode sentir um pinga de simpatia ou ter qualquer compreensão pelos radicais que o machucaram, mas, ainda assim, Fyn olha para a luta deles sem raiva ou preconceito.

Ele é uma pessoa muito melhor do que eu, com certeza.

Ficaria ressentida. Exigiria que pagassem pelo que fizeram. Ainda *quero* retribuição. Eles poderiam ter tirado Fyn de mim para sempre.

Fyn pode ser capaz de perdôá-los, mas não sou tão bondosa assim. É por isso que ele está na fila para o trono. Posso não entender seu raciocínio, mas Fynix acredita que este é o caminho certo a seguir para Lovolia, e acredito nele, então vou apoiá-lo até o fim.

— O que raios você quer dizer? — O pai dele levanta uma sobrancelha. — O que está propondo?

Antes que Fyn possa responder, uma batida forte soa da porta.

— Entre! — ordena o rei, mantendo o olhar fixo em Fyn.

Charles entra com um punhado de homens e mulheres que não reconheço.

A rainha se inclina para mais perto de mim.

— Os conselheiros do rei.

Todos se curvam ao rei, à rainha e a Fyn antes de ocupar os assentos restantes na sala.

— Boa tarde, Vossas Majestades, Vossa Alteza. — Charles se acomoda em uma das cadeiras. — Chegamos para discutir os culpados e seus destinos.

— Que bom, então chegaram bem na hora. Meu filho e eu estávamos discutindo exatamente isso. Príncipe Fynix, por favor, continue. — Rei Elander se senta atrás de sua mesa.

Ele está certo... este é o príncipe Fynix. Este não é o despreocupado e divertido Fyn. Esse é o lado dele que não consegui ver de verdade até agora.

Fyn inclina a cabeça para Charles e os outros conselheiros, reconhecendo a presença de cada um.

— Estava dizendo ao rei que acredito que os rebeldes, apesar de suas muitas falhas violentas, transmitiram uma mensagem legítima. Uma que a monarquia deve prestar atenção. Para que Lovolia retorne à paz pela qual somos admirados, não devemos ignorar a agitação ou varrê-la para debaixo do tapete, nem podemos colocar esses cidadãos, por mais equivocados que estejam, na cadeia e jogar fora a chave.

— Senhor... — Charles interrompe — Se me permite, acredito que deveriam ser acusados de traição.

Outra conselheira, uma mulher mais velha com cabelo branco penteado com perfeição, acena com a cabeça em concordância.

— São terroristas e sequestraram o único herdeiro do trono. Devem ser executados.

A tensão e a agitação aumentam no gabinete à medida que os conselheiros restantes dão a opinião deles e pedem que as cabeças rolem.

Fyn se afasta da parede e levanta a mão para silenciá-los.

— Não é isso que quero e não é disso que Lovolia precisa. — Ele respira fundo, claramente tentando reprimir sua frustração crescente. — Isso é maior do que fazer justiça e mais importante do que vingança. É maior do que eu. — Abaixa a cabeça na mão e massageia as têmporas.

A dor de cabeça maçante e quase constante da concussão ainda o atormenta, além dos poucos cortes e hematomas residuais que o

lembram de que as coisas poderiam ter terminado de maneira muito diferente. Ele parece exausto, mas está determinado a ser ouvido.

O olhar contemplativo de seu pai continuou fixo nele desde que começou a falar.

— O que está pensando, filho? Qual é sua opinião sobre essa situação?

Não estava a par das conversas ou reuniões privadas antes do sequestro, mas algo me diz que o rei fazer essa pergunta é um grande passo. Um avanço importante na direção de Fyn assumindo seu futuro papel. Ele suspira e abre os olhos, voltando a encarar o pai.

— Acredito que se os acusarmos de traição e os executarmos, provaremos ao nosso país que somos os monstros sedentos de poder e alienados que nos acusam de ser.

— Concordo com Fynix — as palavras saem da minha boca antes mesmo que eu perceba. Reunindo toda a minha coragem, endireito os ombros. — Trabalho com relações públicas há muito tempo e sei que não sou especialista neste país, mas sou especialista em má imprensa. Uma execução de membros do MLL enviaria a mensagem errada, uma que só inflamaria aqueles que continuam por aí.

A rainha dá um tapinha na minha perna e sorri. O rei apenas me dá um sorriso e oferece um leve aceno de cabeça em minha direção.

— Obrigado, srta. Cavanaugh. Valorizamos sua opinião sobre este assunto.

Valorizam?

E eu aqui pensando que tinha passado dos limites e estava prestes a ser colocada no meu lugar, mas parece que as mudanças no meu relacionamento com os pais de Fyn vão além de serem cordial comigo em um nível pessoal. Ofereço a ele uma ligeira reverência.

— Muito obrigada, senhor.

Charles fica de queixo caído, olhando para os três membros da família Yates e depois para mim, então de volta para o rei.

— Eles infringiram a lei. Devem ser responsabilizados. — Ele muda sua atenção para Fyn. — Príncipe Fynix, acho que não entende a gravidade desta situação. O senhor tem sorte de estar vivo.

Solto uma risada sem alegria.

Como ele se atreve?

Mas Fyn não se intimida nem um pouco.

— Por acaso não acha que após ser mantido em cativeiro por três dias, agredido, ter os pulsos e tornozelos amarrados, e ficar atado a uma cadeira, que não entendo a gravidade dessa situação? Posso garantir, senhor, que vejo essa situação com a maior clareza. É o senhor que não consegue enxergar além do seu ponto privilegiado. O senhor está cuidando dos *seus* melhores interesses, e quanto a isso, tudo bem. Mas é *meu* dever proteger Lovolia e considerar os melhores interesses de *seus* cidadãos. Não vê que *devemos* estar dispostos a fazer concessões? Os tempos exigem isso, caso contrário, podemos ter uma revolta em nossas mãos.

Os resmungos dos conselheiros encham a sala.

Tudo o que quero fazer é atravessar a sala e beijar Fyn agora.

Ele é tão forte. Tão impetuoso.

— Uma revolta? — Outro conselheiro rabisca em um bloco de notas. — De onde obtive essa informação?

Fyn fica tenso, cerrando o punho ao lado do corpo com irritação.

Onde diabos esse cara acha que poderia ter ouvido isso, se não enquanto estava sendo mantido em cativeiro?

— Dos meus sequestradores. — Ele nivela o olhar para o questionador. — Falaram sobre a força de seu movimento na minha frente com bastante liberdade. Na maioria das vezes, suspeito que presumiram que estava inconsciente e, como ficava em outra sala, não se preocuparam se estava ouvindo ou não. Mas ouvi. Esse problema não vai sumir. Na verdade, esse é apenas o começo.

— Fynix, está sugerindo que devemos abdicar do trono? — O rei franze a testa. — Que abandonemos tudo pelo que nossos ancestrais lutaram, se sacrificaram e construíram para nós, no reino de Lovolia? Acredita que devemos apenas virar as costas e ir embora?

— Isso é um absurdo! — Charles grita.

Cale a boca, babaca.

Tenho que morder a língua para não dizer isso.

— Não, não estou dizendo para abdicar. — Fyn balança a cabeça. — Não pensei em abdicar, mas devo insistir em uma reestruturação abrangente de nossa constituição, ou então temo que perderemos Lovolia de vez. Como o rei disse, este é o nosso legado. Amo meu país. Só quero o que é melhor para Lovolia. Estou propondo que estabeleçamos algo novo. Introduzir eleições, talvez instituir um

parlamento e permitir que o povo, os nossos cidadãos, tenham voz ativa nas decisões que afetam as suas vidas através de um sistema de funcionários eleitos que podem representá-los e aos seus interesses. A família Yates manteria a coroa, teria poderes de veto e supervisionaria o governo. Estes são apenas alguns exemplos.

Ele acena com uma mão, apontando vagamente para o norte.

— Veja a Grã-Bretanha, por exemplo — Fyn continua. — Deu certo para eles. Eles mantêm uma monarquia constitucional e são governados por um parlamento eleito de modo democrático. Claro, levará tempo para implementar, e haverá muitos detalhes para resolver. — Em seu elemento, Fynix caminha pela sala. — Estou convencido de que os eventos recentes foram apenas o começo. Se ignorarmos suas vozes e enterrarmos nossas cabeças na areia, podemos ser reduzidos a governar um reino vazio.

Poderia assisti-lo assim o dia todo. Apaixonado por seu povo. Exigindo o que ele sabe ser certo.

Luto contra o desejo de me levantar e aplaudi-lo de pé.

Fynix é magnífico e, em breve, o homem que amo mudará o mundo para melhor. Ele só tem que convencer esses velhos a aceitarem a ideia.

O rei olha para o filho por um momento, orgulho e algo mais em seu olhar azul iguais aos de Fyn.

— Nunca pensei que diria isso. Um mês atrás, mesmo dias atrás, não poderia ter imaginado isso, mas o príncipe Fynix pode estar certo.

Um suspiro audível ecoa através do grupo de conselheiros. Charles estremece, a raiva contorcendo seu rosto.

— O senhor não pode estar levando essa ideia a sério, não é?

O Yates mais velho considera por um momento, batendo os dedos na mesa.

— Quase perdi meu filho, meu único filho e herdeiro do trono, para um grupo de pessoas que querem o que a maioria dos cidadãos na maioria dos países deste mundo têm: o poder de decidir como suas vidas são reguladas. É realmente pedir demais?

O rei levanta a mão para evitar que Charles interrompa.

— Essa foi uma pergunta retórica — continua. — Há uma razão pela qual as monarquias absolutas estão diminuindo, e isso é porque as pessoas não estão mais dispostas a aceitar que uma pessoa exerça todo

o poder. Infelizmente, Fynix experimentou em primeira mão até que ponto os cidadãos descontentes irão para serem ouvidos, assim como os inocentes que perderam suas vidas nos atentados. Não quero que mais ninguém sofra porque não estamos dispostos nem mesmo a *considerar* a mudança. — Ele olha para a rainha que lhe oferece um sorriso amoroso.

— Concorde com o rei Elander e nosso filho. Esta é uma proposta que devemos, no mínimo, estudar. Se não o fizermos, todas as vidas em Lovolia ficarão em risco.

Posso não compreender direito ou aceitar todo o raciocínio de Fyn, mas posso concordar com a mãe dele sobre isso. A violência vai continuar.

E não vou arriscar perder Fyn de novo.



FYNIX

O longo corredor que leva à varanda se estende à nossa frente, e os funcionários conversam à nossa esquerda e direita, pranchetas na mão e rádios prontos para alertar a equipe de filmagem sobre nossa aproximação. Os passos dos guardas ecoam no chão de mármore com os nossos, e quanto mais nos aproximamos do nosso destino, mais sei que preciso de um momento a sós com Bridget.

Quem sabe quando teremos outro depois disso?

As coisas têm estado tão agitadas que sinto que mal a tenho visto ultimamente, mas é tudo por um bom motivo. Um que estou prestes a anunciar hoje.

Paramos, então aceno para os guardas e os funcionários que correm para virar o corredor e nos dar um pouco de privacidade. Lev sorri, mas, obediente, dá um passo para o lado para esperar quando estivermos prontos para prosseguir. Ele, com certeza, vai me passar um sermão mais tarde por atrasar minha aparição e fazer todos do lado de fora esperarem, mas essa é uma das vantagens de ser um príncipe. Isso quase ajuda a compensar todas as coisas que tornam o trabalho tão

difícil.

E é um trabalho com o qual enfim me sinto confortável, após anos lutando com unhas e dentes contra as expectativas. E tudo isso se deve à idade e maturidade, mas ainda mais com a mulher segurando o meu braço.

Bridget aperta meu braço com o dela e faz a pergunta que estava na ponta de sua língua desde que acordamos nos braços um do outro esta manhã.

— Está nervoso?

Hoje é um dia que foi muito aguardado, meses de pesquisa, reuniões e discussões a portas fechadas culminaram nesse ponto. Enfim está acontecendo, apesar de todos os obstáculos que tivemos que enfrentar e as dificuldades que passamos.

Talvez *devesse* ficar nervoso, mas, em vez disso, a excitação corre pelas minhas veias. Uma sensação de saber que o futuro está diante de mim e não há nada além de coisas boas para esperar.

— Não. E você? — Coloco uma mecha de seu cabelo atrás da orelha e dou um pequeno beijo em seus lábios carnudos perfeitos.

Poderia beijar esses lábios o dia todo.

— Por que estaria nervosa? — Ela levanta uma sobrancelha e aponta para o peito. — Não sou eu quem vai fazer um discurso para milhares de pessoas... ao vivo.

Faço cócegas no lado dela antes que alguém vire no corredor e veja quão inapropriado é a maneira que estou tocando minha namorada em público.

— Você está tentando me *deixar* nervoso?

— Claro que não.

Ela ri como se fosse a coisa mais engraçada que já ouviu. O som ecoa pelos tetos altos e é uma justaposição do ambiente abafado e formal, e isso é pura música para os meus ouvidos. Um lembrete de como alguém como Bridget é *necessária* em uma vida como essa.

Deus, como amo essa mulher.

Cada vez mais, a cada maldito dia. Cada beijo me deixa mais fascinado.

A nossa estrada até aqui pode ter sido acidentada para nós dois, mas me apaixonar por Bridget Cavanaugh foi a maior jornada da minha vida. Não mudaria nada, exceto talvez a parte do sequestro. Se houvesse

outra maneira de unir ela e minha mãe, e livrar Lovolia dos extremistas dentro do MLL, eu aceitaria.

— Fico feliz em saber que você não está nervosa porque eu ficaria um desastre completo. — Ela ri e pressiona a mão sobre a barriga. — Qual é o seu plano para depois? Estou com fome.

Agarro a mão dela com um pouco mais de força, tão grato por tê-la ao meu lado. Seu apoio e incentivo são tudo para mim. Só ela poderia trazer à tona os planos para o jantar bem quando estou prestes a fazer este anúncio, um que mudará Lovolia para sempre.

— Falei que você deveria ter comido mais no café da manhã. — Sorrio para ela. — Mas meu plano? É ir lá fora e convencê-los a aceitar a ideia de um novo governo, depois, talvez a gente possa ir até o Elísio para passar alguns dias. Posso te fazer uma pizza. O que acha?

Pois eu acho incrível pra caralho.

Já faz muito tempo desde que conseguimos fugir para a casa de praia. Todas as reuniões, os debates intermináveis, a ponderação dos prós e contras de cada sugestão afetaram a mim... e a nós.

Mas reconheço que lidar com Lofton e Abigail nas últimas semanas, mandando-os para a prisão por décadas por seus papéis nos atentados e no meu sequestro, pareceu uma forma de encerramento.

Observar Abigail se contorcer sob meu olhar, ouvi-la desabar no choro quando percebeu que iria para a prisão por traição, que seu título real e o pai não a salvariam, pareceu uma grande vitória pela qual tanto esperei. Mesmo quando ela tentou distorcer a história para nos convencer de que havia sido manipulada por Lofton e levada a acreditar que estava fazendo o que era certo para o povo de Lovolia, não senti um pinga de simpatia por ela. E quando Lofton se voltou contra ela com a maior facilidade, jogando a culpa em cima dela e a acusando de ser a mentora dos bombardeios e do meu sequestro, foi uma vitória definitiva.

Hoje será outra. Encerrando uma parte da minha vida e começando uma nova. Estou pronto para ter algum alívio, para relaxar com Bridget. Pronto para fazer tantas coisas com ela.

Quem imaginaria que construir uma monarquia constitucional seria tão demorado?

Reverter a reação inicial dos vários conselheiros do pai me drenou mais do que eu esperava. Semanas de discussões exacerbaram

minhas dores de cabeça. Felizmente, uma vez que todos concordaram e admitiram que era a única maneira de manter o lar que construímos aqui, e garantir a segurança dos cidadãos de Lovolia, nossas discussões fluíram com mais tranquilidade.

Agora, é minha responsabilidade anunciá-la a todo o país.

Depois, ir fazer pizza para Bridget...

— Posso colocar abacaxi na minha? — Seus olhos verdes se arregalam com a sugestão.

— Não. — Balanço a cabeça, puxando-a com diversão contra mim. — De jeito nenhum, seu monstro. Acha que colocaria uma pizza de abacaxi em um forno de pizza de vinte mil dólares?

A boca de Bridget despenca.

— Por favor, me diga que você não gastou tanto dinheiro em um forno de pizza.

— Foi a melhor pizza que você já comeu? — Inclino-me e roço os lábios nos dela.

— Bem, sim, mas...

— Então, sem “mas”. Valeu a pena cada centavo.

— Senhor... — Jonathan espia ao virar da esquina e corre para nós, parecendo cada vez mais confortável em seu papel de secretário de imprensa e olhando ansioso para o relógio. — Estão prontos quando o senhor estiver. — Ele se curva e se dirige para o final do corredor, onde uma massa de lovolianos espera por mim. O rugido da multidão atravessa as portas duplas abertas.

O meu povo.

Bem, pelo menos, um dia serão.

A tensão aumenta nos meus ombros. O nervosismo que disse a Bridget que não tinha, estava começando a se manifestar. Esta é uma mudança monumental para todos em Lovolia. Se as coisas derem errado, serei o responsável, já que essa é a minha ideia brilhante. Apesar da minha crença de que, uma vez implementada, as coisas correrão bem e Lovolia será melhor por isso, há sempre essa chance de que as coisas não funcionem.

— Certo, agora estou um pouco ansioso, amor — a confissão por si só ajuda a aliviar meus nervos abalados.

— Você irá se sair muito bem. Não se preocupe, Fyn. Lovolia ficará grata por essa mudança que você tanto defendeu.

— Espero que esteja certa. — Abaixo a cabeça para beijar seus lábios deliciosos.

— Claro que estou. — Ela sorri para mim novamente e balança os cílios, de alguma forma parecendo uma completa espertinha e ao mesmo tempo tão linda e inocente.

Deus sabe que a parte do inocente não é verdade.

Agarro sua bunda firme e dou um tapa forte, o som reverberando um pouco a ponto de me render uma risada de Lev do outro lado do corredor.

— Você vai comer a pizza nua para que possa tê-la de sobremesa.

Um pequeno gemido escorrega de seus lábios e seus dedos agarram as lapelas do meu terno. Ela mexe o corpo contra o meu, roçando de propósito a coxa contra o meu pau que precisa permanecer sob controle antes de sair.

— Espere aqui, amor. Vejo você em breve. — Soltando-a, sorrio, sabendo que já a excitei.

Ela balança a cabeça de leve, como se tentasse limpar a névoa.

— Vai com tudo.

Dou um passo para longe e Bridget bate na minha bunda com força suficiente para que dê um pulo para frente com um grito estrangulado. Vários dos guardas começam a correr para frente, mas Lev entra no caminho e levanta a palma da mão para detê-los, dando um olhar feio na direção deles. Sabem que Bridget tem liberdade colocar as mãos em mim sempre e quando quiser.

E espero que sejam muitas vezes...

Lev me oferece um aceno de cabeça, as palavras não ditas. Ele sabe quanto me esforcei, quanto *todos* trabalharam para chegar a este ponto e quão importante é esse dia para Lovolia. Inclino a cabeça para ele em reconhecimento e agradecimento por salvar meu traseiro mais vezes do que posso contar, em seguida faço uma pausa diante as portas duplas para encher o pulmão com o ar fresco do oceano.

É isso.

A culminação de longos meses de trabalho duro para informar Lovolia que todo o país está prestes a mudar... para melhor.

Saio para a varanda do segundo andar e para o sol do meio-dia. Semicerrando os olhos, aceno para os milhares de pessoas que

aplaudem abaixo de mim e para as que assistem à transmissão ao vivo de seus comércios e casas.

Em geral, como rei e rosto de Lovolia, seria meu pai que faria esses discursos formais, mas como venho atuando de maneira um tanto discreta desde o sequestro, concentrando meu tempo e energia em Bridget, e em garantir que consigamos fazer essa transição direito, então a ânsia deles em me ver e ouvir o que tenho a dizer não deveria me surpreender. No entanto, as boas-vindas do povo aquece meu coração, fazendo-o inchar de orgulho.

Essas pessoas passaram por muita coisa nos últimos meses. Perderam entes queridos, viram seu país desmoronar, enfrentaram as incertezas de haver um amanhã, mas hoje, espero aliviar suas preocupações e garantir que o futuro de Lovolia apenas brilhante e frutífero.

Subo ao pódio e, em poucos segundos, os aplausos diminuem. Estar aqui nesta varanda, fazendo meu primeiro discurso à nação do mesmo lugar onde vi meu pai e meu avô antes dele fazerem o mesmo por anos, é quase como um sonho. Um vislumbre do que está por vir no meu futuro não muito distante... desde que tudo corra conforme o planejado.

— Cidadãos de Lovolia, é uma honra estar aqui hoje com meu coração cheio de amor por vocês, por este país...

As pessoas reunidas aplaudem e paro por um momento para dar ao barulho uma chance de diminuir antes de continuar. Isso é muito importante e não quero que ninguém perca uma palavra do que tenho a dizer.

— E, como a maioria de vocês já sabe, pela minha Bridget.

Mais aplausos soam e olho por cima do ombro para Bridget parada do outro lado das portas, a mão dela em seu coração, lágrimas já brilhando em seus olhos, embora mal tenha começado meu discurso. Agora vem a parte crucial.

Ajeito a postura, tentando o meu melhor para parecer que sei o que diabos estou fazendo quando, na verdade, estou nervoso pra caramba.

— Há vários anos, começou um movimento político, que, nos últimos tempos, se tornou mais proeminente. Foi um apelo à democracia e, claro, acolhemos de bom grado qualquer debate político.

Mas alguns meses atrás, as coisas tomaram um rumo violento e vidas inocentes foram perdidas. Um dano imenso foi causado não apenas ao povo deste país, mas também ao núcleo de Lovolia.

Engulo a emoção presa na minha garganta em memória daqueles que morreram porque o MLL levou as coisas longe demais, mas não posso sucumbir à raiva ou dor quando tenho uma mensagem tão crucial para transmitir.

— Embora nem Suas Majestades, nem eu, toleremos a brutalidade, a motivação por trás de sua mensagem me comoveu mesmo assim. O mundo está mudando. O que foi bem-sucedido há dois ou três séculos não é mais aplicável em uma sociedade moderna, e é hora de Lovolia evoluir. A partir de hoje, Lovolia se tornará uma monarquia constitucional. Isso significa que a família Yates se retirará de qualquer tomada de decisão política aberta. As decisões que afetam o seu dia a dia serão tratadas por um governo e um parlamento, que nós, os cidadãos de Lovolia, elegeremos.

Olho para a enorme multidão aplaudindo, vendo os rostos sorridentes, as pessoas rindo de alegria e compartilhando abraços.

Esta é minha Lovolia. O país que amo. Não um distorcido por oposições ou revoltas. Ou um em que as ruas não sejam seguras e nossos súditos infelizes.

— Espero que todos vocês estejam tão animados com essas reformas quanto eu e minha família, mas há mais uma revisão significativa, confirmada há poucos momentos. — Olho para dentro outra vez e Bridget acena, totalmente alheia para onde isso está indo. — Bridget, por favor, junte-se a mim.

A multidão irrompe em aplausos e mais gritos, a cacofonia reverberando nas paredes.

Bridget permaneceu fora dos holofotes desde a nossa pequena cena no aeroporto, fazendo apenas pequenas aparições públicas e nunca dando entrevistas. Não porque ela não quisesse, mas porque ficamos envolvidos na tentativa de tornar isso uma realidade. O que só gerou ainda mais interesse na americana que roubou o coração do príncipe lovoliano.

Sem se mover, Bridget balança a cabeça e gesticula com a boca: *Não*. Então tenta recuar, mas esbarra em Lev atrás dela. Ele a empurra para frente com um sorriso e não posso deixar de rir, observando-a

lançar um olhar feio para ele por cima do ombro, ainda parada onde ninguém mais pode ver.

— Bridget, por favor...

— *Bridget! Bridget! Bridget!* — A multidão canta o nome dela, o volume aumentando à medida que mais vozes se juntam.

Outra risada escapa dos meus lábios, amplificada pelo microfone no pódio.

Brilhante!

Com o rosto escarlate, Bridget avança para a varanda, e no momento em que os cidadãos de Lovolia a veem, a loucura toma conta. Gritos e aplausos atingem níveis ensurdecedores, e estendo minha mão para ela. Como fez tantas vezes no passado, ela a pega e tudo parece certo no meu mundo.

Puxo-a com gentileza para ficar ao meu lado e, embora não achasse possível, seu rosto fica ainda mais vermelho.

Ela é adorável.

— Pessoal, esta é Bridget. Bridget, te apresento todo mundo.

Bridget acena de modo tímido e a multidão, como aconteceu tão fácil comigo, se apaixona loucamente por ela... assim como deveria. Essa mulher é tudo o que Lovolia e eu precisamos: gentil, generosa, inteligente e sexy pra caralho... embora essa última parte seja apenas para mim.

— Havia uma lei que estipulava que um príncipe tinha que se casar com um membro de outra família real. Tenho o prazer de informar que a lei foi abolida hoje. Além disso, estou anunciando de maneira formal meu noivado com Bridget Cavanaugh.

Pego a mão de Bridget e beijo as costas dela enquanto a multidão entoia: “*beija*” várias vezes.

Quem sou eu para negar algo aos cidadãos de Lovolia?

Arrastando Bridget contra mim, a beijo profundamente, depois levo meus lábios até sua orelha, acariciando-a, para que ela possa me ouvir por cima da multidão.

— Eu te amo, Bridget, e sinto muito tudo até aqui ter sido uma baita complicação real.



EPÍLOGO

BRIDGET

— Como coloca essa coisa? — Daphne se atrapalha com o véu, não conseguindo prendê-lo ao meu coque intrincado como daqueles de época. — Isso parece errado e estou morrendo de medo de bagunçar seu cabelo.

Eu também.

Após ficar sentada por horas esta manhã para fazer o penteado, sei quanto tempo levaria para consertá-lo se Daph bagunçar, e não temos tempo suficiente antes da cerimônia.

Talvez devesse ter aceitado a oferta de Melinda para colocar o véu mais cedo, mas não queria usá-lo na suíte nupcial da Catedral de Alodia por duas horas até que chegasse a hora de caminhar até o altar. Se bem que, considerando que estou poucos minutos do maior momento da minha vida, o desespero e os quatro golpes dolorosos que Daphne deu em minha cabeça provaram que tomei a decisão errada.

Daphne me oferece um sorriso que tenho certeza de que tem a intenção de me acalmar, mas a conheço bem o suficiente para ver o pânico em seu olhar.

— Mira! Precisamos de você!

Mira olha de onde está mexendo no buquê, seus olhos se arregalando quando vê nosso desastre.

— Minha nossa!

Uma batida soa na porta, e antes que alguém possa se levantar para atendê-la, ela se abre e a rainha surge do lado de fora do corredor, vários guardas de cada lado e em suas costas.

Pulo do meu assento e me curvo, assim como Mira e Daphne, que estava enfim começando a entender os procedimentos e protocolos depois de uma semana aqui.

— Vossa Majestade... — Levanto-me e observo minha futura sogra.

Hoje, ela parece majestosa dos pés à cabeça em um vestido azul-marinho com um laço perfeito amarrado de um lado e que mal alcança o chão. Combina com perfeição com a coroa em seu cabelo loiro, uma das que admirei no dia em que ela me disse que nunca teria uma.

Estou realmente prestes a me tornar uma princesa?

Vai levar algum tempo para me adaptar com toda essa coisa de “título real”, e talvez nunca me acostume por completo com as pessoas se curvando para mim. Não importa qual título honorífico esteja na frente do meu nome depois de hoje, sempre serei apenas a Bridget do Colorado.

A rainha sorri para mim, seu olhar caloroso viajando pelo meu vestido e cabelo.

— Bridget, você está deslumbrante. Sinto muito se estou me intrometendo, mas queria trazer algo para você e espero que possa me fazer a honra de usá-lo.

O que a rainha poderia ter para mim?

Os pais de Fyn já foram tão generosos em pagar por todo esse casamento extravagante. Se dependesse de Fyn e eu, teríamos casado em uma cerimônia pequena e privada em *nossa* praia, aquele lugar especial onde nos conhecemos, mas, como Fynix é o herdeiro do trono e o membro favorito da realeza de Lovolia, uma grande celebração com toda a pompa e circunstância é bom para toda Lovolia. Ainda mais depois do último ano tentando reconstruir esta nação. A recente eleição do primeiro-ministro de Lovolia, o primeiro da história do país, é um começo, mas este casamento, vendo seu *príncipe* se casar com uma plebeia, é mais um passo na direção certa.

A rainha Elizabeth sorri e abre uma caixa de veludo preto nas mãos. Um suspiro coletivo ecoa na sala. A coroa brilha sob as luzes, quase me cegando com sua beleza.

— Esta é a coroa que usei no dia em que me casei com o pai de Fynix, a mesma que a mãe dele usou, assim como a mãe dela, uma tradição que datada desde 1782. É inestimável de muitas maneiras, sendo o valor monetário o menos importante. Foi passada adiante através das gerações, e agora, gostaria que você a tivesse.

Tantas coisas me surpreenderam a ponto de me deixar sem saber o que falar desde que conheci Fyn, mas essa agora me torna incapaz de pensar, muito menos formar palavras.

— E-eu não sei o que dizer... a não ser que estou muito honrada. Obrigada.

Putá merda. Vou usar isso na minha cabeça.

A rainha faz um gesto para que volte a me sentar na frente do espelho.

— Posso ajudá-la a colocar a coroa e o véu no lugar. Já sou profissional a essa altura.

Ela sorri e segura minha mão por um momento antes de se mover em direção à mesa com todos os produtos de maquiagem e de cabelo espalhados que a cabeleireira e a maquiadora deixaram para mim, caso precisasse retocar.

— Obrigada. Estávamos tendo um pequeno problema com isso. — Lanço um olhar para Daphne, que apenas encolhe os ombros como se perguntasse “o que você esperava?” — Nenhuma de nós já teve que fazer isso antes.

— Será um prazer. Não tive uma filha, então estou feliz em ganhá-la como uma e poder te ajudar com todos os preparativos. — Ela olha para Mira e Daphne. — Mira, Daphne, as senhoras se importariam de me dar um momento a sós com minha futura nora, por favor?

Ah, merda. O que fiz de errado?

Há tantas particularidades que talvez nunca entenda ou me lembre direito. Mesmo depois de um ano, ainda não consegui aperfeiçoar todas elas.

— Claro, Vossa Majestade — Mira concorda com a cabeça.

Ela e Daphne se curvam antes de saírem, deixando-me sozinha com a mulher que há pouco tempo estava louca para me mandar de volta para os Estados Unidos. Muita coisa mudou depois do sequestro de Fyn... para melhor. Ouso dizer que nos tornamos... amigas? Mas meu estômago ainda se agita enquanto minha mente dispara com todas as

maneiras pelas quais posso ter ofendido alguém hoje.

— Fiz... algo errado? — Encontro seu olhar no espelho.

Ela pega a coroa da caixa e a prende na minha cabeça com alguns alfinetes. O peso de todos os diamantes inestimáveis que usarei nas próximas horas ameaça me esmagar.

Pois é... sem pressão.

— Claro que não, querida. Só queria um minuto a sós com você.

— Ela mexe nos alfinetes, ajustando-os um pouco. — Queria que você entendesse que te conhecer foi um privilégio meu, e estou tão feliz que meu filho a encontrou. Um dia, você será a maior rainha que Lovolia já viu. Quer saber como sei disso? — Os olhos dela encontram os meus chorosos no espelho.

Não vou chorar e estragar minha maquiagem.

— Como? — pergunto, apesar do nó de emoções alojadas na minha garganta.

— Pela maneira como você ama meu filho e o apoia em todas as coisas que são tão importantes para Fyn sem perder de vista a si ou quem você é. Não poderia desejar ninguém mais perfeita para o meu filho e ter você em nossa família faz com que sejamos melhores.

— Muito obrigada, Vossa Majestade. — Não consigo mais lutar contra as lágrimas e elas começam a escorrer pelas minhas bochechas.

— Por favor, me chame de Elizabeth quando estivermos em um ambiente informal. E espero que um dia, se ganhar esse título sagrado e você quiser o mesmo, você me considere sua mãe também, porque eu te amo, Bridget. Obrigada por amar meu filho e os pais dele que nem sempre são fáceis de lidar. Sei que seus pais estão muito orgulhosos da mulher que você é, porque eles estão com você, Bridget. Em cada batida do seu coração, eles estão com você, e você os carrega para onde quer que vá.

Ela beija minha bochecha, então me viro e a abraço pela primeira vez. Todos os protocolos e restrições não importam neste momento. Ela me aperta de volta, depois se afasta um pouco para olhar para mim.

— Obrigada, Elizabeth. Me sinto honrada por fazer parte da sua família e te amo também.

— Agora... — Ela afasta uma lágrima perdida caindo de seu olho e dá um tapinha no meu ombro. — Vamos te deixar pronta.

A rainha agarra o véu e o aninha com habilidade atrás da coroa, depois o vira para cobrir meu rosto. Quando ela termina e posso olhar para meu reflexo no espelho, mal consigo acreditar no que vejo. O vestido de renda de mangas compridas abraça todas as curvas até que o corpete encontra minha cintura e flutua como uma nuvem de cetim e tule com uma pequena cauda que flui atrás de mim.

Uma batida forte soa antes que a porta se abra e Daphne e Mira voltem a entrar. Daphne para no meio do caminho, os olhos fixos em mim.

— Você está maravilhosa.

— Está sim. — Mira acena com a cabeça, enxugando as próprias lágrimas. — E chegou a hora, Sua Majestade. Precisamos de todos em seus lugares.

Com um sorriso de despedida, a rainha sai da sala e se junta ao rei esperando do lado de fora. Ele sorri para mim e gesticula com a boca: *you're stunning*. E as lágrimas ameaçam de novo, mas consigo piscá-las para não estragar minha maquiagem.

Daphne dispara à nossa frente para tomar seu lugar no altar, acompanhada por um dos primos de Fyn que visitam a Inglaterra, e Mira nos leva da sala para o saguão da igreja onde minha escolta espera. Meu coração martela no peito, mas não porque tenho medo, apenas estou muito feliz que este momento finalmente chegou.

Estou prestes a caminhar até o altar e me casar com Fyn.

— Sabe... — Lev se aproxima à minha esquerda e me oferece o braço. — Ainda não é tarde para você mudar de ideia. Deixe tudo e fuja comigo.

Sorrio para ele e dou uma cotovelada em suas costelas de brincadeira.

— Creio que Fyn teria uma ou duas palavras a dizer sobre isso.

Lev se inclina para perto de mim.

— Ele teria que nos encontrar primeiro.

Nossa risada compartilhada ajuda a liberar um pouco da tensão que tem se acumulado em meu corpo durante toda a manhã. Após esperar tanto tempo por isso, imaginando se esse dia *chegaria* mesmo, enfim estou aqui, no braço do melhor amigo do meu futuro marido, que vai me levar ao altar para que me case com o homem dos meus sonhos.

Não ter meu pai aqui para fazer as honras ou minha mãe

sentada no banco da frente torna este momento agri-doce, mas Lev e Mira assumiram suas posições sem pensar duas vezes, me dando todo o amor e força que meus pais teriam oferecido se pudessem estar aqui.

Mas sei que estão aqui... no meu coração.

As portas da catedral se abrem e as centenas de pessoas que se reuniram para celebrar esta ocasião monumental conosco se levantam, virando-se para mim. Mas meus olhos estão fixos em apenas uma.

O príncipe Fynix Michael Elander Yates está no altar, seus olhos azuis brilhando com lágrimas, um sorriso de lado curvando os lábios. Com ele esperando por mim, tudo está certo no mundo.

Às vezes, tudo o que pensávamos que queríamos tem que desmoronar, assim tudo o que *precisamos* pode se encaixar. E foi exatamente dessa forma que o destino me levou ao meu príncipe.

A música da procissão começa e Lev me conduz ao longo corredor do corredor carmesim, para cada vez mais perto do meu destino. Fyn desce e pega minha mão, puxando-a até a boca para depositar um beijo nela, os olhos fixos de mim.

— Você está de tirar o fôlego, amor.

Não adianta tentar lutar contra as lágrimas agora. Elas caem livremente enquanto o examino da cabeça aos pés, o uniforme, que ele sabe que tanto amo, abraça seu corpo musculoso com perfeição.

— Até que você também não está nada mal, Vossa Alteza.

Ele sorri e me leva até os degraus para nossos lugares na frente do sacerdote. As palavras vindas da boca do velho se misturam. Fyn está rígido ao meu lado, apertando minha mão de leve, a única coisa que me mantém firme o suficiente para ficar de pé durante a cerimônia que parece se arrastar para sempre. Por fim, o sacerdote olha para Fyn.

— Agora é hora de trocar votos.

Fyn se vira para me encarar e faço o mesmo. Então, ele segura minhas duas mãos e respira fundo antes de começar.

— Bridget, desde o primeiro momento em que a peguei invadindo minha praia, sabia que você seria um problema. — Um sorriso brincalhão puxa o canto de sua boca. — Só não me dei conta do quanto. Você entrou na minha vida como uma onda monstruosa e me arrastou para baixo, me afogando com sua doçura, ousadia, amor e carinho. Prometo sempre, sempre, sempre colocar você em primeiro lugar, não importa o que possa me custar. Porque não há mais ninguém

nesta Terra com quem prefira compartilhar essa aventura, não importa quantas complicações reais possam aparecer em nosso caminho.

Fyn respira fundo, tentando recuperar a postura antes de continuar.

— Eu, Fynix, recebo a ti, Bridget, como minha legítima esposa, para amar e respeitar. Prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe; segundo a santa lei de Deus. Na presença de Deus, faço este voto.

Lágrimas embaçam minha visão e tento piscá-las o suficiente para realmente olhar nos olhos do homem que acabou de dizer palavras tão bonitas. Meu peito aperta, sem saber se posso dizer alguma coisa que consiga expressar, nem que seja um pouco, quanto ele significa para mim.

— Fynix, toda garotinha sonha em se casar com um príncipe, em se tornar uma princesa de verdade. Mas essa nunca fui eu. Você e seu mundo me sobrecarregaram e quase me assustaram várias vezes, mas você sempre estava lá para me trazer de volta à realidade, para me mostrar que nada disso importa no final. Que a única coisa que importa somos nós e o que significamos um para o outro. — Engulo o choro que tenta subir pela minha garganta. — E você é nada menos que tudo para mim. Desde o minuto em que te vi surfando nas ondas naquele dia fatídico, sabia que você seria para sempre o dono do meu coração, e hoje o dou a você para toda eternidade. Você é minha aventura final.

Aperto suas mãos, vendo suas próprias lágrimas fluírem da mesma forma que as minhas.

— Eu, Bridget, aceito você, Fynix, como meu legítimo esposo, para amar e respeitar. Prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, na riqueza e na pobreza, até que a morte nos separe; segundo a santa lei de Deus. Na presença de Deus, faço este voto.

Lev dá um passo à frente e abre uma caixa com o anel. Fyn o pega com um aceno de cabeça para seu melhor amigo e se vira para mim, deslizando-o no meu dedo com as mãos trêmulas.

— Com este anel, eu te desposo; com meu corpo eu te honro; e todos os meus bens terrenos contigo eu compartilho: em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

Volto-me para Daphne, que me passa a simples faixa de ouro para colocar em Fyn, e a deslizo em seu dedo, tentando não

desmoronar em lágrimas.

— Com este anel, eu te desposo; com meu corpo eu te honro; e todos os meus bens terrenos contigo eu compartilho: em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.

O sacerdote levanta as mãos para a congregação.

— Aqueles a quem Deus uniu, que nenhum homem separe.

Suas palavras restantes entram por um ouvido e saem pelo outro, meu único foco são os olhos azuis cristalinos me encarando cheios de amor e promessas para o futuro que sei que teremos juntos, porque depois de tudo o que passamos, não há absolutamente nada que possa nos separar.

Fyn se inclina e para um pouco antes de me beijar. Tínhamos discutido se deveríamos ou não manter a tradição e compartilhar nosso primeiro beijo como marido e mulher do lado de fora, nos degraus com o público reunido lá, em vez de aqui, mas nunca chegamos a uma decisão.

— Bem, minha princesa, devo arrebatá-la aqui ou lá fora?

Sorrio para ele e me inclino ainda mais perto.

— Você pode me arrebatá-la a qualquer hora e em qualquer lugar que quiser.

Seus lábios atingem os meus com uma força tão feroz que teria caído para trás se seus braços fortes não me envolvessem e me puxassem para ele ao mesmo tempo.

Este beijo sela nosso destino e nosso futuro... um que esperamos que não tenha mais tantas complicações reais.



FYNIX

A orquestra toca outra música animada e giro Bridget pela pista de dança em direção ao lado menos aglomerado do salão de baile para que possa deslizar minhas mãos para baixo e apalpar sua bunda por cima de todo aquele tule sem ser visto por tantas pessoas.

— Vossa alteza! — Ela se contorce no meu aperto e finge soltar

um arquejo de surpresa, dando uma rápida olhada no salão ao nosso redor. — Esse tipo de comportamento lascivo é completamente inaceitável nos corredores deste palácio.

Sorrio para ela e me inclino para mais perto, apertando-a contra mim o mais forte possível.

— Se acha que isso foi lascivo, ainda não viu nada, amor.

— Ah, isso, com toda certeza, *foi* lascivo, senhor... — Ela olha ao nosso redor outra vez, concentrando-se em onde meus pais estão conversando do outro lado da pista de dança. — Mas não tanto quanto o seu comportamento na carruagem no caminho da igreja de volta para cá.

Meu pau ganha vida só de lembrar da sensação de escorregar a mão sob as várias camadas da saia do vestido e deslizar meus dedos em seu calor úmido. Quase gozei ali mesmo com a combinação de sentir quanto ela estava molhada e das emoções me inundando desde que a vi caminhar por aquele corredor.

Era como se o mundo inteiro tivesse parado naquele momento. A cada passo que ela dava em minha direção, nosso futuro passava diante dos meus olhos: um cheio de risos, amor e todas as outras coisas bonitas que ela trouxe para minha vida sufocante e opressiva.

Esfrego meus lábios em sua orelha, pressionando minha mão contra a parte inferior de suas costas exposta, sua pele quente enviando uma pequena onda de prazer pelo meu corpo.

— Teria ido muito além se houvesse alguma maneira de fazer isso sem ser pego pela câmera ou visto pelos cidadãos ladeando as ruas.

Muito mais.

Mesmo com a multidão reunida e a cobertura da mídia, foi preciso cada grama de autocontrole que possuía para não cair de joelhos, levantar suas saias e enterrar meu rosto em sua boceta. Após passar a noite passada em quartos separados, todo o meu corpo gritou por ela, assim como faz agora. Mal posso esperar para levá-la para longe, até a vila da minha avó na Itália por algumas semanas, só nós dois.

Finalmente sozinhos.

Pressiono minha ereção nela, contra a parte apertada do espartilho de seu vestido.

— Quanto tempo acha que levaria para alguém notar se

fugíssemos para a sala de leitura para poder fazer o que quero com você antes de ficarmos presos aqui por incontáveis horas esta noite, entretendo todas essas pessoas?

Ela joga a cabeça para trás e ri.

— Bem, *Vossa Alteza*, não tenho certeza. De quanto tempo acha que precisa?

Minha linda esposa é a melhor.

Emito um rosnado baixo e brincalhão, então mordisco sua orelha com força. Ela solta um gritinho que atrai olhares curiosos de dois dos casais dançando perto de nós, mas ofereço a eles meu melhor e mais principesco sorriso, depois a afasto deles pela pista de dança e para mais perto de uma rota de fuga.

Estamos há apenas uma hora na recepção, que tem planos para durar até tarde da noite. Não tem como conseguir aguentar até lá se não fizer nada para tirar de dentro de mim essa necessidade de tê-la. Quando chegássemos na altura de cortar o bolo, provavelmente a dobraria sobre a mesa e rasgaria sua calcinha para enfiar meu pau nela enquanto todos assistiam e aplaudiam, se deliciando com a obra-prima de baunilha e creme bávaro que o chef preparou para a ocasião.

Bridget aperta minha mão, me avisando que alguém estava se aproximando. Viro a cabeça para encontrar Mira atravessando a pista de dança, a diversão brilhando em seus olhos. Ela para na nossa frente e sorri.

— Parece que vocês dois precisam de um pouco de tempo sozinhos.

Uma avaliação mais do que precisa, Mira.

— Não sei do que está falando, Mira. — Bridget fica boquiaberta, fingindo uma inocência que ela, sem dúvida, não possui.

A velha tenta conter uma risada.

— Por que os dois não vão procurar Lev? Não o vejo há um tempo. Isso lhe dará uma desculpa para sair daqui.

Uma da qual precisamos desesperadamente.

Esses tipos de festejos são agonizantes nos melhores dias e ser o foco de um não o torna melhor. Centenas de pessoas circulam pelo salão de baile, bebendo e dançando, conversando e se divertindo, ou fazendo um ótimo trabalho fingindo que estão.

Isso é uma coisa que nunca vou precisar fazer com Bridget.

Nunca tenho que mentir ou fingir ser algo, ou alguém, que não sou perto dela. Ela me aceitou como Fyn e Fynix, e farei tudo o que estiver ao meu alcance para garantir que ela nunca se sinta deslocada ou que não é amada nem sequer por um único dia pelo resto de sua vida.

Gesticulo um “obrigado” a Mira e me viro para posicionar Bridget na minha frente para que ninguém perceba a ereção muito aparente se esticando contra a frente da calça preta do uniforme. A última coisa que preciso no dia do nosso casamento é de um escândalo, porque o príncipe estava andando com o pau duro como granito.

Envolvendo meu braço em volta da cintura de Bridget para mantê-la de costas pressionadas contra mim, peço que ela percorra o corredor e se afaste da festa o mais rápido que puder, sem chamar a atenção para nós.

— Vamos mesmo fazer isso? — Ela ri e olha por cima do ombro para mim.

— Fazer, o quê, amor? — Inclino a cabeça e a beijo atrás da orelha. — Nos casar? Porque se você está com dúvidas, é um pouco tarde para isso.

Bridget dá um tapinha brincalhão na minha mão em sua cintura.

— Não, estou perguntando se vamos mesmo nos esgueirar para fazer sexo durante nossa recepção de casamento.

— Estou certo de que não somos as primeiras pessoas a fazer isso, amor.

— Não, mas a maioria das pessoas também não tem dignitários dos países mais poderosos do mundo em seu casamento ou pais que são rei e rainha.

Engraçadinha.

Olho para trás para garantir que não estamos sendo seguidos, depois passo para o lado dela e pego sua mão na minha para puxá-la mais rápido pelo corredor.

— Nenhuma dessas pessoas dá a mínima para o que estamos fazendo agora. Estão aqui para dar os parabéns e fazer aparições. Acredite em mim, se tivessem escolha, não teriam vindo.

— Mesmo assim... — Bridget suga o lábio entre os dentes, olhando para trás outra vez. — E se alguém vier nos procurar?

A preocupação dela faz meu peito doer. Isso era para ser divertido. Um momento de loucura. Livre de preocupação. Como fomos

na nossa primeira noite juntos. A última coisa que ela deveria estar fazendo é se preocupar. A puxo para parar do lado de fora das portas fechadas da sala de leitura e seguro seu rosto entre as minhas palmas.

— Se alguém vier nos procurar, Mira fará uma interferência, e lembre-se, estamos procurando por Lev.

— Para onde ele foi, afinal? Parece estranho que ele tenha desaparecido no meio da festa.

— Não sei. — Inclino-me outra vez e pressiono meus lábios contra os seus para silenciá-la, apoiando-a contra a porta enquanto me atrapalho atrás dela, procurando pela maçaneta. — Não estou preocupado com o que Lev está fazendo agora. Ele é adulto e é mais do que capaz de cuidar de si, mas agora, preciso cuidar de você. — Esfrego meu pau duro contra ela. — E disso.

Ela ri e passa os braços em volta do meu pescoço, me segurando contra ela enquanto me esforço para localizar a maçaneta, mas sem sorte. De alguma forma, a porta se abre atrás dela e Bridget tropeça para trás. Apenas meu braço ao redor dela nos impede de cair de vez.

Daphne está de pé com a mão na maçaneta, os olhos arregalados, olhando para nós.

— Merda. Desculpa. — Ela passa rápido as mãos pelo cabelo loiro desgrenhado. — Não sabia que tinha gente. Vocês estão bem?

Solto um suspiro e afasto a boca da de Bridget.

— Sem problemas, querida. Mas o que está fazendo aqui?

Ela lança um olhar rápido por cima do ombro para a escuridão e ajusta uma das longas mangas de renda de seu vestido cor-de-rosa.

— Só precisava de uma pequena pausa dessa loucura toda. — Daphne um sorriso. — Diplomatas e realeza... — Revira os olhos. — Sabe como é, mas estou bem agora. — Aponta em nossa direção enquanto passa por nós no corredor. — Está tudo bem com vocês dois?

Bridget faz que sim com a cabeça, mas estreita os olhos para a melhor amiga.

Ao longo do último ano, durante as várias visitas de Daphne, passei a conhecê-la bem e gostaria de pensar que fiquei bom em ler a mulher. E agora, ela está definitivamente agindo de forma estranha. Algo que minha noiva parece ter percebido também.

— Daphne, o que está acontecendo?

Ela balança a cabeça e continua a recuar, fazendo o possível para

parecer inocente.

— Nada. Vocês dois vão e se divirtam... — Acena com as mãos.
— Fazendo o que quer que estivessem prestes a fazer. Vou me certificar de que ninguém venha procurar por vocês.

Antes que possamos continuar a interrogá-la, ela nos dá as costas e corre em direção à recepção, seu longo vestido arrastando um pouco atrás dela no tapete.

— Isso foi estranho. — Volto-me para Bridget e levanto uma sobrancelha.

— Com certeza. — Ela concorda com a cabeça, observando sua melhor amiga correr pelo corredor.

— O que você acha...

— Aquela mulher é uma *lunática*! — a voz de Lev faz eu e Bridget dispararmos a cabeça em direção à escuridão da sala de leitura.

Ele se aproxima da luz que entra pela porta aberta, ajustando a gravata e a camisa branca amassada.

Mas que porra é essa?

— Lev, o que está acontecendo?

— Nada que precise se preocupar. — Seus olhos castanhos duros encontram os meus, e um músculo pulsa em sua mandíbula cerrada.

— Mas... — Bridget começa a falar.

Lev dá a ela um olhar que a silencia no mesmo instante e passa por nós, todo o corpo rígido e emanando uma vibração de “não se meta comigo agora” que qualquer um entenderia.

Bridget e eu o observamos enquanto ele se afasta na direção oposta de Daphne e da festa, então ela se vira para mim.

— Será que aqueles dois acabaram de...?

— Não sei. — Balanço a cabeça.

— Eles nunca pareceram se dar muito bem.

— Não. Não diria que eles se deram bem.

Das vezes que Daphne esteve aqui, se alguma coisa, os dois brigaram tanto que devem ter deixado marcas permanentes um no outro. Lev não parece apreciar a personalidade extrovertida e barulhenta de Daphne, e ela não suporta quão tenso e estoico Lev é na maioria das vezes.

— Mas, falando sério, Bridg, não me importo com o que Lev e

Daphne estavam fazendo. — Esfrego meu pau ainda duro contra ela e avanço mais para dentro da sala de leitura para poder fechar a porta atrás de nós. — Tenho outras coisas em mente.

Coisas muito mais importantes do que seja lá o que nossos melhores amigos estavam fazendo sozinhos em um quarto escuro. Estou muito mais preocupado com o que *nós* podemos fazer em um.

Ando com ela para trás até que sua bunda atinja a enorme mesa de madeira polida no centro da sala e a levanto para colocá-la sentada na beira dela. O tule e a cauda de seu vestido de noiva a envolvem como uma nuvem. Perfeito para o anjo da minha vida.

Se não fosse por essa mulher, ainda estaria amargurado e perdido. Mas ela é a chama, e eu a mariposa. Ela iluminou meu caminho para a liberdade, e queimaria até as cinzas para conseguir um toque dela.

A beijo de novo, profundamente, saboreando a maneira como ela se agarra a mim enquanto suas unhas cravam em meu pescoço.

— Não deixe marcas, amor. Isso seria mais difícil de explicar do que nossa ausência.

Ela ri outra vez, o som tão leve e despreocupado que quase traz lágrimas aos meus olhos de novo.

— Então, é isso.

— O quê, amor?

— Nossa primeira vez juntos como marido e mulher. — Na escuridão, seus olhos verdes ainda brilham enquanto ela olha para mim.

— Minha primeira vez transando com uma princesa. — Balanço as sobrancelhas para ela.

Ela solta uma gargalhada que ecoa pela sala e leva depressa a mão à boca.

— Merda. E se alguém me ouviu?

Baixando a cabeça, paro com os lábios a pouco centímetros dos dela.

— Não dou a mínima se alguém nos ouve, Bridget. Você acabou de me fazer o homem mais feliz do mundo. E agora, vou fazer de você a mulher mais feliz.

— Você já fez. — Nada além de amor brilha em seu olhar enquanto ela me encara.

Dou risada e roço meu polegar bem devagar em seus lábios. Sua língua sai para tocá-lo e uma onda de eletricidade vai direto para o meu pau.

— Sei uma maneira de fazer você ainda mais feliz, amor.

Ela solta um suspiro ofegante.

— Sim, você sabe.

— Me diz o que você quer, Bridget.

É a mesma pergunta que fiz a ela naquela noite no gazebo, aquela que é tão essencial para tudo o que fez com que nós dois déssemos certo. Ela enrola os dedos no meu cabelo e segura meu rosto diante do dela.

— O que eu sempre quis, vossa alteza: você.

— E você me tem, amor... para sempre.

Mesmo quando tudo for pra lá de complicado...



SOBRE A AUTORA

GWYN MCNAMEE

Gwyn McNamee é advogada, escritora, esposa, e mãe (de um filho humano e dois peludinhos). Originalmente do Centro Oeste, Gwyn se mudou para a cidade do marido, Las Vegas, em 2015 e está aproveitando a trégua do frio e da neve. Gwyn vem escrevendo seus plots e ideias por anos e finalmente decidiu dividi-los com o mundo. Ela ama escrever histórias com uma pitada de suspense e ação, misturando com romance e cenas quentes.

Quando não está escrevendo ou vorazmente devorando qualquer livro em sua frente, Gwyn está ocupada aumentando sua coleção de tatuagens, jogando golfe e causando com seu perfeito mix de doçura e sarcasmo (geralmente de salto alto).

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/gwynmcnamee
www.facebook.com/AuthorGwynMcNamee
www.x.com/GwynMcNamee
www.gwynmcnamee.com



SOBRE A AUTORA

CHRISTY ANDERSON

Escrevendo com muito sarcasmo e humor, misturados com um pouco do charme sulista, Christy Anderson não é uma contadora de histórias do tipo que adocica as palavras.

Como autora de romances, Christy acredita que nem sempre são necessários corações e flores; às vezes, é sombrio e distorcido, mas mesmo assim é romance. Ela mistura terror, vingança e um pouco de amor e esperança em histórias sobre família, amigos, lutas, limites confusos e felizes para sempre.

Christy mora nas belas montanhas do leste do Tennessee com o marido e 152 gatos (na verdade não, mas quase), onde gosta de escrever uma reviravolta de cada vez.

REDES SOCIAIS

www.instagram.com/Christy_Anderson_Author

www.facebook.com/Christy-Anderson-Author

www.christyanderson.net/



<https://www.grupoeditorialfive.com>

<https://www.instagram.com/editorafive>

<https://x.com/EditoraFive>

<https://tiktok.com/@editorafive>